



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS

GRACY KELLY MONTEIRO DUTRA

**UMA CULTURA DAS FLORESTAS NA AMAZÔNIA:
A REGIÃO DA VALÉRIA EM PARINTINS/AM (1960 - 2022)**

FLORIANÓPOLIS / SC

2023

GRACY KELLY MONTEIRO DUTRA

**UMA CULTURA DAS FLORESTAS NA AMAZÔNIA:
A REGIÃO DA VALÉRIA EM PARINTINS/AM (1960 - 2022)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como parte do requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas.

Área de Concentração: Sociedade, Meio Ambiente, Migrações e Risco.

Linha de Pesquisa: Consumo, Estilos de Vida e Ética.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma.

Coorientador: Prof. Dr. José Camilo Ramos de Souza.

FLORIANÓPOLIS / SC

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dutra, Gracy Kelly Monteiro

Uma Cultura das Florestas na Amazônia :a Região da Valéria em Parintins/AM (1960 - 2022) / Gracy Kelly Monteiro Dutra ; orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma, coorientador, José Camilo Ramos de Souza, 2023.

193 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Humanas. 2. Amazônia. 3. Velhos e Novos. 4. Cultura das Florestas. 5. Saberes Florestais. I. Montysuma, Marcos Fábio Freire. II. Souza, José Camilo Ramos de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

GRACY KELLY MONTEIRO DUTRA

**UMA CULTURA DAS FLORESTAS NA AMAZÔNIA:
A REGIÃO DA VALÉRIA EM PARINTINS/AM (1960 - 2022)**

O presente trabalho em nível de **Doutorado** foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Márcia Grisotti

Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Prof. Dr. Emerson César Campos

Universidade do Estado de Santa Catarina / UDESC

Profa. Dra. Tânia Gomes Façanha

Instituto Federal do Acre / IFAC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de **Doutora** no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Coordenação do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma

Orientador

FLORIANÓPOLIS / SC

2023



À força de uma mulher das florestas:

Minha Mãe!

É por você! É por nós!

HAIDOS 21



AGRADECIMENTOS

À **Deus** por ter me proporcionado a fé, a força e a lucidez para prosseguir em tempos de perdas, fragilidades e vulnerabilidades. As bênçãos divinas são frequentes em minha vida! “*Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo*” (1 Tessalonicenses 5: 18).

À **Iansã** e a **Xangô**: “*Eparrey Iansã, que a verdade venha como a tempestade... Kaô Kabecilê Xangô, que a verdade venha e a sua justiça seja feita!*”

À minha família: minha mãe **Raimunda**, meu pai **Humberto** (*in memorian*), meus irmãos **Rainier** e **Andressa**, meus sobrinhos **Sarah** e **Humberto Neto** e minha cunhada **Andréia**: “*Ao crescer, eu não era a mais rica, mas tinha uma família rica em espírito!*” (Serena Williams).

Aos familiares **Monteiro** e **Dutra** que de outras terras fincaram raízes na Ilha de Parintins: “*A natureza nos uniu em uma imensa família, e devemos viver nossas vidas unidos, ajudando uns aos outros?*” (Sêneca).

À **Clovinho** (*in memorian*), meu primo amado, que foi viver, inesperadamente, em outro plano espiritual: “*A saudade é o que faz as coisas pararem no tempo*” (Mario Quintana).

Aos amigos - irmãos: **Gyane Karol Santana Leal**, **Cristiane Ribeiro Lima**, **Eliseu da Silva Souza** e **Wallace Góes Mendes**, com quem dividi minhas angústias, medos, choros, alegrias e esperanças: “*Não há solidão mais triste do que o homem sem amizades. A falta de amigos faz com que o mundo pareça um deserto*” (Francis Bacon).

À **Universidade do Estado do Amazonas**, em especial, ao **Centro de Estudos Superiores de Parintins**. Agradeço a cada um na figura do Professor Mestre **Renner Douglas Gonçalves Dutra** (*in memorian*), colega de trabalho e tio paterno, que está noutra mundo, fazendo companhia a seus pais e irmãos, um deles meu pai: “*Que o teu trabalho seja perfeito, para que depois da tua morte, ele permaneça*” (Leonardo da Vinci).

À **Universidade Federal de Santa Catarina**, através do **Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Agradeço esse lugar de tão rico conhecimento que me ensinou a ver a minha Amazônia por outros olhares. A cada um dos mestres e mestras que estiveram presentes nestes anos de doutorado, os homenageio através da Professora Doutora **Julia Silvia Guivant**: “*Professores brilhantes ensinam para uma profissão. Professores fascinantes ensinam para a vida*” (Augusto Cury). Meus sinceros agradecimentos!

Ao meu orientador **Marcos Montysuma**. Saí das Amazônia do Amazonas para encontrar uma pessoa das Amazônia do Acre por Santa Catarina. Você sempre acreditou em mim! És meu exemplo de pessoa e de profissional, tornando-se meu amigo e minha luz no doutorado!

Como diz Confúcio: “O mestre disse a seus alunos: *Yu, queres saber em que consiste o conhecimento? Consiste em ter consciência tanto de conhecer uma coisa quanto de não a conhecer. Este é o conhecimento*”. Obrigada por tudo!

Ao meu coorientador **Camilo Ramos**. Você é meu porto seguro! Agradeço sua amizade e palavras de incentivo nessa caminhada rumo a um novo degrau da vida acadêmica: “*Não ensino os alunos. Crio condições para que aprendam*” (Mario Quintana). Meu muito obrigada!

Aos amigos que fiz durante o curso de doutorado: **Alciene Felizardo, Ivón Fernandez, Assis Felipe Menin, André Luís da Rosa e Álvaro Rodriguez**: “*A gente não faz amigos, reconhece-os*” (Garth Henrichs). Vou levá-los para sempre no meu coração!

Ao primo **Efrain Batista**, que nas conversas constantes, se encantou com as narrativas peculiares e elaborou, com esmero, em parceria com Alexandre Haidos, os desenhos dos espíritos florestais: “*A magia da linguagem é o mais perigoso dos encantos*” (Edward Bulwer-Lytton). Meu afetuoso abraço!

À **Juliana Cruvinel**, amiga que Florianópolis me presenteou: “*O ser humano pode ter muitos amigos, mas amigos autênticos são poucos*” (Mario Quintana). Gratidão por tudo, cara amiga!

Àquela família que me apresentou a cultura das florestas da Valéria, **Xavier de Oliveira**. À grande mulher **Dona Izaura** e ao grande sábio **Seu Manoel**, sem vocês esse estudo não seria possível! Obrigada, amiga **Selma**, por me permitir contar seus saberes! O adentrar em suas dinâmicas me mostrou o quanto o saber de nossa Amazônia precisa ser valorizado e preservado, pois, ‘*o caboclo é forte, valente e guerreiro/ defende a selva do qual aprendeu a ser amante/ entre o verde e o caboclo/ um caso de amor caprichoso*’ (Toada “Amazônia Cabocla”, de César Moraes). Amo cada um grandemente!

Por fim, **a cada mulher e homem das florestas**! Somos resistentes frente às investidas que acometem nossas terras. Apesar de muitas angústias, exaltamos a vida em cada nascer e pôr do Sol, entre os encantos naturais e místicos que nos cercam!

Viva as Amazôniaas! Que rufem os tambores para a exaltação da cultura das florestas. Como canta Sued Nunes em Povoada: “*Quem falou que eu ando só? Nessa terra, nesse chão de meu Deus/ Sou uma, mas não sou só*”. A menina do Norte reconheceu as Amazôniaas em si!



RESUMO

A tese apresenta a complexidade dos processos constitutivos da cultura das florestas circunscritas entre “velhos” e “novos” nos imaginários das pessoas das Amazônias. Para tanto, o paradigma teórico da Teoria do Imaginário Social é o cerne discursivo. Os argumentos tecidos entre as terras, florestas e águas de uma particular Amazônia, caminham pelas culturas e saberes dos povos que habitam a Valéria, inserida territorialmente no município de Parintins, no limite leste entre os Estados do Amazonas e Pará. Ao compreender o processo de tradução de saberes relativos à cultura das florestas numa família moradora da região da Valéria, vislumbra-se as dinâmicas culturais de pessoas que interagem entre as florestas. De modo particular, propôs-se identificar os aspectos sociais, culturais e históricos da condição florestal da Valéria, perceber o imaginário social de uma família residente da Valéria na construção da cultura das florestas, analisar as influências que impactam a tradução da cultura das florestas e interpretar os significados de lugar e pertencimento diante da aprendizagem da cultura das florestas. As pessoas narradoras foram membros da família Xavier de Oliveira, que através da metodologia da História Oral, mostram os agravos do desflorestamento frequente, além de programas e projetos governamentais ou privados que, significativamente, alteraram o imaginário de cada pessoa que lá vive. Na construção de uma condição florestal, o lugar “Valéria” dota seu habitante de um protagonismo cultural que o orienta nas dinâmicas sociais. O laço afetivo existente entre os que nasceram ou vivem na Valéria, mostra a condição de existência concreta e viver nesse território, para os mais velhos, é a fonte de sua sobrevivência. Aos espaços florestais da Valéria se estabelece significados só entendidos por meio da compreensão da conjuntura histórica, social, cultural e ambiental daquele povo florestal.

Palavras-chaves: Amazônia. Valéria. Cultura das florestas. Saberes florestais. Velhos e Novos.



ABSTRACT

The thesis presents the complexity of the constitutive processes of the culture of the forests circumscribed between "old" and "young" in the imaginary of the people of the Amazon. Therefore, the theoretical paradigm of the Theory of the Social Imaginary is the discursive core. The arguments woven between the lands, forests and waters of a particular Amazon, walk through the cultures and knowledge of the people who inhabit Valéria, territorially inserted in the municipality of Parintins, on the eastern limit between the states of Amazonas and Pará. By understanding the process of translating knowledge related to the culture of the forests in a family living in the Valéria region, one glimpses the cultural dynamics of people who interact among the forests. In particular, it was proposed to identify the social, cultural and historical aspects of the forest condition of Valéria, to perceive the social imaginary of a family residing in Valéria in the construction of the culture of the forests, to analyze the influences that impact the translation of the culture of the forests and interpret the meanings of place and belonging in the face of learning the culture of forests. The narrators were members of the Xavier de Oliveira family, who, through the methodology of Oral History, show the aggravations of frequent deforestation, in addition to government or private programs and projects that significantly changed the imagination of each person who lives there. In the construction of a forest condition, the "Valéria" place endows its inhabitant with a cultural role that guides them in social dynamics. The affective bond existing between those who were born or live in Valéria shows the condition of concrete existence and living in this territory, for the elderly, is the source of their survival. Meanings are established for Valéria's forest spaces that are only understood through the understanding of the historical, social, cultural and environmental situation of that forest people.

Key-works: Amazon. Valeria. Forest culture. Forest knowledge. Old and New.



RESUMEN

La tesis presenta la complejidad de los procesos constitutivos de la cultura de los bosques circunscritos entre "viejos" y "jóvenes" en el imaginario de los pueblos amazónicos. Por tanto, el paradigma teórico de la Teoría del Imaginario Social es el núcleo discursivo. Los argumentos tejidos entre las tierras, los bosques y las aguas de una Amazonía particular, recorren las culturas y saberes de las personas que habitan Valéria, inserta territorialmente en el municipio de Parintins, en el límite oriental entre los estados de Amazonas y Pará. Al comprender el proceso de traducción de conocimientos relacionados con la cultura de los bosques en una familia que vive en la región de Valéria, se puede ver la dinámica cultural de las personas que interactúan entre los bosques. En particular, se propuso identificar los aspectos sociales, culturales e históricos de la condición forestal de Valéria, comprender el imaginario social de una familia residente en Valéria en la construcción de la cultura de los bosques, analizar las influencias que impactan en la traducción de la cultura de los bosques e interpretar los significados de lugar y pertenencia de cara al aprendizaje de la cultura de los bosques. Los narradores eran miembros de la familia Xavier de Oliveira, quienes, a través de la metodología de la Historia Oral, muestran los agravantes de la frecuente deforestación, además de programas y proyectos gubernamentales o privados que cambiaron significativamente el imaginario de cada habitante. En la construcción de una condición de bosque, el lugar "Valéria" dota a su habitante de un papel cultural que lo orienta en la dinámica social. El vínculo afectivo existente entre quienes nacieron o viven en Valéria muestra la condición de existencia concreta y vivir en ese territorio, para los ancianos, es la fuente de su supervivencia. Se establecen significados para los espacios de la selva de Valéria que sólo se entienden a través de la comprensión de la situación histórica, social, cultural y ambiental de ese pueblo de la selva.

Palabras-claves: Amazonia. Valéria. Cultura forestal. Conocimiento forestal. Viejos y Nuevos.



Fonte: Dutra, out. /2021.

“Situado diante de uma natureza magnífica de proporções monumentais, o caboclo, como o homem [e a mulher] amazônico, o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido processos altamente criativos e eficazes com essa natureza, construiu um processo cultural dissonante dos cânones dominantes”.

João de Jesus Paes Loureiro



LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de localização da Valéria.....	15
Figura 02 - Vista aérea (leste para oeste) da cidade de Parintins.....	26
Figura 03 - Alguns membros da família Xavier de Oliveira.....	27
Figura 04 - Mapa do território de Parintins e municípios limítrofes.....	37
Figura 05 - Família Monteiro: descendentes de migrantes cearenses (Década de 1960)	49
Figura 06 - Viagem pelo rio Amazonas à Valéria.....	55
Figura 07 - Gerações da Valéria em viagem de barco regional.....	60
Figura 08 - Seu Manoel e Dona Izaura.....	61
Figura 09 - Vista aérea da região da Valéria.....	71
Figura 10 - Platô da Serra da Valéria.....	73
Figura 11 - As casas de São Paulo ao pé da Serra da Valéria.....	75
Figura 12 - Parte da casa dos narradores.....	77
Figura 13 - Vista da parte central da Serra da Valéria.....	79
Figura 14 - Localização dos espaços florestais da Valéria.....	80
Figura 15 - Dona Izaura e Seu Manoel pelos caminhos da Valéria.....	86
Figura 16 - A criação de galinhas de Seu Manoel.....	90
Figura 17 - Dona Izaura tratando bodó para o almoço.....	91
Figura 18 - Espaço interno da casa de Dona Izaura e Seu Manoel.....	100
Figura 19 - A parteira Dona Izaura.....	104
Figura 20 - Ambulância Valéria.....	114
Figura 21 - O puxador Seu Manoel.....	117
Figura 22 - Ervas medicinais amazônicas.....	123
Figura 23 - Parte do terreno de Dona Izaura e Seu Manoel.....	130
Figura 24 - A Cobra Grande.....	139
Figura 25 - O Gigante Juma.....	142
Figura 26 - O Chupa - Chupa.....	147
Figura 27 - A Mulher do Pé Rachado.....	150
Figura 28 - Projeção do desflorestamento na Valéria em 2023.....	157

Figura 29 - A tristeza do Curupira	160
Figura 30 - Dona Izaura depenando uma galinha	165
Figura 31 - Professora Selma Xavier e alunos	171
Figura 32 - A artesã Dona Izaura	172
Figura 33 - O varal de pinturas de Freyzer Andrade	173
Figura 34 – Pintura de Freyzer Andrade	175
Figura 35 – Artista plástico Freyzer Andrade	176



SUMÁRIO

1	À GUIA DE INTRODUÇÃO: DESATRACAR O BARCO	15
2	AMAZÔNIA PLURAL: CONDIÇÕES FLORESTAIS ENTRE AS TERRAS, ÁGUAS E MATAS	36
2.1	ANTES DA VALÉRIA, UM CAMINHAR POR PARINTINS	36
2.1.1	Uma breve descrição sobre Parintins	43
2.2	DE PARINTINS ATÉ A VALÉRIA: DESEMBARQUE	53
2.2.1	Caracterização dos aspectos históricos, físicos e sociais da Valéria	68
2.2.1.1	A origem de Valéria e a conexão com a vida florestal	69
2.2.1.2	Os espaços florestais	72
2.2.1.3	A dinâmica social na Valéria	83
2.2.1.3.1	<i>Da poronga à luz elétrica</i>	96
3	UMA CULTURA DAS FLORESTAS NA VALÉRIA	102
3.1	A FLORESTA DA ARTE DE PARTEJAR	103
3.2	A FLORESTA DA ARTE DE CURAR MÚSCULOS E OSSOS	116
3.3	A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS: DA FLORESTA PARA O ESPAÇO DOMÉSTICO	122
3.4	O SIGNIFICADO DAS ÁRVORES NA VIDA AMAZÔNICA	129
4	OS ESPÍRITOS DA FLORESTA NA E DA VALÉRIA: HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIA SOCIAL	136
4.1	O RASTRO DA COBRA GRANDE	137
4.2	A PEGADA DO JUMA	141
4.3	A VISITA DO CHUPA-CHUPA	145
4.4	A PRESENÇA DA MULHER DO PÉ RACHADO	149
5	O POVO DA VALÉRIA NO SÉCULO XXI	154
5.1	O SILÊNCIO DO CURUPIRA NA FLORESTA	155
5.2	NOVAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA FLORESTA	163
5.3	ALÉM DA AGRICULTURA: OUTRAS HABILIDADES	169
6	CONCLUSÃO: ATRACAR O BARCO	178
	REFERÊNCIAS	183



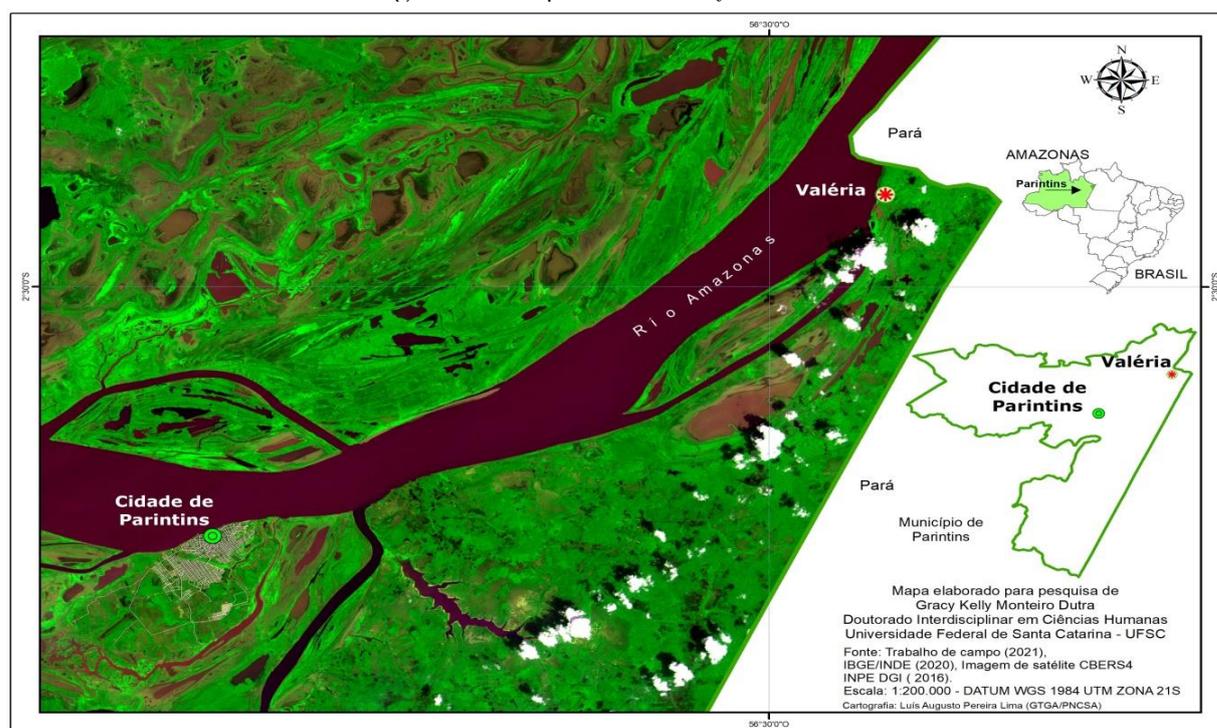
1 À GUIZA DE INTRODUÇÃO: DESATRACAR O BARCO

Abra os olhos e veja a festa da natureza
Que os deuses pintaram pra nós
Amazônia, um legado em aquarela
Sublime canção a exaltar
Água, terra, fauna, flora e cultura

(Toada “Aquarela da Amazônia”, composição de Demétrius Haídos, Geandro Pantoja e Naferson Cruz.).

A tese “*Uma cultura das florestas na Amazônia: a Região da Valéria em Parintins/AM (1960 - 2022)*” apresenta a complexidade das diferentes realidades culturais, ambientais e visões de mundo que ocorrem entre gerações distintas de uma mesma família, numa dada territorialidade. Os processos constitutivos da cultura das florestas apontam distinções circunscritas entre velhos e novos nos imaginários das pessoas das Amazônias que, neste estudo, serão chamadas de pessoas florestais. Os argumentos tecidos entre as terras, florestas e águas de uma particular Amazônia, caminham pelas culturas e saberes dos povos que habitam a região chamada Valéria, inserida territorialmente no município de Parintins, no limite leste entre os Estados do Amazonas e Pará. A figura 01 apresenta o território parintinense entre a cidade e a Valéria, com as florestas e o rio Amazonas emoldurando os caminhos da vida das pessoas florestais dessa parte do Brasil.

Figura 01- Mapa de localização da Valéria



Fonte: Elaboração de Lima e Dutra, 2021.

Ao problematizar as dinâmicas culturais de pessoas que interagem nas, sob e pelas florestas, vislumbro a multiplicidade existente nos lugares, onde cada território é único, com peculiaridades construídas sob os signos das culturais locais, que faz com que cada espaço seja uma Amazônia distinta em terras, florestas, pessoas, imaginários, conhecimentos e histórias. Esta cultura, erigida nas terras habitadas, mantém o elo entre os grupos humanos e a experiência traduzida e vivenciada, tomam como referência o lugar e os seres como um todo, proporcionando uma leitura de mundo que interage com o que se denomina por natureza. Os protagonistas das terras amazônicas marcam seu falar e seu viver nos registros de vivência, marcado no existir na composição das raízes, galhos e folhas de suas humanidades. A fala, hoje, silenciosa, mostra o quanto foi o exercício da vida na floresta, da vida no solo e na produção do aprender e do ensinar, do fazer para existir, onde as marcas estão registradas no artefatos pretéritos diante do chão que registrou o viver, reconstruindo-se no imaginário atual. A tradução cultural das vidas amazônicas se concretiza no tempo-presente sem a perder a essência do tempo-passado, percebidas nas estratégias culturais que resistem e se adaptam às demandas da contemporaneidade.

Ante esse ambiente, argumento que existe uma Amazônia no plural, as Amazônias, em virtude de sua multiculturalidade e diversidade sociobiológica, não só pelas formulações contidas em Carlos Walter Porto - Gonçalves (2010), mas por aquilo que é encontrado em diversas obras que a apresentam com características singulares, entendidas a partir da ótica da pesquisadora ou pesquisador. Essa Amazônia, descrita em vários textos, ora surge como a natureza imaginada, projetada na cabeça das pessoas, ora surge, de modo real, como a região habitada por distintos povos. É a Amazônia de inúmeras características, que se expressa tanto como a questão nacional, das lutas ambientais, do vazio demográfico, da reserva de recursos quanto o pulmão do mundo, como bem explora, na obra “Amazônia, Amazônias” (2010), o geógrafo Porto - Gonçalves. Diante das diversas literaturas, o que percebi é que o termo Amazônia é polissêmico. Além de adjetivos que procuram estigmatizá-la, há documentos que a delimitam conforme sua geografia, como a Amazônia Ocidental¹, Pan Amazônia², Amazônia Setentrional³, entre outras caracterizações territoriais apresentadas em distintas obras. Nessas acepções, o povo em si não aparece, porque as discussões são mais voltadas aos aspectos físicos e à possibilidade de exploração econômica.

¹ Constitui 42,97% do território da Amazônia Legal. Criada pelo Decreto - Lei 291 / 1967. Ela é constituída pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Disponível em: < <https://www.gov.br/suframa/pt-br/assuntos/amazonia-ocidental>> Acesso em: 09 dez. 2021.

² Envolve os países que tem a Floresta Amazônica em seu território. Constituída por Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas, Suriname e Brasil. Disponível em: < <https://repam.org.br/pan-amazonia/>> Acesso em: 09 dez. 2021.

³ São as terras localizadas a partir da margem esquerda do rio Amazonas. É a parte mais setentrional do território brasileiro. Faz parte deste contexto espacial, os estados do Amapá e Roraima, porções consideráveis do norte dos estados do Pará e Amazonas (SANTOS, 2012).

Entretanto, as configurações dos sistemas culturais mostram que as Amazôniaas são ao mesmo tempo únicas e múltiplas, com atores que usam e vivenciam o ambiente perante as conjunturas que ele lhe dispõe.

Esse lugar de múltiplas identidades culturais expressas nos distintos espaços florestais, constroem um tipo humano integrado à cosmovisão dos povos étnico-raciais que desbravaram as terras. Não há só uma característica tipológica nos ambientes, essa caracterização deve vir das próprias pessoas, no seu processo de autorreconhecimento frente ao espaço que habita. Os tipos humanos emergidos sobre este solo relacionam-se com seu entorno, as florestas, as terras e as águas, possuindo uma relação dinâmica com o tempo, costumes, hábitos, crenças e mitologias, que estão alicerçados às características territoriais que cresceram e onde mantêm elos de afetividade. Esse humano é uma pessoa florestal que pode construir sua identidade próxima ou afastada do rio, mas, o que está realmente aliançado a si são as florestas, as árvores em sua grande diversidade e tamanhos que o rodeia, que materializam o viver, alimentando o sistema rico e complexo da Amazônia, que é social, ambiental, cultural e econômico, um completo sistema de vida e do viver.

Cada espaço habitado caracteriza uma Amazônia que só tem sentido nas condições culturais e florestais ali vivenciadas, como a representada neste estudo, que expõe, sob meu olhar, essa vivência. A Amazônia exposta aqui é a Amazônia cultural do povo do lugar chamado Valéria, que compõe um acervo de signos, símbolos e significados de pessoas florestais que constroem, compartilham, vivenciam saberes no presente traduzido de um saber construído no passado. Este conhecimento tem a ode de caracterizar-se como político, por expressar um bem que permanece sólido ante as dinâmicas modernas.

Há um tipo de condição humana que se ergue nas terras da Valéria. Quando a filósofa alemã Hannah Arendt (2005) discute as esferas da existência humana nas produções da vida diária, a partir de três características: labor (aspecto biológico), trabalho (aspecto mental) e ação (aspecto essencialmente humano), ela esclarece que os grupos humanos “vivem, se movem e agem neste mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos outros e a si mesmo” (ARENDRT, 2005, p. 05), gerando uma condição humana única, de interrelações políticas e sociais. Interpreto que a ideia construída por Arendt, possibilita um caminho para pensar a produção da cultura das florestas na Valéria, quando entendemos que esse mundo amazônico traz significações sobre as origens e desdobramentos de dinâmicas humanas num cenário que não é somente floresta e água, mas, de sujeitos que ao longo do tempo, estabeleceram condições coletivas de permanência e sobrevivência ante um território tão vasto e cobiçado desde as primeiras invasões europeias datadas do século XVI e asseveradas com o passar do tempo.

A partir da leitura de Arendt (2005), entendo que a condição humana envolve aspectos que conectam as pessoas numa ação social que promove a produção do viver e do fazer da vida diária, numa interrelação cultural que as fazem apropriar-se das possibilidades e vulnerabilidades do *habitat*. Essa mentalidade, diante do território, leva a criação de habilidades e ações específicas. Na assimilação desse conceito, aproximo a discussão de Arendt sobre a condição humana à vida entre as florestas, quando o território amazônico proporciona a cada mulher ou homem, em gerações diferentes, desenvolver estratégias culturais, isto é, conhecimentos, aqui nomeados como saberes florestais amazônicos, que permanecem e são traduzidos pelas pessoas, gerando uma condição humana específica que qualifico, neste estudo, como condição florestal.

A condição florestal está na natureza e nas simbologias a ela agregadas que geram as dinâmicas culturais, o existir - humano entre as florestas, manifestada na produção da vida nas terras amazônicas. As narrativas de velhos e novos apresentam essa condição florestal, de pessoas florestais que interagem com os seres das águas, a contar pela variedade de peixes, e os seres animais da terra, a iniciar pelas onças, considerando uma miríade de fenômenos encantados, a partir dos mistérios da Cobra Grande, entre outras infindáveis divindades e artimanhas que facilitam e guiam a vida dessas pessoas que interatuam nos espaços florestais, numa relação contrastante, onde as pessoas agem tanto na conservação dos bens florestais quanto na sua exploração. Essa condição singular se gesta num universo onde sons ecoam de acordo com o ser que o realiza, que se adequam a horários específicos: há o som da floresta diurna e o som da floresta noturna. Essas características aprimoram os sentidos humanos e ilustram as aprendizagens no agir conforme o momento do dia e a qualidade do entorno. É nesse mundo que se firma essa condição florestal, onde entre as matas “*A cobra prepara o bote no rastro da onça pintada/ O canto dos pássaros anuncia a revoada/ O remanso das águas traz fartura em piracema*”⁴ e os saberes florestais fecundam e fertilizam cada imaginário desse existir - humano entre as florestas. Nesta aproximação com as culturas e saberes florestais, interpreto que, na construção do pensamento dos povos amazônicos, ocorrem aspectos cognitivos, perceptivos e culturais em que a paisagem, como elemento subjetivo estruturado, tem papel fundamental nos sistemas de reflexão sobre as coisas, os lugares e na relação com o passado, em estreito reflexo no presente.

Durante um longo tempo, o imaginário social e acadêmico desconsiderou a realidade amazônica em suas variadas nuances. A Amazônia era assunto de alguns especialistas, de alguns interessados em explorar esse “mundo, naturalmente extravagante, com pessoas exóticas”, uma retórica que não se atrela somente aos primeiros viajantes, mas que ainda é bastante presente em discursos contemporâneos. Destaco que até o início do século XX, a Amazônia e sua

⁴ Toada “Canto Caboclo”, composição de Mauro de Souza, Ronaldo Bazi e Wenderson Figueiredo.

sociobiodiversidade, não fazia parte do imaginário popular brasileiro, exceto para aqueles que nela viviam - porém, para estes, ainda é algo vago, em vista que a sua representação contempla os aspectos de seu lugar de vivência. Embora, as informações sobre ela tenham ampliado o reconhecimento tanto nacional quanto internacional, até os dias atuais, a Região Amazônica é invisibilizada nas outras regiões brasileiras, que a veem num único parâmetro cultural, exótica ou à margem da história com população submissa e pobre. Diante dessa perspectiva obtusa e alheia, “sempre é bom lembrar que a ideia de pobreza durante muito tempo não apareceu associada às populações da Amazônia. [...]. A pobreza, portanto, e as representações do povo como povo pobre são coisas dos processos recentes de dominação” (PINTO, 2012, p. 109). Imersos num ambiente ecologicamente rico, é necessário compreender que as pessoas florestais têm sua questão social distinta de povos de outras dinâmicas culturais, que pode causar estranheza sobre a sua existência humana. Para tanto, o ritmo da vida nessa região foi subjugado e alterações foram acometidas no dia a dia, seja no aspecto físico seja no aspecto subjetivo.

Esta pesquisa vem apresentar a singularidade de uma Amazônia pouca conhecida, ignorada ao longo de décadas, ou, que foi apresentada de forma rasa ante a pluralidade dos territórios, da multiculturalidade de pessoas, em suas variadas construções históricas e linguísticas nos espaços de formações florestais. O escritor amazonense Márcio Souza (1990, p. 17) diz que a história sobre as Amazônias é “uma história escrita com a letra minúscula do preconceito e da distorção mentirosa”, onde o povo, em sua diversidade, não aparece. Essa constatação de Souza mostra que os discursos precisam ser reconstruídos, pois, as dinâmicas dos povos florestais devem ser exploradas em diversas perspectivas epistemológicas, no processo de (re)conhecer a vida nas suas culturas, quando se envereda em seus caminhos pelas águas, terras, florestas e saberes, na contraposição, da região ser culturalmente única.

Por mais que os primeiros estudiosos sobre as Amazônias apontassem, distorcidamente, que os povos da região não têm história, “tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta”, como disse o aclamado escritor brasileiro Euclides da Cunha (2011, p. 25) em sua viagem por estas paragens, em contraponto, digo que há intensamente uma história viva nessas terras, não uma cultura marginal ou isenta de conhecimentos complexos, como pregava a historiografia ocidental e suas regras ditadas por um padrão universal. Tais construções são argumentadas tanto por brasileiros quanto por estrangeiros que visualizam as outras culturas a partir de um paradigma tradicional e excludente, com caráter de superioridade. Noutra obra, Márcio Souza (2019, p. 52) entende que “as dificuldades da historiografia amazônica são exatamente iguais às de quaisquer outras áreas do planeta”, por isso, é necessário que pesquisadoras e pesquisadores amazônicos tragam à tona as narrativas singulares dos povos das suas florestas para desconstruir

esses discursos amplificados em muitas literaturas e falas. O papel da ciência humana no século XXI é manifestar aquilo que fora negado como genuíno e autêntico de povos invisibilizados.

Como pesquisadora amazônica, utilizo, na tese, o termo cultura das florestas para firmar o processo subjetivo e objetivo de viver e conviver individual e coletivo, com as diversas expressões culturais das pessoas florestais. Sobre o conceito, o historiador acreano Marcos Montysuma (2018) esclarece que são as múltiplas culturas circunscritas a uma dada territorialidade construída pelas pessoas em suas dinâmicas sociais, que variam de acordo com a localidade habitada, o que me leva a recordar a construção latina da palavra cultura, o ato de cuidar da terra (coisa cultivada). Esse ato de cultivar pode ser ilustrado como o plantio (semear, regar e florescer) da cultura, no contato com o outro quando, em relações sociais, se constrói a condição florestal diante das terras, águas e florestas aprendidos e traduzidos por pessoas vindas de muitos lugares, readequados perante acontecimentos que podem alterar sua rotina, seu modo de ver e entender as dinâmicas do mundo.

Como mulher amazônica nascida ao final do século XX, compreendo como necessário, no século XXI, entender as dinâmicas florestais, ademais, considero urgente versar sobre esses territórios que se encontram em ameaça real de destruição da Floresta Amazônica, que implica na perda de vidas e culturas que nela interagem, em decorrência de políticas e governos que favorecem a ampliação dos desflorestamentos⁵, poluições e queimadas. A ganância sobre os bens da floresta imperou em ações que a colocaram em chamas ou a destruíram, acabando com o lar de inúmeras espécies de animais, entregando-a nas mãos dos empresários do agronegócio. A extinção da vida humana e não-humana foi um projeto político deliberado, pensado e executado em práticas criminosas, no governo de extrema-direita do senhor Jair Messias Bolsonaro (2018 - 2022), que colocou pessoas inimigas dos povos indígenas e tradicionais, dos animais selvagens e das florestas na gestão do Ministério do Meio Ambiente, fragilizando órgãos e entidades de proteção ambiental. As ações nefastas às vidas na região, se apresentaram na fala fatídica do, então Ministro de Meio Ambiente, Ricardo Salles⁶ em 2020, quando este diz:

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto da cobertura da imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de Ministério da Agricultura, de Ministério do Meio Ambiente, de Ministério disso, de Ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços para dar de baciada a simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos (RICARDO SALLES em reunião ministerial do Governo Jair Bolsonaro do dia 22 de abril de 2020)⁷.

⁵ Optei em utilizar o termo desflorestamento no lugar de desmatamento, aproximando ao conceito cultura das florestas, mesmo que para os narradores e alguns autores o termo desmatamento seja o usual.

⁶ Foi Ministro do Meio Ambiente do Governo Bolsonaro entre 2019 e 2021.

⁷ Disponível em: < Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19 | Política | G1 (globo.com)> Acesso em: 08 set. 2022.

E assim foi feito. Foi “passando a boiada” que o desflorestamento e as queimadas cresceram vertiginosamente na Floresta Amazônica, que não é algo recente, mas, se mostrou na gestão Bolsonaro uma prática clara e frequente, agravando não somente o bioma amazônico, mas, os outros que ainda existem e resistem no Brasil, como a Mata Atlântica, com apenas 12,5% de sua cobertura original. Assassinatos foram cometidos contra aqueles que lutavam pela vida neste amplo território, o mais divulgado internacionalmente foi do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, no Vale do Javari, oeste do Amazonas, executados em junho de 2022. Porém, existiram outros pouco conhecidos, como o do jovem indígena João Kaxinauá, 25 anos, morto com 30 facadas em maio de 2022, no Acre. Os assassinados atuavam em entidades ou ONGs ambientais.

Os pesquisadores Heck et al. (2005) dizem que o avanço do mercado sobre as terras amazônicas é uma fera quase indomável. Essa fera promove queimadas e desflorestamentos, que se fazem tão frequentes e podem implicar na perda de vidas e culturas no território, o que foi percebido nas narrativas dos moradores da Valéria. Os sons da floresta silenciaram, as árvores que curam tornaram-se raras ou inexistentes, mas, na memória dos mais velhos, estão ainda mais vivas aquilo que não se encontra mais.

Um estudo de Merten e Minella publicado em 2002 já alertava que quando se derruba um pedaço de floresta na Amazônia, ali se estabelece uma área de pastagem que impacta todo o lugar e os seres que nela vivem. O sujeito não produz implicações apenas sobre o clima e a biodiversidade, também causa outra alteração no ecossistema: rios de pequeno e médio porte passam a ter trechos nitidamente alterados, tendendo a se tornar poluídos, devido à substituição da mata por fazendas de gado. Nadar nos cursos de água não acontecem mais intensamente como antes, é preciso saber onde ter contato para não sofrer com contaminantes. As consequências da poluição fluvial geram vulnerabilidades sociais e ambientais, afetando o ser humano e todos os seres vivos que atuam na biosfera.

Em 2020, esse cenário entre queimadas e desflorestamento, de acordo com dados disponibilizados pelo Instituto do Homem e do Meio Ambiente na Amazônia - IMAZON⁸, acarretou o registro recorde de desflorestamento da Amazônia Brasileira, o que representa a perda de 8.058 Km² de área verde entre janeiro e dezembro de 2020, o maior número em 10 anos. Em paralelo, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE disponibilizou que, em 2020, registrou 103.161 focos de queimadas, um aumento de 15,7% desde 2017. Em 2021, ocorreu o terceiro ano

⁸ É um instituto de pesquisa cuja missão é promover o desenvolvimento sustentável na Amazônia por meio de estudos, apoio à formulação de políticas públicas, disseminação ampla de informações e formação profissional.

de pior índice de queimadas e desflorestamentos (2005 e 2020 foram os outros registros), todavia, o mês de outubro teve o maior número de queimadas no Estado do Amazonas, 1.773 focos registrados pelos INPE⁹. Este instituto informou que, em 2022, houve uma devastação de 10.286 Km² da floresta, equivalente a 3 mil campos de futebol por dia. É a pior marca em 15 anos¹⁰, o que mostra total falta de controle e descaso do setor público nesse combate e como dizem popularmente, a Amazônia está controlada pelo fogo. Os seres ambientais gritam por socorro. Esse brado foi expresso na toada “Lamento de Raça”, do parintinense Emerson Maia¹¹, quando clama que “*A Amazônia está queimando/ Ai ai que dor/ Ai ai que horror/ O meu pé de sapopema*¹²/ *Minha infância virou lenha/ Ai ai que dor/ Ai ai que horror*”.

Diante desse frequente cenário de vulnerabilização dos seres ambientais, os quais caracterizo como o conjunto de vidas humanas e não-humanas nas Amazôniaas, retratadas nas pessoas, plantas, animais, divindades etc., que mulheres e homens, em distintas faixas etárias, tiram sua sobrevivência, alimentam sua família, elaboram os objetos de uso diário, criam suas histórias e encontram aconchego e segurança, alicerçando sua condição florestal. Essa terra em chamas e desflorestada é elemento vital para as vidas amazônicas. Nesse ambiente em agravo, a pergunta direcionadora do estudo é: Como um grupo de pessoas de uma mesma família da região da Valéria, assimilam os saberes florestais e percebem, no tempo presente, as mudanças que avançam sobre suas culturas, promovendo possíveis alterações no imaginário social e na aprendizagem dos saberes florestais?

Há a necessidade de compreender, em interlocuções com as pessoas florestais, a construção do imaginário social e do processo de aprendizagem da cultura das florestas entre gerações, através da internalização (ou não) dos saberes florestais amazônicos. Esse reconhecimento envolve o modo de aprender, sentir e agir num espaço maculado por queimadas, desflorestamento e poluições, para entender os rumos promovidos pelo chamado desenvolvimento, que em centenas de anos vem promovendo um verdadeiro descontrole ambiental. Não somente este tipo de ação, mas outros tantos proporcionados por atividades humanas. Tais acontecimentos podem debilitar a tessitura da aprendizagem e dos saberes entre as pessoas florestais, por isso, a pesquisa nas Amazôniaas necessita antever a “compreensão do esforço

⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/11/06/numero-de-queimadas-no-amazonas-em-2021-ja-e-o-terceiro-pior-da-historia.ghtml>> Acesso em: 01 jan. 2022.

¹⁰ Disponível em: < Desmatamento cresce 23% na Amazônia em novembro e faz acumulado de 2022 ser o maior em 15 anos - Imazon > Acesso em: 28 jan. 2023.

¹¹ Poeta e músico (1954 - 2020), considerado uma das vozes mais fortes das florestas, que enaltece em suas toadas as belezas naturais da região assim como os agravos ambientais.

¹² Raiz de grande árvore, que servia de tambor, por onde os povos indígenas batiam e estabeleciam comunicação no meio da floresta.

criador do homem [e da mulher] na Amazônia - o Homem atuante - pede relacionamento de ideias, métodos, de sondagens” (TOCANTINS, 1982, p. 03) [grifo nosso], para que favoreça ao descortinamento do que se apresentam em muitos meios de comunicação sobre as vidas crescidas em companhia dos animais, matas, águas e espíritos sobrenaturais.

Em virtude do mosaico cultural amazônico de diversos povos, o político e pesquisador goiano André Vidal de Araújo (2003) fala que o imenso material cultural poderá oferecer ao mundo as mais surpreendentes novidades, no campo de instituições e da conduta organizada, pois, “existe em todo o mundo mental do homem da Amazônia um grande mundo de tradições, de costumes, de hábitos insubstituíveis” (ARAÚJO, 2003, p. 198). Diante desse cenário, o geógrafo parintinense e professor da Universidade do Estado do Amazonas José Camilo Ramos de Souza (2013) salienta que estudar os espaços florestais amazônicos, e as pessoas nele inseridos, é um grande desafio, pois não revelaria a complexidade da organização socioespacial, onde há um intricado sistema socioeconômico, cultural e ambiental. Entretanto, mostraria, sim, que o viver nessa região envolve características históricas, psicossocioculturais e ambientais em que “interpretamos os habitantes das matas como edificadores de uma modernidade ecológica, a partir de uma ação que transforma e constrói os espaços das florestas tropicais” (MONTYSUMA, 2018, p. 65). E assim é a produção da existência humana na Valéria.

Para visibilizar as dinâmicas culturais desse pedaço da Amazônia, delineei como objetivo geral compreender o processo de tradução de saberes relativos à cultura das florestas numa família moradora da região da Valéria em Parintins, Amazonas. Neste percurso, o estudo foi direcionado em quatro objetivos específicos que possibilitam mostrar o processo de viver nesta floresta, a aprendizagem e ressignificação dos saberes florestais, que são: Identificar os aspectos sociais, culturais e históricos da condição florestal da Valéria; Perceber o imaginário social de uma família moradora da Valéria na construção da cultura das florestas; Analisar as influências que impactam a tradução da cultura das florestas; Interpretar os significados de lugar e pertencimento diante da aprendizagem da cultura das florestas.

Para entender cientificamente esses lugares tão distintos, é salutar beber a água da interdisciplinaridade, visto a complexidade envolvente dos espaços amazônicos possibilitarem um saber articulado nas ciências em suas diversidades, especialmente, no campo das ciências humanas. O sociólogo alagoano, mas radicado a décadas no Amazonas, Renan Freitas Pinto (2012) diz que é uma tradição de pesquisas dos autores ligados às Amazônias abranger a interdisciplinaridade por possibilitar uma investigação que busque a complementaridade dos campos científicos. As lentes coloridas da interdisciplinaridade em ciências humanas oportunizam uma nova, ou melhor, uma outra maneira de enxergar a pluralidade dos mundos.

As possibilidades teóricas e metodológicas dos estudos interdisciplinares permitem os saberes florestais de gerações familiares se apresentarem em sua grandiosidade, pois é um privilégio coabitar com os seres dessa região, tanto os reais quanto os imaginados, construindo visões, saberes, habilidades e simbologias ditadas pelo espaço vivenciado em imersão com culturas plurais: a cultura das florestas. Há a necessidade de ter mais pesquisas interdisciplinares nesse lugar, procurando as diversas dimensões ambientais e culturais existentes - ainda pouco exploradas pelo olhar das pessoas que nela penetram. Ao estudar as culturas das Amazônias, em perspectivas interdisciplinares, enseja percebê-las em conexão com um universo que transcende o comum, qualificando-as num encadeamento científico que molda uma racionalidade que transpassa paradigmas.

As particularidades desse território criam inúmeras possibilidades de inquietações científicas, em virtude de que, “como um espaço de diversidades e de desigualdade, os fundamentos organizativos da sociedade regional são também uma dimensão da sociedade brasileira” (SILVA, 1996, p.01). Os ambientes amazônicos precisam ser argutamente estudados e as informações amplificadas além das fronteiras nortistas, visto que, ao argumentar sobre as vidas no lugar evidenciam-se as suas distintas variantes, entendimentos e elucubrações. Nesse processo, mostra-se que a sua construção sócio-histórica não é homogênea e nem linear como diz Victor Leonardi (1999) e a sua complexidade biossocial (meio, paisagem, povo e cultura) estrutura o tempo amazônico em tempo das águas, tempo das florestas, tempo das terras longínquas e das terras próximas, com o sol e a chuva em proclamação e o ser humano em conjuntura com essas realidades.

Pesquisadores internacionais e nacionais problematizam as Amazônias, discutindo-as em variadas situações-problemas que se apresentam como demarcações importantes ao viver amazônico. Autores, sob perfis teóricos e metodológicos distintos, discutem as diversas facetas amazônicas. É assim que ganha densidade a literatura de Arthur César Ferreira Reis (1960; 1967), Emílio Morán (1990), Marilene Corrêa da Silva (1996), Victor Leonardi (1999), Laure Emperaire (2000), Leandro Tocantins (1982; 2000; 2020), Eurípedes Antônio Funes (2000; 2019), José Aldemir de Oliveira (2000), Marcos Montysuma (2001; 2006; 2012; 2018), Auxiliomar Ugarte (2003), John Browder e Brian Godfrey (2006), Neide Gondim (2007), Antônio Carlos Witkoski (2010), Therezinha Fraxe (2010), Carlos Walter Porto - Gonçalves (2010), Tereza Almeida Cruz (2010), Maria Inês Gasparetto Higuchi e Niro Higuchi (2012), Bertha Becker (2007; 2013), João de Jesus de Paes Loureiro (2015), dentre tantos outros autores em repiquete, visto que caminham discursivamente pelos povos, relação pessoa e ambiente, questões de gênero, representações étnico-culturais, relação capital-trabalho, cidades, dinâmicas das atividades industriais, agropecuárias e extrativistas, em análises pautadas em diversos ramos do saber. Às vezes

convergindo ou confrontando, apontando nova cepa sobre o dito por outros. Essas problematizações propagam os conhecimentos, visto que a realidade social não é evidente, por isso, é imprescindível clarificar as demandas surgidas, em virtude de as vidas neste espaço serem radicalmente distintas daquelas de outras regiões brasileiras. Advirto que num único estudo não é possível estender a todas as pensadoras e pensadores que estudam os diversos lugares amazônicos, nem seria viável entender todas as existências florestais e as inúmeras argumentações produzidas, ao longo do tempo, sobre elas.

O universo acadêmico apresenta diversos estudos desenvolvidos em dissertações e teses sobre as Amazônias em suas facetas. O ingresso no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas possibilitou, a partir das discussões interdisciplinares, o meu autorreconhecimento como mulher afro-indígena nascida e criada numa cidade, ou melhor, numa ilha no interior da Floresta Amazônica chamada Parintins - dentre outras do Arquipélago de Tupinambarana¹³, onde o deslocamento para outros lugares só pode acontecer por transportes fluviais ou por transportes aéreos. Foi nesse aterramento a essa floresta, que construí minha condição florestal, uma pessoa descendente de povos que vieram para os espaços florestais pressionados por inúmeras situações que proliferaram em suas terras de origem.

É no entendimento de minha ancestralidade vinculada, pelos laços paternos, com o gene africano (trisavó negra e escravizada) e europeu (trisavô branco e filho de espanhóis) advindos do Maranhão em idos do século XIX para viver seu amor em terras distantes (sou a 4ª geração nascida em solo parintinense), e, pelos laços maternos, de migrantes com raízes negras e indígenas, que munidos de coragem, determinação e sede de sobrevivência, saíram do Ceará para escaparem da fome e da seca intensas no início do século XX (sou a 2ª geração nascida em solo parintinense), que a minha família, entre muitas outras, se constituíram e se construíram como pessoas florestais, como decantam os poetas de Parintins na toada “Gente Floresta¹⁴”, “*Raízes fncadas no passado ancestral/ Saberes e poderes da herança cultural/ Engerado¹⁵ em feras / Transformado em quimeras¹⁶*”. Uma marcação identitária que mostra como os povos do Brasil, ou dos Brasis¹⁷, se configuraram ao

¹³ É formado por quatro ilhas completamente separadas por canais naturais denominados “paraná”. Tem sua área dividida, de sudoeste a noroeste, entre os municípios de Nova Olinda do Norte, Itacoatiara, Urucurituba, Boa Vista do Ramos, Barreirinha e Parintins. Geograficamente, começa no rio Madeira e termina no rio Amazonas, na proximidade da Vila Amazônia, pertencente ao município de Parintins. O conjunto das ilhas tem uma área total de 11.850 Km² e, pode ser considerado o segundo maior conjunto fluvial de ilhas do mundo, depois da Ilha do Bananal, no Estado de Tocantins.

¹⁴ Composição de Geovane Bastos, Ligiane Gaspar e Malheiros Junior.

¹⁵ O que se transforma. Compõe a alma identitária dos amazônidas, que não nasceram, mas foram engerados, oriundos da água ou da floresta.

¹⁶ Imaginação.

¹⁷ Darcy Ribeiro, na obra “O Povo Brasileiro” (2006), apresenta os Brasis na História: Brasil crioulo, Brasil caboclo, Brasil sertanejo, Brasil caipira e Brasis sulinos.

longo dos séculos, ainda mais num espaço em que há um relacionamento vital entre os seres humanos, os solos, as plantas, as árvores, os animais, os seres encantados e a água.

Na minha particularidade, é um privilégio ter minha condição humana como uma pessoa das Amazônias. É uma dádiva ter como rio circundante de minha Ilha de Parintins, como mostra a figura 02, o rio Amazonas, ter afetividade a ele e reverenciá-lo todos os dias, como enaltece a toada “Rio Amazonas¹⁸”: “*Rio Amazonas, teu cenário é uma beleza/ A natureza chega até se admirar*”. Não só a natureza, mas todos aqueles que se propõem em adentrar seus universos tão diversos.

Figura 02 - Vista aérea (leste para oeste) da cidade de Parintins



Fonte: www.ojornaldailha.com

Ao crescer e habitar na Amazônia particular de Parintins, criei uma aliança umbilical com esta terra, onde o Sol é a estrela soberana que vai dando o tom mais quente à pele dos habitantes. Nesse ambiente, somente as águas e a sombra das árvores refrescam o calor, ou como dizemos por essa região, amenizam a quentura que inebria o viver amazônico. Através da narrativa das pessoas do lugar me reencontro com as imagens e as representações do passado, em paralelo com os entendimentos sobre o presente, num saber construído em cooperação com os outros e que é transmitido, especialmente, no seio familiar.

Nesse processo de desfamiliarização de minhas visões de mundo, iniciado na formação acadêmica em Ciências Sociais e Serviço Social, e, posteriormente, na área *stricto sensu*

¹⁸ Composição de Emerson Maia.

interdisciplinar em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, onde estudei crianças e sua relação com as águas amazônicas, percebi a necessidade de articular gerações familiares na relação “pessoas e natureza”. Nessa inquietude científica, analisei que ainda há discussões incipientes que buscam analisar as dinâmicas humanas nos espaços florestais a partir do elo familiar, diante da construção da aprendizagem sobre os saberes florestais, em realidades distintas no tempo e no espaço. Um aprofundamento do conhecimento onde, não somente o “porquê” e “para quê” das situações-problemas serão discutidos, mas, o “como” do processo de tradução da cultura das florestas acontece. A família Xavier de Oliveira, representada na figura 03, traz em suas narrativas a dimensão humana na Floresta Amazônica.

Figura 03 - Alguns membros da família Xavier de Oliveira



Fonte: Selma Xavier de Oliveira (Arquivo Pessoal)

Para compreender o processo de tradução cultural e as implicações da contemporaneidade na assimilação dos saberes florestais, trouxe como personagens narradores alguns membros da família Xavier de Oliveira, moradora de muitas décadas e gerações da Valéria. Essa família representa a construção de uma condição florestal nesse lugar tão singular, edificando uma identidade, um existir - humano peculiar entre as florestas, um nascer e um viver que tem tanto as

nuances do passado quanto as roupagens do presente. Ao interagir nesse mundo de um imaginário social complexo, construiu-se um elo rijo com a natureza, tanto na copa das árvores quanto nas águas caudalosas daqueles rios nessa parte das Amazônias. Nessa condição de vida, há a elaboração de dinâmicas humanas densas em símbolos, signos e simbolismos, que compõem as práticas sociais, históricas e políticas de cada um que lá, porventura, nasceu, cresceu e vive.

O território amazônico expressa vida, como exalta um trecho da toada parintinense “Amazônia Santuário Esmeralda¹⁹”: “*Amazônia Santuário Esmeralda/ Pôr-do-sol beija tuas águas/ Pátria verde florescida/ Pelas lágrimas divinas/ A grinalda do luar vem te abençoar*”. Há uma ótica cultural e ambiental que se constrói diante do ritmo e da lógica dos rios tanto em tempos de cheia quanto da vazante amazônica e do percurso das longínquas terras, que permitem ver as florestas e as terras, nos saberes e imaginários dos povos que habitam os beiradões, as ilhas e as terras a perder de vista, nos mergulhos em rios, igarapés ou lagos, no admirar da piracema e da revoada dos pássaros. Com essas características tão plenas, as Amazônias são os espelhos das belezas naturais da Terra e, ao mesmo tempo, o lugar da cobiça e avanço do *tsunami* capitalista.

Os povos da Valéria, ao envolverem-se entre os espaços florestais identificam-se com os seres ambientais circundantes, numa apropriação, consciente ou não, dos saberes específicos à realidade local perpassando entre gerações familiares, a partir da tradução e assimilação da cultura das florestas. Essas aprendizagens acontecem tanto no aspecto privado quanto no aspecto público, todavia, o espaço doméstico é o esteio desse saber florestal. Os elementos culturais materiais e imateriais territorializam o habitante como singular num cenário ambiental único, uma vez que é inegável que os espaços refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade, gerando signos e símbolos neste imaginário social amazônico, que são úteis aos deslocamentos e na reprodutibilidade da vida naqueles espaços (MONTYSUMA, 2018). Entretanto, frente ao processo de vulnerabilização das florestas e de outros avanços às pessoas, há um risco que impacta as culturas que nela interagem e assim a tradução de conhecimento entre gerações fica comprometida.

É no entendimento da complexidade que é a Amazônia, confrontando à Valéria, que problematizo a tradução de saberes relativos à cultura das florestas, a partir da Teoria do Imaginário Social, que vislumbra os elementos simbólicos que constituem a identidade de um povo, com construção metodológica permeada pela História Oral, dando visibilidade às interpretações das pessoas narradoras. Este ambiente amazônico multifacetado que molda as vidas de mulheres e homens, velhos e novos, impulsiona as minhas indagações sobre a construção dos saberes florestais em tempos de intensas investidas contra os seres ambientais e às suas diversas expressões culturais.

¹⁹ Composição de Demetrius Haidos e Geandro Pantoja.

Como as aprendizagens são construídas dentro do mundo cultural, reconstruídas no tempo e no espaço, esses conteúdos traduzidos e familiarizados integram as pessoas às práticas locais e a uma identidade cultural particular, por isso, considero, neste estudo, o paradigma teórico da Teoria do Imaginário Social como fundamental nas análises ao expressar o uso social de representação das ideias construídas coletivamente em seus símbolos, alegorias, rituais e mitos, criando visões de mundo, orientando condutas e estilos de vida. O filósofo e historiador das ideias, o polonês Bronislaw Baczko (1985), aduz que os imaginários sociais se constituem de elementos de referência no sistema simbólico que os grupos sociais produzem, elaborando identidades que representam sua posição social no mundo com ritos, costumes e crenças comuns, pois, “o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva” (BACZKO, 1985, p. 309). Esse imaginário transcende épocas, ao expressar, em narrativas, a memória geracional, onde os aspectos políticos, ideológicos, sociais, econômicos se manifestam, tanto na ação individual quanto coletiva de um povo. Ao fundamentar as análises dentro desse paradigma, trago à tona os elementos, tanto subjetivos quanto objetivos, na e da produção da cultura das florestas e a sua tradução ao longo do tempo nos espaços florestais, com parâmetro na região da Valéria, ante os contextos e intervenções locais, nacionais e internacionais, que penetram em todos os seus espaços humanos, de modo sorrateiro.

Ao adentrar as histórias, entendimentos e memórias da família Xavier de Oliveira, num diálogo com os velhos e os novos, a dinâmica analítica da Teoria do Imaginário Social possibilita “ver os agentes sociais no seu estado de nudez, despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações” (BACZKO, 1985, p. 298). Nas interlocuções entre pesquisadora e pesquisados, as narrativas expressam aquilo que é familiar para cada geração, que, de igual modo, expõe as alterações sofridas com o passar dos anos na sua condição florestal, transformando o modo de agir, sentir e ver o mundo, as pessoas e as coisas ao redor.

A concepção do imaginário social envolve a geração de símbolos e signos, de acordo com o tempo e o espaço vivido, que, em paralelo, controla e promove conflitos, legitimando ideias e representações coletivas. A identidade construída dentro de um imaginário social específico se estrutura diante da atividade imaginativa dos agentes, edificada em coletividade e remete a uma norma de vinculação consciente da realidade social e daquilo que esta deveria ser, tornando-se uma forma de poder simbólico, que classifica e demarca as diferenciações. Utilizando-se desse arcabouço epistemológico, as dinâmicas entre as florestas, com culturas específicas, delimitam territórios e encontram seus lugares através do imaginário social alicerçado pelas experiências das gerações amazônicas, “mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”, como diz Baczko (1985, p. 311). A imersão no imaginário social da Valéria apresenta um mundo de valores,

práticas e saberes que é tanto ancestral quanto moderno, um encontro de tempos que dão formas ao povo que lá vive, produzindo uma identidade única.

Essa identidade é única, mas, é também mutável, construída e reconstruída ao longo do tempo que, para Kathryn Woodward (2014), na perspectiva dos Estudos Culturais, é a afirmação de uma identidade, sua legitimação, que tem por referência o mundo passado: é o tempo histórico que constrói e reconstrói a cultura e a identidade. Com base nessa leitura epistemológica dos Estudos Culturais, compreendo que a cultura é um sistema partilhado de simbolização que inclui e exclui grupos sociais, propiciando os meios pelos quais damos sentido ao mundo social e que construímos significado às coisas que nos rodeia, tal como enfatiza Woodward (2014). Entender essa cultura hoje é compreender elementos que atravessaram o tempo, sofreram transformações que, são sentidas (ou não) pelas pessoas.

Nessas Amazônias com características geográficas e culturais complexas, ao caminhar ante à região, é compreender que este universo é uno por ter um bioma que se espalha entre países e múltiplo em tipos de florestas e vegetações, histórias, povos, etnias, mulheres e homens, velhos e jovens. Cada pessoal florestal desbrava os ambientes, fazendo-a diversificada em costumes, crenças, linguagens e hábitos, mostrando que as pessoas das Amazônias são resistentes (e persistentes) em manter a sua cultura, que promove a ligação entre gerações, sejam grupos sanguíneos ou de afetividade.

As dimensões culturais demarcam as pessoas lá inseridas, situando-as num estilo singular. As expressões culturais, conscientes ou não no todo social, são como fios invisíveis que unem os sujeitos, gerando uma comunidade afetiva conforme os elos culturais que os interliga. Ao realizar um estudo da cultura, o antropólogo Roy Wagner (2017) argumenta que, na verdade, compreende-se a nossa cultura, pois, a cultura do outro se torna visível diante do entendimento da cultura do pesquisador, no sentido de que “opera por meio das nossas formas, cria em nossos termos, toma emprestado nossas palavras e conceitos para elaborar significados e nos recria mediante nossos esforços” (WAGNER, 2017, p. 43). É o mostrar-se pelo entendimento do outro, onde o pesquisador apresenta para outros mundos esse recorte de um modo de vida.

A cultura das florestas demarca fronteiras, faz distinções e reafirma produções culturais produzidas entre gerações, moldando identidades e subjetividades. Ao buscar compreender e interpretar tais dinâmicas culturais é ir encontrar um Brasil pouco conhecido para o próprio Brasil e para os brasileiros. Um espaço geográfico que, ainda é retratado, para muitos, além do Norte Brasil, de seres ambientais isolados e aquém de conhecimentos complexos. Nessa arte de trazer à história uma cultura singular, Montysuma (2012, p. 57) pondera que “é por meio dos olhares questionadores lançados pela janela da história que buscamos alcançar respostas que nos

satisfaçam, dividindo a construção da dignidade das pessoas” e ao mostrar as dinâmicas da cultura das florestas de um povo invisibilizado, emerge-se um passado que faz compreender o presente e visualizar um possível futuro. É esse imaginário social que registra as lógicas das pessoas florestais, os comportamentos secularmente registrados na memória social e que gozam de durabilidade e de persistência ao longo do tempo.

Para vislumbrar a cultura das florestas adoto a História Oral como uma ferramenta metodológica que abraça a memória, a narrativa, a subjetividade e o diálogo entre o pesquisador e o sujeito narrador. Na história oral, a escuta com sentido torna-se uma arte, como afirma Alessandro Portelli (2016), onde compreendemos que a cultura das florestas expressa saberes construídos ao longo dos tempos e dos espaços amazônicos.

A história oral permite realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem discutir sobre os aspectos culturais e ambientais que julgo essenciais para a pesquisa, e, principalmente, gravando com pessoas “que estejam disponíveis e em condições (físicas e mentais) de empreender a tarefa que lhes será solicitada” (ALBERTI, 2005, p. 31). As pessoas narradoras dos saberes florestais tiveram suas falas registradas em gravador de voz ou aplicativos para gravação de áudio em aparelho celular, em conjunto com anotações em um caderno de campo, pois nele foram registradas todas as observações, desde antes do primeiro contato, a sua reação à solicitação da entrevista, durante a sua execução e depois dela (ALBERTI, 2005). O caderno de campo expressa os sinais comportamentais, os receios, as empolgações, aquilo que a voz não emite, “mas que se encontra ‘colado’ às palavras, como os silêncios e os gestos que compõem o conjunto dos relatos na mesma dimensão das entrevistas/testemunhos”, como conceitua Guimarães Neto (2012, p. 28).

Para o historiador Eurípedes Funes (2019, p. 14), as narrativas expostas “permitem adentrar o campo de experiências vividas e reconstruídas pelos entrevistados”, expressando as perspectivas do sujeito sobre as dinâmicas da vida. Essas narrativas transformam a pessoa transmissora de conteúdo em um artesão da vida, como comunica Walter Benjamin (1987, p. 205), pois,

Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

É essa narrativa, no entendimento de Alessandro Portelli (1997), que oportuniza dar a voz aos grupos sociais, especialmente, ao povo fora do padrão dos cânones acadêmicos, cuja história escrita é falha ou distorcida, como do povo aqui estudado, que foram invisibilizados por uma retórica universal. Para emergir a cultura das florestas, a escolha dos entrevistados foi guiada por

objetivos previamente estabelecidos que direcionaram o caminho a ser percorrido. Os participantes da pesquisa, aqui chamados de pessoas narradoras, possibilitaram uma ampliação do conhecimento sobre a tradução entre o tempo-passado e o tempo-presente da cultura das florestas, já que, “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Mediante a narrativa dos mais velhos, transmitida aos mais jovens, se compreende o mundo florestal e indica caminhos no presente. A compreensão de memória aqui, considera aquela construída socialmente, edificada na relação entre os membros do grupo, que em muitos casos até significam sentidos e conteúdos identitários, que ocorre exacerbando o imaginário, por onde tece e compõe, misturando com elementos da natureza, tudo que vai dar sentido e intermediar as práticas diárias.

Por intermédio da história oral, a linguagem das pessoas envolvidas traz a cultura imaterial produzida no dia a dia e, ademais, os relatos orais mostram as estratégias de representar seus entendimentos sobre o mundo vivido, principalmente, quando estes “devem ser avaliados em sua potência multiplicadora de criar novos significados” (GUIMARÃES NETO, 2012, p. 18) numa conjuntura complexa das interações entre as pessoas e o ambiente, para a compreensão do tempo passado no tempo presente. Homi Bhabha (2013, p. 29) diz que “o ‘passado - presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”, isto é, entender esse passado construído e reconstruído por mentalidades e subjetividades, num espaço geográfico particular, salienta aquilo que fora suprimido das retóricas acadêmicas contemporâneas: os saberes florestais. A leitura de mundo, ou melhor, a leitura da natureza e das expressões culturais será concretizada através das narrativas das pessoas florestais: “no diálogo com os narradores, a língua vai se soltando, as palavras vão saindo, configurando elos entre o presente e o passado” (FUNES, 2019, p. 18), e esta arte de falar, dar voz e visibilizar as narrativas é essencial para a produção do conhecimento. Para o historiador francês e intelectual jesuíta Michel de Certeau (2014), a voz da narradora ou narrador “*opera* no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma *apropriação*, ou uma reapropriação, da língua dos locutores; instaura um *presente* relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um *contrato com o outro* (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações” (CERTEAU, 2014, p. 40) [grifo do autor]. Um mundo se apresenta através da oralidade.

O produto deste trabalho foi obtido de uma família que apresenta sua construção social, política, econômica, cultural e ambiental vinculadas à Amazônia singular da Valéria, numa área específica chamada Betel. As entrevistas versaram, de modo dialógico, colocando a família Xavier de Oliveira como uma das protagonistas na construção sócio-histórica das Amazônias, “incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (ALBERTI, 2005, p. 37-38).

As narrativas vieram do casal de idosos, Dona Izaura Xavier de Oliveira e Seu Manoel Reis de Oliveira, que se tornaram pessoas - chave, por expressarem, em suas histórias, as muitas relações sociais vigentes ao longo do tempo nessa terra construída na fronteira entre o Amazonas e Pará. Na Betel, também tive acesso a outros moradores como a Dona Maria Inês Rodrigues e Seu Abel Santos. Em Parintins, as narrativas vieram das filhas de Dona Izaura e Seu Manoel, Sara Xavier de Oliveira e Selma Xavier de Oliveira, do neto, Freyzer Andrade e de uma sobrinha, Sandra Rodrigues Xavier.

Cada pessoa narrou suas dinâmicas de vida e sobrevivências nas terras da Valéria, apresentando a cultura das florestas aprendida através de sua família, onde, para Funes (2019) a memória, mesmo sujeita a influências e novos valores mantém um vínculo entre o presente e o passado nas gerações. As narrativas de velhos e novos membros da família Xavier de Oliveira mostra uma cultura que se mantém acesa em cada um, apesar das interferências que podem ocorrer em suas dinâmicas individuais. As entrevistas foram conduzidas de uma forma que os deixassem à vontade para falar, mas sem perder, o objetivo da pesquisa.

Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador, mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista (PORTELLI, 2016, p. 10) [grifo do autor].

As fontes históricas orais são fontes narrativas, ligadas - se são grupos sociais não hegemônicos - à tradição da narrativa popular, retratando “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31). Os narradores “ao falar de sua história, do eu, da vivência na comunidade à qual pertence, o sujeito navega pelas reminiscências de outras comunidades, porque estas fazem parte de sua memória, de sua ancestralidade” (FUNES, 2019, p. 19). A pessoa narradora ao falar seus conteúdos e o pesquisador ao saber ouvir a fala, propicia um momento único de interação e exaltação, onde a cultura das florestas se enaltece e as vidas nos espaços florestais amazônicos se fazem presentes. É preciso apurar o sentido da audição para que o mundo florestal, até então estranho para a pesquisadora, se faça reconhecido através das narrativas das pessoas florestais.

Ao adentrar nas curvas da pesquisa, tanto entrevistador quanto entrevistados se tornam agentes políticos na construção desse conhecimento. Desde a escolha do tema, há uma responsabilidade política, como argumenta Montysuma (2012, p. 59) ao dizer que “a história oral enxerga esses setores e sujeitos, compreendidos como marginalizados/excluídos/ ignorados, exercendo poderes singulares para reivindicar e conquistar seus direitos”. Noutra lição, a socióloga

Janine Barbot (2015, p. 122) considera que “o entrevistador não é o executor de um procedimento de pesquisa pré-formatada, mas, de fato, ator de uma pesquisa que, ao longo das entrevistas, faz evoluir seus quadros de análise”. O conhecimento emergido é o produto de uma ação com sentido; uma obra que será um parâmetro para entender uma singular realidade. Nesse contato, uma sociedade articulada se manifesta os usos e costumes na e da floresta, mas também, apresenta os conflitos que surgem através das intervenções externas que alteram as condições sociais do lugar.

Portelli (1997) destaca que muitos informantes têm acesso aos meios de comunicação de massa (ímpressos, audiovisuais e tecnológicos), por isso, as narrações expressam uma produção e reprodução de signos, símbolos, subjetividades e imaginários, onde a cultura comunica a presença do passado no presente e as expectativas do futuro (GUIMARÃES NETO, 2012). Nas Amazônias, tais fontes orais, envolvem os saberes de pessoas originárias de diversos povos que a construíram culturalmente, como também, todo o avanço que houve (e ainda há) sobre as terras, emoldurados pelo sistema mercadológico que envolve o mundo contemporâneo.

Nessa arte da entrevista face a face, a pesquisadora e os pesquisados caminham lado a lado, (re) descobrindo-se como atores sociais e protagonistas na teia da vida, mas, que ao mesmo tempo têm posições distintas na construção do conteúdo de interesse, que envolve o falar e o ouvir da prática de pesquisa, visto que, “o campo de trabalho é significativo como encontro de dois sujeitos que se reconhecem entre si como sujeitos, e conseqüentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalharem juntos” (PORTELLI, 1997, p. 23). Ouvir o que o outro tem a falar, suas impressões, sentimentos, significações e práticas culturais, mostra a quem pesquisa com história oral que o enredo do conhecimento e dos saberes vai além do que expressa a ciência clássica. Argumentar cada situação levantada, em fontes teóricas e documentações, mostra que não é só entre os acadêmicos que o conhecimento se expande e é complexo. Assim, o produto gerado das interpretações científicas do (a) pesquisador (a) mostram-se com significados interligados àquela realidade estudada, pois, para Wagner (2017, p. 69),

Uma vez que a cultura estudada ganhou significado para ele - da mesma maneira que sua própria vida é dotada de significado -, ele é capaz de comunicar suas experiências dessa cultura àqueles que compartilham os significados e convenções do seu próprio modo de vida.

As dinâmicas humanas das florestas amazônicas da Valéria são apresentadas em quatro capítulos, que versam a cultura que emerge nesse ambiente rico em todas as suas esferas. Discussões que caminham pelas narrativas que se embebedam nos saberes dos mais velhos e na aprendizagem dos mais novos, entre acontecimentos e novas perspectivas de vida, que transformam as interações do universo pesquisado. Gerações estas que tem orgulho de serem das

Amazônias, de serem da Valéria, para onde sempre retornam ao reconhecer outras terras, por ser este território o seu porto seguro.

Deste modo, esta tese está construída em seis capítulos, a partir das narrativas das pessoas florestais, em faixas etárias diferentes pertencentes a uma mesma família, é entender como estes traduzem a cultura das florestas e estimulam novas formas de saber, ainda mais dentro de uma região tão singular e com histórias plurais, destacada pelos meios de comunicação como floresta em pé e rios abundantes, o que não é, visto que há problemas ambientais que afetam a qualidade e a permanência dos seres ambientais e de outras entidades florestais. Feitas essas considerações, e em virtude de habitar um território pujante e estruturarem-se como pessoas no ambiente amazônico, a família Xavier de Oliveira, da Valéria, mostra-se como seivadora do saber florestal, que se alimenta dia após dia de um conhecimento que se faz presente no existir - humano entre as florestas, em sua condição florestal, diante do desflorestamento crescente da Floresta Amazônica.



2 AMAZÔNIA PLURAL: CONDIÇÕES FLORESTAIS ENTRE AS TERRAS, ÁGUAS E MATAS

*O vento nas folhas, o Sol
Sementes primevas
Raízes da terra, revelam sua voz
Nos teus rios te escutei
Tocaste mính'alma
Nesses recantos de paz
Sempre encantarás
Na trilha da mata*

(Toada "Trilha da Mata", composição de Ronaldo Barbosa Júnior).

Parafraseando o título da obra "O rio comanda a vida" do paraense Leandro Tocantins, este capítulo traz a conexão da floresta com as dinâmicas humanas nessa Amazônia plural. Antes de mergulhar na cultura das florestas da Valéria é necessário estabelecer qual dimensão geográfica esta região se encontra, mostrando-a nas suas especificidades que a tornam única e umas das facetas representativas da cultura que está imersa no complexo ambiente amazônico. Este esclarecimento histórico, social e geográfico possibilita um entendimento da construção humana e das práticas culturais que as pessoas florestais produzem num lugar específico.

Ao adentrar às singularidades do escopo da pesquisa, trago autoras e autores que pesquisaram o grande território amazônico para suas marcações científicas, cada um com sua epistemologia e olhar delicado para as demandas que buscaram compreender, como Emílio Morán (1990, 2010), Marcos Montysuma (2018), Candice Slater (2001), Djalma Batista (2007) e Leandro Tocantins (1982). Essas literaturas excursionaram pelas especificidades socioculturais da multifacetada Amazônia, apresentando considerações que aprofundaram ainda mais a análise sobre essa parte do Brasil. Nessa leitura, mostra-se um território ímpar envolvido por condições florestais que a caracterizam num imaginário social constituído pelas vivências ali florescidas. As pessoas lá viventes se edificam numa construção étnica, cultural e linguística estabelecida pelos caminhos das florestas, que traduzem a luta de gerações familiares pela sua própria vida, pela vida da floresta e dos seres ambientais, para que permaneçam firmes e resilientes nesse mundo em vulnerabilidade.

2.1 ANTES DA VALÉRIA, UM CAMINHAR POR PARINTINS

A região da Valéria está inserida no território parintinense. Apresentar as nuances desse território marca a conjuntura de um povo que estabelece suas condições florestais numa dimensão geográfica específica, mas, que as traduz diante dos elementos físicos de sua microrregião.

“*Parintins dos Parintintins/ É o nome da tribo desse lugar*²⁰”, tem uma área territorial estimada em 5.956,047 km², com aproximadamente 96.372 habitantes e densidade demográfica de 16,18 hab. /km² (IBGE, 2022), distante a 369 km de Manaus, à margem direita do rio Amazonas. Um território que tem os limites ao norte com os municípios de Nhamundá e Uruará, ao sul com o município de Barreirinha, a oeste com o município de Urucurituba, na região leste do Estado do Amazonas e na fronteira oeste, com o Estado do Pará, os municípios de Terra Santa e Juruti, conforme ilustra a figura 04.

Figura 04 - Mapa do território de Parintins e municípios limítrofes



Fonte: Elaboração de Lima e Dutra, 2021.

É um lugar onde se faz “*Muquiado*²¹ *de jaraqui/ De tucunaré, de curimatá/ Há pacu/ Há bodó/ Há tambaqui/ Há farinha d’água e o tucupi*²²” que alimentam as vidas dessa parte da Amazônia entre o “*som rouco do remanso/ O mormaço brando no ar / O catar do miri miri/ mari mari e taperebá/ O cheiro de muruci/ O vinho de pataná*²³”. Esses e outros aspectos culturais constroem a visão de mundo e

²⁰ “Cantiga de Parintins”, composição do parintinense Chico da Silva.

²¹ Assado.

²² A toada “Vida Cabocla”, composição de Tadeu Garcia e David Assayag, traz elementos da alimentação regional, como peixes regionais, a farinha e o tucupi (sumo amarelo extraído da mandioca brava).

²³ “Cantiga de Parintins”. A música traz termos regionais, como remanso: a volta que o rio dá em determinando trecho, seguindo contrário a corrente natural do rio; mormaço: calor; além de elementos da alimentação amazônica. O miri é uma fruta pretinha que dá em terreno arenoso, na terra firme. O mari mari é um vegetal que é de área alagada, tanto na terra firme como na várzea; a ocorrência é mais nas várzeas ou igapós. A fruta é comprida e com

imaginários das pessoas moradoras, visto que, tudo que envolve o espaço habitado passa a influenciar as suas condições florestais.

Na poética do compositor parintinense Chico da Silva, Parintins foi construída entre o “*seio da mata virgem/ A pureza das araras/ O som do silêncio morno/ A maloca dos caiçaras/ O canto da ariranha/Barranco do rio mar*”²⁴, que proporciona dinâmicas somente entendidas a partir da compreensão sócio-histórica de formação dessa realidade amazônica. Este trecho da música traz percepções que faziam parte do imaginário local no século XX, porém, nas primeiras décadas do século XXI, a floresta está sucumbindo ao desflorestamento, trazendo o silêncio dos seres ambientais e a expulsão dos povos originários e tradicionais de suas terras. O cenário mudou e as condições florestais se adequaram às possibilidades de hoje.

As expressões culturais produzidas, reproduzidas e traduzidas, fomentam os saberes florestais diante das conjunções que se estabelecem nas esferas da vida nessa região. Há as condições florestais específicas da cidade assim como noutros espaços humanos, cada um com diferenças e semelhanças na plural Amazônia. Esses saberes são conhecimentos com raízes profundas que se espalham no tempo e no espaço, um saber contínuo: “*O aprendizado da floresta tem início, não existe nada pronto, nós aprendemos todos os dias e os mais velhos ensinam e aprendem também todos os dias*” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022). É uma lição de compreensão da vida e do viver amazônico, onde a aprendizagem ocorre continuamente a partir do observar e do fazer. Aprende-se fazendo e observando o fazer dos mais velhos. As novas gerações trazem em sua existência humana, os saberes florestais de gerações passadas, adaptados à vivência objetiva e subjetiva do hoje, num processo ininterrupto, inacabado de produção, reprodução e tradução dos conhecimentos da cultura das florestas. A Amazônia das florestas de Parintins expressa uma cultura única com tradução de outras culturas para o ambiente local. É coerente partir desses princípios culturais para reconhecer as vidas e os entendimentos nesse território, uma vez que, cada lugar amazônico reflete, nas pessoas que lá residem, saberes, falas e práticas que lhe são próprios.

O antropólogo Mércio Gomes (2014) enfatiza que cada cultura produz seus núcleos de significação diante do espaço territorial, originando dinâmicas próprias, que transcendem os espaços físicos: o saber construído nas terras é levado pelo indivíduo em qualquer ambiente que vá. Para Marcos Montysuma, os comportamentos exprimem peculiaridades que são eleitas pelas pessoas em seus espaços de socialização, formando elos organizativos, “que dão sentido ao pertencimento,

várias vagens de cor verde. O taperebá também é chamado de cajá, em algumas regiões, tem o sabor ácido e ao mesmo tempo adocicado. Muruci é uma árvore nativa do Norte e Nordeste. Pataua é uma palmeira amazônica, que dá um fruto comestível rico em óleo de alta qualidade.

²⁴ “Cantiga de Parintins”. Este trecho apresenta os cenários naturais da região, assim, como os habitantes humanos e animais, como a ariranha, também conhecida como onça - d’água. Erroneamente, o compositor traz os caiçaras para região, todavia, no território, o agrupamento conhecido foram outras etnias indígenas, como: os sateré – mawé, tupinambás.

posto que ao mesmo tempo são constituintes e constituídos pelas atitudes produzidas no seio da sociedade forjando a identidade do/e ao grupo que pertencem” (MONTYSUMA, 2018, p. 53 -54). Entretanto, muitos olhares de fora não compreendem essa relação cultural manifestada a partir do território habitado, como um guia estadunidense, que numa viagem à Parintins, na década de 1990, acompanhando a pesquisadora, também estadunidense, Candace Slater, a caracterizou como a mais monótona do que a mais monótona das cidadezinhas do Texas. Um exemplo da visão reducionista do outro, do estrangeiro - não somente do falante de outras línguas, mas do próprio brasileiro - sobre os espaços florestais habitados. Todavia, mesmo com a observação rasteira desse guia, Slater (2001) contextualiza as primeiras expressões sobre o modo de vida nessa cidade entre as florestas.

Mas entre Parintins e o Texas há uma enorme diferença. Verdadeira cidade vaqueira, no sentido de que sua economia depende do gado (vacinas para cavalos e vacas competem com as fotocópias pelo primeiro lugar em vendas no Mercado Agro - Verde), difere de suas similares do Texas por estar localizada numa grande ilha no meio do Amazonas. Embora diminuta quando comparada ao Rio de Janeiro ou Manaus, é a segunda ou terceira cidade em número de habitantes no maior estado do Brasil. Coração da região conhecida no Médio Amazonas, Parintins vangloria-se de dois vôos diários para a capital. Ela é a maior cidade para numerosos visitantes do interior que aí vêm votar, receber suas pensões, ir ao médico ou visitar filhos ou filhas casadas ou filhos mais novos hospedados em casa de amigos ou parentes para poderem frequentar a escola. “Parintins é tão interessante” - exclama uma senhora operária que viveu toda a sua vida no interior com um entusiasmo que faria a alegação dos escritores de guias - “Tem tanta coisa para ver, tanta coisa para se fazer!” (SLATER, 2001, p. 46 - 47).

Uma cidade-ilha diminuta em comparação a uma outra cidade-ilha como Florianópolis, em Santa Catarina. Parintins e seus arredores têm as peculiaridades sociais, ambientais e culturais de formação do povo das Amazônias. Uma condição singular, que demarca a percepção de mundo e de vivência do parintinense, como a que acontece em relação à locomoção entre cidades, especialmente, à Manaus. Quando viajam nos barcos de linha para a capital do Amazonas, os parintinenses explicam a logística do tempo: subindo o rio é 24 horas (indo à capital) e descendo o rio é entre 16 horas e 18 horas (Manaus à Parintins) enquanto a duração por viagens aéreas é entre 45 e 60 minutos, para o mesmo trecho, dependendo do tipo de aeronave utilizada.

Todos os dias há transportes fluviais de passageiros para Manaus, barco ou lancha²⁵ (chega no mesmo dia), assim, também o é para as cidades do Estado do Pará, com preços que variam entre 250 e 400 reais, dependendo da época do ano. O transporte aéreo também acontece, todavia, atualmente, há apenas uma empresa aérea, a Azul Linhas Aéreas, que, diariamente, realiza viagens entre Parintins - Manaus, que duram 45 minutos. O preço das passagens aéreas nesse trecho varia

²⁵ Transporte marítimo que atende até 100 passageiros sentados. De Parintins para Manaus, o horário de saída é 5h. O horário de chegada, geralmente, é entre 15h e 16h, no porto de Manaus.

bastante. A reclamação dos usuários é do alto valor para um curto trajeto. Muitas vezes, ir de Manaus para Florianópolis é mais barato do que ir para Parintins.

Sobre a lógica do tempo, para o parintinense pensar a duração da locomoção em quilômetros é raro. O nexos parte do princípio das horas ou minutos, onde o humor do rio ou a situação do clima/tempo dita esse cenário. E isso, foi compreendido pela antropóloga Slater, mesmo que em seu texto transpareça um estranhamento ou um exotismo sobre o modo de vida e do agir sobre estas terras.

Ao buscar descortinar o território de Parintins dentro desse mosaico cultural, a análise de Slater mostra as distinções próprias dessa Amazônia inserida na região do Médio Amazonas, que a diferem da Amazônia Andina²⁶, Amazônia do Alto Rio Negro²⁷, Amazônia Bragantina²⁸, Amazônia Marajoara²⁹, entre outras regiões. Nesse conjunto imbricado de contextos diferenciais, Djalma Batista diz que:

Em vez de considerar a Amazônia segundo os tradicionais critérios da geografia física (zonas fisiográficas) ou da geografia política nacional (Estados) ou continental (países independentes ou a caminho disto), prefiro encará-la, nesta altura, de acordo com a geografia humana, considerando a localização de seus habitantes (BATISTA, 2007, p. 111).

O humano das florestas de Parintins é impregnado de um imaginário social fruto dessa interação com a natureza, onde “há uma afirmação da cultura regional, tomando consciência de

²⁶ Recebem esta denominação por ser uma Amazônia cortada pela Cordilheira dos Andes. Os países que a compõem são: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Os países têm como base a agricultura para exportação, além do extrativismo mineral e vegetal. A cultura andina é bastante rica em histórias, representando os costumes dos antepassados indígenas. Disponível em: < <https://www.todoestudo.com.br/geografia/americanda-andina> > Acesso em: 03 dez. 2021.

²⁷ É um território diversidade socioambiental singular e importante para a conservação e salvaguarda do patrimônio socioambiental, cuja extensão é de 71 milhões de hectares compartilhados por quatro países: Brasil, Colômbia, Guiana e Venezuela. São 45 povos indígenas e dois patrimônios culturais do Brasil: Cachoeira de Iauaretê e Sistema Agrícola Tradicional do Alto Rio Negro, além de abrigar o ponto mais alto do Brasil: Pico da Neblina (lugar sagrado dos Ianomâmi). Essa particular Amazônia está sob alguma forma de proteção legal: 91 territórios indígenas, reconhecidos oficialmente, e 13 ainda sem reconhecimento, 23 unidades de conservação de proteção integral e 13 de uso sustentável (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2019).

²⁸ A Amazônia Bragantina constitui uma das mais antigas áreas de ocupação humana no território amazônico. A paisagem caracteriza-se por um alto grau de antropização acelerada a partir do desmatamento para a construção da rodovia Belém - Brasília. É uma região com especificidades socioculturais e ecológicas. Essa Amazônia é composta por treze municípios: Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Igarapé - Açú, Nova Timboteua, Peixe Boi, Primavera, Quatipurú, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua (CORDEIRO; ARBAGE; SCHWARTZ, 2017).

²⁹ Pacheco (2012) trabalha o termo Amazônia Marajoara, como também Marajós ou Marajós das Florestas ou Marajós dos Campos, no sentido de valorizar as diferenças, especificidades e semelhanças dos dezesseis municípios que compõem o Arquipélago de Marajó, no Estado do Pará: Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Currulího, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure. O Marajó é considerado a maior ilha fluvioamarítima do mundo, território diverso na sua composição natural, formando áreas de campos e florestas, que fazem do local uma região ímpar no cenário regional, nacional e global (BRASIL, 2020).

suas próprias maneiras de sentir, pensar e agir em relação aos outros, num processo dialético de identidade e alteridade”, como discorre o antropólogo parintinense Raimundo Vieira Filho (2002, p. 31), ou como destaca Marcos Montysuma ao dizer que “a cultura é amálgama que unifica e dá sentido aos sujeitos, que reunidos em dado grupo social, possibilita que se sintam pertencentes e integrados entre si, porque partilham os mesmos modos de vida e valores sociais” (MONTYSUMA, 2018, p. 53). Entrelaçados com o espaço, a cultura das florestas é local, mas vinculada a um todo das dinâmicas culturais amazônicas, onde os povos do passado e os povos do presente se encontram, num processo tanto de inclusão quanto de exclusão de símbolos, signos e significados. A cultura das Amazônias expõe um portal de tempos, pessoas e esperanças.

Diversas literaturas, em distintas áreas do conhecimento, mostram olhares únicos sobre a Amazônia. Ao escrever sobre ela ou, no modo mais plural, as Amazônias, requer uma imersão em escritos que aprofundem o conhecimento sobre as vidas nesse lugar, especialmente, vindos daqueles nascidos na região, que cresceram diante da lógica imaginativa deste espaço. Um desses escritores é o historiador paraense Leandro Tocantins, que escreveu obras que se tornaram clássicas sobre as dinâmicas sociais e ambientais da Região Amazônica. Tocantins analisou as diversas práticas do humano amazônico, nessa relação retroalimentada entre pessoa e ambiente, há possibilidades de compreensão da complexidade da vida nesse território, quando se analisa que:

Tantas são as ligações, interdependências, inter-relações, intercondicionamentos entre os elementos do *habitat*, concorrendo para uma certa ordenação humana, animal e vegetal, que, na realidade, é um processo de desenvolvimento de formas especiais de grupos humanos (TOCANTINS, 1982, p. 05).

Esse ordenamento social, cultural, ecológico e ambiental orienta as conjunções de realização da vida nessa floresta. As pessoas florestais praticam conceitos e aprendizagens que são compatíveis, coerentes e adaptados, e só fazem sentido quando considerada aquela realidade. As culturas produzidas são a manifestação dos fragmentos do passado que perduram no presente. Através das manifestações socioculturais ali praticadas, oferecem possibilidade de compreender as práticas humanas das e naquelas localidades. Contudo, o cientista cubano Emílio Morán (1990) alerta que a sociedade contemporânea atua nos espaços amazônicos como se este fosse homogêneo, esquecendo, segundo o autor, “de ajustar o comportamento humano de acordo com os limites e oportunidades que o ambiente físico oferece” (MORÁN, 1990, p. 24). É urgente colocar a leitura sobre o mundo amazônico num contexto de avanços nefastos, onde os protagonistas das florestas sofrem com a perda da flora e da fauna, colocados à margem das políticas públicas, que não levam em conta, a pluralidade cultural lá existente, pois, “esquece-se da presença das sociedades nativas da região que têm direitos e profundo conhecimento de tais áreas”

(MORÁN, 1990, p. 24). Há saberes em cada pessoa que lá nasceu, cresceu e vive. O conhecimento não é somente o padronizado por uma retórica universalista.

Os outros precisam enxergar a epistemologia dos saberes dos povos florestais, retirando de seus olhos o véu do preconceito sobre esses conhecimentos, sem impor uma ideologia que vê a natureza e a cultura local como algo que tem que ser extirpado. Há um argumento do líder indígena Ailton Krenak que diz: “Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios” (2020, p. 20). Não queremos um ambiente artificial nas Amazônias, ou conhecer as espécies através de livros ou filmes. Desejamos que a Floresta Amazônica permaneça em pé e os saberes florestais presentes, pois, “como os humanos, a “terra-floresta” sofre e sente dor quando derrubam suas árvores. Ela morre quando é incendiada, dando lugar a uma terra seca e quente, onde vai se instalar *Obinari a*, o espírito da fome” (ALBERTI; KOPENAWA, 2023, p.43). Uma terra sem floresta é uma terra sem vida, sem memória e sem cultura. Uma terra sem floresta afasta as pessoas e a torna uma terra morta, um lugar de mau agouro.

Na dinâmica da região de Parintins, potencializando a visibilidade daquelas pessoas que se encontram invisíveis como produtores de conhecimento, uma Amazônia cultural do passado se expõe no presente, por intermédio das culturas produzidas localmente, representantes das variedades dos pequenos territórios e seus contrastes tanto ecossistêmicos quanto socioculturais que perduram no tempo. É uma Amazônia de suas próprias lógicas temporais, onde o subir e o descer dos rios ditam a contagem das horas. Da cheia e da vazante que alteram os caminhos da travessia. Do tempo da pesca e da colheita que transformam a dieta alimentar. É a Amazônia de imaginários e saberes florestais atemporais, onde pessoas produzem e reproduzem a história e a cultura das florestas, formando a unidade entre velhos e novos, dando caras e formas a esse universo.

Cada quilômetro da terra amazônica apresenta um povo singular, com particularidades históricas e socioculturais ante as condições geológicas e climáticas específicas, por isso, habitar um determinado lugar esboça uma identificação do sujeito com seu entorno, enraizando-o, mesmo longe, àquelas expressões culturais que determinam seu modo de entender e agir sobre o mundo. Nesse ambiente, os parintinenses costuraram e costuram uma condição florestal, um existir - humano entre as florestas, específico às conjunturas da região, numa terra de muitas caras, histórias, costumes e imaginários, num impulso dançante, quase involuntário, num “dois pra lá e no dois pra cá” diante do rufar dos tambores do boi-bumbá. A partir da cidade de Parintins, se prolongam as expressões culturais da Valéria.

2.1.1 Uma breve descrição sobre Parintins

A sede do município é um conjunto de ilhotas, a Ilha de Parintins³⁰. Tem uma extensão de 15, 336 km², que se unem por meio de pontes de concreto, ligando as terras rodeadas por paranás, lagos e lagoas, como os cursos fluviais chamados de Microbacia do Macurany, Parananema, Aninga e lagoa da Francesa. Na Ilha, acontece uma manifestação folclórica conhecida como Festival Folclórico de Parintins, onde, no último final de semana do mês de junho³¹, os Bois - Bumbás Caprichoso (cor azul e estrela como símbolo) e Garantido (cor vermelha e coração como símbolo) se apresentam, durante três noites, num anfiteatro a céu aberto chamado “bumbódromo”. Uma festa realizada por pessoas do e no interior da floresta, que atravessou os espaços amazônicos, alcançando outros ambientes sob o som de tambores e flautas. O passo de dança “dois pra lá e no dois pra cá” é o ritmo característico do brincar de boi-bumbá, com uma performance corporal que lembra as tradicionais danças indígenas.

Essa Parintins, conhecida como a Terra do Boi-Bumbá ou Ilha da Magia, tem a história oficial iniciada com a chegada, em 1796, do capitão de milícias português José Pedro Cordovil, juntamente com seus agregados e escravizados, chamando o lugar de Ilha de Tupinambarana, tomando posse em nome da Rainha Maria I de Portugal. Na obra de Dom Arcangelo Cerqua (1980), bispo italiano católico, que escreveu sobre a história do município na década de 1980, há o apontamento para a existência de uma missão religiosa jesuíta residente em 1669 chamada São Miguel dos Tupinambaranas³²: “Era uma aldeia pobre, mas bem governada... Os missionários que por ali passavam se edificavam de zelo deste primeiro grande apóstolo dos Tupinambaranas” (CERQUA, 1980, p. 24). Um olhar romântico do religioso sobre a presença missionária, todavia, a história dos povos indígenas nas Américas aponta para o uso da força contra os costumes e crenças dos nativos, principalmente, na aceitação de um único Deus, cristão, onipresente e onisciente. Noutra história, essa extraoficial, Slater (2001), apresenta também figuras religiosas, dois padres, que em 1660 anunciaram ter encontrado uma aldeia indígena no local onde, nove anos mais tarde, um terceiro dedicou a capela à São Miguel, conforme Cerqua (1980) descreve. Slater ainda narra:

³⁰ O nome “Parintins” só foi adotado em 15 de outubro de 1880, quando a sede passou à categoria de cidade, em homenagem aos povos indígenas Parintintins, um dos inúmeros que habitavam a região. De acordo com Bittencourt (2001, p. 16), Parintins teve várias denominações: “primitivamente chamou-se *Tupinambarana*, depois *Villa Nova da Rainha*. Mais tarde de novo *Tupinambarana*. Depois *Villa Bella da Imperatriz*, e por último, quando elevado à comarca e cidade, *Parintins*”.

³¹ Devido à pandemia COVID 19, entre os anos de 2020 e 2021, o Festival Folclórico não se realizou, retornando em 2022.

³² Cerqua (1980) ainda nos conta que em 1723, a aldeia passa a ser chamada “São Francisco Xavier dos Tupinambaranas”, por causa do missionário Padre Manuel dos Reis, que substituiu a capela provisória em honra a São Miguel para outra em homenagem a São Francisco Xavier.

Embora a cidade, em 1730, informasse ter uma população de pouco menos de quinhentos índios, a varíola e o beribéri a dizimaram dez anos mais tarde, cabendo a José Pedro Cordovil, capitão das milícias portuguesas, novamente fundar a comunidade em 1796. Os escravos e trabalhadores contratados que acompanharam Cordovil dedicaram-se principalmente à agricultura e à pesca. Sete anos depois, um grupo de frades carmelitas chegou, e logo começou a acusar Cordovil de fornecer aos indígenas grandes quantidades de cachaça para melhor explorar seu trabalho. Cordovil, por seu lado, acusou os missionários de encorajarem os nativos a cederem “à preguiça natural” e fomentar a insubordinação (SLATER, 2001, p. 47).

Nesse jogo de acusações, tanto as missões católicas quanto a ordem portuguesa, através de capitães destinados para o controle dos grupos humanos amazônicos, chegaram sibilando sinos e tiros. Os grupos que chegaram aos espaços florestais identificavam os indígenas como seres com costumes selvagens e padrões estéticos que se distanciavam do que para eles era considerado civilizado. O parâmetro de civilização eram as características do homem branco, cristão e europeu: “a Amazônia, a serem exatas as afirmações dos que negam os trópicos, sofrerá os rigores de todo aquele estigma a que foram submetidos os espaços tropicais”, como declara o historiador amazonense Artur César Ferreira Reis (1960, p. 12). E assim aconteceu. Na queda de braço entre Cordovil e os frades, os povos indígenas foram os que mais sofreram. As dinâmicas humanas e culturais se vulnerabilizaram. A ode portuguesa provocou o silêncio das vozes e saberes florestais. Na história moderna parintinense, o poder público trata José Pedro Cordovil como um herói, desbravador da floresta, erguendo um busto com suposto rosto desse capitão português em frente à antiga sede da prefeitura municipal. Infelizmente, não se contextualiza a forma de uso e usufruto que ele teve contra os povos nativos. É necessário recontar a história de Parintins a partir dos povos indígenas e que os bustos estampados nas praças sejam dos líderes das etnias extintas da terra de Parintins.

Ao fazer um rápido panorama sobre a relação dos povos indígenas com os invasores, reforçamos que as primeiras civilizações das Amazônias sucumbiram aos ataques tanto físicos quanto espirituais e mentais: “o fim do indígena era o abandono da sua condição de pagão e infiel, não uma morte, mas um renascimento, não importando o quanto outros fatos, julgados menores, pudessem turvar a cena” (OLIVEIRA, 2016, p. 83). Um renascimento contra a vontade de inúmeras comunidades humanas. O processo “civilizatório” foi, severamente, implantado a ferro e fogo sem se importar com os seres ambientais e as práticas culturais existentes nos espaços florestais: “Não era a civilização que Portugal trazia para o [rio] Negro e o [rio] Solimões, embora essa palavra fosse sempre utilizada nos discursos da época. Era a escravidão, a deculturação e, em casos extremos, a morte” (LEONARDI, 1999, p. 58) [grifo nosso]. Grande tragédia se apresentava diuturnamente nos rincões. A tranquilidade deu lugar às tensões. O caos se instalou. As vidas indígenas, aos poucos, foram morrendo. Cenários que ainda se repetem em pleno século XXI,

como o caso da tragédia humanitária da etnia Ianomami, no Estado de Roraima³³, gerenciada pelo Governo Jair Bolsonaro.

Tanto no ontem quanto no hoje, a questão inicial que nasce dos povos não nativos contra os povos nativos é se aquelas pessoas pertenciam à humanidade ou se tinham almas. Para o antropólogo francês François Laplantine (2000), o critério era essencialmente religioso, visto que, os povos indígenas possuíam seus deuses e crenças fora do contexto cristão/civilizacional do pensamento da época, essa situação se origina também “da famosa ausência de F L R na língua dos indígenas” (NEVES, 2020, p. 100). Este jogo de “cara e coroa” construído contra o indígena e sua cultura, mostra o entendimento religioso como o elemento acessível e analisável dos parâmetros humanos, tais condições favoreceram a conquista política do espaço e a afirmação do Estado - ontem o português, hoje a mão do mercado - como o “Senhor do lugar”. A retórica conservadora costurou uma ideologia que distinguisse o mau selvagem (animalidade) e o bom civilizado (humanidade), que, na descrição de Laplantine, consiste em três configurações: 1) eles estão nus ou vestidos de peles de animais; 2) eles comem carne crua e 3) eles falam uma língua ininteligível. Essas descrições foram utilizadas contra os povos originários.

Assim, não acreditando em Deus, não tendo alma, não tendo acesso à linguagem, sendo assustadoramente feio e alimentando-se como animal, o selvagem é apreendido nos modos de um bestiário. E esse discurso sobre a alteridade que recorre constantemente à metáfora zoológica, abre o grande leque das ausências: sem moral, sem religião, sem lei, sem escrita, sem Estado, sem consciência, sem razão, sem objetivo, sem arte, sem passado, sem futuro (LAPLANTINE, 2000, p. 41).

E para “preencher as ausências humanas” iniciaram o processo de repovoamento das Amazônias a partir de duas forças: a da conquista, para fins comerciais e utilitaristas (exploração dos seres ambientais) e da catequese (“civilizar” os povos indígenas), representada pelos missionários católicos da Companhia de Jesus³⁴, a princípio. A Igreja Católica contribuiu muito para a ampliação lusitana nos espaços florestais, fragilizando as crenças espirituais indígenas, com seus deuses, rituais e lendas próprias: “Essas crenças religiosas nativas entravam inevitavelmente em conflito com a ideologia cristã que fornecia outras explicações para a origem das coisas” (WAGLEY, 1988, p. 226). Em 1655, os jesuítas haviam fundado 54 missões, 28 ao longo do rio

³³ Disponível em: < Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br)> Acesso em: 20 fev. 2023.

³⁴ É também chamada Ordem dos Jesuítas. Fundada em 1534 por Inácio de Loyola, espanhol que foi soldado, fez votos de pobreza, castidade e dedicação a Deus após ter sido gravemente ferido por um tiro de canhão em 1521. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/companhia-de-jesus-ordem-dos-jesuítas/>> Acesso em: 22 maio 2021.

Amazonas. Após o Regimento das Missões³⁵, de 1686, que aboliu o controle preferencial que os jesuítas tinham sobre os indígenas do extremo ocidental, outras ordens religiosas chegaram, como: os Mercedários³⁶, os Carmelitas³⁷ e os Franciscanos³⁸ (LEONARDI, 1999). Implantou-se, à contragosto dos grupos indígenas, a ideologia do cristianismo católico.

O trabalho missionário está tão intimamente ligado ao processo social e econômico regional, que ninguém poderá reconstituir os fatos da História amazônica, ou tentar uma interpretação sociológica, sem levar em conta os aldeamentos indígenas, a catequese dos religiosos, as formas que estes puseram em prática para atingir uma produção econômica vantajosa aos serviços e fins da Ordem, e, ao mesmo tempo, aos interesses políticos da metrópole de manter soberania efetiva sobre o território. A exploração florestal, na base das especiarias, jamais teria criado nódulos estáveis de civilização no interior do vale se o missionário tivesse ausente da empresa colonizadora (TOCANTINS, 1982, p. 15).

Através dessas intervenções, os lusitanos promoveram uma luta contra os costumes dos povos nativos, buscando fixar seus símbolos e ideias sobre as mentes das pessoas, “o objetivo mais nobre da colonização [...] era a transformação do indígena em cristão, a salvação de sua alma, o que implicava um renascimento espiritual” (OLIVEIRA, 2016, p. 98). O sociólogo porto – riquenho Ramon Grosfoguel (2016) discute que o avanço contra a cultura nativa começou pela aniquilação da espiritualidade e do conhecimento dos grupos constituídos, visto que, “os missionários foram responsáveis pela desestruturação do sistema tribal indígena, pela perda de valores e padrões próprios da cultura autóctone” (NEVES, 2020, p. 90). Outro agravante é que eram considerados pelos invasores como pessoas sem alma, que poderiam ser escravizadas no processo de trabalho.

Nesse avanço pelos rios e pelas florestas, originou-se, também, o princípio das cidades amazônicas, a partir dos povoados catequéticos. Havia o estabelecimento de aldeamentos em pontos estratégicos, ao longo do rio Amazonas e de seus principais afluentes, para os quais atraíam inúmeros indígenas e, “num prazo relativamente curto, milhares de índios dessas tribos transformavam-se em ‘índios jesuítas’ que viviam segundo os preceitos instituídos pelos padres jesuítas, abandonando seus padrões culturais aborígenes” (WAGLEY, 1988, p. 63). No Estado do

³⁵ Para Carvalho Junior (2013), a necessidade do estabelecimento das Missões Religiosas na Amazônia deveu-se o receio, por parte da Coroa Portuguesa, da influência e do domínio dos calvinistas franceses e reformistas ingleses, holandeses e irlandeses que passaram a se localizar ao longo do litoral, colocando em perigo os interesses mercantis e políticos dos portugueses na região. Ademais, o temor era maior na relação com os povos indígenas, doutrinando-as sobre outras diretrizes espirituais, por essas razões, era unânime para os primeiros conquistadores da região a necessidade do apoio das ordens missionárias para o domínio e controle definitivo das populações originárias.

³⁶ É a Ordem de Nossa Senhora das Mercês. Fundada em 1218 por São Pedro Nolasco, francês, que desenvolveu seu trabalho religioso na Espanha. Disponível em: <<https://mercedarios.org.br/>> Acesso em: 22 maio 2021.

³⁷ Também chamada de Ordem do Carmo, que surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_do_Carmo/> Acesso em: 22 maio 2021.

³⁸ É a Ordem dos Frades Menores. Fundada, em 1209, por São Francisco de Assis, que oriundo de uma família rica, desistiu de sua riqueza para viver uma vida em solidariedade com os mais pobres. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/carisma/as-ordens#gsc.tab=0/>> Acesso em: 22 maio 2021.

Amazonas, cidades importantes surgiram destes núcleos, como: Parintins (fundada em 1669 pela Ordem da Companhia de Jesus no rio Amazonas), Itacoatiara (fundada em 1683 pela Ordem da Companhia de Jesus no rio Amazonas), Airão³⁹ (fundada em 1694 pela Ordem do Carmo no rio Negro), Barcelos (fundada em 1728 pela Ordem do Carmo no rio Negro), Borba (fundada em 1755 pela Ordem da Companhia de Jesus no rio Madeira) e Tefé (fundada em 1759 pela Ordem da Companhia de Jesus no rio Solimões). Tanto os jesuítas quanto os Carmelitas exerceram importantes papéis na construção de povoados ao longo dos rios.

E no século XVIII, nas paragens de Parintins, mesmo que o primeiro-ministro português, o Marquês de Pombal, preconizasse que a ilha recém-conquistada fosse transformada numa fazenda agrícola, o capitão Cordovil não apoiava a agricultura e tornou-se um grande explorador dos grupos indígenas ali viventes, obrigando-os à coleta de bens ambientais, de forma violenta. Na Ilha, nesse tempo, habitavam os Tupinambás, porém, mais tarde, chegaram os Maués, Sapopés, Peruvianos, Uapixanas e Mundurucus (REIS, 1967; BITTENCOURT, 2001; SAUNIER, 2003). Nos dias atuais, na região existem os Sateré - Mawé⁴⁰ e os Hixkaryana⁴¹, que de acordo com o censo de 2010, representam 0,5% da população⁴².

Victor Leonardi (1999) discorre que não houve um repovoamento como preconizava a Coroa Portuguesa, mas sim, um processo de despovoamento da bacia amazônica, que se caracteriza, até hoje, pelo grande paradoxo do Norte do Brasil. A ganância pelas riquezas amazônicas - e no entendimento obscuro que são grandes extensões de terra sem dono -, pessoas forjam, ilegalmente, documentos que garantem para si esses terrenos, numa artimanha que é chamada de grilagem⁴³. Os grileiros pensam no usufruto ao bel-prazer dos seres ambientais, sem

³⁹ Hoje é um povoado desabitado. A sede atual é Novo Airão, região metropolitana de Manaus /AM, que se destaca por abrigar o Parque Nacional de Anavilhanas - unidade de conservação de proteção integral da natureza. Disponível em: < <https://amazonasatual.com.br/novo-airao-encanta-com-ruinas-misterio-botos-e-dinossauros/>> Acesso em: 22 maio 2021.

⁴⁰ Sateré -Mawé significa *sateré*: lagarta de fogo (referência ao clã mais importante dentre os que compõem esta sociedade, aquele que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos) e *mawé*: papagaio inteligente e curioso). Ao longo de sua história, já receberam outros nomes dados por pessoas de fora, como: Mavoz, Jaquezes, Mahués, Orapium, entre outros. Disponível em: < https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9> Acesso em: 15 dez. 2021.

⁴¹ Hixkaryana (*bixka*: veado vermelho; *yana*: povo; *bixkaryana*: povo veado vermelho) é um nome genérico para designar vários grupos de línguas e culturas diferentes, que vivem nos vales dos rios Nhamundá (Amazonas - Pará) e Médio Jatapu (Amazonas). Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Hixkaryana>> Acesso em: 15 dez. 2021.

⁴² Utilizamos os dados referentes à 2010, devido - durante a escrita da tese - o censo de 2022 não ter disponibilizado as informações referentes a este grupo.

⁴³ É uma prática antiga para conseguir posse de terras. Os papéis eram falsificados ao serem colocados em caixas com grilos. Com o passar do tempo, a ação dos insetos dava ao documento uma aparência envelhecida. Disponível em: < https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia/grilagem_na_amazonia/> Acesso em: 17 jan. 2021.

enxergar as vidas humanas lá existentes e que a floresta é um ser com finitude. Os grileiros matam aqueles que ousam atravessar seus caminhos.

A Fundação Nacional do Índio - FUNAI aponta para o decréscimo de povos indígenas brasileiros desde 1500 até os anos de 1970. Numericamente passou de 3 milhões em 1500 para 817.963 em 2010, de acordo com o censo desse ano. Essa situação mostra o quanto os grupos indígenas foram massacrados ao longo do tempo e, nas palavras de Heck et al. (2005, p. 239), a vinda dos invasores portugueses “provocou uma das maiores catástrofes demográficas da história da humanidade, além de um etnocídio sem precedentes”. A cultura das florestas de hoje, não é a mesma do passado, houve adaptações dos saberes, ou, talvez, infelizmente, o esquecimento de processos culturais. Para Ailton Krenak (2020, p. 14), “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”. E não é isso, no século XXI, que ansiamos para as pessoas florestais. É preciso lutar arduamente contra aqueles que desejam usurpar as terras das pessoas que nela e dela vivem.

Apesar da forma virulenta do projeto colonial, a cultura indígena mantém-se resistente nos espaços florestais. A contribuição dos saberes indígenas permaneceu no mundo cultural das comunidades humanas. Hábitos, linguagem, costumes, culinária, técnicas de caça, pesca e coleta, formas de pensar, “enfim, um sem – número de traços de cultura ainda hoje vivos e predominantes na vida regional”, como ressalta Leandro Tocantins (1982, p. 19), estão intensamente presentes na cultura de cada pessoa florestal em todos os espaços, que ao longo dos anos, recebeu outros povos que promoveram novas dinâmicas à identidade local. Povos que trouxeram seu imaginário social, adaptando-os à vida na floresta, construindo uma identidade que o torna um sujeito fronteiriço, na sua origem, num cá e lá de traços étnicos, linguagem e conhecimentos, que na sua transmutação regional, o torna uma pessoa florestal.

Em Parintins, além da corrente migratória de nordestinos, a Ilha recebeu portugueses, espanhóis, japoneses, judeus, italianos e outros grupos étnico-raciais. Pessoas que trouxeram seus saberes, os reconstruindo à esta nova terra. São as gerações daqueles que chegaram de outras paragens, uma “*Gente que veio de longe/ Na bagagem, o horizonte/ É judeu, é cearense/ Do além-mar/ Gente que veio de longe/ Do oriente, na aventura, a semente*”, bem expressado pela toada “Ancestralidade” de Leonardo Pantoja e Ricardo Fábio, que traduziram novas estratégias culturais numa terra, até então, desconhecida. Essa e outras toadas locais destacam a participação de outros povos na constituição e construção da identidade social e cultural parintinense, onde muitos se espalharam não somente na cidade, mas, em outros espaços florestais do território. Em homenagem a esse povo que veio de longe, a figura 05, a minha família materna, oriunda do Estado do Ceará, representa as famílias

que de outros lugares vieram, concatenando seus saberes a outros saberes, organizando uma hibridização de expressões culturais.

Figura 05 - Família Monteiro: descendentes de migrantes cearenses (Década de 1960)



Fonte: Gracy Kelly Monteiro Dutra (Arquivo Pessoal).

Essa cultura nascida das e nas florestas, para a estudiosa roraimense e professora da Universidade Federal do Amazonas Therezinha Fraxe (2010, p. 295), “mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores recorrentes de sua história”, mostrando-se em cada geração constituída nestes territórios. A complexidade sociocultural oriunda de distintos povos, vindos de diversas partes do Brasil e de outras regiões do mundo, transformaram as práticas culturais do interior das matas e beira de rios, mas também assimilaram as tradições locais, firmando-a na cultura das florestas. Uma hibridização que apresenta um processo histórico, sociocultural e ecológico-ambiental retroalimentado: “o homem subordinando-se à floresta, aos rios, umas espécies de vegetais às outras, os animais aos homens, estes aos animais, as plantas aos seres humanos” (TOCANTINS, 2020, p.83). Um elemento humano consubstanciando um saber entre o passado e o presente, que se encontram fundidos em suas condições florestais. A cultura é a estrutura que solidifica o imaginário humano, é para Raymond Williams, comum a todos, ademais,

Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A

sociedade em desenvolvimento é um dado e, no entanto, ela se constrói e se reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e dos significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação. Depois, em segundo lugar, mas de igual importância, está a comprovação destes na experiência, a construção de novas observações e os significados que são apresentados e testados (WILLIAMS, 2015, p. 05).

A cultura não é estanque. Está num processo de produção, reprodução e tradução constante. As pessoas elaboram ressignificações de seus saberes sempre assimilando e/ou adaptando práticas originadas de outras essências humanas às suas. Um exemplo, é a condição de proximidade com o Estado do Pará que influencia a cultura parintinense. Alguns paraenses que visitam Parintins e tem contato com os moradores, afirmam que Parintins é a cidade mais paraense do Amazonas.

Nessa região fronteira, a cultura paraense é refletida nos parintinenses, como o dialeto e sotaque com grande influência portuguesa (o chiado), o S com som de X, a exemplo da palavra “mesmo”, que foneticamente torna-se “mexmo” ou a palavra “mas”, que torna-se “maix”. Alguns de fora, dizem que o sotaque é “cantado” ou semelhante à forma de falar do carioca. Outra situação do falante parintinense, é o uso do tu na conjugação dos verbos (exemplo: tu fizeste), em mistura com os falares indígenas, como: *carapanã* para *mosquito*, *curumim* para *menino* e *cunbantã* para *menina*, ou em expressões como *égua*, uma interjeição que pode ter vários sentidos, dependendo da entonação (susto, surpresa ou raiva). Uma outra expressão bem típica do parintinense, e bastante corriqueira, na formulação de frases é o “*Olba já!*”, que significa surpresa ou admiração. Também existe o “*flal*”, que em outras regiões é conhecido com sacolé, chup chup e gelinho. Essas variações linguísticas e expressões culturais estão expressas nas vozes das pessoas narradoras, porém, as transcrições não mostram o som por eles expressado, mas, apontam para as expressões do dia a dia local.

Nas florestas adentro de Parintins, existem 175 espaços florestais, onde vivem 32.161 pessoas⁴⁴ espalhadas entre as florestas ao longo do rio Amazonas, dentre estas as da região da Valéria. Gerações que crescem sob a sombra das árvores, diante de rios e na presença de sons, ora meditativos ora sombrios, construindo e constituindo a cultura das florestas, firmando-as entre vivências, saberes e experiências nos espaços florestais, onde

Eles conhecem os solos, a flora e a fauna, a cheia e a vazante dos grandes rios, a época das chuvas e os períodos relativamente secos, os perigos dos insetos e das doenças endêmicas, e muitos outros aspectos do seu meio ambiente. E, a partir dessa experiência, moldaram a sua própria cultura amazônica, com seu próprio sistema social, sua cozinha, suas formas de recreação e sua mitologia (WAGLEY, 1988, p. 15).

⁴⁴ Segundo dados obtidos na Secretaria Municipal de Pecuária, Agricultura e Abastecimento - SEMPA em novembro de 2020.

Esses lugares habitados no interior das Amazônias, para inúmeros autores, têm o verbete de comunidades rurais, como também é o termo utilizado pelas pessoas florestais em suas narrativas. O conceito de comunidade tem significados variados, que se agregam às distintas áreas de conhecimento. Por exemplo, na Geografia, refere-se ao conjunto de todas as populações que habitam uma área, em um determinado tempo, que se assemelha ao conceito de ecossistema⁴⁵. Na Sociologia, no conceito clássico do alemão Ferdinand Tönnies (*apud* BIRNBAUM; CHAZEL, 1977, p. 107), “tudo que é confiante, íntimo, vivendo exclusivamente junto, é compreendido como vida em *comunidade* (assim o acreditamos). A *sociedade* é o público; é o mundo” [grifo do autor]. A comunidade inclui um sentimento muito forte de pertencimento e compromisso mútuo baseado numa cultura homogênea, experiência em comum e acentuada interdependência, que durante o processo de modernização promove uma perda desse elo comunitário (JOHNSON, 1997; DASHEFSKY, 2003; SCOTT, 2010). Tönnies ainda faz a distinção entre comunidades rurais e urbanas: a comunidade rural tem como principais características uma população pequena, dispersa, relativamente homogênea, que se ocupa principalmente da agricultura enquanto a comunidade urbana possui população numerosa, densamente assentada e um tanto heterogênea. Em outro enfoque, o sociólogo Zygmunt Bauman (2003) salienta que comunidade é um lugar cálido, acolhedor e confortável, onde as pessoas podem relaxar, pois há o companheirismo e confiança, levando à segurança necessária no mundo moderno. A comunidade denota um elo entre as pessoas, sentimento de amparo e afetividade, um lugar privativo que dá singularidades a quem lá vive. Os conceitos difundidos sobre comunidade, especialmente comunidade rural, foram elaborados dentro de uma retórica ocidentocêntrica que o universalizou, em que o parâmetro foi produzido nas expectativas das relações sociais da sociedade moderna.

No entanto, caracterizo aqui as comunidades rurais como espaços florestais, conceito que busca envolver a complexidade sociocultural do *habitat* das Amazônias, onde a lógica não é de isolamento, mas, de um lugar distante em inteira comunicação com o mundo local e global, onde os saberes florestais são concebidos entre símbolos, signos e significados, que agregam singularidades e sentimento de pertencimento de uma pessoa a uma dada condição florestal e cultural. Essa adaptação de comunidades rurais para espaços florestais parte do entendimento exposto pelo cientista cubano Emílio Morán (1990) quando argumenta sobre a heterogeneidade dos habitantes diante da diversidade do ambiente, dos contatos interétnicos ao longo do processo de povoamento, das intervenções estatais e, especialmente, quando Morán (2010) aprofunda a

⁴⁵ Descrição de todos os componentes de uma área específica, incluindo os componentes vivos (organismos) e os fatores não - vivos (como ar, solo e água), além das interações que existem entre todos os componentes.

complexidade do humano frente ao ecossistema, nas diversas estratégias e traduções culturais na floresta em tempos de fragilidade ecológica. A utilização de espaços florestais aproxima o termo e o conceito à realidade dos povos florestais, às dinâmicas nas Amazôniaas brasileiras e à tradução dos saberes florestais às condições do tempo-presente.

As populações indígenas e caboclas da Amazônia têm-se adaptado ao meio ambiente físico amazônico e às forças externas da sociedade colonial e nacional. Os graus de adaptação ao meio ambiente amazônico que cada uma tem atingido num dado momento varia, em função das forças históricas, sociais e político-econômico da sociedade brasileira, enquanto que outras terão práticas sofisticadas de manejo ambiental desenvolvidas gradativamente (MORÁN, 1990, p. 26).

A abrangência conceitual dos espaços florestais parte do contexto de que as pessoas se adaptam ao tipo de floresta e de águas que o circundam, criando condições florestais inerentes a essa constituição física e, por conseguinte, criam expressões culturais à essa realidade, ou, como diz Morán (1990; 2010), criam adaptações humanas e/ou culturais. Ab'Saber (2002) descreve o mundo ecossistêmico amazônico em três categorias: 1) ecossistemas contrastados de terras - firmes: tipo enclaves de cerrados, ilhados no meio das grandes matas; 2) diferenciações intraflorestais: causadas pela presença de manchas de areia branca em terraços, várzeas e interflúvios arenosos, ou pela demorada presença de água que transborda em planícies de rios sujeitos a fortes oscilações de nível; e 3) ecossistemas extremamente localizados: originados por mini-refúgios nas paredes de “pães - de - açúcar” e lajedos, ou seu entorno ou ocorrentes em íngremes barrancas de abrasão fluvial. Pensar nessa geografia, é colocar a pessoa diante de uma orientação ambiental que o adapta à vida nessa natureza, por isso, neste estudo trago como sinônimo dos agrupamentos humanos amazônicos o termo espaços florestais, ao invés de comunidades rurais.

Tem pessoas que estão nas florestas de terra firme, nas savanas de terra firme ou nas várzeas baixas ou altas, entrecortados por rios de superfície com águas brancas (as barrentas), águas claras (esverdeadas / transparentes) ou águas pretas, coroados por rios voadores⁴⁶ que irrigam as terras, pisando sobre o sistema aquífero chamado Grande Amazônia⁴⁷. Esses detalhes modelam as estratégias de sobrevivência e expressam uma variante da cultura das florestas, conforme estudos de Ecologia Humana na Amazônia de Morán (1990) sobre a adaptabilidade das populações nas

⁴⁶ São cursos de água atmosféricos, invisíveis, formados por vapor de água, muitas vezes acompanhados por nuvens, propelidos pelo vento. A Floresta Amazônica presta um serviço ambiental ao sugar para dentro do continente os ventos umedecidos pelo oceano, alimentando os rios voadores com umidade e distribuindo-a para o resto do Brasil. Disponível em: < http://brasildasaguas.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2013/05/caderno_rios_voadores.pdf> Acesso em: 09 dez. 2021.

⁴⁷ Também chamado SAGA, o sistema aquífero da Grande Amazônia é o maior corpo submerso de água do mundo. Os cientistas estimam que detém mais de 160 trilhões de metros cúbicos de água mineral, representando, aproximadamente, 80% do volume total de água da Bacia Amazônica. Disponível em: < <https://dropsofamazon.com.br/aquifero-da-amazonia/>> Acesso em: 09 dez. 2021.

distintas florestas e águas pretas. Nessa obra, Morán não faz um recorte sobre a adaptabilidade humana em águas claras e brancas - esta última, é a caracterização das águas que banham o território de Parintins -, mas alerta sobre as fragilidades teóricas referentes a tipos não estudados por ele. Morán lança possibilidades de ação e de análise para outros estudiosos.

Em muitos dos casos, os dados não foram coletados ou publicados até agora e esperamos que uma nova geração de pesquisadores investigue a Amazônia com um esquema que lhes permita chegar a uma compreensão mais completa das relações entre o homem e os habitats amazônicos (MORÁN, 1990, p. 157).

Nessa apreensão, é necessário marcar que o povo florestal da Amazônia da Valéria está em maior parte dentro de uma floresta de terra firme, com pequenas partes em florestas de várzea, banhadas por cursos de águas brancas. É um povo com estratégias socioculturais que os apresentam e os representam perante outras realidades socioculturais. Uma identidade que demarca saberes florestais amazônicos numa construção coletiva e integrativa entre gerações, expressas “no velho e no novo” de cada família.

2.2 DE PARINTINS ATÉ A VALÉRIA: DESEMBARQUE

Entre as terras em grande quantidade, com a vigília silenciosa e imponente das árvores que se alastram nos caminhos dos rios e em seus braços, as pessoas nos espaços florestais se entrecruzam no conhecimento secular dos povos que habitam e vivem as dimensões culturais e ambientais do altivo universo das Amazônias. Ao longo de décadas, pessoas fixaram raízes nestas terras na expectativa de existir (e resistir) na opulência verdejante, faunística e florística, aos humores dos rios e à lógica dos seres ambientais, envoltos pelos segredos das florestas e das águas, construindo saberes singulares que se edificam a partir do lugar habitado e vivenciado. O desenvolvimento dos saberes florestais amazônicos é produzido pelas condições geográficas, ecológicas, culturais e ambientais que os protagonistas dessa realidade se encontram.

A cultura das florestas aprendida e compartilhada através de seus membros, é elemento de sobrevivência e fomento de conhecimentos das pessoas, como argumenta Williams (2015) sobre ser um modo de vida, ao mesmo tempo, ordinário, que é aguardado, familiar e o extraordinário, que surge alterando as percepções e entendimentos estabelecidos. Ir ao encontro dessa cultura, os balanços do rio Amazonas impulsionaram o embalar da minha rede à Valéria, como também, as trilhas da mata engrandeceram minhas idas pela estrada Vila Amazônia - Santa Rita da Valéria por motocicleta. E num suave balanço com um vento refrescante no rosto, lembrei a leitura de C. Wright Mills (1980). Este sociólogo diz que é preciso que o cientista social transforme sua

inquietação num artesanato intelectual ao tratar a ciência social, nas diversas áreas das humanidades, num verdadeiro ofício, onde:

A erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício; para realizar sua potencialidade e as oportunidades que lhe surgem, ele constrói um caráter que tem, como essência, as qualidades de um bom trabalhador (MILLS, 1980, p. 212).

Novas condições foram proporcionadas na perspectiva de compreender um local que ao mesmo tempo é afastado e próximo de minha realidade. Sair da cidade e desbravar um território, a mim desconhecido e também aos conterrâneos, me fez trilhar caminhos, nunca imaginados. A Valéria é emblemática. Ela é mais conhecida por turistas estrangeiros do que pelos próprios parintinenses e outros turistas nacionais. É o roteiro indispensável das grandes empresas de turismo internacional.

No reconhecimento do lugar e dos moradores da Valéria, tive contatos, *in loco*, com as pessoas moradoras da região, especificamente, os que habitam a área do espaço florestal chamado Betel, entre outubro de 2021 e outubro de 2022. Num ir e vir que envolveu viagem de barco pelo rio Amazonas e motocicleta pela estrada Vila Amazônia - Santa Rita da Valéria. Mas, também tive encontros na cidade de Parintins, com alguns membros da família Xavier de Oliveira.

Entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, fui de barco para a região da Valéria. Para conhecer a lógica das vidas edificadas naquela cultura, saía da cidade de Parintins sempre nas sextas-feiras, uma viagem que dura, em média, 02 horas e 50 minutos (no período da cheia) pelas águas barrentas do rio Amazonas - dependendo dos passageiros, que podem ficar ao longo do rio, em outros espaços florestais. O barco Souza I de propriedade do Sr. Valdemir Pires (morador do espaço de Samaria da Valéria) foi minha liga às condições florestais da e na Valéria. O retorno acontecia aos domingos, com duração aproximada em 04 horas e 15 minutos.

Como um canoieiro na lida diária por seus alimentos, expressei um trecho representativo dessa labuta pelas águas, mediante a toada “Saga de um canoieiro” de Ronaldo Barbosa que diz: “*Vai um canoieiro/ Nos braços do rio/ Velho canoieiro vai/ Já vai canoieiro*”. Em setembro de 2022, escolhi ir à região por terra, com o auxílio de uma pessoa que já tinha feito o trajeto por motocicleta. Parintins, por ser uma ilha, tivemos que pegar uma balsa⁴⁸ para chegar à Gleba de Vila Amazônia, depois seguir pela estrada até Santa Rita, o primeiro espaço florestal da região da Valéria. Em média tanto a ida quanto a volta duraram 02 horas e 30 minutos cada. A estrada estava seca, não havia

⁴⁸ É uma embarcação de fundo chato, com pequeno calado, para poder operar nos rios. É utilizada para transporte de veículos e passageiros. Entre 6h e 18h horas a Balsa Parintins - Vila Amazônia opera diariamente.

chovido, o que fez com que não houvesse transtornos na viagem. Para chegar ao espaço Betel, aguardamos na beira do lago da Valéria e tivemos que esperar algum transporte que nos levasse à casa dos meus narradores, no outro lado do rio. Em quinze minutos, um jovem passou numa canoa e nos levou ao destino. Como pesquisadora, fui com os sentidos atentos para conhecer, reconhecer e compreender as condições florestais e os saberes florestais desse povo da Valéria, entre as trilhas e os banzeiros da produção de conhecimento. A figura 06 apresenta o caminho pelo rio Amazonas até a Valéria.

Figura 06 - Viagem pelo rio Amazonas à Valéria



Fonte: Dutra, out. /2021.

Olhar o outro, sentir, perceber e compreender as conexões com um mundo cultural específico nos leva a aprender um novo tipo de vivência, de um agrupamento social fora do dia a dia, de representações sociais alheias de sua condição humana. O teórico e crítico cultural inglês Raymond Williams (2015) escreve que:

O olho não é uma câmera, ou se for uma câmera, é uma câmera cujos resultados devem ser desenvolvidos. Esse desenvolvimento se faz em um cérebro humano, que evoluiu durante incontáveis gerações, mas que, ao mesmo tempo, se desenvolveu em nosso crescimento da infância à maturidade, a partir de conjuntos de regra da nossa sociedade, a partir de conexões que efetivamente integramos. Essas regras, em grande parte, determinarão o que vemos e o que podemos descrever (WILLIAMS, 2015, p. 32).

Cultivar novos entendimentos, a partir de seus sentidos e visões de mundo, sobre as dinâmicas humanas, produz uma nova arte, como diz Mills (1980), um artesanato intelectual que só o pesquisador ou pesquisadora pode fazer ou inventar, como expressa o antropólogo Wagner (2017). Como uma estudiosa da cultura das florestas, a postura antropológica permeia a linguagem da minha escrivência. Assim,

Se assumimos que todo o ser humano é um “antropólogo”, um inventor de cultura, segue-se que todas as pessoas necessitam de um conjunto de convenções compartilhadas de certa forma similar à nossa “Cultura” coletiva para comunicar e compreender suas experiências. E se a invenção é realmente tão básica para a existência humana quanto sugeri, então a comunicação e o conjunto de associações e convenções compartilhadas que permite que a comunicação ocorra são igualmente básicos. Toda expressão dotada de significado, e portanto toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos (WAGNER, 2017, p. 69).

Nessa cultura a ser compreendida, munida de inquietude, receios, dúvidas, questionamentos e, principalmente, com muita sede pelo reconhecimento dos saberes florestais amazônicos, fui ao encontro de pessoas, até então, estranhas, que pudessem mostrar a complexidade da cultura das florestas. Adentrar esse mundo com distintos imaginários sociais possibilitará que os outros Brasis, e, também as outras Amazônias, percebam a organização social, cultural e política dessa sociedade cultivada entre as florestas da Valéria, onde histórias são construídas e ressignificadas no contato entre gerações.

Navegar o rio ou caminhar pelas terras foi necessário para sentir as dinâmicas culturais existentes, porém, condicionados aos reflexos de realizar pesquisa em tempo da Pandemia Covid - 19, causada pelo coronavírus SARS – CoV 2, que vitimou milhares de pessoas, trazendo tristeza, medo e desespero, principalmente, para o Estado do Amazonas. Nessas viagens, fui acometida durante a ida de janeiro de 2022 – tanto eu quanto meus narradores – pelo vírus, ficando sete dias debilitada, me cuidando para que não houvesse complicações relativas à infecção. É preciso calcular as possíveis consequências ao ter contato direto durante pesquisas de campo nesse mundo em que o vírus ainda circula, mesmo que o Brasil tenha tido grande cobertura vacinal, os riscos ainda são frequentes, ainda mais quando as pessoas de sua interlocução são idosas e com fragilidades na saúde. No fim, nos recuperamos para seguir as condicionalidades da vida, do estudo e do trabalho.

Nas narrativas, percebi a complexidade do saber e da lógica cultural, ambiental e o entendimento dos moradores sobre a prática da pesquisa na compreensão das dinâmicas florestais, nessa existência humana entre as florestas. Todas as entrevistas aqui apresentadas foram realizadas

por mim, tanto na Betel quanto na cidade de Parintins, como a de Dona Maria Inês Rodrigues⁴⁹, no dia 02 de outubro de 2021, em Betel, em que esta diz:

É muito importante que a gente converse com várias... As pessoas antigas, né, porque a gente já sabe de uma certa parte pra cá, né, porque eu sei... Às vezes eu conversava com meu pai, com minha mãe, fiz várias perguntas pra várias pessoas idosas... Aí eles falavam que essa região aqui era todo mato, né, lá no Santa Rita também... A gente foi criado lá, né... Essa Terra Preta era tudo mato... Tinha algumas casas... Bem poucas pessoas... Aí vinham chegando de várias comunidades, de outras comunidades (Dona Maria Inês Rodrigues, em 02 de outubro de 2021, numa tarde ensolarada de sábado na Valéria).

Dona Maria Inês Rodrigues expressa a necessidade de ter diálogo com gerações mais velhas para saber mais sobre a história dos lugares, do surgimento de grupos humanos em ambientes específicos, como no contexto de formação humana da Valéria. Nesse contato do “eu com o outro”, entendo o que Roy Wagner (2017, p. 45) compreende ao expor que o “trabalho de campo é um tipo de ‘trabalho’: é uma experiência criativa, produtiva, muito embora suas ‘recompensas’ não se materializem da mesma maneira que aquelas obtidas em outras formas de trabalho”. Entrando neste universo em reconhecimento, agindo em prol a uma ciência que parta dos conhecimentos da cultura local, explorei os espaços florestas na busca de tornar a cultura das florestas, de uma Amazônia, visível, por isso, “*Vou no banzeiro⁵⁰ desse rio navegar/ Os olhos contemplam a floresta/ Meu canto é resistente e me liberta/ O som da batucada⁵¹ do meu peito me faz viajar*”, como cantam na toada “Perrechê do Brasil”, dos compositores Ivo Meirelles, Sandro Putnok e Vanderlei Alvino.

Os conhecimentos apresentados pelas pessoas florestais mostram uma compreensão que vai além do que é possível à luz de padrões científicos dominantes, onde o pesquisador, inclinado ao exercício metodológico em história oral, possa “ter um olhar mais sensibilizado voltado às pessoas com as quais nos propomos a estabelecer um diálogo em nossas investigações, quem elas são, quais são seus saberes e suas ansiedades” (CARDOSO; SOUZA, 2020, p. 109). Neste diálogo, a cultura expressada torna-se a protagonista das lembranças, acontecimentos e aprendizagens entre as florestas. Todavia, Oliveira (2016, p. 79) salienta que as narrativas expostas pelos pesquisados, por buscar lembranças de um tempo-passado, pode trazer memórias que não são suas, pois, “já não estarão falando de eventos nos quais de algum modo participaram, mas de memórias que lhes foram integralmente transmitidas”. Essas narrativas não contêm só o hoje, nem o ontem vivido por eles, mas, o construído de gerações anteriores que transmitiram esse saber florestal numa realidade ambiental diferente ao que, hoje, é oferecido.

⁴⁹ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra em Betel, espaço florestal na Valéria.

⁵⁰ Ondas grandes do rio Amazonas.

⁵¹ Conjunto de instrumentistas ou grupo de músicos que acompanham a apresentação do boi bumbá.

Nessa arte de contato com o outro e ser aceito pelo narrador, há uma relação, muitas vezes, desarmônica, pois, nenhuma pesquisa é totalmente controlável. Para banhar-me nas águas dos saberes florestais, necessitei esperar o tempo de meus narradores, a disponibilidade de me aceitarem no dia a dia, com um gravador de voz nas mãos e muitas perguntas. A antropóloga Mirian Goldenberg (2009) ressalta que o pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado, não pode prever as ações do outro, nem as consequências de seu contato no grupo e em si.

Durante o período de campo, participei de suas rotinas, como orar antes das refeições e ao fim do dia, ler, ouvir e discutir as escrituras bíblicas. Busquei não interferir em seus rituais, mas, como alguém desconhecido que chega a um novo ambiente, a pesquisadora, mesmo com suas ressalvas, invade o espaço e causa alterações, por isso, é necessário deixar de lado as prenoções, receios e ir ao encontro do outro sem suas roupagens acadêmicas, para que os narradores sintam-se à vontade em contribuir para o estudo. O sociólogo Serge Paugam (2015, p. 17) enfatiza que “a construção de um objeto de estudos passa pela desconstrução, ao menos parcial, destas prenoções ou destes prejulgamentos que constituem obstáculos epistemológicos”. Inclusive, Mirian Goldenberg (2009, p. 35) realça que a pesquisa com pessoas é um encontro permanente entre o possível e o impossível, onde “o pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas, e, também, para reorientar seu estudo”, pois, nenhuma pesquisa com pessoas é imutável, haverá, sempre reordenamentos no contato e nos conteúdos por eles apresentados e, desta forma, procurei agir, pois, as narrativas ampliaram meu leque discursivo. Nessa vida envolvida com os outros, a sociedade elabora mecanismos de sociabilidade e relações sociais, pois,

O tempo todo, pessoas nascem em uma sociedade, que se mostra como deve ser vista, como se deve falar dela. Mas em seguida – e isso também é fundamental -, à medida que nos desenvolvemos, somos capazes de comparar uma regra com a outra, comparar o resultado de um fato presenciado a outro. Somos capazes de crítica independente. Também somos capazes - e este é um dos aspectos mais difíceis, mas também mais interessantes – de novas percepções. Aprendemos a perceber as coisas de maneiras diferentes e a comunicá-la aos outros (WILLIAMS, 2015, p. 33).

Para comunicar as narrativas, é preciso ir a campo e, para que isso aconteça, é necessário criar uma teia de contribuições de outras pessoas para que a pesquisa caminhe - sem ajudas externas, é praticamente impossível esse reconhecimento científico. Além de que nas Amazônias, é preciso de se adequar ao tempo da cheia e da vazante, se o barco consegue chegar no espaço do campo ou se é necessário abrir-se a outra forma de locomoção e experiências.

O historiador Victor Leonardi (1999) ressalta que os pesquisadores que trabalham com a história amazônica, seus saberes e linguagens, constroem sua argumentação científica entre os povos, a cultura e a natureza, promovendo uma noção de tempo muito mais ampla, onde a formação geológica dos rios, da flora e da fauna está presente no entendimento da construção étnico-racial e identitária do povo. Assim, o trabalho da pesquisadora e do pesquisador torna-se um processo constante de reconstrução, rompendo com suas ideias iniciais e reelaborando questionamentos e argumentações ao longo das narrativas das pessoas colaboradoras sobre o tema vislumbrado, problematizando o que parece natural, na busca de um novo conhecer: *“Muito bom a gente ter o conhecimento, como a senhora está fazendo sua pesquisa de campo pra seu trabalho, né, vai ser importante pra você, né... Um pouquinho dali, um pouquinho daqui, faz uma junção né, aí vai escrevendo, né”* (Dona Maria Inês Rodrigues em 02 de outubro de 2021).

Diante dos cenários apresentados, as práticas e narrativas culturais amazônicas construídas sobre o solo amazônico, exibem conhecimentos singulares e uma plêiade de saberes florestais construídos ao longo do tempo pelas gerações. Ao habitar esses espaços, há o convívio com a diversidade, principalmente, estabelecida por uma marcação não somente simbólica, mas práticas que, ao mesmo tempo, une e separa, um “nós e eles”, e de uma temporalidade imbricada de imaginários sociais que equilibram o bem viver nestas florestas.

Ao mergulhar nesse ambiente, fora da minha rotina, compreendi que, para as pessoas florestais - especialmente, para as que moram fora de um ambiente citadino - são os rios, as terras e as florestas que ditam os caminhos de mulheres e homens nas Amazônias, como argumenta o sociólogo e professor da Universidade Federal do Amazonas Antônio Carlos Witkoski (2010, p. 190) ao afirmar que “A terra, a floresta e a água participam de modo decisivo da forma como esses agentes sociais procuram dar plenitude à vida”. De modo mais frequente, a narrativa das pessoas narradoras também apresenta a terra, a água e a floresta como elementos fundamentais da sua obra, de sua condição florestal: eles são coletores, caçadores, pescadores, chefes políticos, artesãos, parteira ou consertador de ossos, ou já ouviram o grito do Curupira ou o rastro da Cobra-Grande. Há todo um imaginário social que envolve a produção da vida na Região Amazônica.

Eu nunca tinha visitado a Valéria. Esta afirmação pode soar estranha ou causar espanto, mas, esta região para muitos de Parintins ainda é desconhecida, uma terra que está “bem longe”, mas, fazer pesquisa é, justamente isso, sair da zona de conforto, daquilo que é conhecido e naturalizado. Ao escolher esse lugar, tive suporte de pessoas que de lá saíram para realizar estudos universitários na cidade. Uma destas me indicou a casa de seus pais para me hospedar. No afã de sair do ambiente habitado, fui provida de um intenso anseio sobre este “mundo novo”, no desejo de abrir-me para o outro, para a empiria. Uma nova identidade assumi. A figura 07 mostra uma

pequena parcela de moradores, velhos e novos, meus acompanhantes, em uma das viagens de barco regional para o meu campo de estudo.

Figura 07 - Gerações da Valéria em viagem de barco regional



Fonte: Dutra, out. /2021.

Nas idas à Valéria, comecei a perceber a dinâmica desse povo que, quando precisa, vai à cidade em busca de suas necessidades básicas, onde em conversa rápida perguntei por que iam à Parintins, e me diziam vários motivos, como fazer compras, receber seus benefícios sociais e vencimentos salariais, realizar consultas especializadas, entre outros. A mim, perguntavam o que ia fazer lá e uma das moradoras, no barco, me perguntou se eu ia fazer pesquisa, porque eu estava vestida igual aos pesquisadores que, frequentemente, visitam a região, com chapéu de abas longas, calça comprida, tênis, mochila com vários apetrechos e camisa de manga curta. Há, de acordo com a moradora, um fluxo constante de estudiosos lá, visto que têm universidades, escolas, institutos e outras entidades que a utilizam para suas demandas acadêmicas - a maioria das vezes, conforme o agricultor Abel Santos, sem o retorno prometido dos resultados de suas pesquisas. O que mais destacava na primeira viagem, eram os olhares curiosos sobre mim, como todos se conhecem no lugar, sabiam que eu não era membro de nenhuma família, porém, nas outras viagens, as relações

foram diferentes, o comandante do barco Souza I, já sabia o meu lugar de desembarque e me perguntou o porquê de ir sempre para a casa de Dona Izaura e Seu Manoel.

Ao chegar no espaço Betel, fui acolhida na casa da Dona Izaura Xavier de Oliveira, nascida na Valéria em 20 de maio de 1945 e Seu Manoel Reis de Oliveira, nascido no espaço florestal de Itaboraí, próximo à região, em 08 de março de 1942, que descortinaram suas vidas em elo com as terras, águas e florestas da Valéria. Esse casal me tratou como uma antiga conhecida e senti afetividade desde o primeiro momento. Ela, mulher pequeninha, indo me receber, de braços abertos, quando o barco atracava, me deixou mais à vontade para assumir o papel de pesquisadora.

As dinâmicas de Dona Izaura e Seu Manoel, mostram o quão belo e desafiador é o viver em terras amazônicas. Eles são personagens amazônicos que refletem a esperança e a resistência das vidas nos espaços florestais. Entretanto, não quero aqui romancear o viver na Floresta Amazônica, mas, discutir as diversas expressões vividas nesse cenário florestal, entender o ontem e o hoje das condições florestais nesse tempo de tamanho avanço sobre as florestas. O casal, amorosamente, está estampado na figura 08.

Figura 08 - Seu Manoel e Dona Izaura



Fonte: Dutra, jan. /2022.

A família Xavier de Oliveira tem como matriarca, Dona Izaura, deficiente visual do olho direito e como patriarca, Seu Manoel, com problemas de saúde decorridos do diabetes, mas, que continuam ativos e cúmplices em suas atividades diárias e foram essenciais para as narrativas e como Dona Izaura⁵² diz: *Me sinto bem, graças a Deus, com força, com coragem, já tenho uma dependência devido da minha vista, mas vai levando aí, graças a Deus, tamo vivendo, nós...*” (Em 02 de outubro de 2021). Essa família e suas histórias expressam que o saber florestal é tanto filosófico quanto prático, onde os referenciais socioculturais são erguidos “ao longo do tempo, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os seus distintos lugares e momentos na família” (SARTI, 2010, p. 26).

Eles se reconhecem como agricultores. Casados desde 18 de outubro de 1964, são alfabetizados, cristãos protestantes, tiveram dezesseis filhos, todavia, somente seis filhos chegaram à idade adulta: Izanildo nascido em 1967, Izanilza nascida em 1970, Esgiron nascido em 1977, Oziel⁵³ nascido em 1980 e falecido em 2014, Selma nascida em 1984 e Sara nascida em 1991, que lhes deram oito netos e oito bisnetos. A perda de dez filhos foi causada pela precariedade de acompanhamento obstétrico, mesmo que parteiras tradicionais tenham saberes específicos, situações, aquém à vontade de mãe e parteira, surgiram, como: aborto espontâneo, prematuridade, natimortalidade ou mortalidade após o nascimento. A distância de Valéria para a cidade inviabilizava naquele tempo a vinda da gestante para o hospital local. A vida da mãe e dos filhos estavam nas mãos das parteiras e das ervas da floresta. Na lembrança de Dona Izaura, as palavras soam tristes ao falar sobre a morte dos filhos ainda recém-nascidos.

Eu tive uma barriga de gêmeos... Um nasceu morto, que já nasceu no hospital morto, o que nasceu em casa viveu até 40 dias... Não se criaram pra ser até hoje homens... Eu tive essa barrigada de dois... Mana, era muito difícil ir pra Parintins, pra levar...por exemplo, a minha doença pior da vida era parto, Gracy, esse meu velho se preocupou muito comigo quando era no mês de ter criança... Não tinha barco, não tinha transporte, não tinha... Só tinha as parteiras, só o que eu não sei o que acontecia comigo... (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Essa é uma das complexidades que permearam não só a vida dessa família, mas de outras famílias nesse ambiente. Esses e outros acontecimentos moldaram o modo de ver, pensar e agir sobre essas condições florestais, construindo identidades diante das vicissitudes das florestas. A vida na Amazônia tem, ao mesmo tempo, fartura e precariedade. São questões sociais que impactam não somente quem lá vive, mas, quem ouve suas narrativas. Cada contextualização

⁵² Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra em Betel, espaço florestal na Valéria.

⁵³ Sofria de Púrpura Trombocitopênica Trombótica, um distúrbio que envolve a formação de pequenos coágulos de sangue por todo o corpo, que bloqueiam o fluxo de sangue para órgãos vitais, como o cérebro, coração e rins. Na década de 1990, no tratamento de transfusão de plasma, foi infectado pelos vírus HVI, conforme relato de Selma Xavier de Oliveira.

narrada expressa as memórias sob o solo amazônico, verbalizadas sob símbolos, signos e significados que mostram o contraste social e cultural do passado no presente. Essa memória das condições florestais perpassadas são experiências inscritas “nos gestos, nos gostos, na audição, nos sotaques, no paladar, no olfato, nos cheiros” (MARTINS, 2010, p. 129). Toda experiência humana gera alterações ou adaptações sociais e culturais.

O tempo do casamento se perde nas memórias do casal por ser uma vida longa juntos, que nem se lembram mais como eram sem o outro. Seu Manoel⁵⁴ (Em 02 de outubro de 2021) diz que “*temos 53 anos de casado*”, mas, Dona Izaura contesta “*Tem mais, meu amor, Izanildo tem 54!*”, por terem uma relação duradoura a quantidade de anos se confunde e Seu Manoel continua “*54, 55... Por aí!*”. Nessa história de vida, que se tornou só uma nos rincões da Valéria, trago Pablo Neruda tem em “*Farewel*” palavras que significam sobre o amor construído:

Já não se encantarão os olhos meus nos teus olhos,
já não se adoçará junto a ti a minha dor.
mas para onde caminhaes levarás a minha dor.
Fui teu, foste minha. O que mais? Juntos fizemos
uma curva na rota onde o amor passou.

Nessa curva, construíram suas histórias, produziram novas compreensões sobre as dinâmicas humanas e produziram novos traçados para sua família diante das situações externas que se apresentavam, às vezes, inesperadas. Seu Manoel, analisando sua história, entre acertos e erros, comenta:

É o que eu digo pra meus filhos... Exemplo pra vocês é eu e sua mãe casado esse tempo todinho, problema tem, desavença tem, mas hoje em dia, o diálogo é uma coisa muito importante... Fico triste quando a pessoa não tem diálogo, quer fazer uma coisa agressiva, batendo... Coisa complicada... Tem gente que põe na justiça, lá vai coisa... A gente sabe dessas coisas, mas o que a gente tá pra fazer... Parece que a pessoa tapa o ouvido! Graças a Deus, a gente fica lendo a Palavra do Senhor, que é bem graúda... A miudinha não vai... E é assim, o trabalho é o nosso trabalho, o conhecimento a gente conheceu algum movimento que aconteceu... (Seu Manoel Reis de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

Os ensinamentos cristãos-protestantes guiam as suas rotinas diárias, como na primeira fala que Dona Izaura fez direcionada à este estudo: “*Espero que a senhora se sinta bem na nossa casa, no nosso meio, junto conosco, nosso jeito é esse mesmo, de humildade, mas graças a Deus, temos Deus em primeiro lugar na nossa vida, no coração e isso quero repassar pra professora... Jesus é o Salvador do Mundo?*” (Em 02 de outubro de 2021). Antes eles eram católicos, porém, tornaram-se protestantes pentecostais, numa conversão acontecida há muitas décadas, causada pelas desventuras de Seu Manoel na juventude,

⁵⁴ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra em Betel, espaço florestal na Valéria.

quando o álcool fazia parte de seu lazer. A ampliação de denominações protestantes nos interiores amazônicos, surge, de acordo com os estudos de Oliveira e Pinto (2017), quando protestantes, especialmente os estadunidenses, viam a região como promissora ao desenvolvimento econômico, no sentido de que através do protestantismo ela ia alcançar o “sonho americano”, o progresso e um futuro melhor. Desse modo:

O protestantismo é a influência mais recente que a Amazônia passa a viver. Trata-se do protestantismo de conversão, da mudança de vida, do proselitismo, da negação da própria cultura. Assim o protestantismo reproduziu novas práticas messiânicas de evangelização e de colonização, geração assim, uma nova dinâmica social e religiosa (OLIVEIRA; PINTO, 2017, p. 124).

E isso é percebido quando Sara Xavier de Oliveira⁵⁵ diz que com o tempo, as crenças em lendas, histórias e mitos florestais foram perdendo sua credibilidade “*por conta da nossa questão religiosa*” (Em 08 de outubro de 2022). Esse é um dos momentos que o olhar sobre a cultura das florestas começa a se alterar, como nessa outra fala de Seu Manoel⁵⁶ ao ser questionado se existe, realmente, bichos visagentos, ele, em ironia, diz: “*Eu acho que a visagem aqui sou eu*” (Em 17 de setembro de 2022). Todavia, no decorrer das narrativas, ele conta situações em que os encantos dos seres sobrenaturais da floresta são reais, estão presentes e são acreditados por ele e pelos moradores - mesmo que os paradigmas impostos pela ciência ou religião tradicional neguem a existência.

Essa dicotomia entre crer e não crer permeia o cenário amazônico. Crescer num ambiente habitado por elementos que aguçam o imaginário social, mostra que a complexidade do viver nessas condições florestais, criam novas possibilidades de compreender o processo de tradução cultural entre o passado e o presente, o antigo e o novo, o real e o irreal. Nesse espaço-tempo não sincrônico, ensinamentos foram produzidos não só para a família Xavier de Oliveira, mas para os agrupamentos humanos que vivem e vivenciam as Amazônias.

É na produção de uma existência humana entre as florestas, que se promove conhecimentos, informações, valores, arte, crenças, etc. É fazer-se pessoa nesse cenário que a mulher e o homem produzem uma cultura, ao dotar-se de um tipo de saber e de um fazer histórico nessa condição florestal. Vitor Paro (2010, p. 89) argumenta que o ser humano “não precisa, a cada geração, ficar inventando tudo isso de novo; ele tem a condição, a possibilidade de passar tudo para a outra geração”, com um novo conhecimento adquirido, ressignificado no tempo vivido, e assim é construído e reconstruído os saberes florestais. Seu Manoel narra uma destas lições.

⁵⁵ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra na cidade de Parintins, Amazonas.

⁵⁶ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra em Betel, espaço florestal na Valéria.

Então, eu digo hoje... A cachaça nunca vi ser doce, tabaco nunca vi ser bom, porque eu fumei, bebi... Tudo isso eu fiz, eu posso dizer que não presta, mas é um costume que a pessoa adquiriu... Ela eu nunca vi fumando, nunca vi bebendo... Falar em adulterar não é só a parte sexual não, adultério é em qualquer coisa... É igual ser escravizado... Escravizado por quem? Por patrão, por qualquer coisa... (Seu Manoel Reis de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

A sabedoria se expressa no comentário do velho morador e ilustra o argumento de Paulo Freire em “A importância do ato do ler” (1989) sobre a leitura de mundo preceder a leitura da palavra e que linguagem e realidade se prendem dinamicamente. É esse mundo em constante comunicação e transformação que as pessoas florestais constroem suas identidades, experiências, histórias e imaginários sociais. Diante dessa e de outras lições da vida, Dona Izaura e Seu Manoel revelam-se como construtores de histórias singulares e conhecimentos complexos, determinados pelas lógicas da região. Personagens deste estudo que ressignificam cada fato do passado em seu presente, oportunizando novas dimensões para o futuro: “os interlocutores possuem uma percepção viva de um passado que não é apenas conhecido, mas vivido e sentido pessoalmente, lembrado de forma coletiva” (FUNES, 2019, p. 15).

A rasa compreensão dos contextos humanos, diante de um território tão vasto, possibilitou a difusão de preconceitos acerca das vidas e vivências amazônicas, como este argumento do antropólogo estadunidense Charles Wagley (1988, p. 17): “Se é que o Brasil deseja sinceramente desenvolver a Amazônia, ele vai ter que investir no efetivo humano científico tanto quanto na construção de rodovias”. Infelizmente, os investimentos de políticas públicas nas terras amazônicas, promoveram um “integrar para não entregar⁵⁷” para que o progresso chegasse, gerando desflorestamentos, poluições e outros tipos de avanços contra a natureza e as pessoas do lugar. Não estou a negar os benefícios da abertura de estradas e rodovias na paisagem da Amazônia, visto que o deslocamento facilita que as pessoas florestais tenham acesso à serviços públicos mais afastados de seus lugares de origem, todavia, que esses processos aconteçam sem assolar, abusivamente, o dia a dia do povo, retirando-o do seu espaço de pertencimento e afetividade. A minha inquietude é que agindo em prol de uma realidade que não envolve as dinâmicas culturais, governos e muitos pesquisadores não compreendem, profundamente, que dos povos amazônicos emergem ricos conhecimentos construídos ao longo de séculos. O passado e o presente se encontram nos saberes costurados entre as florestas.

Os seres que interagem no ambiente, em sua imensa complexidade, junto com os saberes das pessoas do sistema amazônico constituem imensurável riqueza material e imaterial desses

⁵⁷ O conceito de integração nacional se inseria na Doutrina de Segurança Nacional, que preconizava a articulação entre desenvolvimento econômico e segurança interna e externa, no período da Ditadura Militar brasileira. Esse programa foi a mola propulsora da política de integração e da chamada conquista da Amazônia (SOUZA, 2020).

territórios. São nesses espaços que inúmeras gerações de homens e mulheres viveram e vivem, atribuindo significados às vivências, criando e compartilhando imaginários, meios de explicar a vida e as coisas, que os fazem assenhorem-se das terras, florestas e águas, constituindo a cultura das florestas. O escritor carioca Gastão Cruls (1955) ressalta que as pessoas florestais não só encontram na natureza as fontes de sua alimentação, como os elementos para construção de suas casas, utensílios domésticos, transporte fluvial, adornos, entre outros, ou seja, constroem sua cultura.

É nessa mesma mata que o índio⁵⁸, [...], encontra tudo que precisa: a casca para a ubá, a folha da palmeira para a casa, o pau para o arco, a fibra para a rede, o cuieté para água, a paina para a seta, vernizes e tintas para a cerâmica, venenos com que ervar as flechas. E ali também sua despensa e farmácia. A mandioca imprescindível aos beijos e caxiris, frutas e amêndoas a serem colhidas por toda parte e em qualquer época do ano, a droga alucinante que dará sonhos coloridos, a mezinha eficaz que ajuda os passes do pagé (sic!) (CRULS, 1955, p. 23).

Sem a internalização das florestas, tornando-se parte dela como cultura, o ser humano sobreviveria com dificuldades em tão complexo território, onde “A inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la” (CUNHA, 2011, p. 229). A cultura manifestada em cada sujeito amazônico, o capacita a viver e sobreviver nos caminhos das florestas. A aptidão para a vida entre as florestas acontece por intermédio dos saberes florestais que se mantêm vivos através de cada pessoa que lá habita - o que foi (ou é) narrado por avós e pais se apresenta, hoje, na geração de seus netos.

A cultura é instrumento de poder das pessoas florestais, possibilitando a sobrevivência sociocultural e ambiental de inúmeras gerações familiares, especialmente, por ser transmitida através de narrativas, já que “experiências e suas mudanças geram histórias, essas histórias permanecem vinculadas a duas precondições: os homens adquirem experiências de forma singular, e tais experiências se articulam de maneira geracional” (KOSELLECK, 2014, p. 37). A cultura das florestas se fortalece diante da reconstrução geracional: “uma vez aceitas por um povo, as inovações tornam-se parte de sua cultura e por ela são modificadas” (WAGLEY, 1988, p. 41). O aceite condiz com o contexto histórico, influenciando as adaptações sociais, ambientais e culturais dos povos. Uma sociedade construída, na leitura de Tocantins (1982), por influências de forças seletivas, distribuidoras e acomodativas do meio, e na qual houve um intenso processo de cooperação competitiva, entre as diversas unidades individuais dos agrupamentos humanos, de espécies vegetal e animal, que se movimentaram no espaço físico, construindo um tipo singular de condição florestal, desse existir - humano a uma dada floresta.

⁵⁸ Por ser uma obra da década de 1950, o termo índio era comumente utilizado. Nos dias atuais, o termo adequado é indígena.

Através das experiências vividas, a cultura vai se reinventando, mas, mantendo-se em si própria, pois, “se o homem [e a mulher] faz-se a si próprio, é preciso também não esquecer que ele assim procede porque pode ver-se a si mesmo em todos os desafios que enfrenta e em todos os instrumentos que fabrica” (DAMATTA, 2010, p. 36) [grifo nosso]. As pessoas florestais não são alheias ao que acontece ao seu redor, as informações circulam nos espaços, aprimorando seus imaginários, como narra Seu Manoel ao fazer uma comparação entre a Pandemia Covid - 19 e outras pandemias passadas:

Vem de muito tempo, como eu tô dizendo... 1880 as primeiras coisas que veio, teve outras e outras... Teve muitas que veio matando tanta gente, então, naquele tempo a gente não sabia se tava morrendo por isso ou por aquilo... Hoje não, puxa seu celular e a internet, tá passando tudo (Seu Manoel Reis de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

Essa narrativa mostra a contextualização dos conhecimentos e percepções das pessoas a partir das informações que têm acesso, aprimorando os saberes locais, promovendo uma experiência que o torna ser histórico, produtor de conteúdos e, ao tornar-se um ser histórico passa a “ser *na e da* história, como também ser *na e da* sociedade” (CASTORIADIS, 1982, p. 47) [grifo do autor], pois, à medida que “o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar” (MORIN, 2003, p.15). E isso é feito pelas pessoas florestais. Nesse processo de conhecimento retroalimentado e globalizado, o que é distinto hoje é a velocidade que as notícias são disponibilizadas, penetrando no dia a dia e acrescidas aos saberes locais, produzindo novas dinâmicas culturais aos espaços humanos e à sua história. O povo florestal está em conexão com às informações do mundo. São pessoas que estão na história e fazem história.

Quando falamos da história, *quem* fala? É alguém de uma época, de uma sociedade, de uma classe determinada - em suma, é um ser histórico. Ora, exatamente isso que fundamenta a possibilidade, de um conhecimento histórico (posto que somente um ser histórico pode ser uma experiência da história e disso falar), é o que impede que este conhecimento possa um dia adquirir o estatuto de um saber totalizado e transparente - já que é, em si mesmo, em sua essência, um fenômeno histórico que exige ser captado e interpretado como tal. O discurso sobre a história está incluído na história (CASTORIADIS, 1982, p. 46) [grifo do autor].

Mulheres e homens produzem e reproduzem histórias e saberes, o conhecimento se ajusta ao tempo e ao contexto vivenciado, mesmo que interpretações generalizantes reduzam ou neguem a complexidade dos saberes florestais. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010) apresenta o paradigma da ciência moderna, surgido a partir do século XVI, como um modelo totalitário que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautam pelos

princípios epistemológicos e regras metodológicas desse modelo global de conhecimento. Envolvidos por esse modelo de racionalidade, no contraste entre encantamento dos espaços florestais e estranhamento das vidas nos ambientes amazônicos que, desde os primeiros exploradores europeus, a Região Amazônica é cobiçada pelo valor de suas terras, o grande empório de matéria prima que brilha aos olhos dos grandes mercados, circunscrevendo o conhecimento dos povos nativos num limiar entre o exotismo e a animalidade.

Essa potente Amazônia de lugares com marcações identitárias delimitadas pelos rios, terras e florestas, promulga saberes complexos. Ao mergulhar nesse mundo cultural, expressões deste povo emerge. São palavras, conotações, vivências que transparecem uma sociedade que é amazônica, mas, de uma Amazônia exclusiva a um trecho de pequena extensão do território amazonense. Cada cenário nesse mundo complexo em facetas psicoculturais e sociobiodiversidade têm produções únicas do imaginário social, ao mesmo tempo próximas e antagônicas, conservadoras e contemporâneas. Essa é a essência do imbricado sistema cultural da produção humana nas Amazônias.

Cada espaço amazônico é produtor e produto de significações, pois, a forma como as pessoas têm uma leitura de mundo, uma leitura da natureza está, intrinsecamente, vinculada às dimensões culturais imergidas. Cada microterritório tem elementos próprios à sua dimensão representativa, onde a mente, o corpo, o trabalho e ação das pessoas produzem, reproduzem e traduzem o mundo cultural envolvido. Essas Amazônias de complexidades culturais possuem ecossistemas distintos e estes fomentam os saberes florestais que as tornam dinâmicas e singulares.

2.2.1 Caracterização dos aspectos históricos, físicos e sociais da Valéria

Este tópico traz a construção das dinâmicas humanas na Valéria. A vida florestal tem um imaginário social que parte de produções individuais e coletivas, nem sempre sentidas ou percebidas pelas pessoas florestais, mas que são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, num processo contínuo de tradução cultural diante das especificidades do mundo envolvente. A Valéria tem história e estruturas sociais específicas manifestadas nesse microterritório. Retratar esses elementos históricos, físicos e sociais esboça uma conjuntura que permeia a produção, reprodução e tradução da cultura das florestas, que mostra as peculiaridades das Amazônias. Não é partir de um processo generalizante da constituição humana, mas, entender que cada microrregião tem a sua formação, a sua história, a sua condição florestal. A floresta que a circunda traz a energia física, mental e espiritual de um povo único.

2.2.1.1 A origem de Valéria e a conexão com a vida florestal

Os moradores contam que antes de ser chamada de Valéria, a alcunhavam de Terra Preta, pela cor de sua terra: *“Segundo as perspectivas dos primeiros moradores foi feito assim, né, o nome de Terra Preta, ali na Santa Rita onde é agora, aí veio essa pessoa por nome Valéria que deu o nome de Valéria!”* (Dona Maria Inês Rodrigues em 02 de outubro de 2021). Alguns moradores ainda a chamam como Terra Preta, como Seu Manoel que, em algumas falas, a chama assim. Nos primeiros contatos, perguntei onde era essa Terra Preta, pois, eu pensava que era outro espaço florestal, no entanto, sanando a minha dúvida, ele disse que é a Valéria, especialmente, o lugar hoje chamado Santa Rita da Valéria. Outras pessoas também a chamam de Serra de Parintins, principalmente, em obras científicas do final do século XIX e início do século XX, como a de Henry Walter Bates, que esteve nessa Amazônia entre 1848 e 1859, que por ele foi grafada “Parentins”: *“Permanecemos na Serra de Parentins (sic!) a noite toda. Ao amanhecer, uma névoa cobria o topo das árvores, e a floresta ressoava com os uivos dos macacos vaiapu-sai”* (BATES, 1979, p. 115). Ele excursionou em partes dos territórios amazônicos, como na Valéria, observando os lugares, anotando sobre as pessoas, as culturas e, principalmente, coletando espécies da flora e fauna para o Museu de História Natural de Londres. Mas foi o nome Valéria que esse lugar passou a ser, popularmente, conhecida.

Uma explicação histórica sobre a origem do nome para esse território é que essa “Valéria” vem de uma antiga moradora da região, datada do século XIX, que tomou posse desse território e ficou fundida com a natureza tanto real quanto mítica do lugar. Dona Izaura narra a chegada da mulher Valéria, uma história que foi transmitida por seus pais, construindo os detalhes dentro de seu imaginário. Quanto mais se conta e reconta histórias, mais pormenores são acrescentados ou esquecidos, mostrando que *“contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”* (BENJAMIN, 1987, p. 205). E assim começa a história de Valéria por Dona Izaura (Em 02 de outubro de 2021).

Os meus pais me contaram que apareceu a Valéria... Essa Valéria não era daqui. Eles eram descendentes de Portugal... Essa comunidade que hoje é Valéria, não era Valéria, era só a Terra Preta, ela foi habitada pelos índios... E aí era Terra Preta... E uma guerra que falavam e os moradores da Valéria pro mato... Meu pai contava com minha mãe que passavam um tempo no mato e não vinham pra cá... Não podiam ver um movimento que mais se escondiam... E aí meu pai dizia que era uma tarde bonita, aí eles saíam pra espiar, se tinha algum pessoal diferente... Algum movimento... Aí quando eles vararam perto de um pau, lá na beira, era assim como ele tá falando [Seu Manoel], era tudo igapó, era tudo mato lá na beira... Aí apareceu aquele tipo parece uma caravela... Uma barquinha... Um casal de pessoa... Que era um homem e uma mulher... E eles eram descendentes mesmo de Portugal... Aí eles enxergaram e voltaram e contaram pros outros *“tem assim...”* eles falavam *“tem uma mulher e um homem, bora lá”*... Desceram, aí depararam com o casal de pessoa, aí eles interrogou *“que lugar era esse?”* aí eles falaram que é Terra Preta... *“mas, Terra Preta por quê?”* Não souberam dizer... Terra Preta porque disseram que os índios tinha habitado aí, tinha maloca, então, o homem é que disse *“então*

o nome desse lugar é Valéria, o nome dessa mulher, da minha esposa é Valéria”... Então, professora, por isso que ficou Valéria, era o nome da portuguesa, que veio na caravelinha e entraram aí e aqui se abrigaram e acho que aqui morreram [grifo nosso].

A narração de Dona Izaura expressa o que ela ouviu, aprendeu e reconta, acrescentando passagens e sensações. A história ultrapassa gerações e é traduzida continuamente, com adaptações inventivas, mas que, na essência, o contexto é semelhante: uma mulher vinda de longe que escolheu o lugar para morar. A beleza do cenário florestal incutiu o desejo de permanência de Valéria, e com quem com ela veio, de fincar raízes nesse pedaço amazônico, que no tempo dela nem era reconhecida como Amazônia, pelo povo morador. Os moradores aceitaram e assumiram como Valéria, o nome próprio desse território e ao transmitir oralmente, acontece a mistura com o passado bem longínquo, um passado mais próximo e o presente, pois,

a história sempre se realiza no tempo, do qual fazem parte o passado remoto e o futuro. Quando falamos em história contemporânea, referimo-nos a uma historiografia que provém do mundo da experiência da comunidade geracional vivente. Todos os que ainda vivem ou sobreviveram servem então como testemunhas oculares ou de ouvi dizer; podem ser interrogados, e seus relatos podem ser avaliados criticamente (KOSELLECK, 2014, p. 268).

A região da Valéria produz valores sociais, culturais e ambientais. O lugar da moradia, é o espaço da intimidade e de uma conjugação de intenções e atos que o tornam esse local em abrigo ou refúgio. Essa conexão com o lugar é narrada por Selma Xavier de Oliveira⁵⁹ (Em 10 de outubro de 2021): “*Eu fico emocionada quando eu falo da Valéria porque foi onde nasci, cresci, aprendi muitas coisas, que com o tempo eu aprimorei e é pra onde eu quero descansar um dia que a minha... Quando meu espírito já tiver mais aqui...*”. É uma condição de pertencimento, mesmo afastado fisicamente, e de cura, que, nas palavras de Tuan (2013, p. 168), “os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos”. Esse espaço de nascimento e moradia é de elaboração de sua identidade, mesmo que até à adolescência para algumas pessoas, “*Morar na Valéria era bom na minha infância e adolescência, eu cresci feliz!*” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022). A afirmação de Selma Xavier reflete o centro da sua existência humana, com significações físicas, psicológicas e culturais, com conteúdo de familiaridade ao mundo vivido, uma expressão de seu imaginário social. É assim que a interação da vida acontece nessa Amazônia, fruto de conhecimentos objetivos, lugar das relações vitais para a dinâmicas da vida.

Nos estudos, de natureza antropomórfica sobre a região, da historiadora amazonense Naia Dias, ela a descreve como as características do corpo feminino, no sentido de que “por toda

⁵⁹ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra na cidade de Parintins, Amazonas.

região está o corpo de Valéria, o coração está no lago formando um retrato da mulher e natureza entrelaçadas” (DIAS, 2020, p. 194). Há uma visão poética na descrição de Dias que, num olhar perante a magnitude de sua natureza, a caracteriza como umbilical às pessoas, especialmente, à mulher que nela nasce. A figura 09 exhibe a Serra da Valéria que, de cima, se assemelha a um “coração”, que aterra cada pessoa, não no sentido de aprisioná-la, mas, de territorializá-la subjetivamente.

Figura 09 - Vista aérea da região da Valéria



Fonte: Yuri Pinheiro, 2021.

Essa percepção, parte das argumentações de Naia Dias sobre o protagonismo feminino não só da Valéria, mas, das mulheres do lugar, como de nossa narradora Izaura, que toma à frente ao falar sobre o viver no local. Diante dessa realidade que interliga os seres florestais, o lugar agrega significados a cada morador, onde a vida se desenrola e as pessoas se apropriam desse espaço florestal, pertencem e se conectam a ele: “*A Valéria é a minha casa, é o meu lugar no mundo!*” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022). Este pertencimento à terra é, para o psicólogo ambiental Gustave Fischer (1994), a matriz da existência social, que o enraíza humanamente, logo, o existir - humano da Valéria é uma condição florestal ligada a este microterritório da região de Parintins, ao imaginário social lá existente. Uma região chamativa para pessoas de outros territórios, como foi para Valéria.

A presença de outros povos, na constituição étnica e identitária do lugar, se apresenta nas características dos moradores. Batista (2006) comenta que o povoamento e a economia impulsionaram a migração para as Amazôniaas, havendo um *apressamento* multiétnico “entre o caboclo - descendente de indígena com o branco - e o mestiço imigrado, saído do *melting-pot* nordestino, entre o branco, o negro, o mulato, o índio, o zambo-cafuz e o curiboca” (BATISTA, 2006, p. 71), consubstanciando um elemento humano onde a dinâmica multicultural se torna presente nas expressões da cultura das florestas. Dona Izaura narra essa característica:

A minha mãe tinha sangue de português... Era tanto que eu tinha um tio, que eu ainda vi e agora um sobrinho... Eles tinham... Diferente de nós, caboco mesmo... Eram tudo claro, dos olhos azul... Tenho uma sobrinha, os olhos dela é uma beleza de gateado⁶⁰... Eles tinham esse sangue, então, esse português ele entrou, né... (Seu Izaura Xavier de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria)

Essas características estão aparentes na face, na tez e no sangue dos humanos, não somente da Valéria, mas, das Amazôniaas. Um povo que cresceu condicionado às demandas da vida entre as florestas. Pessoas que escolheram habitar e reconhecer-se como parte da natureza amazônica. Diante da construção de sua condição humana nas matas, entre as vulnerabilidades sociais recorrentes, a produção da vida nos espaços florestais da Valéria, dotam cada morador de memórias e lembranças. Apesar das investidas contra a natureza e a cultura, dezenas de famílias escolheram se manter sob a proteção das árvores: “*Eu cresci aqui, moro aqui e pretendo ficar aqui!*” diz Dona Maria Inês Rodrigues (Em 02 de outubro de 2021) e com muito orgulho se identifica com o “*Sou da Valéria!*” do artista plástico Freyzer Andrade⁶¹ (Em 02 de fevereiro de 2022), onde uma cultura das florestas nasce e renasce em cada nativo.

2.2.1.2 Os espaços florestais

A natureza física traz ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental, que origina linguagens, modos de pensar e agir, habilidades e desafios localizados nessa região que está em elo com dois estados: Amazonas e Pará. Expressões culturais que se moldam em uma só geografia, mas, numa diversidade multicultural e dinâmica. No aspecto físico, a Valéria inicia seu território a partir da Serra. Ela é constituída por uma área de terras altas - o geógrafo amazonense Azevedo Filho (2013) a determina em 115 metros - correspondentes a formações dissecadas da Formação Alter do Chão, por ser uma unidade morfológica marcada por um extenso platô tabular no todo plano e sistemas de cristas, mesas e colinas ravinadas, conforme explicação de Mendes et

⁶⁰ Olhos esverdeados.

⁶¹ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra na cidade de Parintins, Amazonas.

al. (2012). Geomorfologicamente, a Serra é um baixo platô e o ponto fronteiroço do extremo leste do Amazonas com o extremo oeste do Pará.

Na obra do escritor parintinense Tonzinho Saunier (2003), ele a descreve com a altura de 152 metros, um dado antigo que não foi atualizado à época da edição do livro. O autor diz que o lugar era extremamente importante para a fiscalização de embarcações que trafegavam por entre as províncias do Amazonas e Pará no século XIX. A diminuição do tamanho do platô pode ser devido a erosões que já aconteceram nesse local, onde hoje está o espaço florestal São Paulo. A figura 10 mostra, ao longe, o platô que determina o início da região.

Figura 10 - Platô da Serra da Valéria



Fonte: Dutra, out. /2021.

Segundo Dona Izaura, a Marinha do Brasil já informou os moradores que o lugar é de risco por causa dos desabamentos que podem voltar a acontecer, todavia, eles se recusam a sair, por não terem outro lugar para morarem e, por isso, se arriscam a viver nessa área, ao pé da Serra. Esses moradores vivem em uma constante situação de vulnerabilidade social e ambiental. Há um perigo calculável nessa área.

Para Freitas et al. (2012), a vulnerabilidade consiste em processos sociais e mudanças ambientais. O primeiro é relacionado à precariedade das condições de vida e proteção social (trabalho, renda, saúde e educação, assim como aspectos ligados à infraestrutura, como habitações

saudáveis e seguras), que tornam determinados grupos sociais, como os mais pobres, vulneráveis aos desastres. O outro ponto refere-se às mudanças ambientais resultantes da degradação ambiental que tornam áreas específicas mais vulneráveis quando da ocorrência de uma ameaça e seus eventos subsequentes. Seu Manoel e Dona Izaura narram um desabamento de terras recente devido a quantidade volumosa de chuvas. Pedras gigantes que ficavam no alto da Serra deslizaram e atingiram casas em São Paulo.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Eles ficam se arriscando aí... Porque já teve o primeiro desabamento aí, professora... Já teve...

Seu Manoel Reis de Oliveira: Teve uma senhora que, uma vez eu tava lá em Parintins... E me disseram: “Né, que ficou uma senhora enterrada três dias embaixo da terra? É verdade! A terra passou por cima da casa... Os que saíram... Essa senhora estava idosa dentro da casa, a terra passou por cima...”

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Aterrou a casa, mas, não prejudicou ela.

Seu Manoel Reis de Oliveira: Aí ela ficou aqui embaixo, a casa dela quebrou tudo, mas só que ela ficou aqui embaixo, a terra passou por cima!

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Deus protegeu ela!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Três dias... A modo ouviram um ruído de pessoa... “Rapaz, tem gente viva!”... Cavaram, cavaram e até que tiraram... Ainda tava viva...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Estava fraquinha já e viveu!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Essa é uma história muito importante, que ela escapou!

Dona Izaura Xavier de Oliveira: E as casas que a terra levou, nunca mais viram nem sinal no Amazonas! Tinha uma vez um posto, uma casa grande, que era a coletoria...

Seu Manoel Reis de Oliveira: Até hoje não souberam de nada... As pessoas estão aí de teimoso...

(Em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

O perigo está no entendimento dos moradores. Sem a posse legal do terreno, mas com a convivência do poder público, o espaço florestal agrega dezenas de pessoas que vivem em risco. Na compreensão do sociólogo inglês Anthony Giddens (2011), o risco é imaginado e refere-se a infortúnios ativamente avaliados em relação a possibilidades futuras. Perguntei ao casal como a posse das terras nos espaços florestais aconteciam no início do povoamento. No caso desse agrupamento ao pé da Serra, as pessoas foram chegando e construindo suas casas, vieram de outros lugares e lá se instalaram, tomando posse e sofrendo possíveis riscos às suas vidas. O perigo é real. O poder público se mostra, mais uma vez, com olhos fechados à esta situação que, num possível futuro, diante da quantidade de chuvas na região, pode acontecer mais desabamentos, com mortes de dezenas de pessoas, como acontece em outras regiões do Brasil. O cenário está se desenhando para isso.

O psicólogo Gustave Fischer (1994) argumenta que o *habitat* tem significados que o caracterizam como um lugar privilegiado, de concretização de uma relação social entre pessoas e o ambiente próximo. O *habitat* é objeto de um investimento afetivo das pessoas, mesmo que este lhe apareça impróprio, é o espaço de sua moradia, do seu lar. O *habitat* humano deve, inevitavelmente,

envolver o elemento físico da moradia (construção) e a qualidade ambiental no espaço construído (salubridade), assim como seu entorno (habitabilidade) e as suas interrelações de vizinhança (COHEN *et al.*, 2007). Todos estes elementos são indissociáveis para determinar um espaço de moradia com qualidade, porém, na área da Serra, cada chuva forte causa preocupações aos habitantes, mas, que mesmo em situação de riscos, não saem de lá, por não terem aonde ir nem alternativas financeiras de irem para outro lugar, como para a cidade, pagar aluguel e outras providências que surgirem. Uma realidade que não é só desse espaço humano, mas, de outros lugares onde ter uma moradia torna-se mais importante que a própria vida. Tanto em São Paulo da Valéria quanto em outras regiões, essas situações geram uma vulnerabilidade tanto social quanto ambiental. É necessário que o poder público atue, energicamente, neste lugar, para que não haja, somente, ação quando o perigo se torne uma tragédia. A figura 11 mostra uma parte do espaço de São Paulo e as casas existentes próximas à Serra.

Figura 11- As casas de São Paulo ao pé da Serra da Valéria



Fonte: Dutra, out. /2021.

Diante das limitações na Amazônia da Valéria, o poder criador da imaginação social legitima as reinterpretções humanas na dinâmica vivenciada no espaço florestal. A lógica do tempo-espaço e do tempo-história readequa as possibilidades da condição florestal, num ritmo vital e cadenciante da vida entre as florestas. Bronislaw Baczko (1985) argumenta que, na conduta

humana, os agentes visam um sentido inteligível na produção social que regula os comportamentos. O cooperativismo, a solidariedade, o amparo nos momentos de tensão não são apenas vivenciados por um único microgrupo, porém, por todos que cercam e estão naquele agrupamento humano. Quando uma família sofre agravos na Valéria, não é somente os membros daquele núcleo que sofre, toda o espaço florestal entra em conexão, porque o vínculo estabelecido tem naquele grupo familiar parte da história e da cultura da região.

Firmando raízes na região, os terrenos ocupados pela família Xavier de Oliveira são de posse centenária. Sobre o terreno que fica em Betel, Dona Izaura diz que foi herança do avô para o pai dela, mas não sabe como o avô comprou. A narradora recorda como era a casa e a forma como foi construída na área que até hoje habita.

Nós morava em casinha pequena, de palha, taipa que falam... Meu pai mesmo que fazia com minha mãe e nós ajudando... Na hora de levar a terra todos nós trabalhava... Tudo era com folha de palha... Palha de bacaba, com pau mesmo, qualquer pau roliço que a gente chama, era o esteio da casa, mas trabalhando nós morava lá mesmo... (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

Hoje as casas são mais elaboradas. Essa aprendizagem da utilização das árvores para construir as casas ficou no passado, hoje, o material vem de Parintins. Todavia, a fala de Dona Izaura mostra que há, na lembrança dela, um aspecto expressado por Montysuma (2018, p. 53) sobre o conceito de “memória da terra - memória da floresta”, que a interpreta como a cultura local em sua pluralidade, onde “ocorrem as devidas distinções comportamentais dos sujeitos, por onde dão sentido ao que são e a fazem forjando a cultura do lugar”. Em cada parte, que há uma ação humana na Valéria, há um saber ancestral estabelecido. A construção e produção de utilitários florestais têm a energia tanto do povo indígena quanto dos povos que nessas terras escolheram viver. Em paralelo ao processo histórico, as emergências do mundo contemporâneo dão outros contornos às objetividades das pessoas. A cultura das florestas é traduzida diante do cenário das demandas (ausência ou presença) sentidas pela sociedade vivente.

As terras habitadas na Valéria, especialmente, nos espaços florestais mais antigos, os donos têm a posse legal da área em que habitam. Dona Izaura fala sobre a legalidade do terreno que moram:

Esse aqui, antes dele falecer, ele deu pra nós 100 metros, com documento, nós temos uma declaração desse terreno... Porque eu sempre disse, Gracy, eu não queria nada porque meu pai não tinha herança para deixar, “eu quero isso, eu quero aquilo...” Não! Eu sempre dizia, eu só quero que o meu pai me dê um terreninho pra morar nós, o resto, só Deus nesse lugar... Graças a Deus, ele foi em Parintins, mandou bater tudo as declaração, dividido com o nome dos meus irmão, com declaração... Era 600 metros,

eram seis filhos... Eu não sei como foi pro pai dele adquirir... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Nesses cem metros, a família tem uma pequena plantação, cria galinhas, constrói suas atividades diárias e recebe visitas. Ao longo do terreno, o casal já construiu em lugares diversos a sua casa. Mudando de local de acordo com a necessidade. Hoje a casa está mais próxima do lago da Valéria, cercada de árvores (FIGURA 12).

Figura 12 - Parte da casa dos narradores



Fonte: Dutra, out. /2021.

Em qualquer espaço de habitação, a casa é o lugar para chamar de seu, do aconchego e do refúgio, onde se realiza as tarefas básicas da condução da vida. Na dinâmica florestal, há um apego à terra, uma representação simbólica do direito adquirido do *habitat* e do habitar. Em poucos metros, a antiga casa do casal, é habitada pelo filho Izanildo e esposa. A casa tanto para o casal de narradores quanto para os filhos e netos é sinônimo de chegada e partida, conforto e segurança, afirmação de vínculos afetivos e políticos. É a terra onde construíram sua família e criaram laços de amizade e de solidariedade com as outros moradores da região. É uma casa que se torna

referência para muitos moradores. O casal faz questão de receber a todos que o visitam com bastante afetividade e calor humano.

Freyzer Andrade, neto do casal de narradores, comprou um terreno na Valéria, em frente ao habitado pelos avós. Como artista plástico, ele poupou para ter um pedacinho de chão para chamar de seu. Neste terreno, construiu uma casa tanto para morar quanto para hospedar turistas. A casa tem as características de um hotel de selva.

Eu comprei aquele terreno lá quando eu não tinha nada... Eu vendia desenhos e sempre dizia, "Aquele terreno vai ser meu!"... Nessa época eu já vendia meus desenhos e já tinha um dinheirinho... Aí, eu fui lá com o dono... "O senhor vende esse terreno?" "Se for pra ti, que eu vi crescer!" "Por quanto o senhor vende?" "Eu vendo por 10 mil reais", porque terreno no interior não é caro, mas, assim tava caro... Aí eu disse "Vamos fazer o seguinte, eu pago tudo que você plantou aqui, é seu campo, mas eu não posso pagar 10 mil para o senhor, posso pagar mil, quando eu tiver 2 mil posso pagar, quando tiver 500 eu posso pagar..." "Aí tá bom!"... Sei que passei um bom tempo pagando aquele terreno... A Selma me ajudou a pagar aquele terreno também... Aí eu dizia "Eu vou fazer minha casa aqui, de frente para o rio, na natureza"... Que eu gosto muito! (Freyzer Andrade, em 02 de fevereiro de 2022, numa tarde chuvosa de quarta em Parintins).

Freyzer Andrade é um dos grandes incentivadores turísticos do lugar, aproveitando as oportunidades econômicas que a paisagem favorece para implementar hotel e cursos para os moradores. Há na região, grandes cenários para explorar, mas, não é aproveitado pelos próprios parintinenses, entretanto, como a pesquisa, nos leva desbravar caminhos antes inimagináveis, no desejo de conhecer mais as belezas naturais e as histórias que contam sobre a Serra da Valéria, ousamos a ir ao pico, com a curiosidade de vislumbrar o ponto extremo entre dois estados, investimos nossos esforços para enfrentar um caminho rústico, num sábado nublado.

Em janeiro de 2022, em companhia de Selma Xavier, realizamos uma trilha para reconhecimento geral de formação do platô da Serra. Saímos de canoa de Betel até São Paulo, uma moradora local nos aguardava para nos guiar pelo caminho. Chegamos ao centro do platô depois de 1 hora e 30 minutos, subindo em terreno escorregadio, encontramos cobras e outros animais da floresta.

Do centro da Serra, presenciamos cansadas, mas, satisfeitas, a largura do rio Amazonas, o lago do Macuricanã - pertencente ao município de Nhamundá/AM - e as cidades limites entre os dois Estados: Nhamundá /AM e Faro / PA. Tanto a subida quanto a descida aconteceram em 1 hora e 30 minutos cada. A figura 13, ao fundo, mostra o lago do Macuricanã e outros espaços humanos, que não fazem parte da região da Valéria, porém, se ligam a ela pela proximidade física. É a imagem visualizada quando se chega ao centro da Serra. É possível ver, *in loco*, a cidade de Nhamundá, no Amazonas e a cidade de Faro, no Pará. A figura 13 é a imagem representativa do centro do platô da Serra da Valéria.

Figura 13 - Vista da parte central da Serra da Valéria



Fonte: Dutra, jan. /2022.

A partir da Serra, os espaços florestais vão surgindo e cada um tem suas características particulares. Por barco, cada parada é uma localidade e, na poética do Hino de Parintins⁶², “*Quem entra do Paurá e da Serra/ Fascinado por esta região/ As saudades mais vivas enterra/ E aqui fica com teu coração*”. Cada espaço humano tem suas histórias, costumes e entendimentos de mundo distintos, mesmo habitando na grande região da Valéria.

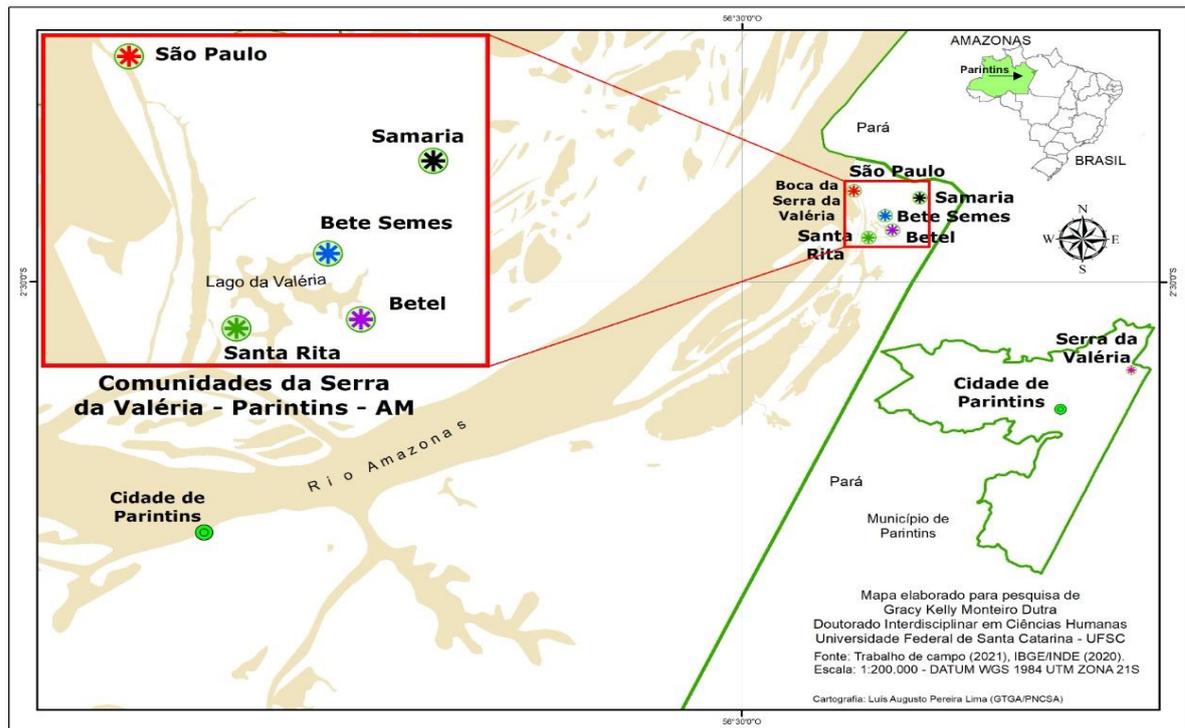
Este território é dividido em cinco espaços florestais, onde moram, aproximadamente, é 2.527 habitantes em 509 domicílios, de acordo com Azevedo Filho (2013) baseado no Censo de 2010. Esses agrupamentos humanos são apresentados pela ordem que aparecem ao adentrar a Boca da Valéria, que é a forma comum entre os moradores para determinar a entrada na região - é natural para os habitantes do território parintinense chamarem “boca” para qualquer entrada de rio. Ao chegar na Boca da Valéria, primeiro surge São Paulo⁶³, Bete Semes, Betel⁶⁴, o mais antigo povoamento, Santa Rita de Cássia, o antigo Terra Preta e, dentro da mata, Samaria. A figura 14 representa os cinco espaços, com cores distintas, mostrando as distâncias entre eles.

⁶² Composição de Dom Arcangelo Cerqua (1917 - 1990).

⁶³ Este espaço florestal está na área que corresponde ao platô já apresentado.

⁶⁴ Aqui fiquei hospedada, na casa de Dona Izaura e Seu Manoel.

Figura 14 - Localização dos espaços florestais da Valéria



Fonte: Elaboração de Lima e Dutra, 2021.

Durante a pesquisa de campo, os moradores identificaram o rio na cor marrom claro (rio Amazonas), apesar de que, na convenção cartográfica, os rios sejam classificados na cor azul. O mapa regionaliza a cor do rio dando identidade ao território estudado. Sobre a utilização do azul para cursos de água, Seemann (2020, p. 31) esclarece: “Azul para representar águas em mapas é uma convenção, não um processo natural e intuitivo”, noutro trecho, o mesmo autor argumenta que “os povos indígenas ao longo do rio Solimões e seus tributários com as suas águas barrentas, a cor da realidade é amarela ou marrom claro [...]. O mapa comum com as suas convenções traduz essa realidade erroneamente” (SEEMANN, 2020, p. 34). É nessa regionalização cartográfica que aproximamos o mapa ao imaginário social dos moradores.

Os elementos da natureza fazem parte dos processos perceptivos, inventivos e imaginativos das pessoas florestais. Selma Xavier narra como foi nascer, crescer e tornar-se um ser humano em um destes espaços:

Eu nasci numa comunidade chamada Samaria, que é uma colônia de agricultores, era um local muito bonito, porém, ele era dentro da floresta e não tinha rio e a gente tinha muita dificuldade em relação a essa questão de água, porém, nós vivíamos num mundo muito protegido porque ali naquele lugar só vivíamos poucas famílias e eu me lembro muito bem que a casa que nós morávamos era muito pequena, todas as casas eram iguaizinhas, parecia uns conjuntinhos assim de casas, todas pintadas coloridas assim e eu tenho essa lembrança muito forte de onde eu nasci (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021, numa tarde ensolarada de sexta-feira em Parintins).

Selma Xavier mostra que aquelas circunstâncias sociais objetivas incutiram em si uma condição de proximidade à terra e à floresta, de apego à região, porém, não havia um convívio direto com a água por ser um agrupamento dentro da mata. Nessa realidade, a ideia popularizada em diversos escritos de que é o rio que dita as regras da vida amazônica, abarca apenas uma parte do território, não contextualizando as outras vivências. Há, nas lembranças vívidas de Selma Xavier, a organização das casas construídas de madeira, em formato e cores similares, as pessoas próximas às outras como uma única família, onde se desenrolou o início de sua vida privada. Nesse processo de habitar, os moradores se apropriam do lugar a partir de um investimento afetivo e nesta ligação, a floresta passa a ser parte de cada um, tornando o seu espaço de identificação: “*Meus pais foram os primeiros a trabalhar em mim a sensibilidade ambiental... Foi meu pai que falou de Chico Mendes*”⁶⁵, *foi ele que me ensinou sobre a valorização da cultura, da importância de perpetuar costumes e tradições*” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022).

Perpetuar costumes e tradições foi o que a filha aprendeu com os pais, todavia, na geração dos filhos e netos de Dona Izaura e Seu Manoel ocorreu um aumento célere do desflorestamento, queimadas e poluições hídricas nos interiores florestais. Um passado de relação com aquele espaço, que não volta, mas que faz parte da identidade e do eu das pessoas. Pelas condições sociais e ecológicas do tempo presente, o costume aprendido deve ser traduzido às especificidades do contexto vivido. Essa tradução cultural envolve as condições de existência e sobrevivência dos saberes e das pessoas, geracionando as habilidades àquilo que hoje se apresenta, nas palavras de Emílio Morán (1990, p. 31-32), “o organismo reconhece que as pressões ambientais mudaram de forma acentuada e permanente e não representam simplesmente variações sazonais”. Diante da pressão sobre a floresta, para que haja a manutenção da cultura das florestas, a comunicação de uma geração para outra metamorfoseia aspectos do ontem no hoje:

a tradução é a natureza performativa da comunicação cultural. É antes a linguagem *in actu* (enunciação, posicionalidade) do que a linguagem *in situ* (*énoncé*, ou proposicionalidade). E o signo da tradução conta, ou “canta”, continuamente os diferentes tempos e espaços entre a autoridade cultural e suas práticas performativas. O “tempo” da tradução consiste naquele movimento de significado, o princípio e a prática de uma comunicação que, nas palavras de Paulo de Man, “põe o original em funcionamento para descanonizá-lo, dando-lhe o movimento de fragmentação, um perambular de errância, uma espécie de exílio permanente” (BHABHA, 2013, p. 359).

No tempo da infância de Selma e Sara Xavier, a floresta ainda apresentava uma grande cobertura, o desflorestamento acontecia, mas não de forma descontrolada como nas primeiras décadas do século XXI. Havia a atividade de construir roçado, depois que os produtos eram

⁶⁵ Foi seringueiro, sindicalista, ambientalista e ativista político. Foi assassinado em 22 de dezembro de 1988 aos 44 anos, em Xapuri / AC, pelos donos de terra opositores de sua luta pela vida nas diversas nas Amazôniaas.

colhidos a floresta voltava até mais forte. Entretanto, atualmente, a intensa atividade no solo deixa clarões dentro da mata, perceptíveis pela via área ou por satélites. No passado, as crianças da Valéria aprendiam os tipos das árvores e ervas, as famílias eram mais protegidas do mundo externo. Na atualidade, o avanço sobre a natureza, modificou as aprendizagens sociais da região.

Se você perguntar hoje na Valéria pra alguma criança se ela conhece alguma madeira de lei, ela não vai saber por que a maioria das madeiras de lei hoje, talvez, ainda se encontrem, não sei ainda... Vou conversar com o papai mais sobre isso... A maioria não tem mais próxima das comunidades e antes era algo que a gente tinha próximo, a gente conhecia itaúba, uma maracatiara, essas plantas que, antes a gente tinha muito próximo das nossas casas ali, em qualquer lugar que a gente fosse a gente encontrava e hoje a gente não tem mais! Então, eu acredito que esse desmatamento, ele vem também tirando das crianças do interior, delas conhecerem a nossa floresta, essas nossas riquezas que a gente tem aí, que a gente não tem mais! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022, numa tarde ensolarada de sábado em Parintins).

O desconhecimento sobre a variedade de espécies na natureza fragiliza o imaginário social e ecológico da nova geração. O psicólogo estadunidense Peter Khan et al. (2009) teoriza que é a infância que dá o parâmetro de normalidade ao cotidiano. Se a cada geração o mundo vivenciado na infância é mais degradado ou sofre perdas irreversíveis de seres ambientais, cada geração tende a achar normal as condições culturais e ecológicas que vive. Para Khan et al. (2009) isso é característico da amnésia ambiental geracional. No relato de Sara Xavier, muitas crianças e adolescentes devem conhecer, apenas, o nome das árvores, não o elemento concreto. Eu por ter crescido em um espaço florestal citadino só conheço os tipos de madeira pelo nome, coisificadas em mesas, cadeiras, portas ou outros apetrechos, a árvore em si não conheço. Pensar na afirmativa de Sara Xavier, mostra a grave problemática que existe na Região Amazônica. Ela reflete sobre as condições da Valéria, passado e presente, apresentando um conhecimento genuíno que, diante daquilo que está explícito ecologicamente, estrutura a relação do ambiente consigo, com os outros e sobre o estado social e cultural do mundo.

Sara Xavier reconhece aquilo que está ou esteve presente por milhares de anos em solo amazônico, hoje está asseverado pelo desflorestamento e pelas queimadas, que trazem para as Amazônias e para o imaginário das pessoas, adaptações dos saberes e das práticas na elaboração do tempo - presente. Ao perceber que o existir - humano entre as florestas permeia um imaginário social em constante produção, as ações individuais e coletivas desempenham a cada geração, o papel indispensável que aproxima aquilo que não vemos, mas, que sabemos que existiu e permanece tão próximo, mas, que é atingido pelas amarras objetivas e subjetivas que circundam a contemporaneidade. Ao considerar que o entendimento do mundo acontece através da vivência, do momento histórico e costumes, a produção da vida humana está, nesse território, num processo gradativo de perda tanto ecológica quanto cultural.

2.2.1.3 A dinâmica social na Valéria

Os espaços florestais têm nomes de santos (Santa Rita de Cássia e São Paulo) e cidades bíblicas (Samaria, Bete Semes e Betel) pela influência, a princípio, católica, e posteriormente, protestante. Em São Paulo e Santa Rita há igrejas católicas do mesmo nome e em Samaria, Bete Semes e Betel há igrejas protestantes. Foi perguntado se as áreas eram divididas entre os moradores pela sua orientação religiosa, tanto Dona Izaura quanto Seu Manoel disseram que não, mas que, de acordo com o nome do espaço florestal, a maioria dos moradores podem ser católicos ou protestantes. Não há um espaço, totalmente, com moradores católicos e protestantes, eles vão aonde gostam de frequentar suas missas ou cultos, como no espaço de Betel, que vivem trinta e duas famílias, a maioria é de fé protestante, com atuação da Igreja Pentecostal Unida do Brasil.

Seu Manoel (Em 17 de setembro de 2022) diz que não percebe diferença entre os católicos e protestantes na Valéria, apenas que os valores morais - cristãos guiam a vida de quem lá vive: *“Na minha concepção é uma mudança que se tem... Eu bebia cachaça, eu fumava, eu dançava, enfim, eu tinha participação na vida mundana...”*. A narrativa do velho morador, convertido ao protestantismo de orientação pentecostal, mostra que a sua transformação aconteceu quando assumiu a fé atual, levando toda sua família à conversão. A mudança aconteceu através de um convite de um amigo para visitar um culto de uma igreja pentecostal na região. Ao perceberem situações frágeis em algumas famílias, os missionários ou leigos protestantes, que estão a habitar os espaços florestais - os pastores estão mais próximos das pessoas do que os padres católicos -, se aproximam, buscam intimidade e pregam o Evangelho do arrependimento do pecado e da necessidade de seguir a Cristo.

Levado pelo desejo de ter uma outra vida, uma nova condição moral - na última festa que Seu Manoel tinha frequentado, havia se envolvido numa briga com outros moradores, por causa do excesso de bebida alcoólica -, arrependeu-se de seus comportamentos e da tristeza que seus hábitos traziam para sua família. Indo ao culto, percebeu que os fundamentos evangélicos expressados era o que necessitava para acalantar suas necessidades espirituais e morais. Nas entrelinhas, ele mostra que quando era católico fazia atos que não condiz com os ensinamentos bíblicos, porém, hoje vive conforme as escrituras. Este é um discurso recorrente daqueles que se convertem do catolicismo para o protestantismo. O problema não é a orientação religiosa, mas, a forma como cada um age em sua vida, visto que cada um de nós tem livre arbítrio para fazer escolhas. Quando católicos, tanto Seu Manoel quanto Dona Izaura participavam de associações

públicas desta Igreja: ele era envolvido na Congregação Mariana⁶⁶ e, ela, no Apostolado da Oração⁶⁷, hoje chamado Rede Mundial de Oração do Papa. Nos dias atuais, também são atuantes na fé protestante, mas, diminuíram as atividades na igreja devido a velhice. Uma de suas filhas, Izanilza, é pastora e fundou a Primeira Igreja Nova Aliança, em Parintins.

O casal relata que a Igreja Católica teve uma grande importância na organização de relacionamentos na Valéria. Nesse período, os casais não eram legalmente casados e o padre propôs realizar o sacramento do matrimônio. A cerimônia coletiva aconteceu em Santa Rita.

Seu Manoel Reis de Oliveira: Em 61, eu lhe conto uma história, teve um padre redentorista que fez aí um barracão, por isso, que eu digo que essa comunidade é o centro de todas as comunidades, as outras surgiram depois... Ele fez o casamento, de mais ou menos, oitenta pessoas, que era tudo só se juntando com o outro...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Amasiados...

Seu Manoel Reis de Oliveira: Oitenta pessoas... Naquelas alturas... Pra ver que em séculos passados...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Hoje a maioria dessa juventude, namora...

Seu Manoel Reis de Oliveira: Hoje é uma história... Naquela época ele ainda fez oitenta casamentos... Foi entrando outras denominações, fazendo coletivo, então, isso aqui já foi uma história diferente, mais mobilizada... Agora hoje... Um desses a gente tava conversando, verificar essas comunidade tudinho, já não tem mais gente casada!

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Tudo já amontoado, junto!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Só um “Vumbora? Vumbora!” E vão... A gente tava pensando... Porque assim, as coisas dos segmentos das religiões elas são assim... Se preocupam se as pessoas são casadas... Tem suas funções direitinho e tem um cargo...

Mas, aqui, mas, rapaz... tá meio difícil porque ninguém está mais casado!

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Ninguém quer mais casar...

Seu Manoel Reis de Oliveira: Uma nova geração que vai nascendo e vai assim, se juntando...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Já é criança tendo criança!

(Seu Manoel e dona Izaura, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

A Igreja Católica, no século XX, interveio para que houvesse a legalidade dos matrimônios e, ao falar sobre isso Dona Izaura relembra que só saiu da casa dos pais quando se casou formalmente com Seu Manoel, sem isso, não haveria “amasiamento”. O casamento é um contrato social público estabelecido por uma tradição social remota datada da Idade Média, instituído pela Igreja e considerado mais um sagrado sacramento, onde homem e mulher deveriam somente procriar, onde a sexualidade, o prazer, principalmente, para o gênero feminino era negado. Hoje os

⁶⁶ É uma associação formada por católicos que procuram seguir o Cristianismo através de uma vida consagrada à Maria, mãe de Jesus. Os símbolos marianos são a fita azul e um distintivo com a imagem da Virgem Maria preso à camisa do congregado. Disponível em: < CONGREGAÇÃO MARIANA – CONFEDERAÇÃO NACIONAL (cncmb.org.br)> Acesso em: 10 nov. 2022.

⁶⁷ É uma associação que procura viver a espiritualidade apostólica e eucarística, brotada do Sagrado Coração e fundamentada no mistério da Paixão de Jesus. Os símbolos apostólicos são a fita vermelha e a medalha com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Disponível em: < Sagrado Coração de Jesus « Apostolado da Oração Brasil - MEJ (aomej.org.br)> Acesso em: 10 nov. 2022.

casais se relacionam mais sexualmente, isso não quer dizer que nas gerações passadas não acontecia, mas, hoje, há uma naturalização do contato sexual antes do casamento.

Para os mais velhos que passaram pelo incentivo dos missionários católicos, o casamento é o compromisso coletivo, sacramento que possibilita um casal pensar em ter filhos. Nessa percepção, inculcau nas filhas que, mãe solo não cabia na sua família. Haveria de haver uma escolha, estudar ou ser mãe. Sara e Selma, na faixa etária dos trinta anos, são solteiras e sem filhos, por enquanto. Entretanto, a união estável, nestas últimas décadas, passou a ser frequente na região. Mesmo com as mudanças dos relacionamentos afetivos, a instituição casamento não está falida na modernidade, apenas, adaptou-se ao ritmo do tempo, pelo apressamento de viver junto por causa do amor intenso, que pode durar uma vida ou algum tempo. Assim é a liquidez do amor nessa modernidade, como teoriza Zygmunt Bauman.

E em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo da amálgama irreversível (BAUMAN, 2021, p. 21).

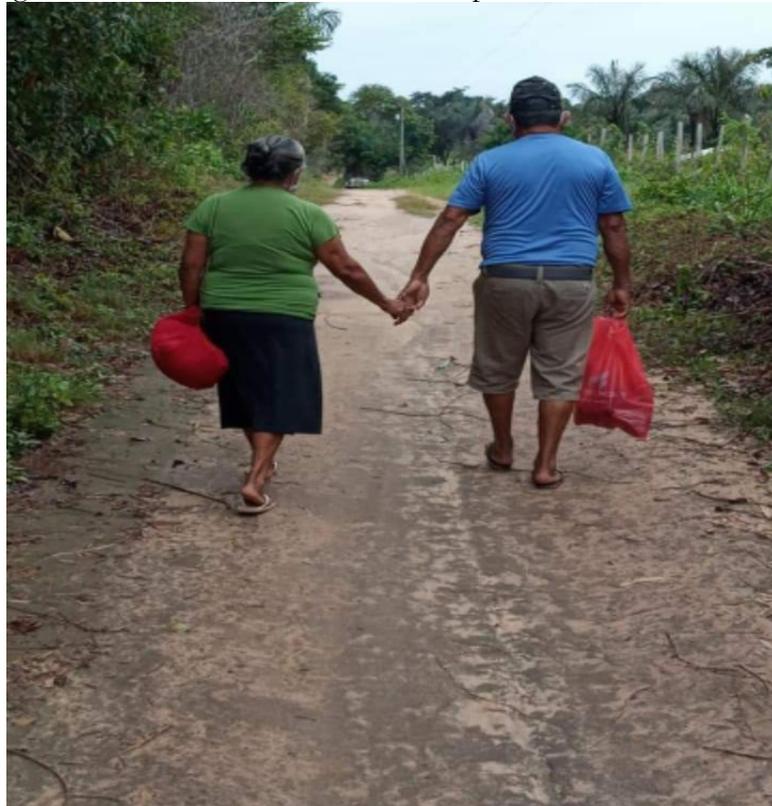
O casamento de Dona Izaura e Seu Manoel é referência para os moradores. O casal tem quase 60 anos de matrimônio, entre as aventuras e desventuras pelas florestas da Valéria. Pelas décadas de casamento e das condições históricas e sociais que construíram suas vidas, Dona Izaura e Seu Manoel ficam estarelecidos com a atual situação marital da maioria dos casais da Valéria. Esse não se casar, isto é, assinar um papel perante um juiz de paz ou de um padre/pastor traz um sentimento de desapontamento da geração mais velha, onde o unir-se com alguém deveria ser testemunhado e assinado perante uma autoridade e, principalmente, durar até o fim da vida, o que difere de muitos relacionamentos afetivos da geração mais nova. A situação agravante para eles, é a gravidez antes do casamento. Nas conversas com o casal, eles dizem que conversaram muito com suas filhas, principalmente, as caçulas, Selma e Sara, quando foram morar em Parintins, para continuar a escolarização:

Uma coisa que eu digo para minhas meninas hoje, estão estudando, querem estudar? Vão estudar, sim... Então, vocês vão pra cidade ter mais estudo, estudar... Vocês não vão pra namorar, vocês não vão pra se engravidar porque daqui da Valéria já foram várias meninas... Não chega nem no meio do ano, tá grávida e já vem... Aí depois que tem criança, que querem estudar... Não! Vocês vão estudar, então é estudar, se vocês fizerem uma decepção dessa, vocês voltam pra o interior e não vão mais estudar, vão trabalhar aqui na roça e sustentar filho e também procurar pai eu não vou... Mas, olha, professora, graças a Deus, estão até hoje solteiras e eu digo pro pai delas assim “Se essas moças são virgens, eu não sei, mas, elas não tenham filhos”... (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

Palavras que reverberaram nas filhas caçulas. O casamento de seus pais é uma modelo de construção familiar e companheirismo que esperam ter em futuros relacionamentos. Nas visitas ao casal, percebi que são muito próximos, um não sai sem o outro, se tratam com respeito e carinho, um vive para o outro e vice-versa. É uma convivência de décadas, surgida na década de 1960, quando o jovem Manoel saiu da região onde morava, no Itaboraí, para jogar uma partida de futebol na Valéria e ficou encantado pela pequena Izaura. Um início de um laço afetivo que nem imaginavam por quais histórias iriam passar juntos. E é desta forma que muitos casais se formaram nesse lugar.

A figura 15 ilustra o velho casal, de mãos dadas, pelos caminhos construídos nas terras da Valéria: *“Mana, no início de nosso namoro, ele nem escrevia bilhete pra mim, porque nem sabia escrever... Hoje ele já sabe, mas já tô velha...”*, lembra Dona Izaura (Em 17 de setembro de 2022), com um sorriso maroto no rosto. A figura 15 representa, no meu entendimento, uma estrada ainda a ser percorrida pelo casal, por isso, a imagem os apresenta de costas, estimulando as gerações seguintes os acompanharem e aprenderem com eles não só a viver na floresta, mas, a ter saberes que os ajudarão a viver em outros espaços humanos.

Figura 15 - Dona Izaura e Seu Manoel pelos caminhos da Valéria



Fonte: Selma Xavier de Oliveira (Arquivo Pessoal).

A Valéria é um território grande, moradores casam ou se unem maritalmente com outros moradores: “*Eu vim do Santa Rita, meu pai morava lá no Santa Rita, né, aí como eu me casei com uma pessoa da Betel, vim morar na Betel... Porque é tudo só uma região!*” (Dona Maria Inês Rodrigues em 02 de outubro de 2021). Nesses encontros entre espaços florestais, as pessoas casam e as famílias se agregam formando uma grande e quase única família, “*Aqui na região da Valéria, é pra bem dizer, é tudo é família... Tem aqui família do meu esposo, família Santos, tem a família Xavier, tem a minha família, que mora tudo na Santa Rita, família Barbosa... E vai ficando aqui só família...*” como enfatiza Dona Maria Inês (Em 02 de outubro de 2021). São nesses espaços florestais, que passam de geração a geração familiar, como é o caso de Betel, onde moram Dona Maria Inês e seu marido Seu Abel.

Aqui na Betel foi criado pelos avós do meu esposo, seu Abel, que é o presidente da comunidade, aí como eu estava falando... Aqui vai de geração a geração, é neto, é filho, porque ainda têm três filhos do atual que é o veterano daqui, o seu Otázio Régis Batista, já falecido, mas ainda tem o seu Gilberto, que é filho dele, o seu Arinos e tem a dona Maria Itamar, aí de lá já vem os netos, bisnetos, aí vem toda essa família, né... Porque aqui é... Aí de lá já vai surgindo nora, né, aí filhos...Eu mesma sou do Santa Rita... (Dona Maria Inês Rodrigues em 02 de outubro de 2021, numa tarde agradável de sábado na Valéria).

Perguntada sobre a origem dos primeiros moradores, Dona Maria Inês diz que vieram do Estado do Pará, das proximidades do igarapé do Salé, inserido no território do município de Juruti. Nesse emaranhado de pessoas em laços sanguíneo e afetivo, aprenderam a viver e conviver com os seres ambientais e criar habilidades correspondentes aos espaços florestais. É esse cenário que une o ser humano à natureza, num processo de ligação frequente, porque não há como separar o que “a água faz da planta, ou que a planta faz da água, ou o que o homem [e a mulher] faz da terra, da planta e da água. E o que tudo isso faz do homem [e da mulher]” (TOCANTINS, 2020, p. 43 - 44) [grifo nosso]. Tudo e todos são seres ambientais que estão produzindo e reproduzindo uma condição florestal, isto é, uma cultura.

A cultura das florestas é tanto material quanto imaterial. Ela é corpo e mente. É território e territorialidade. Ela não é oriunda de uma realidade neutra, nem é apática do tempo. A cultura é aprendida socialmente, ela “atravessa as maneiras de viver, de fazer e de conhecer com a ‘coloração’ própria de uma sociedade determinada” (FISCHER, 1994, p. 55). Entre os povos florestais, a tradição oral é o esteio que une e firma as gerações, cultivadas num dado terreno, fértil para expressões culturais específicas, onde “os traços culturais estão ligados a uma situação dada: não são universais e por isso não exportáveis enquanto tal, nem transferíveis para outras situações” (FISCHER, 1994, p. 55). No agir entre as florestas, o ser humano aprende a adequar a sua vida à realidade evidente.

Foi entre a região da comunidade de Samaria e o lago da Valéria que eu me criei, foi lá que eu aprendi a nadar, fui lá que eu aprendi a correr com os meninos, subir na árvore, pegar fruta e sempre foi uma vida muito livre ali, sempre nós tivemos tudo ao nosso alcance... Tipo... De questões alimentares, sempre foi uma alimentação muito saudável, porque os nossos pais plantavam muito, então, nós aprendíamos a nadar muito tardiamente porque não tinha água, então, nós não tínhamos contato com o rio, sabe, então, a gente cresceu ali... Lembro que era o único poço pra comunidade toda que a gente pegava água, mas era água tratada, não tinha torneira nas casas e todo mundo vivia assim numa harmonia muito boa nessa comunidade (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021, numa tarde ensolarada de sexta-feira em Parintins).

A rotina acontecia imersa às situações sociais proeminentes. O espaço florestal Samaria, primeiro lar da família Xavier de Oliveira, é no centro da mata, afastado dos cursos de água. O nadar, atividade quase inata aos habitantes da região, é uma aprendizagem tardia para quem mora em Samaria. Selma Xavier confidenciou que tem medo de nadar, mesmo tendo aprendido esta habilidade, ela não se sente segura a entrar nas águas de qualquer rio. Ela tem receios que algo aconteça. Para Dona Izaura a aprendizagem foi no começo da infância. O lago da Valéria circundava o cenário da infância da velha senhora: *“Mana, eu nadava daqui pra comunidade... Agora eu tenho medo de cair n’água pra nadar!”* (Dona Izaura em 02 de outubro de 2021). Perguntei a ela como foi o processo de aprender a nadar, Dona Izaura me responde que foi *“Entrando no rio e dando jeito!”*.

Nadar, mergulhar e brincar nas águas do lago da Valéria fazem parte da lembrança das gerações mais velhas. Lavar roupa, tomar água direto do rio era parte das condições sociais dos moradores, entretanto, o avanço inconsequente, tanto na floresta quanto nos rios, causou alterações ecológicas que mudaram a qualidade ambiental dos cursos fluviais. Esse cenário foi discutido por Dutra e Higuchi (2018) quando, ao trabalhar com crianças na região amazônica, apresentam que o estado das águas está qualitativamente modificado, prejudicial, direta e indiretamente, à vida humana, devido às contaminações de diversos agentes. Uma infância impactada gera uma geração com vulnerabilidades tanto objetivas quanto subjetivas. Essa realidade é percebida na Valéria.

A jornalista Paulina Chamorro (2021), em reportagem para o *National Geographic*⁶⁸, escreve que há contaminantes silenciosos nas águas do rio Amazonas e seus afluentes. É uma contaminação química oriunda de agrotóxicos, microplásticos, produtos farmacêuticos e outros contaminantes. Sobre a poluição das águas que circundam Valéria, Dona Izaura diz que de uns anos ela tornou-se imprópria: *“Nós não toma mais a água do lago”* (Em 17 de setembro de 2022), principalmente, a partir da implantação de uma empresa privada na região. Essa empresa ganhou a licitação para reestruturar a malha elétrica dessa parte do Médio Amazonas, melhorando a qualidade energética

⁶⁸ Disponível em: < Poluição invisível nas águas amazônicas ameaça populações e biodiversidade | National Geographic (nationalgeographicbrasil.com)> Acesso em: 11 nov. 2022.

das cidades próximas. Esse projeto é conhecido como Linhão de Tucuruí, que levará a energia produzida na Hidrelétrica de Tucuruí para as cidades à margem do rio Amazonas.

Olha, mana, agora essa empresa aqui do linhão, ela tá meio deixando, a modo, essa água aqui, modo, embranquicenta... Banzeiro de lá... Mas, agora até que esses dias tá parado o banzeiro de lá, Gracy, lancha, lancha, lancha... Muita lancha que é capaz de alagar a gente... Eu quase já não saio, não deixo o Manoel sair... Um dia eu fui lá no Freyzer, fui pro capim, porque fiquei com medo de me alagar, na nossa canoinha, é por isso que eu não gosto que ele vá pescar! (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Essa metamorfose do estado da água leva inúmeros problemas aos moradores. Afastados de núcleos citadinos, estão sujeitos a doenças oriundas de água contaminada. A água é fonte da sobrevivência de qualquer ser vivo. Sem água qualitativamente própria para consumo, as pessoas e os animais ficam frágeis. Há todo um comprometimento do ecossistema. Em muitos lugares, a vida aquática perece e agoniza na esperança de uma mudança desta realidade. É um problema social que gera conflitos, mas, não é tratado com urgência pelo poder público, mas, deveria ter a prioridade nas políticas de utilização da água para o abastecimento da população. Todavia, não é somente o contato direto que é prejudicado, mas, a insegurança na navegabilidade dos moradores.

O ir e vir constante de transportes fluviais rápidos movimentam diuturnamente as águas, causando banzeiros fortes que não faziam parte do dia a dia na Valéria. O rio é a estrada fluvial recorrente dos povos das florestas. Vivendo num ambiente amazônico, os rios, lagos e lagoas tornam-se essenciais para o deslocamento. Pela idade de Dona Izaura e Seu Manoel, que moram sós, visitar outros lugares, na canoa, ficou prejudicado pelos riscos nas águas. As ondas no rio ficaram fortes e constantes. A canoa do velho casal fica, ultimamente, ancorada no terreno na Betel, à espera de uma calmaria fluvial.

O trânsito pelas florestas, terras e águas, faz parte da habilidade dos moradores e está no imaginário social e no processo de aprendizagem da cultura local. É das florestas que retiram os elementos para sua subsistência. Para os velhos moradores, a Valéria é o lugar onde, prioritariamente, caçavam e plantavam, por isso, se reconhecem como agricultores, não como ribeirinhos. Em Samaria, trabalhavam bastante na terra, apenas, quando se instalaram, em definitivo, no terreno da Betel que suas atividades diminuiriam até conseguirem a aposentadoria rural⁶⁹. Um trabalho iniciado, desde a infância, ensinado pelos pais, que aprenderam com os seus e assim, as gerações viveram e sobreviveram na Valéria, na arte de cuidar e trabalhar na terra.

⁶⁹ O trabalhador deve comprovar que exerceu atividades rurais a partir de 180 meses, no mínimo. A idade mínima é 60 anos para homens e 55 anos para mulheres. Esse benefício atende também o pescador artesanal e o indígena. Disponível em: < Solicitar Aposentadoria por Idade para Trabalhador Rural — Português (Brasil) (www.gov.br)> Acesso em: 18 jan. 2023.

Mensalmente o casal vai até Parintins para receber seus vencimentos e fazerem as compras que precisam. Eles também compram mercadorias, como: bolachas, açúcar, entre outros, para um pequeno comércio que possuem em um dos cômodos da casa que, segundo eles, é para terem um passatempo na velhice. Em casos excepcionais, podem ir outras vezes à cidade, principalmente, para atendimento médico. Hoje o casal tem uma vida mais sossegada, sem trabalhos pesados, procuram ficar mais no espaço doméstico, olhando o trânsito do lago da Valéria, conversando com as pessoas que lhe visitam. É nessa Amazônia, que mesmo afastados dos serviços da agricultura, ainda se reconhecem como parte dessa expressão de trabalho. A terra e a floresta estão entranhadas na condição florestal, na produção da existência humana, principalmente, das gerações mais velhas, por isso, tirá-los desse lugar, é retirá-los da vida, da capacidade de ser humano.

Cada pedaço dessa floresta, tem experiências das pessoas, tem aprendizagens e práticas datadas da ancestralidade, como a criação de galinhas, que Seu Manoel cuida com bastante zelo (FIGURA 16) ou como Dona Izaura, mesmo com deficiência visual do olho direito, ainda cuida da alimentação, apresentada na figura 17, ao tratar o peixe chamado bodó, muito comum na região, que foi pescado por Seu Manoel. Esse peixe foi o prato principal de uma de nossas visitas à sua casa. A arte de tratar um peixe está nas habilidades dessa gente, especialmente dos mais velhos, que cresceu tirando da mata as suas necessidades.

Figura 16 - A criação de galinhas de seu Manoel



Fonte: Dutra, out./2021.

Figura 17 - Dona Izaura tratando bodó para o almoço



Fonte: Dutra, set./2022.

A maioria dos filhos e netos do casal moram na cidade, mas, eles não pensam em mudança definitiva: *“Eu passo um dia, uma semana, um mês... Às vezes, meu genro diz, “Tu já quer ir de volta”... Eles compram minha passagem, atam minha rede e já venho... Aqui perdi meu pai, meus irmãos... Minha família se acabaram aqui mesmo... E nós tamo aqui, até Deus permitir nossa estada aqui!”* (Dona Izaura em 02 de outubro de 2021). A Valéria é o lugar da identificação pessoal e física dos velhos moradores. Assim como da geração mais nova: *“Eu gosto da Valéria, eu tenbo uma estima muito grande por aquele lugar, foi lá que aconteceu tudo pra mim, eu jamais vou desdenhar da Valéria”* (Freyzer Andrade em 02 de fevereiro de 2022).

Os psicólogos ambientais Marcelo Calegare e Maria Inês Gasparetto Higuchi (2013), na compreensão entre o ser humano e a natureza, sustentam que a relação entre os indivíduos e seus grupos com o ambiente é resultante de uma história construída de forma complexa, onde se encontram múltiplos fatores determinantes (espaço físico, cultura, política, economia e os significados e valores dados ao lugar). O apego ao lugar e aos seres ambientais se tornam evidentes nas narrações, nas experiências e na relação com a natureza. Nessa condição florestal, a terra, a água e a floresta promovem nos moradores da Valéria o uso e o usufruto daquilo que a natureza dispõe, tornando a agricultura familiar, a atividade econômica principal de cada família.

Há caracterizações distintas vindas de estudiosos sobre as identidades nas Amazôniaas. Uns as apresentam como ribeirinho (SOUZA, 2013), caboclo (*caboco*) (RODRIGUES, 2006) ou, de forma abrangente, caboclo-ribeirinho (FRAXE, 2010) ou camponês amazônico (WITKOSKI, 2010). Em outros estudos é a atividade econômica que determina sua tipologia: seringueiro, agricultor familiar, ceramista, entre outros. Noutras pesquisas, é a sua marcação identitária: o indígena, o quilombola. São pluralidades de identidades que recriam suas lógicas de vida através das terras que habitam, das águas que navegam e das árvores e vegetações que o rodeiam. Entretanto, a condição de reconhecimento deve vir do próprio sujeito. É necessário dar voz para compreender sua própria interpretação identitária: “*Eu me considero agricultor, não ribeirinho... Pra mim, só sou ribeirinho quando o rio chega perto do meu assoalho!... E esse ano não chegou!*” (Seu Abel Santos⁷⁰ em 02 de outubro de 2021). A narrativa de Seu Abel, que é o presidente do espaço Betel, mostra como o processo de reconhecimento do homem ou da mulher da região deve partir de si. Para o narrador, o rio só o identifica como ribeirinho em época das grandes cheias⁷¹, o que não aconteceu no ano de 2021 e 2022, na região da Valéria. Na definição dos narradores, é a atividade econômica da agricultura familiar que os tornam pessoas florestais, colocando-se na produção e no abastecimento da economia capitalista. É na terra, na floresta e nas águas, próximas ou distantes espacialmente, que tiram o sustento, construindo um saber florestal inerente ao *habitat* ecológico que vive na habilidade de habitar um cenário complexo.

O território na Amazônia contempla indiscutivelmente três *habitats* essenciais e interdependentes: terra, floresta e água. Em cada qual desses *habitats* existe diversos ecossistemas que interagem em processos complexos em que as populações tradicionais se inserem não como dominadoras desse cenário natural, mas como parte integrante consciente dos próprios ecossistemas e usufruem destes para satisfazer suas necessidades em todos os aspectos (LIRA *et al.*, 2014, p. 76).

Nessa dinâmica de trabalho no espaço florestal, o agricultor produz, consome e comercializa. E é o trabalho na agricultura que identifica o povo da Valéria, no reconhecimento de “ser agricultor, não ribeirinho”, pois é no estilo de vida de um povo está a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas, como diz o geógrafo sino-americano Yi Fu Tuan (2012) e é reafirmado por Seu Manoel (Em 2 de outubro de 2021): “*Somos agricultores, da roça, que passa a agricultor... Trabalho braçal... Nós nunca tivemos, assim, pá mecanizado, sempre foi braçal!*”. É na força do corpo do agricultor que a terra se transforma em renda, em valor. Para Antônio Carlos Witkoski (2010), a terra e as riquezas que ela guarda são valorizadas como um patrimônio que cria as

⁷⁰ Entrevista concedida a Gracy Kelly Monteiro Dutra em Betel, espaço florestal na Valéria.

⁷¹ Migueis (2011) apresenta que as cheias ocorrem, anualmente, no Médio Amazonas no período de maio a junho, região esta que o território de Parintins se insere.

condições para que o povo florestal apareça como trabalhador em sua unidade de produção, tornando-o trabalhador polivalente. Nessa prática da agricultura,

se desempenha toda a unidade de produção familiar, para quem a roça (mandioca, milho, feijão caupi, batata - doce, macaxeira, banana etc) ocupa lugar importante. A farinha de mandioca, resultado das atividades das *terras de trabalho*, juntamente com o peixe, oriundo das *águas de trabalho*, são dois ingredientes essenciais da dieta que sustenta a vida camponesa, nas duas situações antagônicas - na cheia, época “dos peixes magros”, e na seca, momento em que a família tem mesa farta (WITKOSKI, 2010, p. 431) [grifo do autor].

Os pesquisadores Castro et al. (2007) apresentam a agricultura familiar no Estado do Amazonas baseada em sistemas agroflorestrais diversificados que delinham os mecanismos, as habilidades e as técnicas necessárias para o uso e o manejo da diversidade da natureza nos espaços florestais. Trabalhar a terra está no dia a dia de gerações familiares, como da família de Dona Izaura e Seu Manoel:

Meu pai me criou mesmo na agricultura da roça, trabalhando na roça, trabalhando no campo, juta e com dezesseis anos eu casei com meu esposo, Manoel Reis de Oliveira e ao longo desses tempos pra cá, a gente construiu família, temos seis filhos...Na Valéria, criamos todos eles...Trabalhando com nós também na roça, que era nosso trabalho, aquilo que a gente sabia fazer...Na juta, não...Não fomos mais juntos, mas na roça eles ajudavam bastante nós... (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

O saber trabalhar na terra no tempo adequado e diante das condições possíveis, parte do conhecimento aprendido dentro das famílias florestais agricultoras. Essa agricultura alimentada por práticas e tradições expressa saberes enraizados no tempo-espaço florestal da Valéria. Essa interação ser humano-natureza nos espaços amazônicos se processa por gerações, construindo as culturas das florestas no tempo presente, mas, com os saberes construídos em acúmulo que vem de um tempo passado. O ato de cultivar a terra é realizado com o serviço de muitas mãos, com apetrechos de trabalho diversificados e, principalmente, com os conhecimentos necessários que potencializem as demandas surgidas na produção. Nas rotinas de trabalho de Dona Izaura e Seu Manoel, há também uma rede de trabalho que expressa os caminhos de suas produções: “*Nós trabalhamos também com guaraná, não deu muito certo, mas nós trabalhamos... Depois passamos a criação de gado*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Entre tentativas e acertos, a vida econômica de Dona Izaura e Seu Manoel refletem a vida econômica nos espaços florestais.

O trabalho como categoria de análise da dinâmica humana, coloca o sujeito como produtor e reproduzidor das esferas da vida. Por intermédio das atividades de trabalho, acontecem as transformações do mundo natural e social, visto que o trabalho,

[...] em primeiro lugar, atende à necessidade primeira de toda sociabilidade: a produção dos meios de produção e de subsistência, sem os quais nenhuma vida social poderia existir. Em segundo lugar, porque os faz de tal modo que já apresenta, desde o seu primeiro momento, aquela que será a determinação ontológica decisiva do ser social, qual seja, a de que, ao transformar o mundo natural, os seres humanos também transformam a sua própria natureza, o que resulta na criação incessante de novas possibilidades e necessidades históricas, tanto sociais como individuais, tanto objetivas quanto subjetivas (LESSA, 2011, p. 142).

Através do trabalho como agricultores familiares, se inserem no mundo de fornecedores e consumidores. Das terras, águas e florestas, surgem as matérias primas que se transformam, através da energia física e mental das pessoas florestais, nas mercadorias que circulam entre os espaços humanos amazônicos.

Nós trabalhava com arroz, trabalhava com feijão, com jerimum, batata, cará, essas coisas tudo nós tinha abundante, a gente não comprava, ao contrário, a gente até vendia e dava... E não é como é hoje, se a gente não for lá na cidade, a gente não tem batata, nem cará, nem nada... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

Hoje, por causa da velhice, não trabalham mais na agricultura. A compra dos mantimentos vem, nas palavras de Dona Izaura, do *freezer* de um comerciante local ou de comércios da cidade de Parintins. A vontade de ir caçar ou pescar ainda está na subjetividade de Seu Manoel, mas, pelas condições de saúde enfrentadas, Dona Izaura não permite. Era um hábito dele toda manhã ir pescar e trazer parte do almoço de ambos, hoje isso é raro. Entretanto, quando a velha senhora percebe o imenso desejo de Seu Manoel, ela o deixa ir, porém, que fique próximo aos seus olhos, igual uma mãe quando cuida de seus filhos.

Depois que ele adoeceu, agora, dessa diabete, pressão alta... Só já no freezer de lá... Ele tem vontade de pescar, mas eu não gosto, não deixo, não gosto, mas, tem vezes, que ele diz "Poxa, eu quero por minha malhadeira" e digo "Põe, mas só aqui perto, só pra passar a vontade"... Mesmo assim, quando ele vai, Deus abençoa que ele pega curimatã (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

A pesca faz parte da vida da floresta. Eminentemente da cultura indígena, a pesca é uma prática cultural dos povos florestais, ela está imersa nos saberes amazônicos. O peixe é o alimento principal das refeições das pessoas dessa parte da Amazônia. Têm os peixes lisos - como chamamos aqui os peixes sem escamas - e os peixes com escamas, como o curimatã, pescado por Seu Manoel. Araújo (2003) contextualiza que a grande despensa das Amazônia é o rio, como viveiro de peixes saborosos. Para o autor, são águas pretas, claras e brancas dos rios da região que "ele arranca seu alimento predileto, como ser ictiógafo. À proa da montaria, em pé, ele sabe o que precisa comer, o que deseja comer e conhece onde está a espécie que o leva à pesca" (ARAÚJO, 2003, p. 268).

Entretanto, o livro expressa uma realidade da década de 1950, quando a primeira edição foi lançada, hoje o cenário é preocupante.

Da fartura à carência do pescado. Esse é o retrato atual dos rios da Valéria. A lembrança do ontem na realidade do presente, Dona Izaura narra que ocorreu uma mudança drástica na quantidade de peixes encontrados.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Há uma grande dificuldade de peixes, que antes era muito farto esse lago, muito farto, muito... Aí eu acho que é devido também as pesca...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Pesca dos moradores ou pesca de empresas?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Pesca daqui mesmo... Mas, mana, o pessoal põe malhadeira de arrasto aí na beirada... O pessoal daqui mesmo... De primeiro não tinha malhadeira, antigamente não... Só se pescava de flecha, caniço e tarrafa... Tarrafa só no verão... Aqui era muito farto... Jaraquí... Todo tipo de peixe, Gracy, tudo tipo de peixe... Nós quando nós ia pro centro com ele, nós pescava, era uma água clara, nós olhava assim, era peixe que parecia folha de a pé no fundo, uns peixe que a gente chamava baruca...Olhava assim, mana, traíra... O que dava pra ver... Agora nada, mas quando!
 (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Essa pesca predatória realizada pelos próprios moradores prejudica a todos. A ganância das pessoas locais está inviabilizando o seu próprio povo de comer o alimento que é tradicional à mesa: o peixe. Antigamente havia uma variedade de cardumes, todavia, a prática desenfreada da pesca está numa velocidade superior à de recuperação da quantidade de espécies. A perspectiva de lucro entrou na subjetividade dos moradores. A retórica capitalista não acontece só nos grandes centros, mas, em todos os espaços humanos. As consequências vêm à rebote. A qualidade da água é prejudicada assim como a acessibilidade dos alimentos torna-se mais restrita. As garras da cultura do capitalismo já estão, duramente, fincadas nas terras amazônicas: “esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E, como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo” (BAUMAN, 2010, p. 33 - 34). O povo da Valéria está imerso nessa rede comercial, visto que a fartura da pesca e da caça diminuiu.

Eu lembro que antes, na Valéria, a gente sempre falou que era um lugar muito farto, se não tinha peixe, tinha caça... Hoje quando a gente vai, a gente não encontra mais com facilidade peixe ou caça, hoje a gente encontra frango, né, frango comprado no mercado, antes, não... Eu lembro que antes em casa, o meu irmão ele ia caçar, ele vinha com vários bichinhos mortos... Cutia, paca, tatu, era muito farto... E hoje a gente não encontra mais isso! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022, numa tarde ensolarada de sábado em Parintins).

A alimentação foi modificada. A qualidade dos alimentos ingeridos proporcionou mudanças na saúde do povo, como a de Seu Manoel, que adquiriu a *diabetes mellitus*, de tipo 2,

quando já estava acima dos 70 anos. A facilidade de encontrar alimentos processados no comércio local, promoveu uma outra rotina alimentar aos moradores. A cultura alimentícia da região de influência indígena ainda é presente, todavia, o acesso à essa base alimentar está nas mãos do pequeno comerciante da Valéria, que os vendem por valores acima do mercado.

Novas práticas comerciais foram instaladas nessa Amazônia do século XXI, quando uma nova alternativa energética chegou. A eletrificação rural promoveu alterações sociais e culturais na Valéria. A luz chegou e trouxe novos arranjos à condição florestal nesta terra, num contraste entre o passado e o presente.

2.2.1.3.1 *Da poronga à luz elétrica*

É recente, na Valéria, a condição florestal envolvida pela eletrificação rural. Durante gerações, os espaços florestais foram somente iluminados, durante o dia, pelo sol e à noite, pelas estrelas, lamparinas, porongas⁷² e velas. Na poesia dos compositores parintinenses, “*A lamparina ilumina o caminho/ Do caboclo da Amazônia*”⁷³ e, nessa produção da vida humana entre as florestas, o povo confeccionava essas utilidades a partir de

um tubinho, por exemplo, aí tinha um morrão de pano, pano de rede, de algodão, metia pra lá, varava aqui, botava o querosene aqui na lata, aqui...Sacudia, mana, aí eu dizia “tu lembra, meu filho, que a gente fazia duas lamparinas que clareava uma casa?”... Aí a gente fazia tudo, hoje se não tiver 3 ou 4 bicos de luz, não faz mais nada... Eu fazia... Eu com eles... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Atualmente, a região está quase toda atendida pelo programa social “Luz Para Todos”⁷⁴. Há dificuldades logísticas em atender todos os espaços florestais, o que gera atrasos na sua total implantação, conforme apresentam os estudos da pesquisadora parintinense e professora da

⁷² É uma luminária feita, geralmente, a partir de latas de óleo, como o querosene, seu combustível mais frequente.

⁷³ Toada “Caboclo da Amazônia”, composição de Demetrius Haidos e Geandro Pantoja.

⁷⁴ Em 11 de novembro de 2003, por meio do Decreto N° 4.873, foi instituído o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica, denominado Luz para Todos. As áreas beneficiadas abrangem: assentamentos rurais, comunidades indígenas, quilombolas e outras comunidades localizadas em reservas extrativistas ou em áreas de empreendimentos de geração ou transmissão de energia elétrica, escolas, postos de saúde e poços de água comunitários. Os beneficiários pagam uma “tarifa social” e os descontos podem variar entre 10% e 65%, de acordo com o consumo da família e sua renda *per capita*. Até 2018, o Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia, esclareceu que cerca de 90 mil metros já foram utilizados em obras pelo Brasil, sendo 58 mil metros só no Estado do Amazonas, os quais têm proporcionado melhora significativa nas condições de vida dos habitantes, permitindo a fixação no campo, o funcionamento de escolas no período noturno, a utilização de irrigação para agricultura, além da possibilidade de utilização de eletrodomésticos. Todavia, a empresa concessionária Amazonas Energia ressalta que a continuidade das ações para execução de obras para o período de 2021 / 2022 dependerá da liberação de recursos provenientes do Governo Federal.

Universidade Federal do Amazonas Valmiene Sousa sobre o atendimento da empresa Eletrobrás Amazonas.

A empresa informou que as condições de portos e estradas dificultam a conclusão de obras previamente projetadas. A Distribuidora informou que o Amazonas representa o maior sistema térmico isolado do mundo, abrangendo uma área de aproximadamente 1,57 milhão de Km², incluindo todos os municípios. Mesmo conhecendo a realidade do Estado, a concessionária disse que as dimensões continentais do Amazonas e a ausência de mão de obra local dificultam a logística, comprometendo o cumprimento dos cronogramas iniciais das obras. [...]. Além disso, nos últimos anos foram registrados fenômenos naturais extremos como cheias e secas dos rios, dificultando ainda mais essa logística. Esses fatores, somados à necessidade de aquisição de materiais em outros mercados e até no exterior, contribuíram para o atraso e a não conclusão das obras nos prazos contratuais (SOUSA, 2017, p. 142).

Com dificuldades, a eletrificação⁷⁵ está em grande parte das áreas habitadas das florestas. Segundo levantamento do Ministério de Minas e Energia, em 2022, ainda há 219 mil famílias amazônicas sem pontos de eletricidade⁷⁶. A lamparina e a poronga são utilitários utilizados para o acesso a algum tipo de energia superficial. Ao ter uma ampliação da energia elétrica, as pessoas terão também o reconhecimento audiovisual de outras condições socioculturais através da televisão, já que o rádio já é parte do dia a dia do morador.

Houve um discurso político de conta de energia elétrica mais barata que nas cidades. Empresas de telefonia móvel também foram incentivadas a instalar antenas que atendessem às pessoas nos espaços florestais. Celulares e computadores ligados à internet as tornaram globalizadas e atraídas por novas realidades. Na realidade, essa possibilidade de ter acesso à internet nos espaços florestais, é falho, visto que, nos dias que estive na Valéria, principalmente em Betel, foram dias sem comunicação via celular ou outro meio digital. Porém, a região está mais conectada ao mundo, do que a vinte anos.

Inseridos nesse mundo em constante mudança, tanto velhos quanto novos envolvem-se nessas novas dimensões sociais e culturais que as intervenções tecnológicas propagaram nos rincões amazônicos, ressignificando e traduzindo em novas experiências a cultura das florestas e a sua condição florestal. Com a energia elétrica surgem praticidades no dia a dia, que podem potencializar a produção na agricultura, garantindo melhor uso dos recursos que cada região tem a sua disposição, assim como uma mudança na lógica dos serviços domésticos.

⁷⁵ Em 2020, o governo federal criou uma versão específica para as populações remotas da Amazônia Legal, chamado 'Mais Luz para a Amazônia' (MLA). O prazo de conclusão estipulado foi 2022, todavia, não atendido. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/775872-prazo-de-conclusao-do-luz-para-todos-esta-mantido-afirmam-representantes-do-governo/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

⁷⁶ Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/12/30/pais-paga-counta-para-levar-luz-e-esgoto-a-regiao-norte-por-que-nao-vinga.htm>> Acesso em: 06 jan. 2023.

A casa de Dona Izaura e Seu Manoel tem eletrodomésticos que contribuem para a rotina diária: a geladeira para conservar os alimentos e a máquina de lavar para facilitar a lavagem das roupas é um dos exemplos, que auxiliam a organização do tempo do velho casal. Existia um aparelho de televisão e antena parabólica, mas, devido a fatores externos, atualmente, não os possuem mais. Quando querem assistir algum programa televisivo caminham até a casa de Izanildo, que fica a poucos metros da casa onde moram. Também havia na casa de Izanildo, uma antena de internet rural, todavia, teve dificuldades em realizar os pagamentos e optou pelo cancelamento do plano.

Com a chegada da luz elétrica muita coisa mudou, ou melhor dizendo, “se fez uma nova luz, um novo caminho”, porém, trouxe consigo um cenário dissonante aos hábitos, aos costumes das pessoas da Valéria. O morador teve que se adaptar a uma rotina que não fazia parte de sua cultura. As pessoas se perceberam no meio de um turbilhão que foi gerado pela implantação da luz elétrica: *“Num aspecto a luz elétrica mudou... Agora as consequências dela, ela nunca trouxe... Assim... Muita coisa favorável não...”* (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Os efeitos da expansão elétrica não foram totalmente positivos, principalmente, na relação entre consumo energético e pagamento do valor atribuído, que é a questão levantada por Seu Manoel.

O alto valor do serviço de energia elétrica levou muitas famílias a não terem condições financeiras de efetivar o pagamento, causando a inadimplência. Não havia, dentro da dinâmica cultural da Valéria, a necessidade mensal de pagar a eletricidade, por isso, que, no aprofundamento desse impacto, que não é somente sociocultural, mas, econômico, Seu Manoel, trabalhador rural aposentado, discorre suas indagações.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: O que a luz elétrica não trouxe de favorável?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Olha... Essa quantidade de numerado... Quanto é uma casa? 300, 250 reais... Ela foi taxada essa luz... Taxaram pra poder chegar pra cá... Então, hoje, se a gente tá recebendo uma cobrança muito forte... A gente tá estranhando isso aqui... Justamente, porque a gente não tem alguém, um representante pra chegar ali e dizer que está muito caro... Vamos negociar... Porque são eles que são as pessoas, então, dentro disso aqui que nós achamos... Nós temos uma freezer hoje, nós temos uma geladeira, liquidificador e umas coisas a mais, tudo a gente tem, mas, dentro disso aqui, isso já são os favores que a gente tem, que a gente precisou, que a gente tem... Mas, dentro disso aqui, a coisa maior que a gente sente são as cobrança, essa cobrança sai caro...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Se não houver pagamento aqui, cortam a luz mesmo?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Cortam...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: A nossa já cortaram!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Já fazem 2 anos que cortaram... Passamos 6 meses sem luz... Nós fomos lá, negociamos, não quiseram negociar com pouco dinheiro, porque deu 2.008,00 reais... Aí eu disse pra o rapaz ir negociar, vender um gado lá, “Vai, rapaz, vende um gado lá e vai pagar esse troço, porque hoje estamos seguros na unha deles e ninguém pode sair!”... Aí, foi ele... Vendeu... E foi lá e negociou... Então, é por isso que ficou caro também aqui, era uma taxa bem resumida, aí ela cresceu, porque pagava o boleto e a multa... Então, hoje não, já parou tudo isso, porque já pagamos... Então, mas que benefício mesmo, olhando para um lado, ela trouxe, porque quando a luz vai embora a turma fica braba... Eu digo assim... Pra essa aqui, “Minha velha, parte humana é assim,

tem que verificar, você vê nas cidades grande, acontece isso”... De semanas... Tem que verificar, tem as pessoas que sabem, as organizações como é... Tem a parte humana, parte da natureza, tudo isso tem que saber, né... Então, muitas vezes, isso é parte humana... Pessoas desligou ou alguma coisa aconteceu... Fio... O certo é que alguma coisa aconteceu pra gente não ter a luz... Tem vezes que a gente vê... A gente sofre aqui, é só assim... Sofrimento é esse pagamento...

(Em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

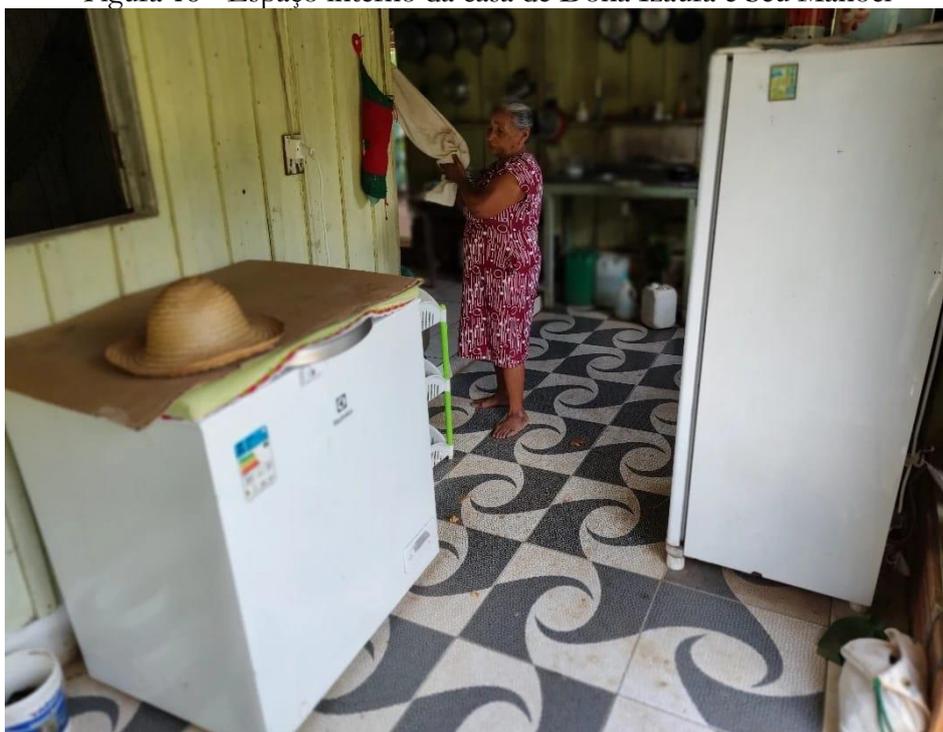
O povo sente que a dinâmica econômica da eletricidade influencia em qualquer lugar. Com instalação recente nos espaços florestais, esse serviço básico entrou no rol das necessidades de pagamento mensal. Mesmo que haja interferências financeiras, ela se tornou parte da produção da vida entre as florestas. No entanto, durante a minha primeira viagem, em outubro de 2021, a região foi atingida por uma forte chuva, que ocasionou a interrupção de energia elétrica e, até o meu retorno à Parintins, não havia sido restabelecida. Nessa espera, as velas voltaram a iluminar as noites e a melodia de grilos e sapos tornaram-se mais intensas no adormecer. Valmiene Sousa (2017, p. 227) argumenta que “houve somente o crescimento da demanda por energia elétrica e o abastecimento energético por si só não resultou em desenvolvimento local, pois disso depende uma articulação objetiva com outras políticas”. Quando a interrupção acontece, algumas vezes, é preciso chamar a empresa de energia, que tem a sede em Parintins, pelo rompimento de algum cabo ou a queda de algum poste. A dificuldade da empresa é que os postes e os cabos elétricos estão entre as árvores, o que proporciona uma demora no restabelecimento da energia para as casas.

Dona Izaura comenta que as interrupções de energia elétrica são espaçadas. Às vezes, retorna no mesmo dia, porém, já aconteceu de voltar em até 15 dias. Nessas situações, é preciso comprar gelo para conservar os alimentos perecíveis e materiais para confeccionar as lamparinas. O saber florestal é rememorado e outra vez colocado em prática:

Com toda dificuldade que a gente tem de pagar, se não cortam a luz, aí eu converso com o Freyzer, “Olha, meu filho”... Um dia faltou luz pra cá três dias sem energia, Gracy... Aí eu dizia, “Olha, Freyzer, lembra quando a gente fazia morrão de lamparina, de algodão, de pano de rede”... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Para iluminar as noites, a lamparina ou a poronga são as alternativas aprendidas, conforme a produção cultural construída no tempo-espaço, na capacidade de manter a condição florestal entre as matas. Indaguei de Dona Izaura como era feito para manter a conservação dos alimentos, antes do uso de geladeiras ou freezers e quais as estratégias culturais que possibilitavam a manutenção saudável tanto das carnes brancas quanto das carnes vermelhas. A figura 18 mostra os utilitários domésticos (geladeira e *freezer*) na casa dos velhos moradores.

Figura 18 - Espaço interno da casa de Dona Izaura e Seu Manoel



Fonte: Dutra, set. /2022.

Rememorando o passado sem geladeira ou *freezer*, Dona Izaura traz uma sabedoria florestal, o conhecimento do nativo da região, que se expõe, detalhadamente, no imaginário presente em sua construção social na floresta. A terra e a mata dão as condições para que o alimento fosse conservado.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como vocês faziam para guardar a comida antes da luz elétrica?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Só salgado... De hoje pra amanhã a gente já assava... Pra aproveitar já amanhã... Por exemplo, assava agora, almoçava, fazia uma fogueira... Mana, eu gostava muito de tirar a lenha, só o que tinha, não tinha gás.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Era qualquer madeira?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Qualquer madeira, mas, tinha duas que era a minha preferência, se eu pudesse só tirava aquela duas lenhas... Espeteiro é o nome dum, jacuúba o nome do outro pau.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Ainda as encontra com facilidade aqui?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Encontra com facilidade... Eu tirava muita lenha, eu não ficava sem minha lenha... Hoje eu digo pro meu velho, “Agora não dá mais não, agora é só com gás”, mas, nós ainda usa carvão, nós compramos a nossa churrasqueira... Mas, por aqui é difícil... Antes a gente só salgava... Olha, quando a gente morava na comunidade de Genezaré, sabe como a gente salgava peixe? Nós salgava peixe, nós salgava quando era carne, a gente levava lá pro centro, a gente chegava lá, cavava um buraco na terra, Gracy, limpava bem, pegava uma folha de banana, forrava aquele buraco tudinho, bem forte, bem forradinho, aí colocava a carne... A carne ou o peixe... Colocava tudo bem arrumadinho, outra camada de folha por cima, bem forradinho, aí botava a terra, podia deixar e passar o tempo que quisesse... Não estragava, mas, era salgado, assim nós conservava... Quando a gente vinha de tarde, daí da nossa casa de cima, a gente abria, tirava um pedaço, já trazia cortado, todo lavado, ficava aí e era só fazer... Às vezes, conservava semanas a carne...

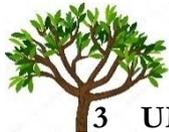
(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

O imaginário construído mostra a capacidade criativa ancestral desse povo, na arte de viver e sobreviver ante complexo território. Esse processo de conservação é datado desde os primeiros povos nativos. Através da aprendizagem cultural, o imaginário social produz “um mundo ajustado as suas necessidades e aos seus conflitos” (BACZKO, 1985, p. 307-308). A floresta é um mundo de experiências, vivências e práticas, só quem vive nela sabe produzir as artimanhas para a existência humana. No passado, o buraco na terra, forrado com folhas de bananeira, protegia e conservava as carnes, uma expressão cultural que apresenta as peculiaridades dos saberes florestais e a adaptabilidade nos territórios. Hoje há o *freezer* ou a geladeira para a conservação, com a necessidade do pagamento mensal à estatal.

A Organização das Nações Unidas - ONU estabeleceu como um dos dezessete objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁷⁷ no Brasil até 2030, assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível para todas e todos, principalmente, nas regiões mais afastadas de grandes centros. Ampliar a eletrificação, não é só proporcionar a luz elétrica em cada casa, é necessário possibilitar a qualidade do serviço, visto que, nem tudo virou flores com a chegada da energia. Esse cenário em fragilidade energética, no território amazônico, acontece devido o aspecto geográfico não ser atendido, satisfatoriamente, na elaboração das políticas de acesso à energia elétrica. Os rios e as matas são elementos que devem ser detalhados minuciosamente porque a natureza, nas florestas, é quem dita a dinâmica no lugar.

A vida na Valéria não está alheia às condicionantes do mundo moderno. São essas condições de vida que direcionam o tempo presente no território. As discussões presentes neste capítulo trouxeram os elementos históricos, físicos e sociais das condições florestais nessa Amazônia do Médio Amazonas, chamada Valéria. É diante dessas especificidades que a linguagem, os hábitos, os costumes e as crenças emergiram em solo fértil. Foi sob a sombra das árvores, protetoras do calor exaustivo dessa parte do Brasil, e dos rios, os nossos espelhos de contemplação, que gerações familiares aprenderam a cultura das florestas. Uma cultura com uma racionalidade singular que expressa os saberes florestais de um povo brasileiro, mas, também, as vulnerabilidades de habitar um território amplo, entrecortado por árvores e rios, que, em muitas situações, impedem um acesso mais efetivo das políticas públicas aos moradores.

⁷⁷ São um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 20 dez. 2021.



3 UMA CULTURA DAS FLORESTAS NA VALÉRIA

*Amazônia da vida, morada dos deuses
Das aves em bando, dos rios, a cura da terra
A luz da ciência, esperança futura a iluminar*

(Toada “Amazônia: nossa luta em poesia – Manifesto da Floresta”, composição de Adriano Aguiar, Edvander Batista, Edwan Oliveira, Ericky Nakanome e Ronaldo Barbosa).

Os saberes florestais amazônicos se apresentam tecidos em cada pessoa que habita esta região, expressos aqui na Amazônia da Valéria, nas suas dinâmicas humanas, num ontem percebido no hoje, em tradução de um possível cenário de futuro das condições florestais, impactadas pelos avanços acometidos por décadas neste espaço, tanto na geografia quanto na cultura. Essa terra recheada de saberes produzidos entre gerações, promove um véu de encantamento diante das expressões culturais das pessoas florestais, na construção de um peculiar e rico imaginário social. Essa cultura é alimentada por mãos intergeracionais, de pessoas que aprenderam a conviver com as lógicas das florestas e racionalizar uma prática que se adapta à realidade vivenciada e vivida às demandas do mundo contemporâneo.

Neste capítulo, as narrativas culturais mostram o poder do conhecimento, que não está em títulos acadêmicos, mas, na autoridade do argumento de quem cresceu imanente a esse território. A sabedoria desse povo não está comunicada nos livros, a aprendizagem da cultura é oral, de geração a geração, adaptando os signos e significados ao contexto presente do imaginário, numa arte de fazer adequada aos bens ambientais ainda existentes. Essa cultura inventiva e imaginativa, na realidade, se apreende e se pratica pelos mais jovens ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos; olhando como fazem, praticam as coisas; e até repetindo quando dá errado, com o objetivo de acertar. A cultura consiste como conteúdo expresso nas memórias e experiências transmitidas de gerações entre os membros das famílias, é assimilada e traduzida, no tempo, por cada membro.

A família Xavier de Oliveira trouxe expressões culturais que me foram gratas surpresas. Não sabia que Dona Izaura tinha sido, durante décadas, uma das tradicionais parteiras do lugar, nem que Seu Manoel “consertava” ossos, uma habilidade que, para mim, foi muito útil em um pequeno acidente nessas trilhas. Durante as conversas, narraram suas trajetórias no uso e usufruto das plantas e das árvores, possibilitando o conhecimento e reconhecimento de práticas tão naturalizadas nos espaços florestais. Percebi que essa família manifesta elementos que povoam as dinâmicas culturais dos povos florestais, o que fez com que o leque de discussão abrangesse essas tradicionais e essenciais atividades, tão presentes no imaginário social local, em todos os espaços

de povoamento humano, para tanto, as leituras de Michel de Certeau (2014), Emílio Morán (1990) e Hannah Arendt (2020) ampliaram a abordagem de práticas culturais que tem o passado e o presente, de um povo, na produção de seu imaginário social.

3.1 A FLORESTA DA ARTE DE PARTEJAR

O ser humano ao nascer requer as mãos habilidosas de pessoas na arte de partejar, seja em hospitais seja em outros lugares adaptados ao parto. Neste tópico, apresento o papel da parteria tradicional com seus conhecimentos e práticas, tornando-se, nessa Amazônia da Valéria do terceiro milênio, uma atividade em processo de perda. A memória das velhas parteiras, tanto através da oralidade quanto transcrita nas literaturas, são fundamentais para que o processo da parteria (crenças, saberes e práticas) nas Amazônias seja salvaguardado na história e reconhecida como parte interventiva da continuidade da vida nos espaços florestais. É na narrativa da produção humana, segundo Certeau (2014), que a cultura começa; quando a pessoa narradora define o lugar do discurso e o espaço de seu desenvolvimento.

Alguns estudos tiveram como personagem principal a parteira dos interiores florestais, como a pesquisa promovida pela Fundação Osvaldo Cruz, sediada em Manaus, chamada Fiocruz Amazônia, sob a liderança do pesquisador Júlio César Schweickardt e colaboradores, apresentada em 2020 na forma de uma coletânea, que abarcou parteiras tradicionais dos espaços florestais da região do Alto e Médio Solimões, no Amazonas. Na Amazônia da Valéria, a parteira está representada por Dona Izaura, mulher que tem o carisma de ter assumido por décadas esta prática que está em desuso nesse território.

A parteira é figura que está no imaginário social amazônico, cantada em toadas locais, como neste trecho “*Tá no sangue, tá veia, tá vida/ Tá nas mãos de Dona Nega Parteira*”⁷⁸, espalhadas pelos beiradões e centro das florestas. Está nas mãos técnicas da mulher que se considera ribeirinha, quilombola, cabocla ou agricultora, como a nossa narradora. O semblante hoje envelhecido e tranquilo de Dona Izaura contribuiu para o nascimento de muitas pessoas da Valéria.

Partejar é uma arte milenar. Baczko (1985) ressalta que o imaginário social e os bens simbólicos por ele produzidos não são ilimitados, o processo é contínuo, adequando-se à dinâmica corrente, por isso, a potência da arte imaginativa é particularmente rara e preciosa, como a habilidade do partejar, no século atual, no solo amazônico da Valéria. Esse imaginário aponta para o poder existente que nutriu gerações, numa produção sociocultural de pessoas que orientam o

⁷⁸ Toada “Magia da Toada”, composição de Tony Medeiros, Inaldo Medeiros e Edvaldo Machado. Dona Nega foi a mais emblemática parteira da cidade de Parintins. Até os dias atuais, ela é lembrada nas narrativas sobre os personagens históricos parintinenses.

espaço vivido através das estratégias que alimentam para a sobrevivência da sociedade. São essas práticas que, nas palavras de Certeau (2014, p. 41), “colocam em jogo uma *ratio* “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” e, a parteria tem incrustada esse saber tão ancestral que articula tão bem essa indissociabilidade. Dona Izaura (FIGURA 19) representa essa arte do realizar partos, quando, pela canoa, atravessava o rio à remo e ia auxiliar a parturiente.

Figura 19 - A parteira Dona Izaura



Fonte: Dutra, out./2021.

As filhas e filhos da Valéria, até início dos anos 2000, nasciam pelas mãos da parteira: “*Meus filhos todos nasceram aqui, de parteira*”, disse Dona Izaura (Em 02 de outubro de 2021). De parturiente à parteira, esse foi o caminho realizado pela velha senhora. O ofício assumido por Dona Izaura foi pelo acaso: “*Eu não sabia nada de parto!*” (Em 17 de setembro de 2022). Na solidariedade

com uma parturiente em angústia, numa perspectiva implícita de sororidade, que a fez relembrar as suas gestações e o que vivenciou em seus trabalhos de parto, atendeu ao chamado e ajudou a quem lhe pediu socorro: “*Aí eu foi! Era aqui defronte, meu vizinho... Chegemo lá e com poucos minutos ela teve a criança*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). A narradora revela que o medo tomou conta. E, “se não consegui partejar?”, deve ter se questionado no caminho entre as casas. Ela nunca tinha visto ou ajudado ninguém a parir, mas, Dona Izaura foi e com a fé em Deus, segundo suas palavras, conseguiu ser eficiente na ação, colocando esse início de ofício na esfera do sagrado. A arte popular expressa, simbolicamente, uma ação inesperada como algo divino, mas, é um movimento que, internamente, já lhe pertence, isto é, há um conhecimento mínimo por trás dessa ação. Ademar Araújo (2019, p. 40), em pesquisa no Alto Purus, no Acre, salienta que “a parteira que se preze não deixa mulher nenhuma sofrer sozinha; dor de mulher é sempre dor de mulher e, quem tem o dom de Deus, como muitas ribeirinhas afirmam, não pode deixar de servir nenhum momento”. Por ser uma arte majoritariamente feminina, é no parto que a relação “mulher - mulher” se apresenta em completude, em aliança. A mulher parteira se vê na mulher parturiente. As lembranças sofredoras dos partos, mesmo passado décadas, ainda são sentidas e, nesse rememorar a dor, houve um estímulo em ajudar outras mulheres. Na prática amazônica, até um tempo atrás, os saberes das parteiras foram essenciais e, até mais necessários, que o saber médico na hora do parto.

Pra começar esse trabalho, eu tava aqui mesmo, já tinha meus filhos, e um menino que morava aqui nessa ponta... Ele já faleceu, agora só tá a mulher dele... Aí a mulher dele deu dor nela e não tinha a parteira... A parteira era a irmã dele e não estava aí, estava pra Colônia... Ele veio aqui rápido, “Mana, eu vim te convidar pra ir lá em casa rápido que a minha mulher tá com dor e quando dá a dor nela, ela não custa a ter criança...” “Deus do céu! Ai, José, eu nunca fiz isso!” “Mas, mana, me acode, me acode, que estou aperreado!” ... Cheguei lá, ela tava sentada em cima de um pano... Eu disse: “Ah, querida, aqui é tu, eu e Deus, porque eu nunca fiz esse trabalho, nós tem fé e coragem... Você garante?” “Eu garanto!” ... Aí, Deus abençoou, que deu a dor pra criança nascer, aí ela nasceu... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

Durante a narrativa, Dona Izaura revela que era uma prática tradicional das mulheres de sua família, uma herança de mãe para filha, uma prática cultural mantida de mulher para mulher. A parteria na e da Valéria estava nos genes das antigas mulheres Xavier. Dona Izaura conta que sua avó materna, Antônia Xavier, era parteira e sua mãe, Maria de Nazaré Xavier, lhe auxiliava nos partos, entretanto, esta nunca teve a prática do partejar, somente detendo os conhecimentos teóricos dessa atividade ancestral.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Sua mãe era parteira?
Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como sua mãe aprendeu?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Com a mãe dela que era parteira.
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Mas, a sua mãe nunca fez parto?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Só assistia a mãe dela...A mãe dela ensinava as cunhadas dela, que também eram parteiras... Ela via, ela assistia, ela ajudava quando pedia...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: A sua mãe não era parteira, mas ela dizia para a senhora como fazer, é isso?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: É... Graças a Deus... Eu digo que Deus foi bom porque nunca deixou eu passar vergonha de a criança nascer aperreada ou de custar a nascer.
 (Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

A aprendizagem, transmitida oralmente, foi vital para as vidas das mulheres e dos recém-nascidos nos espaços humanos. É uma mulher que ampara outra mulher, num vínculo de irmandade, totalidade, numa real sororidade. A dor de outra mulher é uma dor compartilhada, sentida nas entranhas, como se a dilatação da parturiente acontecesse, de algum modo, em si. Dona Maria de Nazaré, mesmo sem a prática de realizar partos - por medo ou outros motivos desconhecidos -, sabia o que e como fazer durante o parto, por ter acompanhado sua genitora nos trabalhos por ela realizados. Por ter outras mulheres na família que partejavam, os elementos discursivos estavam impregnados em seu imaginário. A potência racional e interventiva de dona Maria de Nazaré se encontrava nas observações e orientações metodológicas, transmitindo esse conhecimento para sua filha Izaura. Esta última foi além, pôs em ação o que aprendeu e externalizou uma prática mais terna às fragilidades do corpo feminino no momento de “dar à luz”. Em cada ação, a força da ancestralidade estava nos comentários de apoio à parturiente.

Mãe de dezesseis filhos que, devido ao precário (ou quase inexistente) serviço de saúde nos espaços florestais no século XX, perdeu dez filhos recém-nascidos sem assistência médica: “*Tive uns problemas... Tive um parto complicado... Naquele tempo não tinha os recursos que tem hoje*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Essa triste realidade faz parte de muitas famílias, fragilizando, emocionalmente, mães e pais que ansiavam por filhos. Essa história, a princípio, não foi contada por Dona Izaura e, sim, por sua filha Selma Xavier.

O papai e a mamãe tiveram dezesseis filhos, só que desses dezesseis filhos... Dos dezesseis, né, mamãe conseguiu criar seis, o Oziel morreu há pouco tempo, oito anos e... Os demais morriam assim que nasciam... No parto ou alguns dias depois... Porque a mamãe teve um problema de saúde e naquele período... Naquele tempo lá, em que eles se casaram jovens, não tínhamos assistência à saúde, nós sempre fomos deficientes disso, então, a mamãe não fazia o pré-natal e, por conta disso, ela perdia os filhos por causa do parto em casa, né (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021, numa tarde ensolarada de sexta-feira em Parintins).

Eu pensava que a velha senhora tinha engravidado apenas seis vezes. Escutar de sua filha a quantidade de mortalidade foi um assombro. Suponho que, para Dona Izaura e Seu Manoel, narrar tais fatos a uma pessoa, até então desconhecida, era mergulhar num assunto que

desestabilizava suas memórias. Aos poucos, ela foi me dando a oportunidade de explorar esses fatos, que mostram a negligência ou ausência do Estado em atender, eficientemente, as vulnerabilidades de espaços humanos afastados de ambientes citadinos.

A história das gestações e partos de Dona Izaura mostram as dificuldades das mulheres florestais que não tinham o acompanhamento obstétrico ideal - hoje houve melhorias, porém, ainda há situações-problemas a serem contornadas. Engravidar dezesseis vezes e perder dez filhos é traumatizante para qualquer mãe e, para quem ouve, entristece. Os traumas e tramas das vivências amazônicas desenrolavam-se sem o atendimento básico aos povos florestais, pois ir à cidade custava longo tempo e alguns custos, ainda mais marcados sob o véu de invisibilidade dos governos e pela incoerência de políticas públicas para as regiões amazônicas. Não tendo acesso a hospitais, havia a necessidade de haver parteiras experientes no local, para que a vinda de filhas e filhos ocorresse com cuidado, todavia, muitas vezes, o infortúnio do óbito neonatal acontecia.

Em dados do Ministério da Saúde, de 2022, a mortalidade de recém-nascidos ainda é grande no Estado do Amazonas, a taxa é 17,9%, maior que a média nacional⁷⁹. Em outros tempos, a porcentagem de óbitos era muito maior. Esse cenário é proporcionado pela desigualdade no atendimento básico, fragilizando as vidas, principalmente, nos espaços florestais afastados de outras dinâmicas humanas. As políticas públicas em descompasso com as necessidades dos povos da região, causam vulnerabilidades sociais e ambientais que se tornam emergentes e urgentes, afetando a dinâmica das famílias locais. O povo que habita os interiores das matas fica distante das esferas de atendimento básico e hospitalar rápido, mesmo que, atualmente, os governos municipais viabilizem meios de locomoção, ele não se torna acessível para todos, visto que, a distâncias entre os espaços de povoamento humano, principalmente, no território amazônico, são longínquas.

Selma Xavier trouxe a história dos filhos falecidos de Dona Izaura, mas, é necessário ouvir dela a narrativa, mesmo que as lembranças lhe firam. A perda de filhos é um assunto delicado a ser instigado para uma mãe. Com semblante triste, Dona Izaura relembra as dificuldades que enfrentava na hora de parir.

Mana, era... Era muito difícil ir pra Parintins, pra levar, por exemplo... A minha doença pior da vida era parto, Gracy, esse meu velho se preocupou muito comigo quando era no mês pra ter criança... Não tinha barco, não tinha transporte, não tinha... Só tinha a parteiras, só o que eu não sei o que acontecia comigo, mas depois nós subemos, nós não era crente nesse tempo... E meu velho e meu pai, me levou lá numa parteira, aí ela disse que era judiada pra morrer de parto... E era por isso que meus filhos não nasciam... Quando nasciam vivo, morriam logo em cima da hora... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

⁷⁹ Disponível em: < AMAZONAS: Mesmo com queda em 20 anos, taxa de mortalidade infantil no estado ainda é a maior do que a média brasileira | Brasil 61 > Acesso em: 02 jan. 2023.

Doença ou encantaria? Os povos florestais acreditam nos encantos e nas magias que um ser humano pode fazer para outro, que envolve variados motivos. Dona Izaura crê que feitiçarias impediam a continuidade da vida de seus filhos recém-nascidos, ela afirma que tinha sido “amaldiçoada por magias obscuras”, não sabendo o porquê nem por quem. As magias tanto das pessoas quanto dos seres encantados fazem parte do imaginário local, por isso, para que “vingassem”, João Roberto Xavier, genitor da narradora, juntamente com Seu Manoel, procuraram uma parteira com um conhecimento específico: *“Ela era parteira e espírita!”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Nas denominações tradicionais, além de auxiliar no serviço neonatal, ela era benzedeira ou curandeira, conhecedora de orações, chás e outras especificidades do ofício, logo, essa articulação de saberes, tinha o poder de curar as moléstias daqueles que lhe procuravam em agonia. Ela era uma perita, uma especialista, que interpretava e traduzia a sua competência na manifestação da cura que almejavam.

Não são todas as parteiras que possuem o conhecimento da cura do corpo e do espírito. A mulher procurada pelo pai e marido de Dona Izaura tinha uma sabedoria exclusiva que agregou à prática da parteria, um escopo ancestral articulado ao seu modo de agir, tornando-se referência na região para assuntos que afligiam não só o corpo físico. O saber florestal dessa particular parteira foi essencial para que a família de Dona Izaura e Seu Manoel pudesse se constituir com mais membros. A velha senhora conta o processo de cuidado físico e espiritual que fez com que seus filhos e filhas vivessem até a idade adulta.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Era uma senhora do Paraná de Parintins, e o nome dela era Arminda Aranha, parteira profissional, ela tinha carteira de parteira... “Olha, se quiserem tratar dela, eu vou tratar dela!” ... Eu tava grávida do Zane... “Eu vou fazer o remédio pra mim ajudar!” ... Ela disse...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como era esse remédio?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Era chá, era banho... Era folha de algodão, de pião e não sei mais o que era...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Era bom para segurar?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, eu não sei... Eu sei que ela ensinava que era pra botar sal no pires com limão, com as coisas, debaixo da minha rede... Remédio de curandeira, mas, graças a Deus, Gracy...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Todo mês?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Todo mês, depois que eu foi com ela... Ela passou esse remédio, olha, ela disse: “Se vocês não quiserem que eu cuide dela, podem comprar a madeira, podem comprar o prego, podem comprar forro para forrarem o caixão dela, porque ela vai morrer desses filhos, porque a judiaria que fizeram pra ela é pra ela morrer com filho, sem ter criança... Mas, se vocês fizerem direito, eu vou tratar dela, ela vai ter parto normal e rápido”... E foi verdade...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Foi a partir do Zane que seus filhos vingaram?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: É... Depois do Zane, teve a Iza, aí já foi uma escadona... Assim foi... Uma vez, eu levei daqui do interior com dor três dias, meu marido andou pra todo lado sem ter como fretar um barco, não tinha um centavo, aí até que chegou, não sei se a senhora conhece o Ademar Azevedo, o pai dele tinha um barco... O pai do Ademar era do Itaboraí, ele era muito amigo do meu pai, era muito amigo do meu marido... Aí ele foi me levar em Parintins, aí eu teve a criança em viagem, mas, morto... Estava até se decompondo a criança dentro de mim... Eu já sofri demais, Gracy, por

meus filhos, mana, e eu acho que as parteiras até me judiavam... Tinha vezes, que eu via, assim, que elas metiam a mão mesmo... Mana foi muito sofrimento!

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Diante do relato, o sofrimento era evidente. A fisionomia mudara. A voz ficou embargada pela emoção de lembrar as perdas, até hoje sentidas pelo velho casal. A conjuntura histórica de atendimento ao povo de dentro das florestas, em suas necessidades básicas, determinou, durante um longo tempo, um lugar para as Amazônias: a provisão mínima na garantia dos direitos, em todas as suas características, ainda mais se esse público morasse afastado de espaços citadinos. Na esfera da política social, não só é só falar em direitos fundamentais, é preciso garantir que os direitos cheguem a essas pessoas, levando em consideração, os parâmetros sociais e geográficos de sua realidade, do contexto que vivem. E isso não está presente nas políticas de amparo ao povo florestal.

Escutar a narrativa de Dona Izaura emociona, pois, percebi o quanto nós, pessoas da Região Amazônica, fomos e ainda somos desassistidos, desvalorizados como pessoas de direitos, apartados daquilo que viabiliza a completa cidadania. Todavia, em contrapartida, o Estado exige que cumpramos nossos deveres, mesmo que sejamos expropriados do nosso direito do bem-viver. Nas Amazônias, o esquecimento do poder público e o sofrimento dos habitantes andaram lado a lado durante longas décadas, ou, séculos, se formos afundo na história da invasão a ferro e fogo em nosso território. A proteção das florestas não protegia a vida desse povo. Havia, de sobremaneira, um apagamento dos direitos sociais nos espaços florestais. As necessidades humanas básicas nas terras amazônicas não eram atendidas, reforçando a exclusão histórica e social do povo do Norte.

Não era, somente, a “judiaria” realizada para Dona Izaura - o casal crê que isso ocorreu - era, principalmente, a posição do bebê. Sem o acompanhamento obstétrico, ela não fazia os exames adequados para saber se estava tudo bem consigo e com o feto, logo, na hora do parto, os filhos não vinham na posição ideal, isto é, de cabeça para baixo, e sim, “atravessados” - essa posição fetal é chamada “transversal ou córmica”, o que dificultava o parto normal. O parto transversal ou córmico é considerado anormal e menos de 1% das mulheres se adequa a esse tipo de posição fetal⁸⁰ e, infelizmente, Dona Izaura se encontrava nesse público. O apropriado é a criança estar de cabeça para baixo, em posição cefálica. Na situação córmica, o parto deve ser realizado através de cesárea, o que não é acessível para o espaço florestal da Valéria - nem no tempo de Dona Izaura e

⁸⁰ Disponível em: < Posição Fetal e Apresentação Fetal: um guia para grávidas - Vila Materna > Acesso em: 02 jan. 2023.

nem no presente - não havendo a possibilidade de virem à cidade para atendimento hospitalar urgente. A consequência era evidente, para as parteiras, se tal situação ocorresse.

Sem acesso ao serviço médico adequado e sem o conhecimento necessário, as parteiras não acertavam realizar o melhor parto, causando o óbito dos recém-nascidos. Dona Izaura conta que apenas uma parteira, prima dela, alertou o motivo de as outras parteiras não conseguirem manobrar a barriga da gestante e colocar o bebê na posição apropriada.

Ela dizia: “Olha, Izaura, sabe por que essas parteiras não fazem nascer essas crianças? Porque nunca vinham direito” ... Elas vinham atravessado, o rosto atravessado, aí elas queriam que eles nascessem, mas, como se elas não endireitavam... E não dava pra ir, não davam aquele jeito... Porque tem criança, Gracy, que não nasce direito, tem criança que nasce com o cordão do imbigão por aqui, aí quando a gente tem aquela experiência, mete o dedo da gente e dá um jeito, tira da cabeça aí... Porque o que prende a criança é o cordão! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

O olhar clínico e a sabedoria de uma das parteiras da família Xavier foi essencial para o nascimento e sobrevivência de seis filhos do casal, com a contribuição da parteira espírita, como afirmou Dona Izaura. Ao assumir o papel de parteira, Dona Izaura colocou a sua experiência e os seus saberes a serviço daqueles que a procuravam. Segundo ela, não havia um interesse particular em seguir esse caminho, como foi com as outras mulheres de sua família, contudo, o chamado veio. Como foi dito anteriormente, a velha senhora nunca tinha praticado o ato de partejar: “*Podemos dizer que é o poder de Deus para ela fazer os partos das pessoas aqui!*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021), mas, num conhecimento que estava na sua ancestralidade, ela assumiu essa responsabilidade. Uma prática cultural adormecida despertou e, com todas as ressalvas possíveis, mas movida pela solidariedade, Dona Izaura atendeu àqueles que chegavam em desespero: “*Eles vinham me chamar e eu sempre dizia: “Olha, mana, eu não sou parteira, mas, vumbora lá! Deus vai na frente!” Eu sempre colocava nas mãos do Senhor! Porque ele é o parteiro dos parteiros, o médico dos médicos, né*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). As mãos da parteira foram abençoadas pelo poder sagrado. Essa retórica é bastante comum quando se questiona as habilidades dessa arte.

Numa Amazônia estabelecida por famílias afastadas espacialmente, mas próximas em solidariedade, todos se conhecem e há laços recíprocos de afeto, que resultam nessa compaixão e num serviço, *a priori*, nem imaginado a ser realizado, contudo, existente na história familiar das mulheres Xavier. A arte de partejar foi abraçada, aceita como vinda a mando de Deus: “*Meu Deus, eu tô aqui, faz por mim que eu não sei fazer! Me usa, me dá sabedoria, Senhor*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). O conhecimento estava lá, no subconsciente, apenas precisava de estímulos para ser ativado, já que a prática da parteria era tradicional em sua família. Nesse saber ancestral, Dona Izaura aplicou seus conhecimentos no nascimento das crianças e na

aplicação de rituais no pós-parto, que dão a sobrevivência para os nascidos e um conforto para as parturientes. Nessas idas e vindas à Valéria, Dona Izaura relembra seus procedimentos nessa tradição praticada entre gerações.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Quais os rituais que a senhora fazia antes de ir para o parto?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Eu lavava bem minha mão, eu levava alquinho e minha tesourinha e ajeitava tudo num pano limpo... Esterilizava a tesoura, pegava meus panozinho e embrulhava ela toda... Eu lavava bem, fervia, botava no álcool, dentro de uma caixa agasalhada, meus cordãozinho pra na hora não ter, porque às vezes eu chegava “Tem como amarrar? Não tem”... Eu já levava...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como era esse fio?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, nós fazia aqui no interior, nós fazia com fio de rede, varanda de rede, nós desfiava aquela varanda de rede, lavava bem, fino, torcia bem, fazia um nozinho daqui, um nozinho dali, para não escangalhar o fio... Aí eu já estava com aquilo tudo na minha caixinha arrumada, eu botava aqui... Saía, mana... Cobrar eu nunca cobrei, nunca cobrei... “Quanto é? Mana, não sei, se você quer gratificar que seja da tua vontade, mas, eu não cobro!” Eu nunca cobrei parto, mas, depois que eu passei a ter criança, meu velho pagava... Eles cobravam o parto 20, 30, 50 era assim...

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Nos atendimentos, a velha parteira conta que os bebês, em maioria, nasciam na posição cefálica, mas aconteceu de um dos partos, os pés virem primeiro. Uma outra parteira lhe explicou o que e como fazer neste tipo de situação.

Eu tinha uma prática... Nesse tempo eu já tinha filho, que uma parteira que fez o parto desse menino disse: “Olha, quando você se vê aperreada como essa criança que nasceu de pé, não te espanta, deixa a criança nascer, quando tu tiver passando nessa parte da costa da criança, tu só suspende o pezinho”... Olha, no hospital, muitas crianças morrem porque nascem de pé, as enfermeiras tem a prática, mas não tem a experiência... Quando a criança nascia de pé, puxava um pouco, assim, suspendia o pé aqui, pra vim a cabecinha... E lá embaixo tinha um pano, assim, dobrado e lá colocava... E a criança nascia assim e não se batia (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

A comparação entre conhecimentos chama a atenção: a prática da enfermagem x a experiência da parteira tradicional. A prática das enfermeiras tem o sentido de ter sido adquirida através de cursos formais enquanto as parteiras tradicionais têm, nas experiências, as melhores táticas para o trabalho do parto, um conhecimento assimilado através da ação. A diferença entre as habilidades, é a sabedoria de olhar, observar e sentir a parturiente, no aspecto, que hoje a medicina chama de parto humanizado, mas, que era realizado, amiúde, pela parteria tradicional. Mesmo sem adentrar uma sala de aula formal, como nos cursos acadêmicos, as parteiras tradicionais se identificam com aquela mulher, veem seus filhos nos filhos dela, e compreendem, que aquela vida recém-nascida é continuidade da cultura daquele espaço florestal. Nesse agir, ganham respeito e poder entre os moradores, se tornando uma pessoa - referência no local.

Com recursos e instrumentos escassos voltados à hora do parto, os utensílios diários da floresta eram os instrumentos de uso no pós-parto: flecha para cortar o cordão umbilical e o terçado para ajudar a cicatrizá-lo. Estratégias que podem parecer brutais, mas era aquilo que dispunha as parteiras para concretizar o serviço. Dona Izaura, a partir do primeiro parto, foi aprimorando suas técnicas.

Olha, professora, naquele tempo, o imbigio era queimado e cortado... O imbigio da criança com a flecha, porque aqueles pedaços é muito amolado... Aqueles pedaços cortava e partia... Aí pegava, por exemplo, o imbigio da criança e *tchã* cortava... Cortou e queimar até com o terçado quente... E *tchááá* aqui... Eu fez parto de menina de primeiro filho... Deus me deu... Deus fez um milagre comigo, porque Deus não me deixou passar vergonha com ninguém! Todos nasceram bem, se criaram, uns já faleceram, mas, outros já são pai, já são mãe! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

Com o tempo ela introduziu a tesoura, desinfetada com álcool, como já pontuou, essa dica foi dada por sua mãe, assim como o processo de corte do umbigo: *“Minha mãe dizia: “Minha filha, a gente amarra o imbigio da criança com três dedo, mede... Amarra em duas partes e pode cortar no meio daqueles amarelinhos”...”* (Em 17 de setembro de 2022). Nesse dom, mesmo afirmando que ninguém lhe ensinou, ela atribui a si centenas de partos: *“Eu acho que fez mais de mil partos... Fez parto, muitos partos aqui! Eu que era boba e não anotava...”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Perguntei a ela como as mulheres pariam. Na experiência adquirida, a posição mais confortável determinava a melhor atitude: pariam na rede, em pé, sentadas, de cócoras ou na cama. Elas escolhiam a posição.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como era a posição para o parto?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, elas não tinha posição certa... Umas eu assistia que era na rede, eu só pedia pra endireitar a posição na rede... Outras era acorçada, de cócoras, outras era normal.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: A senhora teve os seus como?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, sentada... Antes tinham os bancos próprios pra sentar pra parir... Era um banco pequeno, era aberto... Era um banco mesmo, uma coisa que não empatasse a vagina pra criança... Próprio pra parto...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Esse banco foi inventado quando a senhora começou a partejar ou já existiam?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Já tinha... As parteiras antes elas usavam, conforme fosse a postura, a posição da mulher, porque eu sempre dizia “Mana, qual é a posição que tu tem a criança? É na cama, é na rede, é sentada? Como é?”... “Ah, eu tô acostumada a ter na cama!”... “Então é na cama!”... As outras eram na rede, as outras eram sentadas mesmo no bacio...A maioria era na cama.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Esses bancos ainda existem?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, esses banco acabaram, porque a parteiras morreram e levaram o beco os bancos.

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Dona Izaura relembra que, naquele tempo, eram cinco parteiras na região: “*Tinha a dona Benedita, dona Dulcila, dona Rosa, tinha a minha tia Luíza e comigo cinco!*”. Ela diz que seu serviço era somente para o trabalho de parto, não indicava chás ou outros tipos de tratamento pós-parto, pois, não sabia indicar ou fazer nenhum. Por medo, talvez, de que pudesse ter algum efeito negativo para a mãe. Quando acontecia algum imprevisto com a gestante, ela recomendava ir à cidade e procurar um melhor tratamento, como foi a situação de uma jovem que não expelia a placenta.

Só teve uma placenta que veio pra cidade, foi de uma senhora aqui da comunidade, que veio me buscar e eu fui lá assistir ela... Cheguei lá com poucas horas a criança nasceu e ficou a placenta... Ficou e eu sacudi ela, fizemos levantar, sentou no bacio e nada, nada...E outras pessoas diziam “Faz o remédio!”, “Mas, eu não sei!”... Até chegarem ao ponto de dizerem “Pega tua mão e puxa!”, eu disse “Eu não faço, eu não posso fazer isso! Eu não vou fazer isso não! Vá que acontece algum prejuízo!”... Aí quando deu 10h30min da noite, eu chamei o esposo dela e falei: “Olha, quero falar pra ti um coisa, João, a tua esposa já teve a criança, tem um compromisso muito grande, mas tem outro na frente que é perigoso, a placenta não nasceu e eu não sei fazer remédio e o que estão mandando eu fazer, eu não posso fazer, não posso não... porque de repente dá um problema na mulher, mano, pega um barco, freta um barco e leva ela pra Parintins, que lá eles tira, que de qualquer forma vão tirar!”... E ele não brincou não, fretou um barco, levou a esposa dele, chegaram com ela na cidade eram 3h da manhã... Foi passando para o hospital e foram tirando... Deu tudo certo, graças a Deus! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Com o passar do tempo, os serviços das parteiras foram diminuindo. Das cinco parteiras, somente ela vive, mas, aposentada dos serviços. No novo século, há duas situações conectadas: as mulheres da geração mais nova preferem ter seus filhos nos hospitais de Parintins por ter mais segurança do que na Valéria e, também, outra situação é que a geração posterior à Dona Izaura não promoveu a parteria tradicional. O conhecimento empírico e as experiências de realizar partos domiciliares terminaram nela e estão em suas memórias. Mesmo que, na ação, esteja em desaparecimento, o bem simbólico que esta habilidade representa é fortemente ligado a um saber atemporal.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Aqui não tem mais parteira?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, aqui não tem mais... Todas já vão pra cidade porque não sei se elas não se fiam nelas mesmas... Porque eu digo que o parto quem tem que ser forte é a própria pessoa, por mais que esteja a parteira, esteja o médico, mas se a gente não se esforçar...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Tiveram outras parteiras depois da senhora?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Depois de mim a casa acabou, morreram as parteiras... Eu fiquei trabalhando uns 50 anos... O último parto que eu fiz foi da minha sobrinha, aqui na Bete Semes.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: A senhora não ensinou nenhuma de suas filhas?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não porque elas sempre não estavam comigo, quando elas estavam eram tudo pequena.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Mas, não havia uma curiosidade por parte delas?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Quando perguntavam, eu contava pra elas...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Elas nunca iam com a senhora?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Elas não iam porque, às vezes, vinham me buscar de noite... Eu não lembro se foi a Selma ou a Sara que foi comigo nesse parto dessa menina, que foi pra Parintins com a placenta... Eu fiz da irmã dela, que eu estava falando... A Sara que foi comigo... Era de noite e não tinha com quem ela ficar... Eu cheguei lá, botei ela na rede e ela dormiu...

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Selma Xavier diz que nunca teve curiosidade em saber o processo de partear, pois, *“a mamãe, na verdade, não gostava de nos levar e eu ficava com meu pai”* (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022). Não houve um fomento desse saber nessa geração, logo, a parteria de mãe para filha, não teve continuidade nessa família, causando, como dito anteriormente, uma prática em desaparecimento na região da Valéria, justamente pelo acesso aos partos nos hospitais de Parintins. Dona Izaura ainda ressalta que uma amiga foi fazer um curso, em Parintins, realizado por parteiras oriundas do município de Tefé/AM, da Associação das Parteiras Tradicionais do Estado do Amazonas Algodão Roxo (APTAM), mas, *“só que as mulheres aqui, ela não tá tendo trabalho, porque tudo vai pra cidade... Tem mais segurança!”* (Em 17 de setembro de 2022). As gestantes vão para Parintins no transporte fluvial chamado ambulancha. A figura 20 mostra a ambulancha da Valéria.

Figura 20 - Ambulancha Valéria



Fonte: Dutra, out. /2021.

Nesse novo tempo, as mulheres da Valéria preferem as habilidades obstétricas de profissionais especializados, do que da amiga de Dona Izaura que realizou um curso rápido em

Parintins. O imaginário sobre o parir em casa, entre as matas, mudou. E é um questionamento produzido por Dona Izaura, ao dizer que não se pode mais parir em casa e que até os profissionais de saúde, na ambulância, quando fazem resgate de parturientes, questionam isso.

O serviço da ambulância atende os moradores da região nos casos de emergências e urgências médicas, levando-os à Parintins, o motorista dela é o Izanildo, o Zane, filho do casal. O transporte fica ancorado no terreno do casal, à espera de alguma chamado. Cada espaço florestal parintinense possui a sua ambulância. Esse transporte emergencial é equipado com motor 150 hps, que pode chegar em 30 minutos na sede, minimizando as dificuldades de assistência médica, antigamente, duramente sentidas. Dona Izaura, em entrevista do 15 de janeiro de 2022, narra que no ano novo de 2022, a ambulância não parava na Valéria, levando pacientes para Parintins até na madrugada que, infelizmente, num desses trajetos um tronco de uma árvore atingiu a ambulância causando uma paralisação temporária nos serviços.

A ambulância está para servir o povo da Valéria na hora do parto, e é a orientação dada pela velha parteira. Mesmo sem realizar a algum tempo o serviço de parteria, os casais da Valéria não esquecem as mãos que serviram esse pedaço amazônico: *“Agora ainda venham aqui comigo, vem trazer pra mim puxar, endireitar a criança, aí eu já faço por consideração porque eu não garanto mais!”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Em alguns casos, a sabedoria da velha parteira já indica os serviços médicos da cidade, visto que a ambulância está a serviço dos moradores e a palavra dela expressa quase uma ordem. Quando algum casal aparece para que ela faça o parto, Dona Izaura assim diz:

Pra fazer parto esse rapaz do primeiro filho dele, ele veio... “Mano, meu filho, eu não faço mais parto não, mas eu vou te dar um conselho, liga pra ambulância que eles vem buscar tua esposa e levar pra cidade, porque eu não faço mais esse trabalho”... Porque eu não enxergo bem, né, professora, e me comprometer, não... É um compromisso muito grande, é muita responsabilidade fazer um parto! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

O “não” de Dona Izaura é o “sim” para a vida da mãe e do bebê. Entender que hoje há um serviço - mesmo que seja com fragilidades nos espaços florestais - que possibilita um atendimento médico à parturiente, é dar mais oportunidades para que o parto seja realizado com sucesso. É preciso precaver-se para não haver choro e tristeza. Dona Izaura e Seu Manoel sabem, dolorosamente, o que é perder filhas e filhos no parto ou em dias de nascido pela falta de assistência médica neonatal e essa dor, transformada em sabedoria, dá esse olhar mais lúcido ao orientar a gestante em beneficiar-se dos serviços disponibilizados pelo governo municipal. E a nova geração se aproveita dessa comodidade, antes, não possível às mães, avós, bisavós até a mais longínqua mulher das gerações passadas.

O partejar e parir entre as florestas da Valéria, no século XXI, não existe mais. A nova geração escolheu outros ofícios para seguir, à medida que a partir da década de 1980 houve uma redução de moradores na região, intensificado nos anos 2000. As mulheres estão em outras profissões, a arte de partejar ficou para a geração mais velha, todavia, com o falecimento das antigas parteiras esse conhecimento está ficando, apenas, na memória daquela única parteira que ainda vive e que, por sua sabedoria e poder, até hoje é procurada pelas famílias. Havia confiança nessas parteiras, que sem cursos formais, realizavam partos, hoje, mesmo com uma parteira no local, que aprendeu o básico, num curso rápido em Parintins, não há, entre as novas gestantes, a crença que o parto será com qualidade, optando a ir ao hospital, através da ambulância. Essas e outras narrativas da parteria entre as florestas devem ser publicizadas para que essa expressão cultural, não só da região da Valéria, seja revisitada em seus rituais e simbologias.

3.2 A FLORESTA DA ARTE DE CURAR MÚSCULOS E OSSOS

“É abençoada a mão que cura/ Essa vida linda vem de Deus/ Mas a convivência vem de nós/ E para nós⁸¹”. Esse é o trecho inicial de uma toada popular parintinense que canta sobre um antigo puxador de desmentiduras⁸² e de outras enfermidades musculares e ósseas. Seu Manoel é o único representante dessa arte da cura pelas mãos na Valéria, *“tem só já ele aqui, consertador de osso... Ele conserta... Até rasgadura que falam ele conhece, mas, ele não sabe... Ele só conserta osso...Ninguém se dedica a aprender!”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Eu nunca tinha ouvido falarem “consertador” para quem tem essa habilidade, o mais comum a mim era “puxador ou pegador”. A palavra me soou estranha, mas, passei a entender o processo simbólico da expressão “conserto de ossos”. O imaginário social envolvente na figura do puxador/pegador/consertador traz a habilidade das mãos como fundamental na arte da cura do corpo quando o serviço médico especializado está num campo mais longínquo de acessibilidade dentro das matas.

É comum os moradores dos espaços florestais procurarem o “puxador/ pegador/ consertador”, denominações conhecidas desse ofício, para tratarem osso quebrado, desmentidura, rasgadura⁸³, luxações, torções etc. Como nativa parintinense, ao ter problemas musculares ou ósseos, a procura inicial era sempre pelo pegador/ puxador/ consertador, tanto homem quanto mulher, que com a mão firme - muitas vezes, pesada que doía ao tocar - curava nossas dores. Apenas em 2015, passei a conhecer os serviços de profissionais de fisioterapia e ortopedia. Em

⁸¹ Toada “Missionário da luz”, composição de Chico da Silva sobre Waldir Martins Viana (1910 - 2005), que durante décadas atendeu o povo parintinense e de outras localidades.

⁸² Lesões ortopédicas e musculares.

⁸³ Lesão sem ferida aparente, cuja sensação é de que algum músculo ou órgão foi rasgado.

uma das viagens a Valéria, precisei dessa cultura tradicional curativa expressa pelo velho Seu Manoel, apresentado na figura 21, um personagem que traz uma simbologia marcada pelo saber florestal neste tipo de medicina concebida no imaginário amazônico.

Figura 21 - O puxador Seu Manoel



Fonte: Dutra, out./2021.

No imaginário social amazônico, a cultura da “pegação, puxação ou conserto de músculos e ossos” está na memória e nos testemunhos dos habitantes; eles eram - e ainda são em muitos lugares - os responsáveis pela cura do corpo desmentido, dos ossos quebrados e músculos luxados. É uma prática de saúde natural herdada da cultura indígena, que transforma o portador dessa habilidade num terapeuta popular, de acesso fácil e rápido do povo. Uma sabedoria que envolve a faculdade de ver e sentir as necessidades através das mãos. O tato é o sentido mais usado nessa arte, diante das percepções da temperatura do corpo, textura da pele e sensações de dor da(o) doente. É uma atividade secular das florestas, intrínseca ao saber florestal, que dá poderes ao especialista “como um homem ordinário, que pode “receber” autoridade com o saber como se ganha um salário pelo trabalho” (CERTEAU, 2014, p. 64).

O povo da região é apresentado à arte do pegador/ puxador/ consertador desde recém-nascido, quando este chora por algo inexplicável e os pais dizem que “deve estar desmentido, vamos mandar puxar!”. Nos espaços florestais, a cultura do pegador/ puxador/ consertador

mantém-se ativa no dia a dia, mas, é outra habilidade em processo de raridade: “*Um dia desses, eu estava falando com o Manoel, duas coisas que não tem, consertador e parteira!*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Em cada canto, havia um profissional popular, hoje, há uma grande dificuldade de encontrá-los. Quando não havia um contingente significativo de profissionais de saúde especializados, a medicina das florestas era o único caminho acessível. Parece que a habilidade é apenas de uma geração que está envelhecida, sem forças para atender às demandas ou, simplesmente, morreram sem que houvesse interesse de outros para aprenderem. Mesmo em processo de raridade, a arte da cura do corpo muscular ou ósseo está presente, vinculado ao imaginário das pessoas, como na relação uníssona entre o rio Amazonas e a Floresta. Quem já teve acesso aos serviços dos consertadores/pegadores/puxadores em algum momento de sua existência, sabe o quão rico e benéfico são suas habilidades, transmitindo a confiança de quem realmente cura através das mãos e na crença que, somente eles, podem cuidar. Essa prática cultural ancestral, sem os dogmas científicos adquiridos num ambiente acadêmico, emana saberes inexplicáveis a olhares alheios à condição do existir - humano entre as matas, águas e terras.

O imaginário social das pessoas florestais, especialmente, da geração com mais cabelos brancos e rugas aparentes, apresenta um conhecimento que transparece um passado epistemológico que não sucumbiu às grandes perdas culturais e dos povos que foram extintos. Cada geração é a resistência daqueles que não estão mais na terra. É um saber florestal imaterial e simbólico que é tão significativo para as pessoas, com maior frequência na geração mais velha do que nas gerações mais novas. Expresso isso porque percebo que essa arte está ficando limitada a um seleto grupo de pessoas que se encaixa na faixa etária acima dos 60 anos, nos mais variados espaços florestais, seja este mais afastado, ou não, das intensas florestas. Todavia, é uma habilidade que não está mais tão presente no dia a dia como era na minha infância.

Desde criança fui apresentada às mãos do pegador, homem ou mulher. Minha memória ainda recorda as mãos pesadas dessas pessoas que curavam minhas desmentiduras, rasgaduras e entorses. Por um longo tempo não tinha mais necessitado desse serviço, entretanto, a pesquisa de campo me possibilitou, com urgência, a habilidade dessas mãos tão valiosas, mas, raras. Em uma das viagens à região, ao descer a íngreme Serra, havia chovido e o chão estava bastante escorregadio, me desequilibrei, escorreguei alguns metros e “desmenti” o pulso esquerdo. No retorno à casa dos narradores, o saber e a prática de Seu Manoel foram extremamente úteis e em poucos minutos, houve melhorias perceptíveis na lesão. Perguntei se ele não iria usar algum óleo, em resposta, me disse que não, porque “*pode não ser do agrado da pessoa que ele passe óleo, por isso, eu nunca passo óleo de nada, não preciso.*” (Seu Manoel em 15 de janeiro de 2022).

Seu Manoel traz um relato semelhante ao de Dona Izaura. Assim como na parteria, o pegar/puxar desmentidura ou consertar ossos tem, para ele, um chamado divino. O dom não surge para os que querem, mas, para aqueles que recebem a graça de Deus, conforme argumenta o único pegador/puxador/consertador de ossos da Valéria, Seu Manoel: *“Esse é um trabalho mesmo dado por Deus, nunca ninguém me ensinou”* (Em 17 de setembro de 2022). Entretanto, ao entender esse processo mais profundamente, a habilidade de Seu Manoel surgiu entre a observação, curiosidade e necessidade de curar e ser curado. No imaginário social amazônico, algumas aprendizagens específicas acontecem naturalmente, não há um ensino teórico e prático desse ofício.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: O senhor disse que esse trabalho foi um dom de Deus, mas, nem seu pai ou sua mãe faziam esse tipo de trabalho?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Nem pai nem mãe, só tinha um tio que trabalhava com isso, mas, nunca me disse “Olha, é assim, assim, assim...” Não!

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Então, o senhor o via trabalhar?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Só via ele fazer... Com o tempo fui fazendo, fui trabalhando... Certo é que depois de eu tá aqui, tá pra cá, aqui não falha gente. É toda hora pra puxar... Até o pessoal do IDAM⁸⁴ mesmo, tem um colega nosso que disse assim “Manoel, tu tens que fazer um histórico teu, tu tem que fazer um histórico, tu tem”... Assim... Dizer para as autoridades que antes acontecia isso aqui... E é um trabalho que você faz de idade... Eu não era muito criança, mas eu acho que eu tinha uns 20 anos...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como foi para começar o atendimento?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Essa história foi uma criança mesmo... Uma criança... Eu só puxava criança, eu tinha vergonha de puxar mulher, pessoas grávidas eu não puxava, puxava criança, depois foi, foi, foi... Até que agora não tem mais tamanho, é adulto, é criança, mas não falha, é trabalho porque não deixa faltar da banana, não deixa faltar da farinha...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Quanto o senhor cobra?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Eu não cobro não, as pessoas que trazem pra mim, trazem 2 reais, 5 reais, quando tem maior coisa dão 10, até 20 reais eles me dão, não deixam faltar essa história... Não é porque eu cobro eles, eu agradeço... Eles têm aquele prazer de gratificar... Às vezes, tem uma criança, um adulto mesmo, caído, quebrado, a gente ajeta e ele sai bem e ele tem aquele prazer de gratificar!

(Em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

O ser humano é um animal predominantemente de caráter visual. A atenção visual do jovem Manoel, diante da ação do tio, possibilitou um olhar reflexivo sobre a prática que este realizava. As observações foram minuciosas e curiosas. Os sentidos estavam atentos. Olhar o manuseio das mãos, a leveza e agilidade dos dedos, as conversas e as possíveis indicações de tratamento foram assimiladas. O velho tio não ensinava com as palavras, mas, proporcionava que o visse trabalhar. Esta também é uma forma de aprendizagem.

Já ouvi diversas vezes, de pessoas mais velhas, que quem possui, verdadeiramente, o dom da cura não cobra, por ser um conhecimento dado divinamente. Esse aspecto mágico transparece nas narrativas de Seu Manoel e Dona Izaura, pela oportunidade dada por Deus de suas vocações

⁸⁴ Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas.

inesperadas. A causa da procura é algo real, materializado. Essas atividades satisfazem cada um porque tornam-se indispensáveis à vida dos moradores quando a medicina convencional não chega de imediato ao lugar. Quem os procura dá aquilo que pode: dinheiro, alimento ou, apenas, um obrigado. Nas estadias na casa do velho casal, vi que há muita procura por Seu Manoel: é velho, novo, adulto, criança, chegam de canoa ou andando. Ele possui um papel de cura na Valéria. São mais de cinquenta décadas ajudando quem necessita de seus serviços. Todavia, em casos mais graves, os serviços médicos são indicados.

A ciência moderna questiona as práticas não institucionalizadas num método calculadamente estudado, observado e experienciado. Esse mundo moderno, para Castoriadis (1982, p. 187), “tende a impelir a racionalização ao seu extremo e que, por isso, permite-se desprezar – ou olhar com uma curiosidade respeitosa – os estranhos costumes, invenções e representações imaginárias das sociedades precedentes”. Nas Amazônias, a arte do pegador/puxador/consertador extravasa as regras do paradigma científico. É uma prática extraordinária daquele ou daquela que não frequentou cursos especializados em ortopedia ou anatomia humana. É uma intervenção tradicional que busca o retorno da saúde ao corpo enfermo, uma das expressões culturais que mostram uma das habilidades excepcionais gestadas pela condição florestal de nascer, crescer e viver em singular realidade. As pessoas detentoras desse saber, guardam um conhecimento que é sagrado, único e atemporal. Um conhecimento ancestral que resistiu ao tempo, está na história e nas memórias dos povos ancestrais.

Este saber remoto produz simbologias só entendidas no mergulho profundo de suas crenças, construídas no tempo-passado e ressignificados no tempo-presente. O estado da arte da cura pelas mãos, inserido no imaginário da cultura das florestas, não é somente abstrato, ele se concretiza nas linguagens, ritos e cerimônias do saber-fazer. Este conhecimento deve ser conhecido e estimulado nas gerações mais novas, através das narrativas dos praticantes, para que os territórios amazônicos consigam manter as peculiaridades da cultura das florestas.

No espaço amazônico, as pessoas ainda creem que o pegador/puxador/consertador possam curá-los. É um entendimento estendido entre as gerações, traduzidos diante do contexto social, geográfico e histórico envolvente. A condição florestal funda esse simbolismo, moldando as estruturas dessa dinâmica. A puxação/pegação de desmentidura e conserto de ossos é uma manifestação autêntica de um saber que não foi extinguido diante dos avanços contra a vida e saberes no território, embora a prática esteja restrita a poucos. Ela é uma das dimensões de manutenção da vida entre as florestas, uma tradição secular do espaço-tempo, que tem na sabedoria dos povos indígenas, a essência de sua expressão cultural.

Num alerta, a filha Selma Xavier diz que ele é o último puxador da região. Nenhum de seus filhos possui essa habilidade ou se interessou em aprender. Mesmo com fragilidades na saúde, o velho puxador nunca nega um auxílio, mas, a idade é um fator limitante que influencia o atendimento. O saber, nesse pequeno pedaço amazônico, está concentrado numa só pessoa da geração mais velha, como Seu Manoel (17 de setembro de 2022) diz: *“Sou o último... Eu ainda estou por aqui, todo o pessoal diz assim ‘Puxa vida, quando você desaparecer, vai ter que aparecer outro!’*. Eu questionei se poderia aparecer outro pegador/puxador/consertador na Valéria, ele argumenta:

Aparece, vai ter... Porque é a necessidade que obriga... Hoje a senhora está aqui pelo estudo que a obrigou a dar uma voltinha... Uma volta de suma importância, então, a gente também... Esses novo, como a senhora frisou, é... Como eu achava que está... Como eu acho hoje em dias, os filhos da videira que são novos, estão se reafirmando pra psicólogo, pra doutor, pra médico, pra tudo isso aqui, são pessoas que, hoje, eles tão sentindo hoje isso que é uma necessidade pra população e eles estão fazendo tudo uns estudos... (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

A habilidade da cura pelas mãos aparecerá, por ser incorporada às expressões culturais amazônicas, como um espírito que vagueia entre as florestas, escolhendo a pessoa que irá manifestar esse saber. O conhecimento da puxação/pegação de músculos e conserto de ossos não sumirá, mas, se tornará escasso, em espaços florestais restritos, quiçá, até perder-se em algumas regiões ou gerações. Contudo, uma luz acendeu sobre essa arte. A manutenção dessa expressão cultural manifestou-se na Valéria, na própria família Xavier de Oliveira, quando Seu Manoel diz que tem *“um neto que ele inventa que puxa!”* (17 de setembro de 2022).

Seu Manoel diz que não ensinou ou orientou o neto na prática, mas, este assim como ele na tenra idade, teve curiosidade sobre o modo de saber-fazer de quem via ajudar os outros. O neto sabe da importância dessa atividade realizada pelo avô, porém, tem outros entendimentos sobre este exercício que, talvez, possa vir a ser uma alternativa financeira futura. Durante a conversa, perguntei se ele tinha aprendido assistindo Seu Manoel e ele fala que:

Não! É ideia dele! Uma vez eu peguei uma queda ali no portão do estaleiro, tive uma queda pra dentro, meu pé engatou aqui, luxou meu dedo bem aqui, eu cheguei aqui já sem fôlego e muita febre... Aí eu disse “Poxa, não tem quem me puxe!”, aí eu deitei em cima do assoalho, “Meu filho, passa a mão na minha costa”... Aí ele tava menorzinho, amassou... Foi amassando, amassando... Aí *trunq*, voltou ao lugar... Graças a Deus passou a febre... Mas, ele diz “Eu vou fazer esse trabalho do vovô, eu vou cobrar!” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

O neto sabe que há muita necessidade nos espaços florestais pela habilidade de Seu Manoel. Na ausência do avô, pode vir a assumir esse lugar, todavia, já afirma que irá cobrar valores específicos, dependendo do tipo de atendimento. A afirmativa do neto apresenta a lógica do capital

e da necessidade de sobrevivência nesse mundo que gira em torno do consumo, da compra e venda de produtos. O conhecimento sobre a cura da desmentidura, luxação, torções etc. é um produto no capitalismo, uma mercadoria valiosa a ser vendida nesse novo tempo. Um objeto que possui um valor de troca.

Não é equivocada a postura dessa pessoa da nova geração. A construção do imaginário social não é estanque, é dinâmico. A cultura das florestas traduz crenças, costumes, habilidades e ritos ao tempo-presente, às necessidades do mundo contemporâneo. Na concepção de Arendt (2020, p. 12), “a objetividade do mundo – seu caráter de objeto [*object - character*] ou seu caráter de coisa [*thing - character*] – e a condição humana complementam-se uma à outra [...]”, logo, a condição florestal se alinhará a essas adaptações sociais e culturais. A medicina convencional manifesta a importância dos atendimentos fisioterapêuticos e ortopédicos quando necessário, mas, nos espaços florestais a mão do puxador/pegador/consertador é, em maioria, a primeira opção, ou muitas vezes, a única oportunidade de atendimento à sua moléstia.

São as mãos das pessoas florestais que realmente curam. Perguntei a minha mãe, uma parintinense na casa dos 70 anos, se entre o fisioterapeuta e o puxador, em quem ela acredita, sem pensar duas vezes, ela afirma que é o puxador. Nas minhas experiências particulares, sei o quanto é válido e extraordinário o conhecimento e as habilidades desses protagonistas da cura de músculos e ossos. Este rico saber florestal mantém-se vivo e raro nos espaços florestais, todavia, há poucos estudos científicos sobre essa arte. É necessário haver uma curiosidade científica que aprofunde essa habilidade secular, para que seja percebida, não somente por quem dela depende para ser curado, mas, por todos como cultura imaterial e indispensável em terras mais longínquas. É necessário que as sábias narrativas dos velhos puxadores e pegadores de músculos e consertadores de ossos sejam materializadas para que as gerações mais novas e as futuras saibam sobre a magnificência de uma expressão cultural que, na Amazônia da Valéria, está em estágio de escassez.

3.3 A CURA ATRAVÉS DAS PLANTAS MEDICINAIS: DA FLORESTA PARA O ESPAÇO DOMÉSTICO

A floresta traz a cura através das plantas, mas, não ficaram restritas a esse lugar, ampliou-se para outros espaços humanos. Na Valéria, as plantas medicinais estão nas florestas, emaranhadas pelas trilhas, mas também foram levadas para dentro do espaço doméstico, plantadas em vasos ou num pedaço de terra. Cada planta tem sua aplicabilidade, um modo de fazer que deve ser seguido à risca para não perder a potência medicinal. Quem convive desde a infância com esse conteúdo,

terá as habilidades necessárias desse conhecimento, pois, há as plantas que curam e as plantas que podem fazer algum mal ao organismo.

É hábito nos espaços domésticos, os moradores terem o lugar destinado ao cultivo de plantas medicinais. É comum ter, por exemplo, a erva-cidreira, boldo, hortelã, capim-santo, entre outras, que auxiliam a cura, como na casa de Dona Izaura, onde ela “*ainda usa casca de pau, carapanáuba*” (Em 17 de setembro de 2022). Minha mãe sempre tem chás de casca de pau na geladeira, para ela, cura todas as dores, pois as pessoas procuram, primeiramente, resolver os problemas de saúde através das plantas, caso não resolva, aí que fazem uso de remédios farmacêuticos. Na crença florestal, as plantas medicinais mais salvam do que prejudicam, elas são naturais, sem aditivos, como nos medicamentos. As plantas não estão em embalagens ou comprimidos, elas estão *in natura*, à necessidade do habitante, como apresenta a figura 22, que possui entre seus exemplares, o capim-santo (*Cymbopogon citratus*)⁸⁵.

Figura 22 - Quintal com plantas medicinais



Fonte: Dutra, jan./2023.

⁸⁵ É também conhecido como capim – cidreira, capim-limão e capim-cheiroso. Tem propriedades que combatem os radicais livres e ajuda a prevenir situações, como o câncer, gastrite e pressão-alta. É um poderoso calmante. Disponível em: < Capim-santo (capim-limão): para que serve e como usar - Tua Saúde (tuasaude.com)> Acesso em: 18 jan. 2023.

O uso e usufruto das plantas medicinais cura os males do corpo. Nas regiões, principalmente, dentro da floresta, pelas condições econômicas e logísticas do lugar, pode ser o único recurso imediato de saúde que as pessoas têm acesso, “*eu sou muito adepta a um chá...*” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). Nascida na Valéria, mas, moradora de Parintins, Sara Xavier sabe da importância das plantas medicinais para uma cura mais rápida de alguma enfermidade. Esse saber florestal é herança dos povos originários e tradicionais da terra, conhecedores natos do mérito de cada uma. É dessa farmacologia natural que as grandes indústrias retiram, a maior parte de suas essências, para produzir os medicamentos, vendidos a preços variados nas farmácias. Na Região Amazônica, mesmo com a crescente urbanização dos espaços florestais, a procura e uso das plantas medicinais é significativo e extremamente indispensável entre os moradores.

Cresci tomando na primeira refeição os chás, os mais variados: capim-santo, erva-cidreira, folha de canela, entre outros, porque havia (e ainda há) no meu quintal vasos com essas plantas. Elas fazem parte tanto da alimentação quanto da cura do corpo. Essa presença nos quintais amazônicos foi constatada por pesquisadores, como Eduardo Galvão (1955), Charles Wagley (1988) e Mário Ipyranga Monteiro (1988). A sabedoria sobre cada uma planta medicinal, para as pessoas florestais, não está descrita em livros, mas, foi aprendida no dia a dia junto com as gerações mais velhas. Atualmente, há inúmeras obras que descrevem os benefícios das plantas, vendidas a preços variados, todavia, para o povo amazônico, o conhecimento já está na produção da dinâmica da vida, nas áreas que a floresta ainda está em pé ou armazenadas em seus quintais, como na casa de Dona Izaura e Seu Manoel.

A floresta é uma farmácia disponível ao povo florestal e a quem compreende a importância medicinal das plantas amazônicas. A floresta “*Tem uixi, babaçu, copaíba/ Tem pau-rosa e leite de amapá/ Tem cumaru, paxiúba e andiroba*⁸⁶”, plantas tão presentes nos primeiros socorros das pessoas. Há uma aura tanto social quanto psicológica nesses usos, no sentido de que há a crença que haverá melhorias imediatas ao tomar um chá ou ao esfregar na pele a folha, entre outras utilidades. Existe uma racionalização ancestral no processo “doença e saúde” na dinâmica amazônica, visto que, as pessoas nascidas e crescidas entre as florestas têm uma sabedoria enciclopédica dos elementos naturais que as circundam, transmitidos pela aprendizagem e pelas experiências particulares e coletivas.

Os remédios são encontrados em qualquer pedaço de chão, cultivados nos quintais, sem custo financeiro para o plantio e uso, somente é necessário ter o entendimento das propriedades de cada uma, como e quando usá-la. Esse conhecimento é aprendido com o tempo, um saber

⁸⁶ Toada “Caboclo Mateiro”, composição de Adriano Aguiar e Geovane Bastos.

transmitido, tornando-se uma cultura imaterial, impregnada na sua condição florestal. Mesmo que, na visão da medicina científica moderna, sofram preconceitos ou descrenças, o povo conseguiu sobreviver, no ambiente amazônico por vários séculos, tratando suas doenças com o produto coletado em seu interior. As narrativas sobre o uso das plantas manifestam uma linguagem que transcende, pois, ao ser “recebida a transforma em um canto de resistência, sem essa metamorfose interna comprometera a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida” (CERTEAU, 2014, p. 74).

O tempo traz a sabedoria necessária para dominar qual planta usar e o modo de preparo. É algo inerente às pessoas locais, presente na construção do seu imaginário simbólico. O uso não é somente para cura do corpo, mas também para trazer ou realçar a beleza estética: *“Lembro que quando eu era criança, meu cabelo era comprido, mamãe fazia chá de amor crescido, deixava pra pegar sereno e luz da lua para lavar pela manhã... Era pra deixar bonito!”* (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). Isso é tão cultural porque desde a infância o uso das plantas faz parte do dia a dia, como fala Selma Xavier.

Os chás, as ervas como hortelã, café, anador, arruda, canela, preciosa, os preparados de banha de cobra, boto, as essências da árvore de andiroba, copaíba, pau rosa, sucuuba, os banhos de folha de sacaca, vindicá, limão, comigo ninguém pode... Esses eram os remédios que, na ausência dos manipulados, tinham e tem efeitos curativos e até hoje usamos no nosso dia a dia...Na minha casa faço uso, tenho folhas, cipó, cascas para uso medicinal. E isso tudo eles aprenderam com seus pais e passaram pra nós (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022, numa noite agradável em Parintins).

Doenças simples ou leves, as plantas medicinais curam. A mata oferece o que o povo precisa, porém, com o avanço do desflorestamento, algumas espécies ficaram mais afastadas das habitações, somente encontradas no centro da floresta: *“tem só na mata grande mesmo, por aqui nessas capoeirinha não tem...”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Pela idade avançada do casal, quando necessitam de alguma planta afastada de suas terras, solicitam de outros moradores que a encontrem, a exemplo da carapanaúba⁸⁷: *“eu tenbo um afilhado lá na colônia que eu encomendo pra ele, aí ele tira pra mim”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022).

Outras plantas já se encontram em processo de extinção. Isso é extremamente preocupante porque sem aquela árvore ou aquela planta, a cura das doenças não se torna mais acessível e o conhecimento derivado do uso e usufruto ficará, com o tempo, em esquecimento. O poder das plantas medicinais sobrevive através do poder simbólico e das simbologias incrustadas

⁸⁷ É uma planta com propriedades medicinais diurética, estomáquico e febrífugo. É usada para tratamento caseiro contra febre, bronquite, diabetes, problemas no fígado e estômago. Tem sabor amargo. Disponível em: < CARAPANAÚBA, *Aspidosperma nitidum*. (plantamed.com.br)> Acesso em: 13 jan. 2023.

no imaginário social e na fé do povo das florestas, na sua ação cotidiana. Quando a planta não está presente no reduto habitacional, os rios são os meios de locomoção que as levam (*in natura* ou preparadas) às pessoas que dela precisam. Há uma diversidade medicinal de uso constante pela Dona Izaura, a qual faz para si e para seus filhos, tanto os que moram na Valéria quanto os de Parintins.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Às vezes, eu mando pra Iza quando eu faço xarope que é pra tosse...A sucuuba, a casca do jatobá... Mana, eu faço um xarope... Eu faço aquela panelada, misturo tudo da mata grande... Eu encomendo as cascas e trazem tudo pra mim... O jatobá eu vou tirar ali num terreno que tem, vou lá, peço licença do dono aqui perto, tiro aquela casca e trago.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Tudo pra garganta?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Tudo pra garganta... Aí com trevo roxo, hortelã... Hortelã grande, hortelã pequeno, que é o hortelãozinho que chamam... Mas, eu gosto do hortelão grande.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Tem diferença entre o hortelã grande e o hortelã pequeno?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: É tudo pra tosse, pra gripe, mas, o hortelã pequeno é pra recém-nascido... Aí eu faço o chá de hortelãozinho... Eu faço assim... Eu faço assim, eu pego o que vou fazer, lavo bem, limpo as cascas, boto pra ferver, aí ferve um bocado, aí quando eu vejo que tá bom, eu tiro, deixo esfriar, passo no pano, pano limpo pra coar, pra sair aquele pó da casca... Aí em já coloco na panela...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Pra tomar no mesmo dia?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não, aí eu faço assim... Aí eu já tomo com um pouco de açúcar.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Então é assim: a senhora ferve, coa e põe pra ferver de novo?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Já coloco um pouco de açúcar, de mel de abelha também... Fica um xarope, mana, eu faço um xarope que acha que é da farmácia... Eu faço... A prosa grande!

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Chás e xaropes naturais são elaborados com as plantas que tem propriedades específicas para sua preparação. Algumas pessoas também chamam essa preparação de “garrafada”. Nestas décadas de vida, Dona Izaura, que não tem conhecimento formal sobre as substâncias químicas das plantas, sabe quais colocar em seus chás ou xaropes e o passo a passo na sua elaboração. Um saber com tradições do tempo-passado, que no tempo-presente aplicam, na prática curativa, os benefícios das propriedades antitumorais, analgésicas, anti-inflamatórias da sucuuba (*Himatanthus sucubus*)⁸⁸, anti-inflamatória, antioxidante, antiespasmódica e expectorante do jatobá (*Hymenaea courbaril*)⁸⁹ (também conhecido como jutaí), antifúngico, antioxidante, antibactericida, antiviral e anticonvulsivo do trevo roxo (*Oxalis triangularis antropurpurea*)⁹⁰ e antimicrobiano, expectorante e

⁸⁸ Disponível em: < Sucuuba: planta amazônica repleta de propriedades antitumorais (coisasdaroca.com)> Acesso em: 16 jan. 2023.

⁸⁹ Disponível em: < Jatobá: para que serve e como usar - Tua Saúde (tuasaude.com)> Acesso em: 16 jan. 2023.

⁹⁰ Disponível em: < Estudos comprovam efeitos do Trevo-roxo (portaldoholanda.com.br)> Acesso em: 16 jan. 2023.

broncodilatador da hortelã grande (*Mentha sp.*)⁹¹. Um xarope que salva, que é, nas palavras da velha senhora, igual (ou até melhor) do que o vendido nas farmácias. É uma arte que faz parte da construção identitária desse povo, que veem as plantas da floresta como a alternativa para a cura.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: As suas filhas sabem fazer chá?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: A Selma é profissional nisso aí, deusulivre.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Por que ela sempre se interessou?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não foi sempre... Quando ela cuidou do Oziel ensinavam muito, “Ei, Selma, faz chá disso, disso, disso”... Ela saía comprando que tem, né, mana... Aí no seu Tião ela comprava muita besteira..., Mas, antes não.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Elas não se interessavam quando moravam aqui?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não, porque elas eram tudo praticamente crianças, quando ficaram maior foram pra cidade e tudo...

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Cresci vendo minha mãe fazendo remédios caseiros com as plantas que existem no quintal de casa. Aprendi os valores das plantas e a preferi-las, em primeiro lugar. Viver nas Amazônias é se envolver nesse conhecimento científico secular de pessoas que construíram a cultura das florestas, daquelas que ensinaram, nas experiências diárias, suas filhas e filhos sobre o poder residente em cada planta, folha, casca ou árvore: “*Mamãe fazia chá de folha de limão como descongestionante pro nariz... Eu tinha muito problema respiratório... Ela sempre fazia o chá de limão ou de cascas de muruci pra dar banho, pra tirar resfriado do corpo!*” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). Contudo, como todo remédio deve ser usado com cautela para não ter efeitos colaterais. Dotada do saber florestal, Dona Izaura ensina outra preparação de xarope, como ela mesma diz, “*a minha especialidade é o xarope!*” (Em 17 de setembro de 2022).

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Eu faço esse xarope e, às vezes, eu bato três ou quatro bagos de pimenta do reino, bato bem batidinho e ponho... Boto pra ferver e ferve, ferve mesmo...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Junto com os outros?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Junto com os outros... Aquilo fica lisinho, aquele xarope, que tu põe assim e fica...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Tudo da mata?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Tudo da mata, a carapanaúba, a sucuuba, jatobá, jutaí mesmo, porque jutaí tem duas qualidades, grande e pequeno... Casca de manga, tudo isso aí eu faço xarope... Tudo misturado... Tudo vai ajudando e Deus abençoando... A gente ainda usa bastante esse negócio de chazinho caseiro.

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

É comum colher diretamente da terra, preparar a infusão do chá e aprender com a geração mais velha as diversas possibilidades que apresentam. Essa receita de Dona Izaura com pimenta do reino (*piper nigrum*)⁹², tem propriedades anti-inflamatórias, auxilia na saúde do cérebro, no

⁹¹ Disponível em: < Hortelã da folha grossa: propriedades terapêuticas e nutricionais - nutrição t4h | Alimentos, Alimentação, Saúde e Tecnologias > Acesso em: 16 jan. 2023.

⁹² Disponível em: < Conheça 12 benefícios da pimenta-do-reino - eCycle > Acesso em: 16 jan. 2023.

fortalecimento do sistema imunológico etc., juntando com a casca da manga (*Mangifera indica*)⁹³, que é anti-inflamatória, antioxidante, possui minerais como ferro, zinco, cálcio, potássio e magnésio, torna-se um potente composto natural. A velha senhora poderia escrever um livro de receitas naturais, pois, em poucos minutos, apresentou diversas opções para xarope, diretamente das plantas da floresta. Esse conhecimento é inseparável dessa geografia amazônica.

É essa memória dos velhos e a tradução dos saberes para os mais novos que mantém viva e fortalecida os saberes florestais amazônicos. São conhecimentos e aprendizagens importantes para a conduta e sobrevivência das pessoas entre as florestas. Esse imaginário local fortalece a identidade desse povo e o dota de uma habilidade peculiar em tão complexa geografia. É essa assimilação cultural que norteia os caminhos da vida e da morte na Floresta Amazônica, como na elaboração de um xarope em tempos de Pandemia COVID - 19.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: A senhora faz muito xarope, né?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: É a minha medicação... Olha, quando deu COVID na Izazada que eles vieram pra cá, com o Jackson e a Selma...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Eu também peguei nesse tempo.
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: E nós também peguemo... Aí eu fiz um PET cheio e mandei... Olha, mais tudo eles tomaram e se deram muito bem... Eles mesmo falaram, o João e o Freyzer, "Vovó, seu xarope é melhor que o da farmácia!"...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Esse xarope tinha quais plantas?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Carapanaúba, acapurana, jutaí, esse mandacaru, com folha de hortelã... Tudo eu fiz e mandei... Garrafada mesmo, todo mundo tomou... Todos eles... E o que ficou aqui nós tomemo e tudo eles se deram bem com o meu xarope...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Na hora que vai catar essas plantas para fazer o xarope, a lua influencia?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não! Pra mim, não... Qualquer hora é o momento!
 (Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

São essas plantas que salvaram muitas vidas e existem algumas que são encontradas somente nas terras amazônicas. Compreender que a junção das propriedades da acapurana (*Campsiandra laurifolia*)⁹⁴, carapanaúba (*Aspidosperma carapanauba* Pichon)⁹⁵, jutaí/jatobá, jaramacaru/mandacaru⁹⁶ e hortelã grande curam gripes, resfriados, pneumonias e, possivelmente, poderá curar os sintomas da COVID, é produzida nessa conjuntura cultural e simbólica. Além das tradicionais garrafadas amazônicas, as vacinas também fazem parte da rotina de saúde das pessoas florestais, que com o passar do tempo são melhoradas para atender às mutações e evitar outros

⁹³ Disponível em: < Já bebeu chá de casca de manga na qual aproveitamos toda a fruta, inclusive a casca e possui muitos benefícios para nossa saúde – Agro Floresta Amazônia – Principais Notícias do Agro! (agroflorestamazonia.com)> Acesso em: 16 jan. 2023.

⁹⁴ Ela é contra a febre, malária, úlceras e feridas diversas. Disponível em: < Acapurana – Cura Pelas Plantas> Acesso em: 16 jan. 2023.

⁹⁵ Remédio para malária, problemas digestivos e inflamação de baço e pâncreas. Disponível em: < Carapanaúba | Plantas Medicinais - Aromáticas - Condimentares (ppmac.org)> Acesso em: 16 jan. 2023.

⁹⁶ Trata problemas renais e digestivos, tem ação expectorante e anti-inflamatória. Disponível em: < Mandacaru é bom para quê? para que serve, benefícios e malefícios | Dr. Saúde (saudedr.com.br)> Acesso em: 16 jan. 2023.

ciclos pandêmicos. O processo de vacinação é possibilitado por barcos regionais, com equipes médicas e de enfermagem, que vão a esses espaços humanos.

Outra situação expressada é que a necessidade de cura na Valéria não escolhe a fase da lua para haver a colheita da planta. A doença não espera e a saúde precisa ser restabelecida logo. A aprendizagem vem com o dia a dia ou pela necessidade urgente de cura, como foi o caso de Selma Xavier que comprava as plantas que eram indicadas para melhorar a saúde do irmão Oziel, que sofria de púrpura.

Nas Amazônias, o poder das plantas é expresso nas narrativas não só dos personagens trazidos neste estudo, mas, por todo um povo que se reconhece nas florestas e em cada ser ambiental a ela interligado. O saber é integrado a esse território. A medicina tradicional não é negada, mas, é utilizada, em últimos casos, quando a floresta não oferece a cura esperada. Nos últimos anos, com o avanço do desflorestamento, vai sumindo todo um conhecimento produzido e construído no tempo e na geografia. A floresta em pé traz a saúde, alimenta a cultura, dá a noção de pertencimento a um território e é a esperança de sobrevivência física, mental e espiritual de pessoas que elaboram sua condição florestal entre as matas. É preciso conservar seus entes para que o povo se mantenha erguido em toda sua dinâmica cultural.

3.4 O SIGNIFICADO DAS ÁRVORES NA VIDA AMAZÔNICA

As árvores protegem, alimentam e dão sobrevivência à vida na região. Cada parte é usada no dia a dia das pessoas, seja na construção das casas, mesas e cadeiras seja nas canoas, remos e barcos. Elas estão no imaginário social das pessoas, na história econômica da Região Amazônica, como no ciclo de abundância da seringa (*Hevea brasiliensis*), que trouxe a riqueza - para poucos - através do ouro branco e o povoamento célere para o espaço. Há árvores que são protegidas pela legislação ambiental, como a pujante castanheira (*Bertholletia excelsa*), que cresce à altura entre 50 e 60 metros, que se cortada sem licença, a multa pode chegar a 25 mil reais⁹⁷. A vida amazônica cresce entre as árvores, por isso, o combate pela conservação das espécies não deve ser individual, mas coletivo, numa interlocução horizontalizada com os diversos sujeitos que integram o ambiente. As árvores são fundamentais na dinâmica social, econômica e cultural dos moradores. As árvores favorecem a vida na floresta, aliás, elas são a potência da vida amazônica. Na Valéria, as árvores,

⁹⁷ Tanto a castanheira quanto a seringueira são protegidas pelo Decreto nº 1.282 de 19 de outubro de 1994. No artigo 4º proíbe o corte e a comercialização da castanheira e da seringueira em florestas nativas, primitivas e regeneradas, ressalvados os projetos para a realização de obras de relevante interesse público. Disponível em: <dec_1282_1994_revvd_regulamenta_lei_4771_1965_altrd_dec_2788_1998_revvd_dec_5975_2006.pdf (icmbio.gov.br)> Acesso em: 23 jan. 2023.

como parte da floresta, estão nos quintais das casas, conforme mostra a figura 23, alimentando os moradores e sombreando o espaço.

Figura 23 - Parte do terreno de Dona Izaura e Seu Manoel



Fonte: Dutra, out./2021.

As pessoas sabem que sem as árvores, a vida humana não acontece em plenitude e vice-versa, visto que, “a floresta não seria, desse modo, algo estritamente natural, mas teria a intervenção dessas populações que atuam na região a milhares de anos”, conforme Porto - Gonçalves (2010, p. 41). Emílio Morán (1990) assim como Porto - Gonçalves (2010) consideram a floresta amazônica antropogênica, que desde a ocupação humana tem atuação ativa no manejo florestal. Para Morán (1990, p. 198), “o uso de recursos pela população da Amazônia reflete não só a adaptação à natureza, mas também esforços para superar tais limitações pela modificação ambiental.” As pessoas e as árvores são retroalimentadas continuamente. Elas são parte do patrimônio nacional, pertencem às gerações presentes e futuras. Todavia, a Floresta Amazônica não é limitada, no que tange aos benefícios de sua cobertura, somente ao território amazônico, mas, a todo o globo, por isso, a grande marcha mundial é que ela permaneça em pé.

Grande parte dos governos mundiais asseveram suas ações para o Brasil estimulando a conservação da floresta, com iniciativas que promovem a redução do desflorestamento e da degradação ambiental. Uma delas é o Fundo Amazônia, liderado pela Noruega, que reúne doações

bilionárias. Durante o governo Bolsonaro houve suspensão dos recursos, devido os descalabros ambientais cometidos por essa funesta gestão. Contudo, em 2023, no terceiro mandato do presidente Lula, ocorreu a retomada de apoio ao governo brasileiro, com investimento acima de 4 bilhões de reais. Não é somente a economia que é globalizada, mas, a natureza é global, que deve ser valorada e valorizada por todas e todos. É uma das grandes lutas coletivas desde a década de 1970, quando a Conferência de Estocolmo, em 1972, indagou sobre as questões ambientais tão emergentes que afetavam o bem coletivo.

A floresta em pé é crucial para a manutenção da cultura na e da região. Como uma cultura que tem a floresta como a essência de seus saberes, a partir do uso e usufruto das árvores, percebemos o potencial criativo e inventivo dessas pessoas que vivem e procuram sobreviver entre as sombras das variadas espécies. É essa cultura das florestas que traz, para o presente, as invenções, as artes, as simbologias, uma intelectualidade que não é de indivíduos, mas de pessoas coletivas, “células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo” (KRENAK, 2020, p. 28). As condições florestais de hoje têm percepções, performances, ações e adaptações de um passado que se mantém vivo em cada pessoa dos espaços florestais. É a árvore que dá os contornos à identidade e às significações daqueles que habitam as Amazônia, no processo contínuo de “construir - reconstruir - transmitir - traduzir” a cultura das florestas entre as gerações. Quando pensamos na Floresta Amazônica, a imaginação nos remete à quantidade e grandeza de suas árvores. O planeta se torna verde. Uma visão poética que ainda a imagina em pujança e que, no tempo atual, está em redução. Entretanto, mesmo num estado de alerta, as árvores estão presentes na produção das dinâmicas humanas de quem nela habita.

No espaço amazônico, as formas elaboradas por cada morador mostram a vivacidade humana no território, que não é de hoje, mas desde quando os primeiros humanos escolheram essa terra para habitar e criar raízes. A cobertura florestal tem muito dessas andanças nessas terras. As florestas de palmeiras (pupunha, tucumã, inajá e buriti), florestas de bambu (utilizadas na confecção de flautas e flechas), os castanhais e as matas de cipó são florestas da adaptabilidade humana, da sobrevivência e manutenção da vida entre os rios, as matas e os solos. A floresta da Valéria ainda tem muito dessas qualidades de árvores.

Os tipos de florestas estão presentes nas simbologias locais. Há uma toada parintinense que traz o universo diversificado das florestas na rotina de mulheres e homens. A cantiga diz que nas terras amazônicas tem “*A jutaicaica, castanha, copaíba/ Cumarú e jatobá/ [...] Tem fartura de cupuaçu e de açai/ O caramuri e bacaba/ Tem palha de juruá, de canarái/ Pra cobrir a casa de taipa/ Breu pro calafeto da canoa*”⁹⁸. As árvores estão na dinâmica dessa vida, no conhecimento comum, individual e coletivo,

⁹⁸ Toada “Coletores da Amazônia”, composição de César Moraes.

na pluralidade de saberes inerentes a este pedaço de chão. O entendimento em reconhecê-las (formas e qualidades) faz parte do saber florestal. Quem cresceu no ambiente amazônico, mais adentro das florestas, reconhece cada árvore e seus frutos, as matérias-primas da alimentação peculiar e dos objetos da rotina diária.

Desde a invasão lusa no território, as madeiras eram exportadas indiscriminadamente. Leandro Tocantins (2020) apresenta que as janelas e as portas do Palácio de Queluz, em Portugal, foram talhadas em madeiras amazônicas: “o cedro, piquiá, pau-santo, pau-óleo, pau-d’arco, ipê, jenipapo e várias outras espécies, eram solicitadas pelo reino” (TOCANTINS, 2020, p. 101). Há uma diversidade de espécies arbóreas. Há as grandes, as pequenas, as com tronco fino ou tronco largo. Em 2022, foi encontrada por pesquisadores do IMAZON, um angelim vermelho de 88,5 metros de altura e 9,9 metros de circunferência, com estimativa de 400 anos⁹⁹. Ela é considerada a maior árvore ainda em pé no território. Essa é uma das espécies existentes nos espaços florestais utilizadas, especialmente, na construção das casas, como foi de Dona Izaura e Seu Manoel.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: As madeiras de sua casa vieram daqui mesmo?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Daqui mesmo.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Quando cortaram as madeiras para fazer a casa, escolheram a lua para melhor corte?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Não! Eles cortam em qualquer tempo, qualquer dia, qualquer lua!

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Para a parede da casa tem que ser um tipo específico de madeira?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Tem! Cedrinho que eles falam... Essa madeira aqui de nossa casa é cedrinho e tudo isso aqui... Os esteio... Essa madeira aqui é itaúba e pau d’arco, são as mais seguras...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: E pra madeira do assoalho?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Angelim, faveiro e ucuúba...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Por que essas para o assoalho?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: A ucuúba porque é macia para pregar, aí tem a cupiúba que é a mais resistente...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Se quiser colocar essas madeiras para levantar a parede pode?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Também pode... Aí vai na direção da madeira para o assoalho que é a mais grossa, mais forte, né... E pra parede é a mais fina...

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Algumas árvores citadas pela narradora não são conhecidas por mim. A primeira vez que soube da existência foi através dela, como o faveiro, ucuúba e cupiúba. Outras conheço elaboradas em objetos, como: mesas, cadeiras e guarda-roupas, como o cedrinho, angelim, itaúba. Em contrapartida, reconheço a casca de pau d’arco no uso de chás, quando há alguma dor muscular ou infecção a ser curada. Esse cenário é o reflexo de uma história particular que, mesmo vivendo num

⁹⁹ Disponível em: < A recém-descoberta árvore mais alta da Amazônia que corre risco de desaparecer - BBC News Brasil > Acesso em: 18 jan. 2023.

espaço florestal, mas citadino, não teve aproximação com a dinâmica humana de outros espaços florestais e o reconhecimento de outras estratégias culturais.

Percebo que é um privilégio para o morador de dentro das florestas conhecê-las em pé, todavia, com o aumento do desflorestamento ao longo do tempo, há impactos sociais e culturais preocupantes. Djalma Batista, quando na década de 1970 escreveu “O Complexo da Amazônia”, já mostrava uma inquietação tanto social quanto ecológica sobre o acelerado processo de espoliação da floresta, argumentando que:

É preciso, porém, não esquecer que estamos diante de uma das últimas reservas vegetais do planeta, e que o exemplo de exploração das matas brasileiras, em cinco séculos, é desanimador. A lição, portanto, é não procurar contrariar as forças da natureza, desnudando os solos já naturalmente pobres, nem quebrando o equilíbrio ecológico, uma vez que o regime das águas está intimamente ligado à própria floresta. Temos de considerar que a floresta, na verdade, não deve constituir uma barreira ao desenvolvimento econômico da Amazônia, porém, ser considerada um dos mais preciosos recursos (BATISTA, 2007, p. 151).

A política de governos pelo desenvolvimento econômico fragilizou o cenário ecológico. A expansão do desflorestamento no século XX e XXI fez com que muitas espécies se tornassem de difícil acesso, especialmente para o povo circundante da floresta. Na Valéria, um dos exemplos é a árvore chamada de Mará-Mará por Dona Izaura, que era utilizada na construção das casas. A Mará-Mará, também é chamada de pau roliço pela narradora, quando descrevia o processo de construir casas na região.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como era feito as casinhas na Valéria?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Aquele tempo era pau roliço, embarriado, tu nunca viste mais...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como é?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Fazia a terra e fazia assim... Uma cerquinha assim, aí ia metendo aquela terra e ia formando a parede... Formando a parede da casa... Nossas primeiras casinhas com meu velho foi assim...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como é o nome desse pau roliço?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: É mará-mará.
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: Existe ainda essa árvore?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Existe, mas é muito difícil... Tudo desmatamento... A carapanaúba ainda está melhor que o mará-mará... Era uma madeira tipo itaúba... As primeiras casa era só isso...
 Gracy Kelly Monteiro Dutra: E duravam?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: E muito... Meu pai ainda fez uma casa lá na cidade com isso... Ele comprou um terreno lá no São Benedito... Meu pai... Depois quando ele não quis mais tá lá, ele vendeu... Eu já era casada e sempre morei aqui.
 (Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Na maioria dos espaços florestais, as casas tinham essa forma de elaboração, chamada de taipa, já citada por Dona Izaura em trechos anteriores. Havia um conforto térmico na habitação, não só pela estrutura da moradia, mas, principalmente, pela umidade proporcionada pela cobertura

florestal. Na infância de Dona Izaura, algumas árvores possuíam nomes que, com o tempo, foram traduzidos em outras nomenclaturas, como o jaramacaru. Uma visitante “ensinou o nome correto” do jaramacaru, influenciando numa nova aprendizagem para árvores e plantas.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Ali no Freyzer tem uma planta, que tu deve conhecer, que eles chamam... Eu chamo jaramacaru... Eles falam outro nome que eu estava lembrando ontem... Que eu me esqueci de novo...Mandacaru!

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Já ouvi falar sobre o mandacaru, mas nunca vi pessoalmente.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Eu que chamo assim, jaramacaru, mas a Mara, quando vivia com o Freyzer dizia que era mandacaru... Ele é uma baja que tem três quina, com espinho...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Esse jaramacaru, a senhora aprendeu desde criança chamar assim?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Foi... Assim que aprendi... Agora é mandacaru também!
(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Jaramacaru e Mandacaru são a mesma planta, mas, que se adaptam às regionalidades geográficas: Norte e Nordeste. Jaramacaru, nome indígena de origem tupi *iamandakarí*, representa a resistência dos solos amazônicos, assim, como o mandacaru é o símbolo da resistência do solo do semiárido nordestino. Houve uma intenção velada da visitante em menosprezar uma linguagem secular ao impor um nome à planta. Quando a visitante argumenta que o nome correto é mandacaru, ela não percebe que a beleza da simbologia da floresta é a singularidade que envolve os nomes, em maioria tupi, às suas formas, e a língua é o que é, possuindo a retórica histórica, social e cultural do falante. Equívocos acontecem quando o estranhamento do outro interfere na forma de falar do nativo. O lugar de fala é do sujeito que cresceu ouvindo aquela nomenclatura diariamente, construiu sua história e produziu o conhecimento diante desse cenário.

Ao falar sobre os seres ambientais como a castanheira, a memória de quem a conhece traz a grandeza da árvore. Ao falar sobre o angelim, aprendemos que é a mais forte para a construção das casas. Esse é o processo do imaginário social imbricado na subjetividade/ objetividade das pessoas, dando os contornos à sua condição florestal. Conhecer e reconhecer qual árvore oferece a melhor madeira para a necessidade humana nos espaços florestais emerge um saber produzido no tempo, entretanto, traduzido e alinhado ao contexto vivente. A tradução cultural apresenta as singularidades humanas adaptadas na história corrente, onde o imaginário social torna-se uma produção humana contínua.

Senti uma nostalgia nas falas de Dona Izaura ao lembrar a abundância de diversas árvores que havia, antigamente, na Valéria e, como a cobertura florestal refrescava os dias e as noites, favorecendo o bem viver no lugar. Na primeira viagem que fiz à região, em outubro de 2021, percebi um calor intenso, que causava náuseas e desconforto térmico. Essa percepção também está presente na geração mais nova. Sara Xavier expressa, em angústia, os impactos

ambientais recorrentes à devastação das árvores: *“Hoje a queimada, ela parece ser o dobro do que era antes... Eu acredito que é em relação ao desmatamento... Hoje quando a gente anda pela estrada da Vila Amazônia ou nessas estradas que a gente vai andando, a gente vai vendo é... As queimadas só aumentam...”* (Em 08 de outubro de 2022).

Essa realidade é sentida e vivida intensamente pelo povo florestal. Esse cenário é proporcionado pela chegada de madeireiras que não refletem sobre as demandas ambientais e culturais do futuro, mas, para satisfazer as necessidades econômicas de um seletivo grupo que expropria as vidas humanas nas terras amazônicas. Com a destruição da floresta, emergida como uma política pública na gestão federal entre 2019 e 2022, a tradução dos saberes torna-se vital para a sobrevivência humana nos espaços florestais. Desejamos que o cenário se modifique com os incentivos tanto públicos quanto privados, retomados em 2023.

A floresta é a vida das pessoas das Amazônias. Como nativa dessa região, eu me vejo em cada elemento que a circunda. Quando uma árvore é derrubada, é uma vida que se esvazia no território, um saber cultural perdido. Cada árvore tem uma energia que emana na natureza, um espírito que a ela está conectado. Com esse aumento catastrófico do desflorestamento, não é somente a vida humana que enfraquece, os espíritos das florestas, de igual modo, entram em sofrimento.



4 OS ESPÍRITOS DA FLORESTA NA E DA VALÉRIA: HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIA SOCIAL

Nas entranhas da mata
 Em meio a serra dos ventos
 Xapirípê vem anunciar Haverayoma
 O espírito irá caminhar nos altares do além
 Ascenderá, (ascenderá), ascenderá a casa do trovão
 Há-hey Reahú! Há-hey Reahú!

(Toada “Reahú: comunhão do espírito”, composição de Guto Kawakamy e Lígiane Gaspar).

Muitas histórias sobre os seres encantados ou bichos visagentos se tornam presentes na cultura dos espaços florestais na região da pesquisa. Na Valéria, brotam experiências sociais que se tornam parte da construção identitária e imaginativa desse povo. Caminhar entre as terras, se esconder pelas florestas e nadar nas águas do lago da Valéria podem despertar aqueles que estão adormecidos, trazendo sentimentos de medo, loucura e insegurança, mas também, de proteção e precaução.

Para “os de fora da região”, ela é um cenário de encantados e encantos, divulgados nas narrativas dos moradores, que ressoam em muitas paragens do território parintinense e na literatura local. Essa terra entre as florestas expressa um cenário sociocultural de mistérios, encantos e imaginários de experiências contadas e vividas, como dos sinos misteriosos que tocam no cume da Serra da Valéria de tempos em tempos. Ninguém nunca viu o sino, mas, ouvem o sibilar. A história é real. O som, o rastro ou a pegada e até o encontro com o espírito do ser encantado são vestígios encontrados e narrados pelas pessoas florestais.

O território é repleto de histórias sobre a existência de seres encantados. Músicas poetizam sobre as divindades que emergem das florestas e águas: “*Surgem os guardiões da mata/ Lendários vem despertar/ Curupira, Matinta Pereira, Caipora/ Boitatá / Boto maroto, Jurupari, Mapinguari/ Bicho Folbaral*”¹⁰⁰, as retratando como os protetores da região, fazendo travessuras com os que agridem os seres florestais ou ajudando a quem necessitar. E assim a Valéria é: um imaginário social vivo de tradições, memórias e saberes entre mulheres e homens, em distintas faixas etárias e núcleos familiares, que habitam no lugar. Esses elementos favorecem a criação de imaginários sociais onde o ser encantado é a liga que está unindo dois mundos: o real e o sobrenatural. Contudo, são as narrativas que despertam a curiosidade e a inquietude de conhecer mais sobre os seres que o cercam, visto que, “num espaço executado e isolado das competições cotidianas, o do maravilhoso,

¹⁰⁰ Toada “Imaginários da Amazônia”, composição de Ademar Azevedo e Maurício Filho.

do passado, das origens. Ali então expor-se, vestidos como deuses ou heróis, os modelos dos gestos bons ou maus utilizáveis a cada dia” (CERTEAU, 2014, p. 79). A produção do imaginário social expressa o poder através da linguagem.

Vários tipos e qualidades de manifestações sobrenaturais acontecem nessa terra complexa. Há diversas histórias das pessoas com os seres encantados, que diante desse ambiente com seres ambientais pululantes, muitos acontecimentos brotaram (e ainda brotam) e estão no imaginário social da região. Nas Amazônias, cada ambiente tem seus seres com suas especificidades locais. Não se pode separar a constituição da vida nessas terras sem atrelar a ela os espíritos da floresta. Essa dinâmica envolve verdades e crenças, somente entendidas no contexto do lugar, por intermédio daqueles que cresceram ouvindo, vendo e sentindo as entidades da floresta em cada passo, em cada respiração e em cada parte desse complexo território, porquanto, Cornelius Castoriadis (1982) e Jacques Le Goff (2013) contribuem para a complexidade discursiva desse cenário imaginativo. É tão real a convivência com os espíritos da floresta assim como é real estar entre as águas, matas e árvores. A cultura das florestas da Valéria mantém essa aura da natureza encantada.

4.1 O RASTRO DA COBRA GRANDE

Os rios possuem mistérios e conduzem a vida. Muitos seres são oriundos das águas. A mitologia amazônica tem, nos espaços fluviais, o grande cenário de surgimento e de vivência dos espíritos encantados. Adormecida ou em ação, a Cobra Grande é um dos personagens mais populares nas histórias. Há muitas representações sobre a forma que a Cobra Grande tem, pode ser fêmea ou macho, possuidora de nome próprio: para o macho chamam Cobra Honorato e para a fêmea Maria Caninana. Também podem chamá-la de Boiuna. Ora é tranquila ora é feroz. Independente do nome e da sua qualidade, ela causa cuidado, medo e arrepio.

O povo acredita em sua existência em qualquer lago, igarapé ou rio. É a personagem mais conhecida, temida e, quiçá, admirada, entre as pessoas da Floresta Amazônica. Em cada espaço, ela pode estar em descanso, à espreita ou em passeio e “*Do fundo do rio/ O rebojo noturno/ O mistério das águas/ O frio que arrepiá/ É Cobra Grande que boia/ Com encanto e magia*”¹⁰¹. O certo é que, quando rasteja, algum evento funesto acontece. Sobre isso, histórias contadas pelos mais velhos dizem que embaixo da Ilha de Parintins há uma Cobra Grande adormecida, e quando ela acordar, a ilha irá sucumbir e desaparecer nas águas do rio Amazonas.

¹⁰¹ Toada “Cobra Grande”, composição de Ronaldo Barbosa.

A Cobra Grande é presença na construção do saber do povo florestal. As gerações dos espaços florestais acreditam em sua existência e nas consequências de seu aparecimento. Esse mundo habitado e vivenciado pelos habitantes tem o imaginário circunscrito em suas especificidades territoriais, onde crescem ouvindo as histórias de quando apareceram, no contraste entre acreditar e desacreditar. O certo é que há pessoas que viram ou ouviram sobre a misteriosa Cobra Grande: “*Falam da lenda do Curupira, contam... Mas meu pai falava mais da Cobra Grande*” (Dona Izaura em 02 de outubro de 2021). Um mundo sobrenatural brota entre as florestas e o bicho visagento¹⁰² emerge das águas ou caminha entre as matas.

O tamanho e a força da Cobra Grande causam medo. Argumentei à filha de Dona Izaura e Seu Manoel se ela acredita na existência da Cobra Grande: “*Mana, a gente acredita... a gente acredita piamente que existem cobras, cobras muito grandes naquela região!*” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022). Ao enfatizar a existência de cobras muito grandes na região, Selma Xavier não diz que é a Cobra Grande, tão popularizada e temida por muitos, mas, tem a certeza de que há um gigantismo dos répteis, proporcionando um temor aos moradores. Ao estar próximo às águas, as pessoas devem ter cuidado, pois, a grande cobra pode estar à espreita. Entre os rios, lagos e igapós, a Cobra Grande faz companhia para as outras vidas. Ela é tão vinculada à terra, que uma vez ou outra, surgem fatos em que a ela é a personagem principal. Contrapondo, a sua própria fala, noutra narrativa, Selma Xavier mostra a sua crença na existência da Cobra Grande da Valéria:

Eu acho que foi... Eu não consigo te dizer a data em que a gente viu ocorrer um fenômeno na região ali da São Paulo, né, que dizem que foi a Cobra Grande que saiu para o Amazonas e, realmente, teve um temporal, que do nada, a área ficou toda movimentada e ficou cheia de capim e árvore que caiu no meio do rio e todo mundo acredita que foi a Cobra Grande! ... Então a gente acredita nisso, de verdade!” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Como criatura dos rios, ela está no imaginário e no dia a dia das pessoas. A Cobra Grande tem um poder que transcende o conhecimento científico e o saber popular. Se a Cobra Grande é real, um devaneio ou é desacreditada por muitos, para Dona Izaura este ser encantado traz à memória, as sensações de medo, arrepios e uma atenção redobrada sobre onde caminha ou nada. O que sabem é que ela está lá, à espreita. Ela existe. Ela é uma das forças da natureza.

A Cobra Grande permeia o imaginário social, muitos juram tê-la visto ou visto seus rastros, narrando suas peripécias frente a esta entidade da floresta. A figura 24 representa a Cobra Grande da Valéria.

¹⁰² Entidade sobrenatural. Nome genérico dado para os espíritos sobrenaturais das águas e das matas. É assim que Eduardo Galvão denomina, as entidades, em seu estudo.

Figura 24 - A Cobra Grande



Fonte: Desenho de Alexandre Haidos e Efrain Batista, 2023.

Em cada espaço florestal, a presença de histórias sobre a Cobra Grande se faz presente. Para Dona Izaura há, realmente, uma Cobra Grande encantada no lago da Valéria, ela está bem viva, embaixo de seus pés e, por enquanto, adormecida, visto que, “tudo o que se nos apresenta, no mundo social - histórico, está indissocialmente entrelaçado com o simbólico” (CASTORIADIS, 1982, p. 142). Ao presenciar o fato, a expressão facial ao contar a sua história aparentava o medo e a verdade:

A minha irmã ainda viu a Cobra Grande saindo, saindo daqui da cabeceira... Em plena 8 horas da manhã... Nós viemos do centro prali e nós saímos pra lá e foi onde minha irmã viu... Olha, foi uma manhã como hoje, por exemplo, chovendo, ela com os meninos dela foram pra lá, quando ela viu... O capim vinha saindo... Aquele grande estrondeiro... Quando ela prestou atenção, o capim vinha andando... Saindo... Ali ela gritou pro nosso primo “Olha, Luiz, vem ver a Cobra Grande saindo...” ela falou “A Cobra Grande saindo...”, que ela olhou no igarapé, ela disse que ela ia rente ao igarapé e saía... Rente... O casco dela ia esfregando na terra e abrindo na frente... Olha, que a água parecia que estava na frente de um loide... Aquele grande aguaceiro ia inundando toda a praia onde eles iam passar... Depois disso, só já ficou o lugar, lá onde ela morava, um buraco muito grandão... Lá onde ela morava, a cobra, nós passava todo dia em cima dela... Ela estava dormindo lá, quieta, graças a Deus! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

Dona Izaura, como num palco, narra a experiência ao ver o rastro deixado pela Cobra Grande. A memória da velha senhora é um elemento geracional que liga as vivências do passado com o presente da cultura da Valéria. Uma biblioteca que expressa as dinâmicas das florestas. Para Marcos Montysuma (2018, p. 52),

Quando discorrem sobre suas andanças pelas matas, por onde estabelecem conexões associando conteúdo ao lugar, entre as terras (através de relevo), as árvores (determinadas formações vegetais), animais e tudo o mais que diz respeito àquele mundo são associados repletos de sentidos e coerente.

O som ensurdecedor que fazia ao rastejar pelas terras e águas da Valéria, são ainda vívidas na memória da velha moradora. Este acontecimento marcou aquele cenário, fazendo parte da cultura local: onde a Cobra Grande pode estar dormindo, por onde rastejou ou, quando se mexe, abre novos cursos de água e, também, surgem buracos na terra, mudando o trajeto do morador. Isso pode ser percebido pela história contada, quando ainda diz: *“Desde essa vez nós não sabe se ela voltou ou não, porque nunca mais ela apareceu, nem criou mais barranco pra lá... Mas eles contavam da lenda e minha irmã viu mesmo!”* (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). E essa aura de encantamento e questionamento sobre esse ser, torna a Cobra Grande um dos mistérios da Valéria e, talvez, de todos os espaços florestais.

Filhos e netos cresceram ouvindo suas histórias e ensinamentos do agir entre os mistérios da floresta. A natureza, as gerações e o tempo se apresentam na construção das narrativas, na conjunção do passado no presente. Essa floresta é um organismo vivo que orienta o agir florestal. É uma floresta de símbolos que conduz os caminhos. A Cobra Grande, ilustrada na figura 24, demonstra o movimento das águas do lago da Valéria, na representação imaginativa a partir da narrativa da velha senhora. É tanto bela quanto assustadora a visualidade trazida pelo rastejo da temida Cobra Grande, como se estivesse preparada para dar o bote nos desavisados que trafegam tranquilos pelos espaços florestais. É, no meu entendimento, a lenda amazônica mais conhecida e mais presente no imaginário social dos povos florestais e do povo brasileiro. Há uma crença coletiva de que ela existe e está na construção do imaginário social amazônico, em um ir e vir que pode ser silencioso ou estrondoso.

Para Dona Izaura, a Cobra Grande é presente nas histórias desde a época de seus pais e faz parte das vivências tanto das gerações mais antigas quanto das mais novas. Na Valéria, este ser pode estar adormecido, algum momento despertará de seu sono profundo e estremecerá as terras, criará buracos e barrancos, como já aconteceu antes, e, tornar-se, mais uma vez, personagem das histórias para outras gerações. E nessa experiência do contato e do confronto, da crença e do

respeito, se mantém ainda mais acesa, na cultura das florestas, sua presença real. As estratégias estabelecidas nos espaços florestais, por causa de sua existência, mostram que:

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Esse espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida (CERTEAU, 2014, p. 80).

O imaginário social envolvido pela narrativa da Cobra Grande apresenta a complexidade da natureza sobrenatural da cultura das florestas. O encantamento que envolve os mundos real e dos seres encantados, nos espaços florestais e na vida das pessoas, faz com que a construção da condição florestal não estruture sua dinâmica apenas no que é visualizado, mas, especialmente, naquilo que não é visto, mas subjetivo à sua identidade social. É saber que existe sem ver, igual a existência do vento, que não o vimos, mas, o sentimos.

Acreditar que há um ser encantado nas águas e respeitar sua grandeza, promove em paralelo, um respeito ao rio e aos seres que nele habitam. Fragilizar o aspecto ecológico das águas amazônicas é vulnerabilizar a vida real e sobrenatural de quem delas dependem. A morte do rio proporciona a morte dos seres encantados das águas. Com o avanço dos impactos ambientais em todas as partes das Amazônias, a encantada Cobra Grande passa a ter um paradeiro desconhecido. O “estrondeiro” que ela promoveu na Valéria, num tempo passado, não é mais ouvido, nem seu rastro é mais visto. A Cobra Grande adormeceu ou sucumbiu à exaustão ecológica recorrente nas Amazônias. Mesmo desaparecida, ela é presente nas histórias locais, não de pescadores, mas, de todos aqueles envolvidos no imaginário social das florestas.

4.2 A PEGADA DO JUMA

Quando eu ouvia falar sobre a região da Valéria, associava à lenda do Juma. Cresci escutando notícias nos jornais locais que o gigante Juma rondava por aquelas terras. Assistindo filmes estadunidenses sobre o Pé Grande, imaginava que o Juma da Valéria, fosse semelhante. Esse ser encantado é parte do imaginário local, cantarolado nas toadas que descrevem o medo e o arrepio ao ouvir seus passos, quando “*Vem surgindo/ Eclodindo da vegetação/ Na caverna da floresta/ No covil das onças pintadas/ Ele surge gigantesco a caça das vidas abandonadas*”¹⁰³. Uma entidade gigantesca que para Seu Manoel é um bicho, que, na forma humana, foi um indígena afastado da aldeia. Seu Manoel é testemunha ocular da pegada do Juma pela Valéria. Le Goff (2013, p. 437) argumenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir

¹⁰³ Toada “Juma”, composição de Rafael Marupiara e Ronaldo Jr.

ao presente e ao futuro”, logo, a memória do velho morador guarda a tensão do momento presenciado e conta o acontecimento a quem lhe instigar.

São as narrativas do povo que preservam as histórias dos seres encantados e permanecem vivos no imaginário social do lugar e de outros espaços florestais, tornando as florestas, um cenário de encantarias. A compreensão objetiva e subjetiva da realidade nos espaços florestais tem a singularidade do encontro de dois mundos. A floresta parece ser um portal de seres encantados. São esses imaginários que conferem uma atmosfera de encantamento aos agrupamentos humanos inseridos nas terras da Valéria e dão essência à cultura das florestas e “esse imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘expressar-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa a mais” (CASTORIADIS, 1982, p. 154). Os habitantes dos espaços florestais têm precauções que, só são entendidas por quem cresceu nessa conjuntura social. Para “os de fora”, as superstições e as histórias podem ser risíveis, mas, para o povo das florestas, a mata tem espíritos que rondam e precisam ser respeitados e evitados e o Juma da Valéria é um deles.

Figura 25 - O Gigante Juma



Fonte: Desenho de Alexandre Haidos e Efrain Batista, 2023.

Ao contar sobre a presença do gigante Juma, Dona Izaura (Em 02 de outubro de 2021) diz: *“Essa história apareceu aqui na Colônia Fé em Deus... E apareceu aí... Ainda vieram chamar a gente e nós morava na Colônia e o meu marido foi pra lá, mas outros foram e viram a pegada dele... Manoel que vai lbe dizer e que vai detalhar isso...”*. Ainda sobre a aparição, Dona Izaura ilustra que *“Ele chegou perto da casa de um irmão lá, o irmão Teófilo e baja que ele não varou na casa porque tinha uma cachorrinha que acuava, acuava, acuava e ele não saiu pra lá e era o Juma que ela estava sentindo!”*. A figura 25 apresenta a narrativa descrita tanto por Seu Manoel quanto por Dona Izaura.

Esse aqui era o comprimento do pé dele, 20 centímetros a ponta do dedão... A distância era de 1 metro de uma pegada dele pra outra... Eu fiz até uma casinha em cima do pé dele... O pé dele era o seguinte, a ponta dele era grossa e o calcanhar fino...A imprensa veio aí, não mentalizei a época, mas o rapaz que viu tudo morreu... O que eu digo foi essa metragem... O pessoal da imprensa veio aí, vieram tudo a trabalho... O chefe dos índios também vieram aí dizer o motivo de onde ele surgiu, porquê ele surgiu, o que ele estava fazendo, pro pessoal ter cuidado, porque se alguém sumir é ele que pegou! (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

As histórias sobre a aparição do Juma e suas grandes pegadas na Valéria é famosa no território parintinense. Nas disputas entre Caprichoso e Garantido, ela é explorada quando se apresenta a lenda amazônica, assim como a Cobra Grande. São enredos indispensáveis no Festival Folclórico, por estarem presentes no imaginário social local. As histórias sobre o Juma, mostram que ele figura em muitos trajetos. A força e o gigantismo do Juma estão presentes nas lembranças dos moradores. A presença da sua pegada é a marca viva de que ele esteve no lugar e é um acontecimento que alardeou os moradores da Valéria e dos arredores. Todos contam essa história e acreditam em sua existência.

No contar e recontar o fato, os de fora sentem e interagem, inconscientemente, com os imaginários expressados pelas narrativas culturais. Aquele que escuta, elabora, na sua mente, a história narrada, penetrando nesse mundo desconhecido. Essa capacidade de ilustrar os fenômenos, mostra o potencial narrativo e performático das gerações amazônicas. A linguagem, as expressões corporais, a entonação da voz, onde dar mais ênfase, faz parte do contar e recontar.

Essa lenda do Juma é muito forte e eu lembro bem mesmo, que as pessoas falavam que era quase lá pra região da Samaria, que era aí pra banda da Fé em Deus...Aí o pessoal que via, contavam que, realmente, que eles viram pegadas...Pegadas dele pra lá, então, o Juma é assim... Uma coisa que eu lembro bem, eu lembro mesmo... Os mais antigos, né, os moradores de lá, eles viram, eles viam na mata, quebrando paus... Essas coisas... Isso eles viam! As pegadas eram tão grandes, que eles se surpreenderam quando viram a pegada porque de pessoa normal não era... Porque também as pegadas desapareciam na floresta, na mata... É uma coisa sem explicação dele, do Juma... Porque eles só viam os rastros, os vestígios por onde passavam (Sandra Rodrigues Xavier em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Os seres encantados estão presentes na produção do imaginário social das pessoas e aguçam uma curiosidade científica daqueles estudiosos interessados em entender a lógica do pensar e da cultura amazônica, mas também atiça perguntas das pessoas da Valéria, como questiona Sandra Rodrigues Xavier, ao dizer “*Mas, o que será, realmente, esse Juma?*” (Em 11 de maio de 2022). As gerações mais velhas acreditam na existência do Juma. Não questionam se ele é um animal de formas gigantes ainda não catalogado pela ciência. O que se entende, através do saber florestal, é que sua aparição internaliza aos moradores que devem se proteger, porque ele traz maus agouros nas terras por onde passa. Para os habitantes da Valéria, o Juma é real e precisa ser evitado. Seu Manoel narra quem são e o porquê de visitarem as áreas habitadas nas florestas.

Esse Juma ele é um casal de índios que se distanciam, ficam no meio da mata, se agasalhando no pé da Serra, ficam por aí, por esses lugares... Quando eles começam a aparecer assim... Eles estão aparecendo pra que se mostrarem que estão aí... Quando eles somem é pra ter cuidado, porque quando eles se somem já fica dando prejuízo porque fica aparecendo... É... Como se diz aí, agressivo... Na época que eles somem eles já ficam agressivos, a pessoa tem que ter cuidado para não estar saindo sozinho na mata... Porque eles estão por aí só... A lenda deles aí foi muito grande... Aqui na Valéria já teve o Juma, já teve o Chupa - Chupa... (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021).

Numa narrativa um pouco confusa, Seu Manoel tenta explicitar os motivos que os fazem aparecer na região. É certo que o medo se implantou. A pegada do Juma foi vista. A partir dessa vivência tão próxima, o alvoroço foi coletivo e a curiosidade de sua origem ainda é presente entre os habitantes. O imaginário social das florestas uniu o grupo, proporcionando ações de resistência cultural. Crer no Juma é energizar ainda mais a cultura das florestas.

O papai e os amigos dele foram pra observar, buscaram na época um curador, um índio curador que pudesse ajudar a entender o porquê e quem era aquela criatura, porque houve quem os visse e houve quem só visse as pegadas grandes na estrada... Eu lembro assim, vagamente, mas a nossa geração acredita sim que essa criatura é sobrenatural ou como eles falam que fosse um índio revoltado que tinha debandado de uma tribo havia passado por ali... Mas, a gente, realmente, acredita nisso! (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Alguns pesquisadores dizem que o Juma é o espírito de um índio valente que protege as matas, protegendo toda forma de vida local, o qual pode ser caracterizado como nativo dos primeiros agrupamentos indígenas da região. Conforme informações do jornal eletrônico *El País*¹⁰⁴, no século XVIII havia entre 12 mil e 15 mil indígenas da etnia juma, que após sucessivos massacres e expansão das frentes extrativistas, se viram drasticamente reduzidos até tornarem-se extintos. Até início de 2021, havia somente 01 indígena juma puro, chamado Aruká, que habitava o sul do Estado

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-19/o-ultimo-anciao-juma-morre-de-covid-19-e-leva-para-o-tumulo-a-memoria-de-um-povo-aniquilado-no-brasil.html>> Acesso em: 29 dez. 2021.

do Amazonas. Devido às complicações do novo coronavírus, o ancião faleceu, levando consigo a memória e a cultura de um povo aniquilado no Brasil. Como povo dizimado dos espaços florestais, os espíritos encantados dos Jumas tornaram-se tanto espíritos que trazem mau presságio quanto proteção aos seres ambientais: suas aparições são vistas como avisos para que as pessoas ajam com cautela na e com a natureza. Se o sujeito age com bom senso entre as florestas, o Juma o protegerá, caso contrário, sofrerá as consequências. Essa mudança de postura é apresentada numa toada quando “*A mãe natureza para resgatá-lo/ Evoca Baíra/ O herói ancestral/ Destinando ao Gigante Guerreiro uma nova missão/ Proteger a Amazônia*”¹⁰⁵. As aparições, na última década, mostram que não é por acaso que surgem. A floresta é sua morada. Com a floresta desflorestada, o Juma fica sem proteção e a ira vocífera.

O aparecimento e o sumiço do Juma ou do casal de Jumas, mostra que algo está impactando os seres ambientais. Há uma exaustão da natureza e o espírito do Juma se rebela contra isso. A ação antrópica que maltrata a fauna, a flora e outros seres do Planeta o impulsiona a avisar que algo não está bem e a agressividade contra o humano se faz presente. O espírito deste ser encantado aparece para tentar frear as ações contra os seres ambientais, por isso, fica ao pé da Serra e de lá sai, de tempos em tempos, para outras partes da Valéria, trazendo medo, arrepio e um olhar mais cuidadoso com a floresta.

4.3 A VISITA DO CHUPA-CHUPA

O Chupa-Chupa é outra entidade sobrenatural que aparece na Valéria. Assim como pensar nesta região se remete às aparições do gigante Juma e da Cobra Grande, também, há a visita do Chupa-Chupa. E, no território de Parintins, somente nos espaços florestais da Valéria ele aparece: “*O Chupa- Chupa tem muita história aí... As pessoas viam... Alguns ficavam feridos por essa parte aí*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021). O Chupa-Chupa aparece em comitiva como “*Seres sanguinários da noite/ Lendários assassinos da floresta/ Empunhando machado de pedra/ Aos filhos da mata declaram guerra*”¹⁰⁶. Assustam e trazem o medo ao povo florestal.

O Chupa-Chupa, aparentemente, é um ser extraterrestre que aparece uma vez ou outra no lugar. “*O pessoal da imprensa também vieram pra ver o que era, mas nunca souberam o que era... Sei que nunca puderam ver o que era...*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021), porém, Dona Izaura (em 02 de outubro de 2021) afirma “*É o disco voador?*”, nesse momento, Seu Manoel (em 02 de outubro de 2021) esclarece: “*O disco voador na primeira vez que veio e ninguém conhecia, passou por aí!*”

¹⁰⁵ Toada “Gigante Juma”, composição de Demetrios Haidos e Geandro Pantoja.

¹⁰⁶ Toada “Cupendiepes”, composição de Inaldo Medeiros e Marlon Brandão.

e “*Foi às cinco horas da tarde!*”, pontua Dona Izaura (em 02 de outubro de 2021). É uma narrativa construída em diálogo por quem viveu o momento, mostrando detalhes da aparição.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como é o Chupa-Chupa?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Eu nunca vi o Chupa-Chupa! Mas, o pessoal viu... Era um negócio que andava, dava uma alumiada no pessoal... O pessoal caía pro chão, botava sangue pelo nariz, por tudo essa banda... O pessoal se batia por coisa que nunca viu... Eu nunca vi mesmo, mas, o pessoal já viu... Esse Chupa-Chupa... Vinha gente da cidade, uma guarnição grande!

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Vinha o pessoal da cidade e eles enxergavam o aparelho na rama e nós, embaixo, não enxergava!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Mas, não conseguiram detectar o que era, mas, que apareceu, o pessoal dizia que apareceu! E apelidaram de Chupa-Chupa!

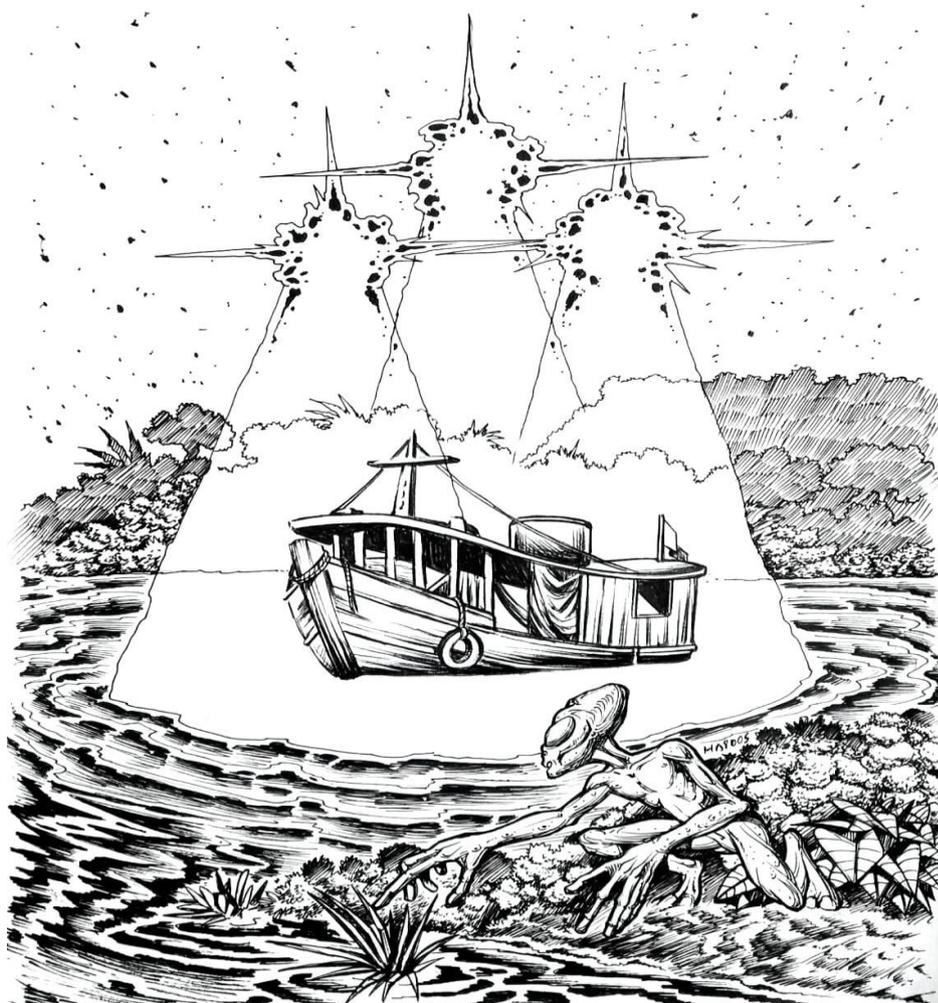
(Em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Os pesquisadores paraenses Fernandes e Barbosa (2016) falam que o Chupa-Chupa é recorrente nos espaços amazônicos, com registros noticiados desde 1970. O Pará é um dos lugares onde, supostamente, apareceu. Em outras regiões brasileiras, é chamado de Chupa-Cabra ou Chupa-Cu, com características físicas semelhantes, visto que, o imaginário se concretiza na linguagem, costumes, hábitos e rituais da vida diária (CASTORIADIS, 1982). Na Valéria, o Chupa-Chupa apareceu causando temor, principalmente, porque a história contada diz que ele agrediu um dos moradores: “*Tem uma família aí que foi pro barco e saiu daí... Deu nele no rio... Caiu...*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Um tremendo alvoroço causou e o medo se espalhou. Esse imaginário que articula dois mundos apresenta uma encruzilhada de signos e significados, preenchendo fissuras que não podem ser explicadas pelo conhecimento constituído. É a resposta da dimensão imaginária ao mundo concreto/visual, pois, como aduz Baczko (1985), esse mundo físico necessita de uma dimensão imaginária para ser entendido na sua complexidade cultural, em virtude, que a geração de símbolos e ritos é uma das facetas mais significativas da produção intensa de imaginários sociais.

A floresta amazônica como palco de imersões culturais que orientam uma rotina, quando o Chupa-Chupa apareceu, cada habitante da Valéria foi impactado. As águas, os céus e as terras não eram mais seguras. Um bicho estranho surgiu trazendo horror a quem o visse. O sobrenatural influenciou mudanças no dia a dia desse espaço florestal e atiçou a curiosidade de muitas pessoas, porém, para quem sofreu o ataque a lembrança causou transtornos: “*Porque eu acredito assim... Foi porque ele caiu com medo... Esse homem ficou com tanto medo se até uma estrela que ele olhasse, se fosse andando prali, ele desmaiava... Quer dizer, a gente tinha esse medo...*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021). A tensão foi coletiva. Esse morador deve ter se questionado “por que isso aconteceu comigo?”, mas infortúnios são imprevisíveis e “um acontecimento só é traumático porque é “vivido

como tal” pelo indivíduo” (CASTORIADIS, 1982, p. 163), ainda mais num ambiente cercado de mistérios e seres inexplicáveis. A figura 26 representa o Chupa-Chupa da Valéria e a história contada por Seu Manoel e Dona Izaura.

Figura 26 - O Chupa-Chupa



Fonte: Desenho de Alexandre Haidos e Efrain Batista, 2023.

Para as gerações mais novas, o Chupa-Chupa tem outra explicação: pode ser um drone, balão atmosférico ou pesquisadores na região. Entretanto, também ficam na dúvida: “É real ou não?”. Selma Xavier conta o seu entendimento sobre as aparições do Chupa-Chupa.

Quando eu vejo um drone, eu sempre imagino que, talvez, fosse algo muito similar que eles viram, sabe...Porque a mamãe, ela conta algo... Toda vez que eu vejo um drone, eu penso que foi algo similar que minha mãe viu... Ao mesmo tempo, cresce aquele imaginário, será que vai haver vidas extraterrestres? Será que foi realmente isso que eles viram? Será que a nossa região, de alguma forma, foi é... É... Chegaram e se aproximaram da nossa região, fotografaram... Algo assim, sabe, a gente tem essa dúvida... Eu tenho essa dúvida, então, quando eu vejo drones, assim, eu sempre penso nessa história do Chupa-Chupa e se nós fossemos perguntar algo na região, as pessoas, talvez, fossem falar algo similar, não dessa questão da tecnologia, mas iam dizer que elas acreditam, que isso

existiu... Que as pessoas contaram que existiu, então, existiu! (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

O imaginário local, especificamente das gerações mais antigas, acredita na presença, nas proximidades, do Chupa-Chupa e que a Valéria atrai seres de outros planetas e, quem sabe, as matas do lugar tem uma magia que favorece o aparecimento desse ser e de outros. Um portal, talvez, de entidades que percebem os ares fantásticos da natureza e fazem da região, o ideal para suas aparições e vestígios. Um cenário que tem o tempo-passado e o tempo-presente atuando em conexão. Todavia, com o acesso a novas informações, os aparatos tecnológicos também entram nessa indagação. A aparição do Chupa-Chupa também entrou nas informações divulgadas pelas empresas de turismo quando apresentam a Valéria para o mundo, como o lugar onde “um misto de alienígena e vampiro” foi avistado por moradores desde a década de 1980¹⁰⁷. Mais uma característica à esta emblemática região.

Ao ir ao encontro de histórias sobre esses seres encantados, compreender a lógica de suas aparições, é perceber a conexão que há entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, entre o que a ciência acredita e o senso comum acredita: *“se as pessoas contam que existiu, é porque existiu”* (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022). O certo é que no imaginário das florestas todas as possibilidades de vidas são possíveis.

Há o ser das florestas, das águas e dos ares. Todos são seres que têm a floresta como palco de suas artimanhas, cenário de seus arrebatamentos. Há o espírito que sobrevoa as casas, que anuncia boas novas ou trazem maus presságios. Há aquele que protege os animais e castiga quem os mata. São universos conectados. As narrativas dos seres encantados servem para ilustrar o perigo que há nos espaços florestais, visto que, as histórias não foram produzidas hoje, são, corriqueiras entre gerações.

Os espaços florestais amazônicos são ambientes de encantarias, crenças e descrenças. Crescer nesse ambiente “lá e cá” das vidas, na conexão entre as normas ideais e as práticas do dia a dia, é estar frente a um portal de um reino encantado. Uma vez ou outra, os seres encantados são autorizados a visitarem esse mundo humano que proporcionam narrativas que levam os ouvintes ou leitores a se teletransportarem a filmes imaginários, diante da exposição das pessoas florestais. Os saberes florestais têm em sua essência essa magia. Não entendida, racionalmente, por muitos. É essa quimera que conduz o tempo, o imaginário, a memória e a aprendizagem de gerações familiares, onde a cultura das florestas é um tempo passado e presente da pluralidade de saberes e racionalidades.

¹⁰⁷ Disponível em: < Parintins, o que fazer na terra do Garantido e Caprichoso (amazonasemais.com.br) > Acesso em: 03 fev. 2023.

4.4 A PRESENÇA DA MULHER DO PÉ RACHADO

Os espíritos ou entidades femininas estão presentes no imaginário social do povo florestal. São personagens atuantes nas histórias e canções sobre as matas e as águas, interagindo no dinamismo regional. Algumas histórias de espíritos femininos são popularmente conhecidas, como a famosa Iara, a sedutora das águas, descrita nas toadas parintinenses, como “*Iara mãe d’água/ Mãe do Boto e da boiuna/ A Rainha dos Encantes/ A noite o calafrio, medo e o calafrio/ Traza nas pedras/ De um remanso sombrio/ A índia cabocla/ Ornada de sementes, ossos e plumas*”¹⁰⁸. A beleza e o canto da Iara hipnotizam os desavisados que com ela se encontram. Outra narrativa é sobre as guerreiras Ycamiabas, avistadas por Frei Gaspar de Carvajal¹⁰⁹, no século XVI, ao navegar pelas águas do grande rio, que tiveram o nome traduzido para Amazonas, por ser semelhante à lenda grega. Mulheres sem homens que são representadas na cultura musical local, como “*As mulheres guerreiras/ Montadas pra guerra/ De arco e flecha nas mãos/ Seguindo Naruna/ Defendem com raça/ A sua sagrada nação*”¹¹⁰. São histórias que trazem a entidade transmutada em mulher, na dicotomia entre força, sedução e medo.

O espírito de uma mulher encantada surgiu de uma dessas narrativas inusitadas, através de Seu Manoel. O velho narrador conta sobre uma mulher que apareceu para um jovem, quando este passava uns dias na casa que Freyzer Andrade, à época, estava construindo em seu terreno. Assustado, o jovem comentou que uma mulher estranha dele se aproximou e, nesse encontro inesperado, surgiu uma nova história, sem referências anteriores.

Aí eu perguntei dele “Onde tu enxergou essa visagem?”, “Eu enxerguei aqui! Ela saiu de lá da cozinha”... Ele foi entrando na cozinha... “Ela pediu fogo e perguntou se tinha vela”... Ele disse que não tinha nenhuma coisa dessas... Ele saiu pra conversar direitinho com ela, quando ele saiu, ela tava lá, ela dobrou de frente prali, aí ela não falou mais com ele... Ela olhando pra cá, olhando prali... Depois ela dobrou e foi embora... Depois apareceu uma cobra, que desceu assim... Olhava pro rio e coisa e tal... Ele contando... O pé dela estava todo cortado, todo riscado, era todo partido o pé dela, ele avistou bem... (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Um espírito diferente que circulava entre a casa e o terreno de Freyzer: “*A história do Diego, dessa mulher... Uma mulher normal com roupa normal tudinbo... Com pulseira de ouro no braço*” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022), para alguns poderia ser uma alucinação da mente do

¹⁰⁸ Toada “Sedutora das Águas”, composição de Demetrius Haidos, Geandro Pantoja e Jacinto Rebelo.

¹⁰⁹ Fez parte da esquadra de Francisco de Orellana, que navegou durante dois anos e oito meses desde o Peru até o desconhecido território das Amazônias no Brasil. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518714>> Acesso em: 01 fev. 2023.

¹¹⁰ Toada “As Ycamiabas”, composição de Toni Rossi.

jovem, mas, para outros, é um dos espíritos encantados que cercam a floresta da Valéria. Dona Izaura conta era uma mulher loira vestida de branco, com joias douradas nos braços e no pescoço. O que mais destacava na narrativa era a qualidade dos pés, estavam rachados, como terra seca, sem cuidado, enraizados àquela terra, aparecendo de tempos em tempos aos homens que para lá se dirigem, visto que, “abre um *teatro* de legitimidade a ações efetivas” (CERTEAU, 2014, p. 192) [grifo do autor].

Inspirada na descrição contada por Seu Manoel, esse espírito sem nome, precisava ter uma alcunha que o denominasse, a nomeei de a Mulher do Pé Rachado, pelo detalhe mais saliente descrito. A figura 27 representa essa configuração imaginativa desse espírito da floresta, com o rosto em formato de caveira. Trazê-la nessa forma não é caracterizá-la como uma bruxa ou um espírito do mal, mas, como um espírito de uma mulher morta, transformada em uma entidade sobrenatural, que não permitiu ter o rosto visto pelo jovem que com ela conversou. O espírito da Mulher do Pé Rachado escolheu habitar um lugar específico na Valéria, o terreno de Freyzer Andrade, neto do casal. Ou, quem sabe, já habitava por lá, talvez, uma antiga moradora falecida, que se fincou àquela terra.

Figura 27 - A Mulher do Pé Rachado



Fonte: Desenho de Alexandre Haidos e Efrain Batista, 2023.

É tão característico da cultura das florestas, a presença de entidades, que o povo acredita, respeita e tem precauções na sua produção social. A crença nesses personagens une pessoas, solidarizam-se, quando necessário, e, principalmente, possibilitam o bom funcionamento do grupo. Para Baczko (1985, p. 309-310), os imaginários sociais “não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as suas divisões internas e as instituições sociais”. Ao ser das Amazônias, é estar num casulo de crenças, costumes e hábitos que desabrocham através dos peculiares saberes florestais. O homem e a mulher são transformados em espíritos, transitando entre o mundo real e o mundo sobrenatural.

Os habitantes acreditam na potência dos espíritos florestais, nos presságios, na proteção e nos possíveis encontros que podem levar à loucura, desorientação ou extremo medo. Esse medo é real e único, há uma aceitação coletiva de que os espíritos estão próximos, dormentes ou atuantes. Esse imaginário social das florestas da Valéria orienta a dinâmica humana, construindo uma orientação social e cultural específica a este pedaço de chão.

Nessa coexistência entre o real e o sobrenatural, outra situação envolveu as dependências da casa de Freyzer. Uma figura - que pode ser a mesma mulher, mas, ninguém a viu ou ouviu - lavava as louças dos pedreiros que estavam construindo a casa. Uma aventura que, na narrativa de Seu Manoel, serviu para ensinar “os trabalhadores não serem preguiçosos”.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: E essa história da mulher que lavava a louça dos homens?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Aí não aparece ninguém não!

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Mas, será que não aparece mesmo, seu Manoel?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Os homens que trabalharam aí contaram só uma história de um preguiçoso que não lavava o prato da tarde, um lavou deixou o prato, o outro deixou o prato sujo lá na pia, “Lava o teu prato!”, “Eu vou lavar depois!” ... De manhã, quando ele veio lavar o prato, o prato tava lavado e arrumado em cima da mesa e chamou o rapaz, “Pô, cara, olha inda, eu deixei o prato sujo aqui na pia e agora tá lavado e colocado em cima da mesa”, “Olha, pra gente preguiçoso acontece assim!”, quer dizer, é uma história que já contaram, mas, outra quem sabe, né... Aconteceu... Aconteceu porque ele deixou o prato dele lá na pia e de manhã estava lavado lá em cima da mesa...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Uma visage asseada!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Isso que dá ser gente preguiçoso! Tu tinha que lavar teu prato logo!

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

Pode ser que algum companheiro do trabalhador tenha lavado o prato e não admitiu para que o outro imaginasse que fosse algum espírito. Não sabemos. A dúvida fica no ar. O certo é

desde esse dia ninguém mais deixou pratos sujos na pia. Referendar fatos nebulosos aos espíritos da floresta é comum nos espaços florestais; somente o sobrenatural explica o que o mundo real não tem respostas ou não quer mostrar. O encanto do mundo florestal não precisa de argumentações científicas para fazer sentido. O sentido é dado na crença que os espíritos da floresta existem e estão entre o povo, à espreita. A atitude a ser realizada é evitar o encontro o quanto for possível.

Cresci ouvindo narrativas sobre os espíritos da floresta, numa aura de respeito e precaução, mesmo habitando um espaço florestal citadino. A geração mais velha ensinava que “*os bichos poderiam judiar da gente porque na infância dela dizia que já tinha visto acontecer*” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). Conhecimento traduzido de geração a geração. Essa presença não vista, mas, próxima, está na constituição do ser humano nestas terras. É pela floresta, terras e águas que os espíritos da floresta vivem e tentam sobreviver, visto que cada ser ambiental faz parte de sua constituição, de sua essência como ente da natureza. É essa atmosfera de curiosidade, apreensão e medo dão os contornos psicossociais à condição humana na região, à produção de um imaginário social singular.

É no espaço social da floresta, que surgem as histórias sobre os espíritos sobrenaturais. Entidades antigas e novas aparecem para enriquecer o imaginário simbólico, a produção do conhecimento e a tradução dos saberes florestais. As gerações crescem nesse dinamismo, que tem a oralidade como o mecanismo de reconhecimento da cultura das florestas, numa corrente que mantém as tradições em simultâneo com as novas realidades, todavia, intervenções externas, como o acesso a outros meios de comunicação podem influenciar a geração mais nova, quando estes assumem, em determinadas situações, uma incredulidade frente às histórias. Entretanto, percebi nas narrativas do casal, que tal situação não reflete a conjuntura da totalidade, visto que, tanto velhos quanto novos creem nas entidades florestais e na força que elas têm. Pode ser que algumas histórias percam a sua ação, mas, quando algo estranho surge, a resposta que dão é que se deve ter cuidado porque “há algum bicho visagento da floresta”: o ruído, as pegadas, o rastro ou uma visão regulam as crenças e a sobrevivência das diversas expressões da cultura das florestas.

Os novos tempos proporcionaram uma ruptura em algumas expressões culturais amazônicas. Novos entendimentos se projetaram na subjetividade, principalmente, nos mais novos. A era da informação rápida e global, diluiu algumas práticas na Valéria. A temporalidade das gerações, na produção do imaginário social, conduziu a dois caminhos antagônicos: a crença e a descrença nos espíritos das florestas. Houve influências externas que passaram a argumentar a veracidade das histórias: se é delírio, alucinação ou “histórias de pescador”. A realidade percebida é que, o novo século, trouxe alterações culturais que alimentaram outras condições de existência

na região. Os espíritos das florestas se afastaram ou sumiram e, as histórias vividas e contadas, passaram a ficar nas lembranças dos mais velhos.

O cenário, em qualquer pedaço amazônico, tem suas histórias. A vida está em cada parte e os espíritos da floresta estão ligados à natureza, por isso, a perda da fauna e da flora leva ao sumiço tanto dos seres reais quanto dos seres sobrenaturais. Conservar a natureza é manter a presença viva e real das entidades que estão ligadas a ela. O rio contaminado leva a morte de qualquer vida. A floresta desflorestada traz a extinção de espécies e dos espíritos que estão nas e entre as árvores. As Amazônias clamam pela sobrevivência da vida, pela manutenção da conexão entre os mundos paralelos que coabitam nessas terras. A cultura das florestas precisa manter-se vívida em tempos de vulnerabilidades sociais e ambientais.



5 O POVO DA VALÉRIA NO SÉCULO XXI

Ó grande espírito
 vem falar comigo
 vem como um anjo amigo
 E escuta o meu gemido
 Porque os ventos que aqui
 Por séculos dormiam
 Sopram agora pavorosamente
 A minha agonia...

(Toada "Oração da Montanha", composição de Ronaldo Barbosa e Simão Assayag).

O encanto ecológico da Região Amazônica é fascinante para quem a vê pela primeira vez. Desde as primeiras invasões, a riqueza da fauna, flora e dos recursos hídricos cintila aos olhos dos estranhos. Vista como o *El Dorado* pelos invasores europeus, uma floresta virgem que escondia tesouros infinitos, os quais precisavam ser resgatados das criaturas exóticas que habitavam esse solo. Um espaço florestal que se transformou num troféu grandioso e muito disputado pelas nações que aqui chegavam com arma de fogo nas mãos. Adentrando os rios e as matas, na ânsia de explorar os bens que se agigantavam aos seus olhos, sem levar em consideração os povos já existentes, com culturas diversas e saberes florestais singulares, o invasor massacrou a cultura e as florestas. Sangue, fogo e violações forjaram novos destinos para os seres ambientais.

No novo milênio, enfrentamos outros tipos de avanços, também trágicos, contra a natureza e o seu povo. No aspecto ecológico, há desflorestamento, queimadas e poluição fluvial. No aspecto cultural, houve abertura de estradas, promovendo encurtamento das distâncias físicas, além das mudanças subjetivas promovidas pela eletrificação rural e telefonia celular. As expressões culturais da Valéria, paulatinamente, foram modificadas. A nova geração aprendeu outras dinâmicas, outros modos de condição florestal. A cultura das florestas tem novos arranjos. Há uma dicotomia de certezas e incertezas, de estranhamento e familiaridade entre as antigas e novas gerações.

Novos imaginários sociais, práticas de trabalho e de entendimento sobre o mundo social chegaram às terras da Valéria. Neste capítulo, a fragilidade ecológica e socioambiental da floresta amazônica e seus povos, em conjunto com as transformações sociais recorrentes no século XXI, serão discutidas através de autores, como Emílio Morán (1990; 2010) e Jacques Le Goff (2013), com a articulação de dados oficiais de institutos socioambientais brasileiros. Uma nova perspectiva cultural é introduzida na subjetividade dos espaços florestais da Valéria. Mudanças que levam a

novas formas estruturais, econômicas, sociais, políticas e culturais, trazidas pelo avanço do capitalismo, de profundas transformações no mercado de trabalho e do sistema de comunicações entre as pessoas florestais. A cultura é de tal forma impactada que, num cenário próximo, as futuras gerações terão outros entendimentos sobre a natureza e o viver entre as florestas.

5.1 O SILÊNCIO DO CURUPIRA NA FLORESTA

A natureza em todas as suas qualidades, formas e essências exprime um chamamento silencioso que atordoia quem ouve, quem sente suas emanações. Um mártir nessa luta ambiental é o grande Chico Mendes, que alardeava ao mundo que “*A nossa luta é pela defesa da seringueira, da castanheira; e essa luta nós vamos levar até o fim, porque não vamos permitir que nossas florestas sejam destruídas*”. O sangue de Chico foi jorrado, todavia, sua luta continuou ativa e, no século XXI, ainda mais necessária e urgente. Outras mortes aconteceram e estremeceram o Brasil e o mundo, como da missionária estadunidense Dorothy Stang, em 2005, no sudoeste do Pará¹¹¹, a qual atuava na intermediação de conflitos relacionados à posse e à exploração da terra. Quem luta e defende a floresta e as pessoas que nela habitam vive cercado de ameaças. Diante dessas e outras situações, a floresta decresceu.

A Floresta Amazônica não é mais a mesma dos tempos da infância e juventude de Dona Izaura e Seu Manoel: “*O mato acabou, mana*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Os avanços contra a natureza são frequentes desde a época da invasão europeia. A influência do pensamento ocidentrocêntrico, diante de sua tradição cultural pautada na exploração e acumulação, vê a floresta como natureza que deve ser derrubada para dar lugar à agricultura, o que no século XXI, favoreceu, intensamente, à sua destruição com ampliação de outros mercados, como o garimpo.

Emílio Morán, entre as décadas de 1980 e 1990, discutia sobre os impactos sociais, culturais e ambientais dos agravantes da destruição da Floresta Amazônica sobre a vida de todos os seres. Os argumentos de Morán alertavam sobre a gravidade do desflorestamento em escala devastadora que, naquelas décadas, já preocupava, e que nas primeiras décadas do século XXI, evidencia a ineficiência dos congressistas e das políticas governamentais, que não assumiram o papel de salvaguardar a natureza da região. O desflorestamento só aumentou com o passar do tempo e, nas palavras de Genebaldo Freire Dias (2016, p. 22): “A destruição das florestas é uma das maiores demonstrações da inconsistência humana e uma das mais graves alterações que se

¹¹¹ Disponível em: < Memorial da Democracia - Irmã Dorothy Stang é morta a tiros no PA > Acesso em: 21 fev. 2023.

impõe à Terra, através dos tempos”. Numa obra publicada em 2008, Morán intensifica os questionamentos, argumentando que, no novo século, as pessoas, mesmo inseridas numa sociedade intensiva de conhecimento, não se atentaram à tensão ecológica que é a perda da cobertura florestal amazônica, a qual gera alterações subjetivas e objetivas nas vidas nela inseridas. O autor historiciza a escala de desflorestamento desde o fim da década de 1980, apontando para os estragos que foram - e são - feitos pela ganância de grupos minoritários, asseverado pela leniência e conchavos de grupos políticos dominantes.

Na Amazônia brasileira, as taxas de desmatamento alcançaram um pico inicial em 1987, seguido por um declínio expressivo, depois de um aumento que chegou ao auge em 1995. A queda no final da década de 1980 não resultou, como pensam algumas pessoas, da conservação mais efetiva ou de um conjunto mais efetivo de políticas, e revelou-se temporária. Ela foi resultado da hiperinflação e de um grave déficit creditício no Brasil. Em 1994, depois da introdução de uma nova moeda e do controle efetivo da inflação, a taxa de desmatamento ultrapassou o primeiro pico de 1987, ocasionando sérias preocupações. O segundo pico da taxa de desmatamento pode provavelmente ser justificado pela omissão das taxas de desmatamento entre 1988 e 1993, e pelas oportunidades oferecidas pela estabilização econômica. Em dois anos, na bacia amazônica, as taxas de desmatamento voltaram às taxas mais usuais de cerca de 0,5% ao ano e, nas áreas de assentamentos, as taxas continuaram consideravelmente altas, isto é, acima de 1% ano (MORÁN, 2008, p. 130 - 131).

A realidade não mudou, mas, piorou severamente e a olhos vistos. A compreensão real desse cenário é constatada tanto pelos moradores dos espaços florestais quanto por institutos ambientais, como o INPE e IMAZON. O IMAZON destaca que entre 2021 e 2022, o desflorestamento amazônico somou 21.257 Km², quase o tamanho do Estado de Sergipe. Para 2023, o Instituto calcula, através da plataforma de inteligência artificial PrevisIA¹¹², que poderá alcançar uma perda florestal de 11.805 Km², o tamanho de quase 10 cidades do Rio de Janeiro¹¹³. Este cálculo, foi confirmado quando o Instituto apresentou os dados referentes ao primeiro trimestre de 2023, que alcançou o segundo maior recorde de área desflorestada em dezesseis anos. A área destruída foi de 867 Km², equivalente a mil campos de futebol por dia de área nativa. O Estado mais desflorestado foi o Amazonas¹¹⁴. A realidade se tornou nefasta. Se não for, imediatamente, rompido o ciclo predatório e virulento que se imperou na região, em pouco tempo, o conceito exposto ao longo do estudo como pessoas florestais, deverá mudar, passarão a ser nomeadas como pessoas desflorestadas, pessoas sem florestas, não haverá mais o existir - humano

¹¹² É uma ferramenta que indica quais áreas em toda a Amazônia sob o maior risco de desflorestamento. Disponível em: < PrevisIA - PlenaMata> Acesso em: 10 fev. 2023.

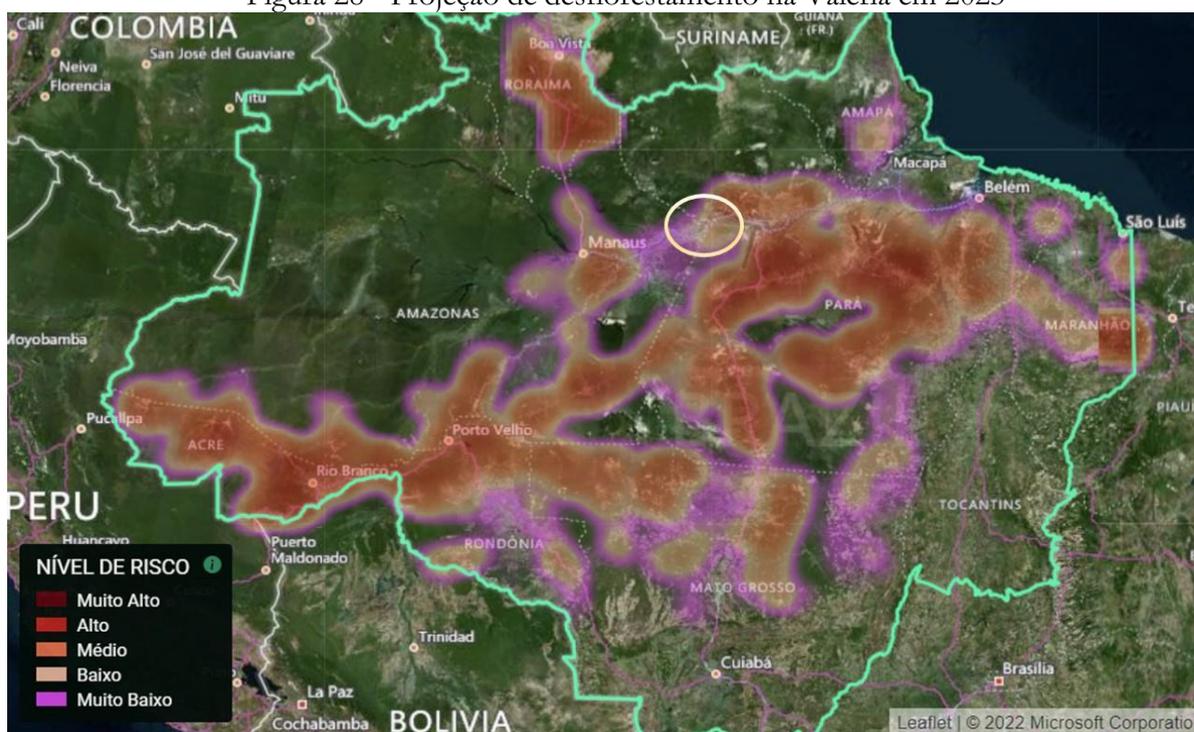
¹¹³ Disponível em: < Desmatamento na Amazônia em 2023 pode passar dos 11 mil km² se seguir o ritmo atual, estima PrevisIA - Imazon> Acesso em: 10 fev. 2023.

¹¹⁴ Disponível em: < Desmatamento no Amazonas cresce 767% em março 2023, em comparação com mesmo período no ano passado - Portal Em Tempo> Acesso em: 28 abr. 2023.

entre as árvores. É preciso uma ação urgente para enfrentar os devastadores, sejam eles quem forem. A questão ambiental precisa ser abraçada e de atuação imediata.

A figura 28 é um mapa do desflorestamento estimado, para 2023, na Região Amazônica, segundo a ferramenta PrevisIA. Adaptamos à informação do desflorestamento ao risco na região da Valéria, onde ele está entre muito baixo a médio, marcado em formato circular na figura. Nas outras regiões das Amazônias, o risco é alto.

Figura 28 - Projeção de desflorestamento na Valéria em 2023



Fonte: Adaptado do IMAZON, 2023.

Num aspecto geral, para visualizar o avanço do desflorestamento, o INPE elaborou um sistema de acompanhamento florestal chamado DETER, que é um levantamento rápido de alertas de evidências sobre a alteração da cobertura florestal amazônica. O DETER foi desenvolvido como um sistema para dar suporte à fiscalização e controle de desflorestamento e degradação florestal realizadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e demais órgãos ligados à questão florestal. O DETER trabalha com interpretação visual com base em cinco elementos principais: cor, tonalidade, textura, forma e contexto, utilizando a técnica de Modelo Linear de Mistura Espectral (MLME). A imagem colorida multiespectral gerada, mapeia as classes de desmatamento (desmatamento com solo exposto, desmatamento com vegetação e mineração), degradação (degradação, cicatriz de incêndio florestal) e exploração madeireira (corte seletivo tipo 1 - desordenado, corte seletivo 2 - geométrico). Sobre este programa,

o INPE enfatiza que é um sistema de alerta para dar suporte à fiscalização¹¹⁵. O DETER identificou que, especificamente, nas terras amazonenses, até janeiro de 2023, houve o desflorestamento, com solo exposto, em 9.504,6 Km², degradação em 2.029,9 Km², cicatriz de incêndio florestal em 1.409,8 Km², corte seletivo desordenado em 1.309,6 Km², entre outros impactos ecológicos¹¹⁶. Situações que afetam a produção de todas as formas de vida e que é sentido por cada habitante, principalmente, quando percebemos que, de uns tempos, houve um aumento sufocante das ondas de calor que proporciona períodos grandes de estiagem, e no seu antagonismo, também há as cheias extremas de rios, que se intensificaram em algumas regiões do Amazonas, afetando a habitabilidade¹¹⁷.

Outro projeto usado pelo INPE é o PRODES Amazônia, que desde 1988 atua no monitoramento por satélite sobre o desflorestamento na região, que é usado, tecnicamente, pelo governo brasileiro para estabelecimento de políticas públicas ambientais. O PRODES utiliza imagens de satélite da classe LANDSAT (20 a 30 metros de resolução espacial e taxa de revisita de 16 dias), numa combinação que busca minimizar a questão das nuvens e garantir critérios de interoperabilidade¹¹⁸. É do PRODES os dados que, no Amazonas, em 2022 houve o desflorestamento de 2.607 Km², a segunda posição do índice brasileiro, atrás do Estado do Pará. Na reportagem de Leandro Chaves, em dezembro de 2022, ele pontua que tanto o Amazonas quanto o Pará representam 58% de perda florestal de todo o bioma amazônico. Dados que mostram que a floresta está processo de desaparecimento, ademais, quando em aspectos gerais, a destruição da floresta tornou-se uma política da Gestão Bolsonaro, que, conforme, reportagem de Roberto Peixoto, em janeiro de 2023, foram catastróficas e de alto impacto, tornando-se uma herança ambiental agourenta para o Governo Lula¹¹⁹.

Essa política escancaradamente contra as vidas amazônicas (terras, florestas, águas, animais e seres humanos) corrompeu os espíritos das florestas, principalmente, o Curupira, o curumim de cabelo vermelho, o guardião da floresta. O espírito do Curupira desapareceu da floresta da Valéria, seus gritos e sussurros não são mais ouvidos. A presença do encantado é celebrada nas toadas de boi-bumbá, quando os compositores descrevem que *“Meus olhos e cabelos encadeiam fogo fátuo/ Meus pés invertidos levam a labirintos/ [...]/ Eu venho caçar caçadores/ Eu venho punir predadores/ Sou aquele que apavora/ O devaneio do invasor/ Sou o medo, a hipnose, o pesadelo, o horror dos*

¹¹⁵ Disponível em: < DETER — Coordenação-Geral de Observação da Terra (inpe.br)> Acesso em: 07 fev. 2023.

¹¹⁶ Disponível em: < Amazônia Legal - Avisos de Desmatamento (inpe.br)> Acesso em: 07 fev. 2023.

¹¹⁷ Disponível em: < Meses após as inundações, Amazonas vive agora uma seca severa. Por que? (tempo.com)> Acesso em: 22 fev. 2023.

¹¹⁸ Disponível em: < PRODES — Coordenação-Geral de Observação da Terra (inpe.br)> Acesso em: 07 fev. 2023.

¹¹⁹ Disponível em: < Área sob alerta de desmatamento na Amazônia em 2022 é a maior já registrada, aponta Inpe | Meio Ambiente | G1 (globo.com)> Acesso em: 07 fev. 2023.

*perdidos*¹²⁰”. Reconhecemos o Curupira através de histórias e canções sobre suas peripécias, mas, na Valéria, a sua voz e suas pegadas já foram ouvidas e vistas. Hoje, ele silenciou.

Os altos índices de desflorestamento são sentidos em todas as regiões e, mais intensamente, para quem vive no interior das terras. A memória do velho casal traz à tona as lembranças dos sons das árvores e dos seres que a eles são ligados.

Seu Manoel Reis de Oliveira: No tempo que eu tô vivendo, já tô com 80 anos... Essa Curupira eu já ouvi barulho, o velho dizia “Olha, essa é Curupira”, batia no pau... Pei, pei, pei... E quando não gritava para dentro do mato... Isso aqui eu sempre via... Já era rapazote... Escutava... Mas, olha, de um certo tempo eu nunca mais ouvi... Esse som não ouvi mais...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, naquele terreno que era do meu tio, mana, das quatro horas pras cinco, era um grito pra todas as quinze banda da mata, grito igual de gente... Aí dizia “Credo, mas que grito de gente é esse?” “Não é de gente não, é o Curupira!” ...Úúúúúúúúúú...Mana, gritava era pra todo lado, lá no centro... Depois que o mato acabou, como é que vai ficar gritando? Mana, a floresta não ficou quase nada para os homens...

(Em 17 de setembro de 2022, na manhã de um sábado nublado na Valéria).

A floresta agoniza. O grito silenciou. O som do Curupira não foi mais ouvido pelas florestas da Valéria. O Curupira, sem a presença das florestas, logrou insucessos, maus agouros e trouxe má sorte e infelicidade para o povo florestal. A panema se instalou nos espaços florestais. A ação do Curupira mostrava que a floresta estava forte, sem ela, não havia forças que o fizesse manter-se frequente nas matas. Sem a energia das árvores, o curumim de cabelo vermelho desapareceu.

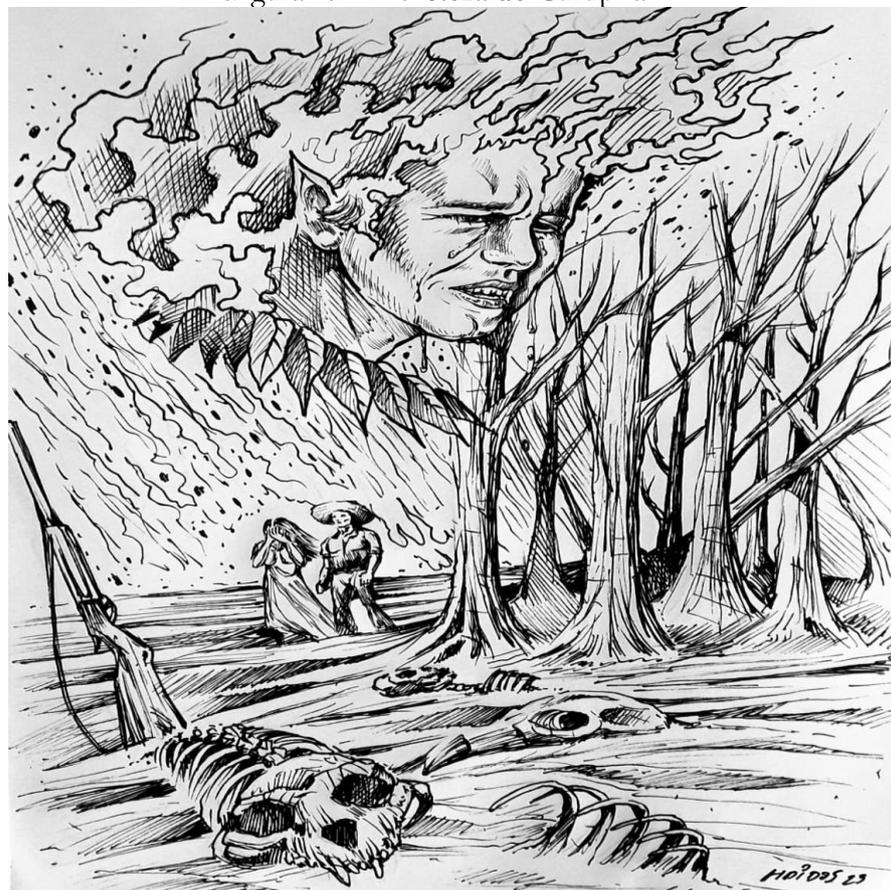
As árvores derrubadas, alteraram o conforto térmico da região e a forma de vivência dos moradores: “*eu acredito que todas as vezes que a modernidade cbega em um lugar, ela não traz só coisas boas, temos um efeito rebote e o desmatamento, as grandes queimadas é uma delas...*” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). As transformações trazidas tanto por projetos públicos quanto da iniciativa privada, no âmbito de levar aos rincões amazônicos as características de uma “modernidade”, nos moldes do paradigma ocidental, para Sara Xavier, asseverou situações-problemas, não somente na Valéria, mas, em todos os espaços florestais atingidos por uma ação intensiva de grupos econômicos específicos.

Sob o incentivo do Governo Bolsonaro, os órgãos que lutam pela vida florestal tiveram suas atuações diminuídas ou extinguidas. Sem ninguém monitorando os descabros ambientais, os grupos privados invadiram as terras em busca da riqueza do subsolo, sem compaixão para os habitantes da região, tratando-os como peças descartáveis no seu jogo. A morte e o desespero

¹²⁰ Toada “Curupira”, composição de Demetrius Haidos e Geandro Pantoja.

acompanharam a ganância desenfreada. A figura 29 apresenta a tristeza do Curupira, ecoando, pela floresta em devastação.

Figura 29 - A tristeza do Curupira



Fonte: Desenho de Alexandre Haidos e Efrain Batista, 2023.

Entretanto, em 2023, o cenário ambiental postula uma mudança gradativa. Nas primeiras declarações como presidente eleito, Lula da Silva, afirmou que tem o compromisso de enfrentar o desflorestamento amazônico. A força-tarefa a ser realizada, para o resgate da cobertura florestal, foi informada para a jornalista Natuza Nery, na primeira entrevista como Presidente da República, no dia 18 de janeiro de 2023¹²¹. Nas palavras do Presidente Lula deve haver o envolvimento de todos nesse combate:

Então, nós vamos fazer, nós vamos discutir com as Forças Armadas o trabalho que a gente deve fazer muito mais eficaz do que está sendo feito hoje. Sabe, nós inclusive vamos fazer uma fiscalização mais contundente, mais forte, para que a gente possa tomar conta da nossa floresta, um compromisso que nós temos é até 2030 termos desmatamento zero na Amazônia, eu vou buscar isso a ferro e fogo.

¹²¹ Disponível em: < Lula diz ter compromisso com desmatamento zero na Amazônia até 2030 | Política | G1 (globo.com)> Acesso em: 13 fev. 2023.

A floresta pode não se recuperar dos quatro anos que “a boiada foi passando” por cima dos seres ambientais. O desmatamento zero, como afirmou o Presidente até 2030, pode não acontecer, se não houver uma ampliação dos órgãos ambientais, com aplicação de multas com valores altos, para quem comete os crimes contra a floresta. De fato, algo precisa ser urgente realizado para frear os impactos florestais. Entretanto, o problema é tão grave que, segundo artigos divulgados pela revista científica *Science*, de 27 de janeiro de 2023, o grau de devastação na região está se tornando irreversível¹²². A ação humana acelerou as mudanças ambientais nas florestas, colocando em risco toda a vida nos espaços florestais. A floresta poderá nunca mais voltar a crescer nas áreas violentamente prejudicadas. A vida e a cultura sucumbirão.

Nas viagens à Valéria, senti um calor muito grande, uma sauna entre as matas, um incômodo que letargiava a mente e o corpo. Não havia um vento refrescante, nem perto do lago. Dona Izaura disse que o calor piorou com o tempo, uma característica do desflorestamento frequente. Com a floresta derrubada, muitas espécies se tornaram raras, como a árvore Mará-Mará, que era utilizada para a construção das casas.

Perguntei a várias pessoas se conheciam a Mará-Mará, porém, ninguém tinha ouvido falar sobre essa espécie. Naveguei pelos endereços eletrônicos, encontrei informações na dissertação de Alice Rodrigues da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, da Universidade Federal do Amazonas. A pesquisadora informa que a Mará-Mará é o nome comum de *Miconia phanerostila Pilg** (nome científico), pertencente à família *Melastomataceae*, uma árvore que, no período de sua pesquisa, em oito hectares de terra firme, apenas foi encontrado 1 (um) exemplar no município de Silves, Amazonas (SILVA, 2015). Esses dados são relevantes porque mostram que não é somente na região da Valéria que ela está em extinção, mas, em outros espaços florestais do Amazonas. Os benefícios ecológicos e culturais dessa árvore sucumbiram às investidas humanas. O desflorestamento não afeta, somente, a região norte e o Brasil, mas, tem impactos globais, como bem reforçam as pesquisas científicas, como da revista *Science*.

Os problemas derivados dessa expansão, inclusive os ecológicos, começaram a manifestar-se como insolúveis nos marcos de cada estado nacional. O efeito estufa, o buraco na camada de ozônio, as chuvas ácidas, o equilíbrio climático do planeta, em que a Amazônia indubitavelmente cumpre um papel, se mostravam problemas que exigiam um debate na escala pertinente, isto é, internacional (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 61).

Sem a floresta, toda uma dinâmica cultural se transforma. A gestão da vida florestal caminha a outros rumos, à outras experiências, percepções e sensações. Efetivamente, estamos

¹²² Disponível em: < Devastação da Amazônia está se tornando irreversível, alerta estudo | Jornal Nacional | G1 (globo.com)> Acesso em: 13 fev. 2023.

vivendo numa crise florestal que nos leva a questionar o imaginário social implantado diante dos saberes florestais. Contudo, a memória das pessoas, ainda, florestais promove uma narrativa entre tempo-passado e o tempo-presente, onde a formulação da situação da vida na Valéria está num “antes” e num “depois”, em virtude de a memória ser “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2013, p.435) [grifo do autor]. Para Sara Xavier, é preciso que o povo entenda que a natureza é um ser ambiental finito.

Eu acredito que o desmatamento, ele traz enes problemas ecológicos, principalmente... Todo esse desmatamento, a chegada das tecnologias, a chegada do avanço... Ela causa impacto ambiental que... Eu acredito assim... Que é muito difícil a gente conseguir reeducar o povo ou colocar neles essa... Essa importância da preservação, né, da conservação do lago... O período de conservação que nós trabalhamos na Valéria que foi o mais visível, que foi o Pé de Pincha, que era um trabalho com conservação de quelônios, então, era muito difícil colocar na cabeça das pessoas que nós precisamos preservar para o futuro, então, às vezes, as pessoas... “Ah! Isso nunca vai acabar!”... É um pensamento que se conserva com as pessoas do interior ... “Ah! Há muito tempo as pessoas dizem que isso vai acabar e eu não vejo!”... Se tu fizer uma pesquisa com todos, os tracajá que você pega lá, eles tem a marca do projeto, ou seja, se a gente não tivesse devolvido há 10, 8 ou 9 anos atrás esses bichinhos pra natureza, nós... Se hoje já tá difícil pegar um tracajá na Valéria, estaria bem mais difícil, né, então é preciso ter sim, um projeto de conservação é... Eu acredito que já teria que ter colocado o reflorestamento, né, principalmente dessas madeiras de lei que hoje é muito difícil da gente encontrar! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022, numa tarde ensolarada de sábado em Parintins).

Sara, filha caçula de Dona Izaura e Seu Manoel, tem um conhecimento vívido e prático sobre as possibilidades das articulações coletivas em prol à conservação da natureza. Há, no seu imaginário social, uma concepção de mundo traduzida através das práticas e narrativas de seus pais. Existe um vínculo à terra, uma memória a ela vinculada herdada da vida ainda crescida entre as florestas, tornando-se sujeitos ativos e políticos na construção da vida florestal e, é essa “memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2013, p.437). A ação humana proporciona uma prática de vida, uma condição florestal, que tem a terra como seu instrumento de luta e para Montysuma (2018, p. 48), “esses sujeitos políticos forjados nessas circunstâncias, edificam sua ética na relação com o espaço em que interagem cotidianamente”. Tanto Selma quanto Sara expressam sua identidade e condição florestal quando, na vida de seus genitores, a terra, a floresta e as águas guiam os horizontes da vida.

Sempre meu pai foi dedicado a questões sociais, a gente vem de... Somos frutos dessa representação social dos projetos sociais, das causas sociais e nós aprendemos com o papai e a mamãe e eu lembro que nós íamos todo final de ano pra... Pro lago do Comprido pra esse lago... Era.. Que é Boca... Que a gente chama de Boca do Comprido e pra lá fazia uma festa e lá tinha de tudo... Era tanto peixe, era tanta comida, aí lá a celebração

era embaixo de uma árvore, né... Era um apuizeiro e a celebração era lá, tinha louvores, era um agradecimento, sempre vinha um padre, um pastor de fora para celebrar ali aquele momento, né, de agradecimento pela terra, pela natureza, pelo peixe, por tudo! Era muito lindo! (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021, numa tarde ensolarada de sexta-feira em Parintins).

A floresta, num tempo-passado, era celebrada pela pujança e grande fartura. Atualmente, a luta é para que ainda a mantenha viva, para que a história das florestas não seja apenas reconhecida por imagens ou narrativas, num sentimento de que “já existiu, hoje não mais”. Entretanto, deve ser uma luta coletiva e colaborativa - a ação não é para pessoas solitárias. A luta pelos seres ambientais gera conflitos e, em parte dos casos, a consequência é a morte a mando de alguém. Todavia, percebemos que o uso exploratório e indevido não é somente de grupos externos à região, mas, de pessoas locais que extrapolam os limites da natureza. É preciso reeducar, ecologicamente, o povo circundante das florestas.

A Constituição Federal, no artigo 225, determina que todos têm direito a um ambiente sadio e equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. No entanto, não é isso que se sustenta na Valéria. A natureza está vulnerável e com ela os seres humanos e animais. As pessoas são, simultaneamente, natureza e cultura, quando um pilar está em fragilidade, o outro não se firma. A visão moderna/capitalista adentrou as mentalidades que a percepção dos seres ambientais como objetos descartáveis se tornou recorrente entre o povo das florestas. Se a natureza é tratada como objeto de consumo desenfreado, o ser humano também o é.

A narrativa exposta por Sara Xavier sobre as pessoas da Valéria dizerem que a natureza nunca vai acabar, é, tão tristemente difundida que, esses sujeitos não percebem, a olho nu, o quanto a floresta local se transformou ao longo dos anos. O imaginário dessas pessoas mostra a ausência de uma sensibilidade ecológica, de políticas ambientais locais articuladas e de uma educação para a ecologia. Sem uma intervenção eficiente, o reflexo é que, em algumas décadas, a paisagem ecológica da Valéria esteja ainda mais vulnerabilizada, fragilizando os laços identitários e culturais das futuras gerações com a região.

5.2 NOVAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA FLORESTA

A condição florestal nos espaços florestais da Valéria sentiu, subjetivamente, as intervenções paulatinas que aconteceram na dinâmica territorial. Não foi só a floresta que foi modificada, o imaginário social sofreu alterações, de acordo com as implicações emergentes do

tempo-presente. Chegou a eletricidade, as estradas foram abertas, a força braçal deu lugar à máquina e a construção das habilidades do viver entre as florestas assumiu outras formas ou perdeu o ritmo de transmissão cultural. A vida se adaptou a novas expressões.

Emílio Morán (2010, p. 30) argumenta que o ser humano, para sobreviver, “é capaz de adaptar-se por meios genéticos, fisiológicos, comportamentais e culturais”. Os espaços florestais no século XXI não são mais os mesmos, seja na natureza física seja na natureza cultural. A velha geração tem um tipo de expressão cultural enquanto a nova geração se ajusta a outras, mas, sem perder características fundamentais do território que habita. Ainda segundo Morán (2010, p. 30), “quanto mais adaptada uma espécie estiver ao seu ambiente, maiores serão as chances de os indivíduos desta população sobreviverem, reproduzirem-se e, conseqüentemente, ocuparem o território”. As habilidades do existir - humano entre as florestas são readaptadas e, quiçá, perdidas em algumas interfaces, cenário este comentado por Selma Xavier ao dizer que:

Hoje a vida na Valéria é diferente. Ela ganhou um aspecto de urbanização. Hoje praticamente não tem casco, a canoa feita de árvore inteira, remo, os puxiruns acabaram... As pessoas mais velhas estão morrendo e as culturas indo junto... A geração mais jovem não está mantendo! (Em 11 de outubro de 2022, numa noite agradável em Parintins).

Algumas práticas culturais não estão mais em processo de assimilação pela nova geração. Um exemplo é contado por Dona Izaura sobre a habilidade de depenar uma galinha, ação que ela realiza, desde a juventude, quando deseja prepará-la em suas refeições ou enviar para seus filhos.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: A pouco a senhora estava depenando uma galinha. Será que a nova geração da Valéria sabe matar e tratar uma galinha?
Dona Izaura: Mana, nem todas! Já teve uma menina comigo aqui, mãe de filho já... Aí nós fomo pra Urucará, mandei matar oito galinhas... Aí nós leva e deixa uma parte na cidade pra Iza e leva o resto pra Urucará... Quando foi na hora da pelação, ela não soube, “Mas, tu és maluca, cunhantain, tu já tem filho e não sabe pelar uma galinha”... O pai e a mãe não manda fazer” ...
(Em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Assim como essa jovem mãe, também não sei depenar galinhas, diferentemente da geração de meus pais, que sabem - lembro desse processo quando minha mãe, na minha infância, a realizava em casa. A incredulidade da velha moradora apresenta que o tempo e as condições socioculturais entre gerações são distintos, pois, “todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar” (BACZKO, 1985, p. 309). Entretanto, na Valéria, para Dona Izaura, esta jovem mãe não saber depenar uma galinha, é um descalabro preocupante, algo inaceitável na mata, mas, os tempos são outros. Com a eletrificação rural, a compra de

eletrodomésticos trouxe o frango para dentro das casas. A figura 30 apresenta a habilidade da velha moradora em depenar galinhas ou outro animal com penas.

Figura 30 - Dona Izaura depenando uma galinha



Fonte: Dutra, out./2021.

Os jovens não aprenderam a arte das antigas gerações. Para Dona Izaura, os pais devem ensinar aos filhos habilidades que são indispensáveis para sua condição humana entre as florestas. A velha senhora diz que sua mãe nunca a ensinou as tarefas domésticas básicas. Ela se propôs a agir de outro modo, especialmente, com suas filhas.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: A senhora ensinou as suas filhas a depenar galinha?
 Dona Izaura Xavier de Oliveira: Ensinei... Olha, o que minha mãe não me ensinou, eu ensinei pra minhas filhas, quando eu casei, eu não sabia fazer beijú... Passei uma vergonha com o marido, mas, lá o que fez, eu caprichei... Olha, pra costurar, a mamãe costurava, mas, ela nunca me ensinou, mas, eu tinha vontade, Gracy, depois que eu casei, eu comprei minha máquina, nós fizemos uma ajuda e compramos uma máquina, mas, mana, eu até bordava na máquina... Eu aprendi a costurar, eu até fazia tudo depois de casada, pra passar roupa a mamãe nunca me ensinou, eu apanhei com a calça do meu pai, que é pra dobrar pra passar, a mamãe nunca me ensinou... “Olha, vai passar a roupa do teu pai”, mas, eu não sabia, e ela não veio assim, dobra assim, ajeita tudo... Mana, isso não... Cuidar peixe, apanha pra peixe, mas, apanhava e aprendi... E ensinei pra minhas filhas... Meus netos, filhos da Iza, que se criaram comigo, eu dizia pra eles, “Meu filho, eu vou... Não tô fazendo isso de vocês varrer”... Quando no centro nós morava, a nossa casa lá era de

piso... “Passa um pano, olha, não tô fazendo, obrigando, sabe por que eu tô fazendo pra vocês? Porque vocês não vão estar comigo todo tempo... Vocês vão sair de mim, vocês vão pra banda da tua mãe, ela vai mandar vocês fazerem um café, varrer uma casa e vocês não vão saber, aí, sabe de quem ela vai se queixar? De mim!”, “Poxa, mas, a mamãe não mandava vocês fazerem?”... Mas, olha, saíram de mim, com oito anos, mas, eles já sabiam fazer café, já sabiam varrer, já sabiam limpar uma casa, pescar... Mas, o Freyzer pescava de flecha, que tu gostava de ver... É... Flechava de dois, três peixinhos só de uma flechada... Ele tirava malhadeira, botava malhadeira... Sabe remar, mas, nunca caçou! (Em 17 de setembro de 2022, numa manhã nublada de sábado na Valéria).

Com orgulho, Dona Izaura narra as habilidades ensinadas para suas filhas e netos. As lembranças das situações que passou no início do casamento, sem experiência nenhuma, fez com que tivesse o desejo de que suas filhas soubessem cuidar de uma casa¹²³, da mesma forma, para os netos Freyzer e Freyder. Essas atividades comuns dão autonomia a quem dela tem conhecimento, e como a própria Izaura diz que ensinou para que não ficassem aperreados¹²⁴.

Nos espaços florestais, a chama da vida acontece pela produção das mãos, na internalização dos saberes e externalização em práticas e experiências do dia a dia e, por consequência, na transformação da natureza. Quando isso não acontece, partes do laço cultural é rompido. As histórias e tradições do passado são conhecidas, mas, atualizadas, no sentido de que, o povo vê “o passado como passado, como uma história formadora, mas com um sentido do presente e do futuro, onde serão feitos os significados e os valores” (WILLIAMS, 2015, p.152). Ao ocorrer esse processo, o que pode ser tomado com contradições são flagrantes, o imaginário social tem nova tradução e o sistema social compartilhado tem outra postura frente ao tempo.

O imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações. [...]. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc (BACZKO, 1985, p. 309-310).

A aproximação ente os espaços florestais, a partir da abertura das estradas, mas também, através do acesso à eletrificação e implantação da telefonia celular, possibilitou o encurtamento do contato entre grupos humanos de localidades e culturas diferentes e a compreensão de outras demandas humanas. Essa teia de novos conhecimentos acelerou mudanças sociais entre as florestas da Valéria, até de uma maneira autoritária, incisiva, adentrando na forma de pensar e construir sua identidade. A cultura das florestas passa a ser globalizada, num movimento cultural, tão rápido e impactante, que no entendimento de Zygmunt Bauman (1999, p. 63), “o que quer que se mova a

¹²³ Quando Selma e Sara se mudaram para Parintins para continuar os estudos, na adolescência, em troca de hospedagem, realizavam o serviço de cuidadora de crianças e empregada doméstica.

¹²⁴ Aperreio significa dificuldade, sufoco.

uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que se atravessa”. Num questionamento à Selma Xavier, propus que ela olhasse para dentro de si e da Valéria, e percebesse em qual momento a cultura lá expressada começou a se transformar.

Eu acredito que esteja muito ligada a urbanização, só que assim... A chegada do “Luz para Todos” ela é recente, mas, ela foi um impacto muito é... Significativo... Porque a gente vai começar a ter mais contato com a cidade, então, os costumes eles se perdem, a cultura, por exemplo, do puxirum, da alimentação... Hoje a alimentação é toda diferente da que era quando eu era criança, então, a gente sabe que o progresso, ele traz muitos benefícios, mas, traz outras... Acarreta, né, outras questões e, especialmente, que é algo que eu há muito tempo que eu já venho... Eu sempre comento... Que a chegada do “Luz para Todos”, ele veio, assim... Trazendo muita...Muitos... É... Paradigmas, assim, na nossa cultura é... Por outro lado, também houve uma intensificação maior de contato tanto da cidade quanto de outras comunidades a partir dessa abertura de estradas, por exemplo, a ligação com o Pará, hoje o pessoal vai muito pra Juruti, vai pra Santarém, vai de moto, então, assim... Foram processos ao longo do tempo que causaram rupturas na nossa cultura florestal... Agora sim, o desmatamento, a estrada, esse processo todo é aonde eu percebo, sim, que houve uma maior entrada, inclusive, das drogas, das coisas ilícitas, coisas ruins na região, porque a partir da estrada tudo chega na região... Tudo passa pela Valéria, tudo passa por essa região! (Selma Xavier de Oliveira em 14 de setembro de 2022, numa tarde nublada de quarta em Parintins).

A acessibilidade no ir e vir, entre rios e estradas, facilitou tanto para os aspectos positivos quanto para os negativos. A tentativa de levar mais aparatos sociais e tecnológicos aos espaços florestais causou alterações tanto à floresta quanto ao cotidiano das pessoas. Inúmeras situações-problemas se apresentaram à tranquilidade do lugar, ou como argumenta Williams (2015, p. 171), as relações sociais no tempo-presente, “simplesmente não pode ser construída conforme o modelo desses modos de vida antigos e muito mais simples”. De rotinas mais sossegadas em outras décadas, no tempo recente, Seu Manoel (17 de setembro de 2022) diz que:

Houve um desconcerto na população... Hoje tem... Aconteceu aqui na Betel mesmo... Primeira vez que aconteceu aí... Deram num rapaz aí... Pancada... Quase matam... Esse rapaz foram levar... Aconteceu outro, um rapaz aí estuprou uma menina, depois de estuprar, matou... Isso aí foi um tormento tudo... Perigoso!... Foi descuido com a criança...O próprio pessoal de lá disseram que foi descuido... Deixam a menina taí... Nós aqui, estamos no mato e nós, estamos conversando, a criança está lá no mato, conversando ali e lá tinha muita gente e ele, inclusive, era índio... Já morreu, mataram, bateram até matar... Eles mataram... Quebraram tudo ele... É... Foi uma justiça feita por própria mão... Isso daqui mesmo... Eu converso com a Izaura, com meus filhos, com meus netos... Que tem muitas pessoas que ajudaram a bater, né... Tá certo...Sei lá... O homem fez uma coisa bárbara... Mas, a justiça vai resolver, então, deixasse...Quando a justiça chegou, eles já tinham feito tudo isso e deixaram por conta... A menina já tinha morrido... E ele ainda estava vivo, pegando pancada...

Fatos que acontecem em centros com maior número populacional, passaram a surgir na Valéria e, de forma célere. Nesse caso extremo de violência contra a criança, a justiça segue, primeiramente, os padrões estabelecidos pelo espaço florestal. O imaginário social dita as normas,

um sistema simbólico que tem suas próprias leis e regras, “exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”” (BACZKO, 1985, p. 309). Quem foge ao imaginário estabelecido sucumbe à justiça local. Noutra situação, Seu Manoel e Dona Izaura relatam que já foram assaltados em sua própria casa, levaram objetos de pequeno valor, eram pessoas, segundo eles, da própria Valéria. E como eles dizem “A Valéria não é mais a mesma”. As transformações foram abruptas. Até a habilidade, culturalmente nativa, de construir canoas e remos e, usá-los no dia a dia, sofreu influências.

Sabe que até, tava lembrando aqui agora, que é algo que a gente observa muito, que até canoa é algo que hoje você vê com baixa frequência... Remo é algo que hoje quase que ninguém mais usa, porque a partir de um determinado tempo... Aaa... Com as motos, na Valéria hoje quase todo mundo tem moto, pega a estrada e vai pra tudo que é lado...As pessoas também começaram a usar o rabeta, as bajaranas, é... Com esses créditos que o banco, que esses bancos era disponibilizado pros assentados do Assentamento Vila Amazônia, né... Então, isso também foi tirando muito da nossa cultura porque, de verdade, hoje a coisa mais rara é você encontrar alguém que tenha um remo, uma pessoa que rema, que utiliza a canoa a remo, todo mundo usa rabeta, usa bajara, usa voadeira sabe, é... Estrada... Antes pra gente vir pra cidade, não era muito... Era tipo de mês em mês assim... Aí todo mundo vinha num único barco que tinha na comunidade... Hoje é por estrada, é por rabeta, de lancha, de tudo o pessoal anda, se locomove, né... Então, tudo isso são impactos que a urbanização, o progresso ele traz... Então, é importante é... Não posso dizer... Ser hipócrita e dizer que não gosto desses avanços, mas, sim eles trouxeram uma quebra de cultura, questões ambientais muito...Hoje você já vê... Enxerga o rio, o nosso lago, ele não é mais o mesmo... A água, antes era água limpa, a gente tomava água de lá... Hoje ela não serve pra gente tomar mais... Então os impactos ambientais caminham de acordo com esse processo de urbanização! (Selma Xavier de Oliveira em 14 de setembro de 2022, numa tarde nublada de quarta em Parintins).

A narrativa de Selma Xavier apresenta as alterações na prática diária dos moradores. Reflexos de uma ação gradativa de políticas públicas e privadas que proporcionaram estímulos diferentes ao povo local. As pessoas para manterem-se resilientes às expressões da vida moderna, adaptaram seu estilo cultural às novas demandas. Os mundos se conectaram, produzindo um mundo florestal de intensos contrastes. Para os mais velhos, há saudade das condições antigas vivenciadas. Para os mais novos, a Valéria, está melhor hoje, onde “*as estradas, internet, uso de motos, isso facilita bastante a vida do povo de lá*” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). A vida se tornou ativa dentro da sociedade do capital, do consumo, das ações sociais mais racionalizadas. E com isso, a natureza e a cultura das florestas são transformadas. Não quero negar as dimensões da modernidade tecnológica nas Amazôniaas, mas, mostrar que o processo corrompeu a forma como o ser humano, especialmente, da nova geração, enxerga a natureza e os saberes florestais. No novo milênio, o povo jovem da Valéria aprendeu outras habilidades e escolheu outras alternativas de vida, fora do contexto das gerações passadas, como também, houve uma adaptação da geração mais velha às demandas que se apresentaram na região.

5.3 ALÉM DA AGRICULTURA: OUTRAS HABILIDADES

Neste milênio, a nova geração da Valéria alçou outras dinâmicas para si. Percebi que as pessoas que moram nesse espaço florestal, especificamente, da Betel, estão em duas situações da pirâmide social: são muito jovens ou são velhos. A juventude buscou outras alternativas de vida do que aquela que conheceram através das gerações antigas. Filhos e netos de Dona Izaura e Seu Manoel encontraram profissões que atenderam seus objetivos pessoais e profissionais. Duas situações possibilitaram esse novo universo cultural: o acesso à educação básica e o turismo ecológico internacional. Estes dois elementos mostraram que há outras dinâmicas culturais, além daquelas existentes entre as florestas. O imaginário social do povo florestal, a partir das transformações do lugar, produziu novas condições sociais de existência. Os símbolos, os mitos e a tradução cultural produziram nos mais jovens uma outra construção histórica. Esse mundo florestal entre o passado e o presente, arregimentou um outro cenário de futuro. A Valéria não é um local a-histórico. Ela é histórica, produtora de significações e significados e exhibe que seu povo está em interlocução com o mundo.

Há uma distinção de simbologias entre o imaginário social da geração mais velha e o imaginário social dos mais novos. As gerações nascidas, a partir da década de 1980, caminharam por atividades profissionais fora do ambiente da agricultura, contudo, não perderam a essência dos saberes florestais aprendidos e traduzidos ao tempo-presente. Rupturas e descobertas construíram um imaginário que afasta e, ao mesmo, tempo aproxima as gerações. À cultura das florestas se acrescentou novos modos de produção e reprodução das dinâmicas humanas nos espaços florestais. Diante da ampliação da escolarização nos interiores, muitas filhas e filhos das famílias da Valéria, trilharam novas habilidades e práticas para suas vidas.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Seus filhos foram pra cidade estudar?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Concluíram aqui na Valéria uma parte, mas, não tinha outra saída... Elas queriam estudar, “Olha, vocês vão estudar”, no sacrifício que elas foram pra Parintins, porque nós não conhecia ninguém pra colocar na casa de fulano pra dizer, “Lá eu conheço, lá vai morar!”, inclusive a Selma, ela trocou muito de casa... Num mês tava numa casa, noutro mês já estava noutra casa... Era casa de família... Só que a família queria humilhar ela e ela nunca aceitava... Não aceitava e uma vez ela chegou na casa de uma senhora... “Poxa, minha filha, não arrumo mais agasalho pra ti, quieta já... Porque se não, você já vai pro interior comigo, porque não tem combate”... Agora, graças a Deus, morou com o Oziel que se separou da esposa... Foi morar com ele, lá terminou os estudos dela, se quietou...A Sarinha também se formou, já tem duas formatura... Graças a Deus! Também tem meus netos... O Freyder tirou pra estudar, fez faculdade em Coari... Ele é professor mesmo, ele é economista, ele já se formou em Parintins... Igual a história que contam do homem do Santo, ele é muito assim... Está fazendo Direito!... O Freyzer é uma benção... Ele pintava até na areia, desenhando... Desenhando... A gente vinha da Colônia no sol quente, “Bora parar nessa sombra, embaixo dessa árvore”... Colocava o paneiro, sentava lá e começava a desenhar... Era a vontade dele ser artista!

(Em 02 de outubro de 2021, numa manhã chuvosa de sábado na Valéria).

A história da nova geração Xavier de Oliveira assim como de outros jovens da Valéria, postulou uma nova realidade e fugiu do padrão de gerações antepassadas: *“Eu sempre coloquei no meu coração que eu não queria ter... Assim... A vida da mulher da agricultura, que trabalhasse na roça, que tivesse aquilo como única alternativa, sabe, eu queria ter algo mais!”*, diz Selma Xavier (Em 10 de dezembro de 2021). Esse querer-mais fez com que essa geração procurasse outros caminhos, outras significações. A Valéria ficou mais velha, há muitos idosos nos espaços florestais locais, devido à migração da maioria da juventude para Parintins, como Selma e Sandra, primas, que se perguntam como seriam suas vidas se tivessem permanecido na dinâmica da agricultura.

Eu lembro bem que quando eu vim pra cá, tinha lá uma mocinha, criança, vi ela de calcinha... Quando eu voltei, ela já tava no segundo filho... Aí eu fico, Meu Deus! A gente até comenta com a Selma, se a gente ficasse como é que a gente tava hoje? Toda largada, toda cheia de filho... Isso eu nunca quis pra mim! Eu sempre quis estudar, trabalhar, ser independente! (Sandra Rodrigues Xavier em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Muitas metas foram traçadas para trilhar novas estradas, às vezes, sinuosas. Vir de espaços florestais torna duas vezes mais longo o trajeto, mas, não é impossível de ser atingido, como diz Seu Manoel (Em 02 de outubro de 2021): *“Não é difícil estudar pra quem tem vontade, uma coisa é querer e ele avança?”*. E a nova geração alçou outras possibilidades. Hoje Sandra Rodrigues Xavier é cabelereira e Selma Xavier de Oliveira é professora.

E aí veio a aprovação na UEA... Aí eu passei pra Geografia e eu fiquei... Assim... Eu comemorei demais... E foi um momento muito maravilhoso pra mim... Muito feliz porque eu sabia que aquilo era parte de uma realização... Era o que me tornaria alguém com certificado, alguém com formação acadêmica, sabe, eu sou a primeira mulher da minha família, aliás, da minha família em ter um certificado de ensino superior e da região da Valéria, da minha geração eu também sou a primeira, então, eu sei que muitas mulheres me foram exemplo é... Eu busquei muita inspiração em muitas pessoas! (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021, numa tarde ensolarada de sexta-feira em Parintins).

As filhas e filhos da Valéria, no âmbito da universidade, articularam os saberes florestais à ciência: *“E chegar na universidade e me encontrar com os saberes científicos é... Que se misturavam ali junto com aquilo que eu já conhecia, que eu já sabia, né, a partir de um modo tradicional?”* (Selma Xavier de Oliveira em 10 de dezembro de 2021). A articulação entre teoria e prática, no entreolhar as coisas do mundo a partir de si, aponta para a dinamicidade dos saberes, que para Enrique Leff (2012, p. 50-51), *“fundamenta-se em valores (qualidade de vida, identidades culturais, sentidos da existência) que não aspiram a alcançar uma condição de cientificidade”*, em virtude de *“esse encontro de saberes implica processos de hibridização cultural onde são revalorizados os conhecimentos indígenas e os saberes populares produzidos por diferentes culturas em sua coevolução com a natureza”*. Perceber

que das vivências diárias no mundo florestal se extrai os elementos científicos para compreensão da realidade, mostra que do senso comum, das tradições e das experiências cotidianas se traçam as produções do conhecimento científico. Os novos conhecimentos reconhecidos estimulam a geração mais nova a assumir outras profissões, como mostra a figura 31, da jovem professora Selma Xavier.

Figura 31 - Professora Selma Xavier e alunos



Fonte: Selma Xavier de Oliveira (Arquivo Pessoal).

Como universo de saberes seculares, o modo de vida na Valéria está nas variadas disciplinas que se apresentam no ambiente acadêmico, despertando um saber racionalizado com as teorias apresentadas, discutidas e assimiladas. Os mais jovens optaram em não seguirem as condições de vida lá praticadas por gerações, mas, entre as memórias e os saberes florestais, o lugar Valéria dota seu habitante de um protagonismo cultural que o orienta nas dinâmicas sociais, e sendo assim, *“Parintins é onde estou radicada, tenho possibilidades de trabalho, tenho casa, mas, se eu pudesse, eu estaria lá todo fim de semana”* (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022).

Seguir o destino das gerações passadas ou dar um novo destino para as gerações mais novas são os caminhos a serem escolhidos pelo jovem que lá nasceu e cresceu. A geração mais nova se abre a outros saberes quando migra para outros espaços, todavia, o pertencimento ao lugar permanece em sua vida e na sua identidade florestal, *“Eu amo aquele lugar, ele me reenergiza, ele me*

acalma, ele me cura” (Selma Xavier de Oliveira em 11 de outubro de 2022). Um elo afetivo muito forte se apresenta na fala de Selma Xavier, é o seu lugar de referência física e subjetiva.

Outra situação que mudou a perspectiva local, é que a Valéria é rota de turismo ecológico, que proporciona, anualmente, a presença de transatlânticos internacionais na região. A vinda desse nicho de mercado, trouxe um ganho financeiro a mais, novas atividades laborais foram agregadas à prática do trabalho habitual. Surgiu entre os moradores o artesão ou artista, como Dona Izaura que, sem instrução artística, produz colares de sementes encontradas pela natureza: *“Uma vez eu levei trinta, aí um turista foi lá, perguntou quanto era, aí eu disse assim “Não sei”... Aí ele puxou 150 e me deu... Em real mesmo... E levou tudinho, eu não ia perder aquilo!”* (Dona Izaura em 02 de outubro de 2021). Sem um dia imaginar, como foi na arte de partejar, Dona Izaura tornou-se artesã, temporariamente (FIGURA 32).

Figura 32 - A artesã Dona Izaura



Fonte: DUTRA, out./2021.

Todas as gerações se aventuram na arte de fazer alguma coisa para ganhar algum valor em troca de suas mercadorias: *“Todo mundo faz alguma coisa, vendem comida, vendem artesanato, colar...”* (Freyzer Andrade em 02 de fevereiro de 2022). Por causa do turismo, Azevedo Filho (2013) ressalta que os moradores da Valéria, caracteristicamente, são artesão - agricultor - pescador. Um exemplo

é o neto do casal de narradores, Freyzer Andrade que, num varal de pinturas, expunha seus rabiscos e os vendia aos turistas (FIGURA 33), mas, que também ajudava os avós na labuta da agricultura.

Figura 33 - O varal de pinturas de Freyzer Andrade



Fonte: Freyzer Andrade (Arquivo Pessoal).

Atualmente, “O artista que expôs em um varal no beiradão e há sete anos faz sucesso na Europa¹²⁵”, é manchete estampada em muitas reportagens. Ao recordar sua entrada na arte visual, lembrou seu autodidatismo que, com persistência, aproveitou a oportunidade de levar sua arte para os quatro cantos do mundo: “Eu comecei a desenhar desde criança, mas, não sabia que seria minha profissão atual” (Freyzer Andrade em 02 de fevereiro de 2022). Como artista autodidata, a natureza da região foi sua professora e a dinâmica da Valéria foi sua escola e, como Freyzer Andrade (Em 02 de fevereiro de 2022) diz: “Eu meti tanto na minha cabeça que queria ser um artista, “eu vou ser um artista” e eu já me via como um artista!”.

Com oito anos de idade, eu lembro que nós vínhamos para Parintins com minha avó e ela disse que não, não vai poder, porque a gente vinha ver nossa mãe, né, que morava em Manaus e, na época, a passagem, se não me falhe a memória, era 10 reais, aí tinha que pagar eu, meu irmão, ela e meu avô... Então seria 40 reais... 40 pra vim, 40 pra voltar... 80 reais... Então, a gente tinha dinheiro pra vim, mas, não tinha dinheiro pra voltar! E no outro dia, ia chegar um cruzeiro, era um domingo, eu estava com oito anos de idade mais ou menos e eu já desenhava no chamex, sem pretensão nenhuma... Desenhei alguns pássaros, tucanos e araras... Desenhos simples de criança... E o barco que saía às 7 horas

¹²⁵ Disponível em: <<https://www.portalmarcossantos.com.br/2020/07/13/o-artista-que-expos-em-varal-no-beiradao-e-ha-sete-anos-faz-sucesso-na-europa/>> Acesso em: 14 fev. 2022.

da manhã, ficou de sair a noite... E o navio chegou às 3 da tarde... E nós fomos pra lá: “Eu vou fazer uns desenhos aqui”... Eu sempre gostei muito de dinheiro... Eu quero ganhar dinheiro... Dinheiro pra pacotinho de bolacha pra mim... Alguma coisa... Ter dinheiro pra comprar... Mas até então, eu tinha desenhado por desenhar, mas, eu sabia que queria ajudar minha vó! Naquela época, era muito difícil, porque ela vendia um colar por 1 dólar cada um, eu com oito anos, vendendo dez desenhos por 1 dólar, convertendo isso, ganhando quase 50 reais... Então eles ficaram surpresos! (Freyzer Andrade, em 02 de fevereiro de 2022, numa tarde chuvosa de quarta em Parintins).

O desenho foi uma alternativa para ter um ganho financeiro, como ele bem frisa. Querer e não poder comprar, estimulava aquele jovem, a encontrar uma solução. O turismo na Valéria, a presença de turistas que pagavam em dólar, o impulsionou a uma profissão, que não foi ensinada, desvencilhando-se da dinâmica da agricultura.

No começo era só natureza mesmo, os pássaros... Eu também pintava em grande escala... Meu objetivo era pintar vinte tucanos, vinte paisagens, vinte barcos, vinte canoas... Eu comecei pintando vinte tucanos só de uma vez, vinte barcos... E ninguém entendia “Nossa, tá pintando isso?” (Freyzer Andrade, em 02 de fevereiro de 2022, numa tarde chuvosa de quarta em Parintins).

Essa profissão, mesmo não sendo compreendida, no início, por sua família, havia o apoio irrestrito de sua avó para a venda dos desenhos: “*O meu neto é uma benção, mana, se ele trouxesse duzentas pinturas, duzentas pinturas eles ficavam... Eles pediam a pintura que eles queriam... O navio eles pediam muito, aí ele fazia...*” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). A literatura mostra que a presença e participação dos avós, principalmente da avó, na vida de netas e netos é essencial para o desenvolvimento psicossocial, promovendo um laço mais solidificado entre gerações. Os saberes, a cultura e as histórias passadas transmitidas na interação de avós e netos fortalece a construção identitária da nova geração, constituindo-se mais um elo geracional entre o tempo passado e o tempo presente.

Desde o início de sua caminhada, Freyzer pensava em trazer melhores condições financeiras para si e sua família. A maior conquista dele é possibilitar conforto e segurança econômica para sua família, algo que, para muitos, era quase impossível para alguém nascido nas condições sociais e culturais que ele tem origem. Hoje em dia, Freyzer Andrade é um dos artistas brasileiros mais valorizados no exterior.

O artista tem contratos assinados com empresas internacionais, como a marca de lingerie e produtos de beleza *Victoria's Secret*, dos Estados Unidos, que objetiva estampar suas pinturas nas coleções de sua grife. Suas obras também estão nas casas de ricos e famosos, como Chelsea Clinton, filha do ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, da cantora Anitta e do jogador Neymar Junior, sobre este último, Freyzer Andrade (Em 02 de fevereiro de 2022) fala: “*Com a pintura do*

Neymar eu comprei minha casa na Espanha... Desenhei o rosto dele bem grande, quando ele jogava no Barcelona".
O artista especializou-se em rostos, conforme a figura 34, que leva a sua assinatura.

Figura 34 - Pintura de Freyzer Andrade



Fonte: Freyzer Andrade (Arquivo Pessoal).

O autodidatismo de Freyzer Andrade potencializa as peculiaridades de sua arte. Não ter concluído a educação básica ou frequentado universidades renomadas, engradece, de modo especial, o saber adquirido entre as florestas: há diversos tons na flora e fauna, nas formas dos seres vivos amazônicos e na cultura material e imaterial da região. A natureza da região da Valéria e as condições que emergiu sua criatividade fez dele uma referência no lugar e na cidade de Parintins.

Ao olhar para dentro, ele apresenta o reflexo de toda uma história circunscrita entre as dinâmicas humanas desse espaço florestal, dessa cultura singular e dos saberes emergidos ante à sua peculiaridade repleta de encantos, quando diz *“Eu gosto da Valéria, eu tenho uma estima muito grande por aquele lugar, foi lá que aconteceu tudo, eu jamais vou desdenhar da Valéria!”* (Freyzer Andrade em 02 de fevereiro de 2022). Numa visão capitalista, o artista, aproveitando o fluxo de turistas estrangeiros, no terreno que comprou a prestação de um antigo morador, construiu um hotel de luxo para atender às exigências do público que visita a região. Além disso, em 2022, organizou um instituto que leva seu nome, promovendo, entre as crianças e adolescentes da Valéria, o ensino das artes plásticas e da língua inglesa. O lema do instituto é *“Através do conhecimento e das oportunidades*

é possível transformar a vida de inúmeras crianças e adolescentes”. Todas estas ações geram impactos na condição florestal e cultural da região. Uma ação individual de Freyzer Andrade (FIGURA 35) que tem reflexos coletivos na geração mais nova dos espaços florestais da Valéria.

Figura 35 - Artista plástico Freyzer Andrade



Fonte: Dutra, fev. /2022.

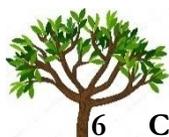
Compreendo que as condições impostas tanto na natureza quanto na cultura - intervenções que chegam com o conceito de modernidade e viabilidades financeiras - proporcionarão, na Valéria, uma ruptura cultural na geração alinhada a essa conjuntura histórica e, por conseguinte, no imaginário social dos espaços florestais da região. Se, nos dias atuais, o serviço da agricultura está nas mãos de pessoas mais velhas, num futuro próximo, ainda mais idosos estarão nessa atividade. A criança e o adolescente de hoje, verão as atividades agrícolas como sofridas, fatigantes, optando por profissões em que estejam mais confortáveis e, com possíveis, melhores retornos financeiros, com exemplo na história de Freyzer Andrade.

Ganhar em dólar abrilhanta os olhos de quem, na infância, não tinha condições financeiras de comprar uma bolacha ou refrigerante no mercadinho do espaço florestal. Usar salto alto e trabalhar numa sala com ar-condicionado, podem ser a meta de muitos jovens. Com a expansão

do desflorestamento e de outras percepções culturais, para muitas crianças e adolescentes, a meta será sair da Valéria e mudar de vida.

O novo seduz. As práticas do passado vão se tornando raras e os saberes florestais vão se adequando à contemporaneidade da floresta. O silêncio rompe na mata, os jovens não foram estimulados a permanecer no lugar e a inaptidão em algumas habilidades vão se alastrando pelos espaços florestais. Entretanto, será e é a memória dos mais velhos que guarda os acontecimentos ricos entre as florestas, das expressões culturais inerentes a esse pedaço de chão. Ouvir a voz do passado no tempo-presente nos traz as condições florestais que existiam e que contribuíram para que o povo sobrevivesse. O imaginário social sofrerá adequações. Signos e simbologias da cultura das florestas poderão sucumbir ao imediatismo do mundo moderno.

A modernidade não é um problema quando não tenta suplantar o conhecimento próprio desse povo florestal, todavia, as mudanças sociais contemporâneas proporcionarão readaptações à cultura das florestas. O presente é feito por mãos coletivas, porém, o compasso da mudança para a floresta e para as vidas nela inseridas precisam seguir o ritmo da existência dos seres ambientais, para que o amortecimento não chegue veloz e extingue, por completo, a história e a cultura das florestas das Amazônias.



6 CONCLUSÃO: ATRACAR O BARCO

*Terra, nosso corpo, nosso espírito da terra
 Nosso canto voará livre na terra
 Com a certeza e a grandeza dessa esfera
 Nascerá uma nova era nesta terra
 Nosso corpo, nosso espírito da terra
 Nossa mãe, resistência, flor e fera
 O palco-vida, a terra é azul*

(Toada "Oração da Montanha", composição de Gabriel Moraes e Paulinho Du Sagrado).

A Amazônia, ou melhor, a plural Amazônia expressa culturas que expõem a sabedoria de pessoas que estão em constante processo de aprendizagem e adaptações ao seu imaginário social. A Floresta Amazônica é fonte de grande diversidade faunística, florística, humana e de entes que se atrelam à sua natureza. A interlocução entre as diversas formas de natureza amazônica prospera um campo que, tanto no ontem quanto no hoje, é cenário de inquietações científicas que buscam compreender esse universo.

As pesquisas sobre as vidas humanas nas Amazôniaas não são de fáceis execuções. O tempo da natureza e das pessoas é fator de direcionamento das etapas do estudo. Numa região de amplitude territorial, as horas se perdem entre os rios e as árvores. Nessa singularidade geográfica, a cultura das florestas se organiza e apresenta expressões da vida florestal, condições sociais que são construídas e reconstruídas para que os humanos possam estar num equilíbrio no vasto mundo amazônico.

Estudar e compreender a formação e transformação da cultura das florestas, foi entender os percursos da minha própria cultura, da minha própria identidade. Num diálogo, tanto interno quanto externo, que foi tão próximo aos humores dos rios, ora calmo ora agitado. Este cenário abarca as contradições da vida moderna frente às expressões culturais dos povos tradicionais. Essas pessoas que ainda estão circundadas por alguma floresta, procuram agir e reagir, coletivamente, às demandas da contemporaneidade. Imergir nessas representações sociais que imaginava distante, mas, que é tão adjunta, mostra a subjetividade, a condição humana de quem se considera uma pessoa florestal, mesmo em outras realidades sociais, culturais e geográficas.

Não tive como não me envolver nas narrativas de meus personagens, visto que, parte de suas histórias houve aproximação cultural e afetiva, entretanto, nos dispusemos a apresentar a outros públicos as dinâmicas humanas de pessoas de dentro das matas, a condição florestal de estar

num hoje e o imaginário social nela produzido, que tem raízes num tempo ancestral, de famílias resilientes à força do mundo, de outras ideologias, ainda que intervenções sociais e culturais tenham causado tanto alterações na natureza quanto nas formas de vida das gerações, na produção, reprodução e tradução da cultura das florestas. A resistência, adequada ao tempo-espaço, da cultura das florestas mostra a garra do povo das matas que, diante de séculos de exploração e atentados contra as vidas humanas e não-humanas, mantiveram-se existentes e persistentes no solo amazônico.

Ao navegarmos o grande rio, cruzando as terras e as florestas, exibimos um universo, ou melhor, um mundo cultural, onde as pessoas são os construtores de significações e imaginários peculiares ante ao território habitado e vivenciado. Cada pedaço na Floresta Amazônica tem uma história humana, tem a energia física e mental de pessoas que se uniram a cada ser desse chão, produzindo uma cultura e saberes circunscritos ao solo, às águas, à vegetação, aos animais e aos seres encantados. Nenhuma Amazônia, palco de variados níveis de pesquisas, é igual. O estado físico das matas não é igual. As narrativas e imaginários das pessoas são, diferentemente, em cada torrão. Trazer à tona uma Amazônia é discutir a realidade desse lugar específico, dos habitantes que nela moram.

Os resultados desta tese não generalizaram argumentos, para que não caísse nas armadilhas científicas de paradigmas positivistas. As dinâmicas amazônicas não foram colocadas no mesmo típiti (espremedor de palha trançada), em virtude de elas terem um cenário marcado pela ação e transformação de pessoas particulares. Logo, o estudo não tem a ousadia de traduzir todas as expressões culturais da Amazônia. Há fios sociais e culturais soltos que, outras pesquisas, poderão aprofundar-se para compreender a complexidade humana nos espaços florestais. Aqui se apresenta um imaginário social singular: elementos culturais significativos de uma família vinculada às florestas da Valéria.

A Amazônia da Valéria é uma parte da Amazônia recolhida no território de Parintins, no Amazonas, num cá e lá entre o mundo de saberes ancestrais e o mundo do tempo-presente, moderno e globalizado. As aprendizagens da vida entre as florestas estão no imaginário social dos habitantes, traduzidos às demandas do século XXI, diante das narrativas intergeracionais de alguns membros da família Xavier de Oliveira, personagens centrais deste estudo. As memórias dos velhos, Dona Izaura e Seu Manoel, e de novos, Selma, Sara, Freyzer e Sandra, mostram as traduções do viver florestal em cada geração. As aprendizagens, adaptações e escolhas sobre como viver e sobreviver dentro da Floresta Amazônica, se entrecruzam nas passagens do tempo entre avós, filhas, neto e sobrinha, ainda mais destacadas num milênio de intensas informações, conhecimentos

e tecnologias. Cada geração aprendeu e traduziu os saberes florestais. O tempo constrói e reconstrói os conhecimentos emergidos nesse ambiente tão complexo.

Gerações familiares produziram seu imaginário social entre os seres ambientais desta terra, expressa na construção histórica dos cinco espaços florestais (São Paulo, Bete Semes, Betel, Santa Rita de Cássia e Samaria), nas características sociais, culturais e ambientais que os tornam tanto aliados ao Amazonas quanto ao Pará. A terra e o rio os ligam aos espaços florestais circunvizinhos. E nesse ir e vir, a paisagem é vislumbrada com agravos: a Floresta Amazônica está em processo de destruição.

Em poucas décadas, a natureza real ou imaginária/sobrenatural acompanhou o célere e dissonante padrão dos novos tempos. E nesse caminho, a floresta sentiu, severamente, os avanços antrópicos. O calor quase sufocante mostra que a cobertura vegetal está diminuindo e os rios voadores estão mais enfraquecidos, daí a grande mobilização global em manter a floresta em pé e diminuir o desflorestamento e as queimadas desenfreadas. No silêncio ensurdecedor da mata, os espíritos da floresta também perderam a sua força, a sua imponência. A magia dos seres encantados acompanhou a metamorfose dos rios e das matas. Todo o tipo de vida agoniza.

As Amazônias não são somente as florestas, tem pessoas a ela vinculadas, que dão significado à natureza circundante. Com o desflorestamento frequente e abrupto, o povo das Amazônias vai perdendo elementos e práticas culturais seculares. A nova geração não cria habilidades que, até um tempo-passado eram inatas da resistência da cultura de matriz indígena, como confecção de canoas e remos. A força braçal deu lugar às máquinas. Entretanto, nesse mundo moderno, a contrapartida sempre terá um valor de troca. Nos rincões amazônicos, isso penetrou de tal maneira que impacta o bem-estar de inúmeras famílias. Todas as qualidades de natureza sofreram alterações sociais, culturais e ambientais. A cultura das florestas está transformada, mas, ainda não perdeu a sua gênese, criou outros artifícios para sua permanência na história.

As lembranças de um passado que não volta, de serviços que eram tão corriqueiros, como, a parteria ou conserto de ossos, na Amazônia da Valéria, apresenta um tempo que era só a floresta e as pessoas. A natureza material e imaterial oferecia todos os elementos para que o povo vivesse e sobrevivesse entre as matas - a ida para outros espaços florestais era rara. A geração de Dona Izaura e Seu Manoel conviveu tanto com as benesses quanto os agravos da vida no interior da floresta que incutiu aos seus descendentes outras opções. A nova geração traçou outros rumos. Diante disso, os moradores fixos da Valéria envelheceram ou são ainda muito novos. Além de que, programas e projetos governamentais ou privados chegaram e alteraram, significativamente, a produção do espaço físico e, em consequência, cada pessoa que lá vive.

Por outro lado, mesmo que os mais novos estejam migrando para outros espaços, o lugar Valéria dota seu habitante de um protagonismo cultural que o orienta nas dinâmicas sociais. O jovem nascido na Valéria tem como território de pertencimento o lugar que nasceu e cresceu. São essas lembranças e condições florestais que permanecem em sua vida, na construção de seu imaginário social. A Floresta Amazônica, as terras, os rios, lagos e igarapés que o envolvem, tornam-se um prolongamento do corpo da mulher e do homem da Valéria - mesmo que saiam em busca de novos horizontes, sempre se considerarão parte daqueles espaços florestais, como Selma Xavier e Freyzer Andrade, por terem sua identidade construída entre aqueles seres ambientais, ao se considerarem da Valéria e não de Parintins. O laço afetivo existente entre os que lá nasceram ou vivem, mostra a condição de existência concreta e estar lá, para os mais velhos, é a matéria-prima de sua sobrevivência. Aos espaços florestais da Valéria se estabelece significados só entendidos através da compreensão da conjuntura histórica, social, cultural e ambiental daquele povo ainda florestal. Há vulnerabilidades sociais e ambientais na região, mas, são superáveis a quem lá vive. O nascido na Valéria pode ir a outros territórios, entretanto, pensa, no futuro, em retornar e lá ficar.

A cultura das florestas está em cada um que habita a Amazônia. Não há como não estar interligado a ela, pertencer à sintonia da paisagem. Nós temos raízes culturais que firmam a nossa vontade de vencer perante a realidade adversa. Nós possuímos a força de construir um mundo ante às árvores, animais, água e seres encantados. Nós somos o solo que alimenta a estrutura das raízes culturais traduzidas em cada pessoa amazônica. Nós somos Amazônia porque nos compreendemos como parte do sistema e, tudo isso, fortalece o nosso existir - humano na produção do imaginário social de nosso espaço de vida, de nosso espaço vivido.

Em cada remada, um saber construído. Em cada avanço pelos caminhos da floresta, uma trilha de conhecimento a ser decifrado. Em cada curva do rio, uma descoberta do saber florestal com o som da revoada dos pássaros. Em cada eu, uma mulher e um homem constroem seus saberes e mantém sua identidade dentro do cenário de sua produção sociocultural e, deste modo, edifica com força e firmeza o seu pertencimento nessa plural Amazônia.

Por fim, é cada vez mais necessário e urgente que o mundo globalizado perceba a Floresta Amazônica como palco de diversas vidas e vivências. Não é somente manter a floresta erguida, mas, entender que há pessoas que dependem de sua natureza, onde produzem, reproduzem e traduzem a cultura das florestas entre as gerações. Se um elo cultural se vulnerabiliza, a cultura se fragiliza e o imaginário social oculta ou transforma essa expressão. É imprescindível que mais pesquisas abracem a causa amazônica e publicizem em todos os meios comunicacionais, para que a Amazônia, de forma ampla, não seja vista apenas como o “pulmão do mundo”, contudo, como o cenário das mais variadas manifestações culturais que anunciam os saberes florestais de uma

gente que está em conexão total com os rios, as matas e os seres encantados. Lutar pela Amazônia é lutar pela vida do e no mundo.



REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia Brasileira. **Estudos Avançados** 16 (45), 2002.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMAZONAS ENERGIA. Programa de Eletrificação Rural. Disponível em: <https://website.amazonasenergia.com/informacoes/programa-luz-para-todos/> Acesso em: 26 mar. 2021.

ARAÚJO, Ademar Santos de. **Parteiras do Alto Purus: vida e saber**. Rio Branco / AC: Edufac, 2019.

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2.ed. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação: Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

AZEVEDO FILHO, João D'Anuzzio Menezes de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas**. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos - Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista de face a face. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A Pesquisa Sociológica**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Tradução: Regina Reis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo moderno**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BECKER, Bertha K. **A urbe amazônica: a floresta e a cidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BECKER, Bertha K. Síntese da Produção Científica em Ciências Humanas na Amazônia: 1990 - 2002. In: COSTA, Wanderley Messias da; BECKER, Bertha K.; ALVES, Diógenes Salas (Orgs). **Dimensões Humanas da biosfera – atmosfera na Amazônia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas. Volume I. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material (fac-similado)**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BRASIL. Artigo 216 da Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf> Acesso em: 17 jan. 2022.

BRASIL. Artigo 225 da Constituição Federal de 1988. Disponível em: < [000843895.pdf](#) (senado.leg.br)> Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. Decreto nº 5.051 de 19 de abril de 2004. Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre os Povos Indígenas e Tribais. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/97798/decreto-5051-04>> Acesso em: 09 dez. 2021.

BRASIL. Programa Abrace o Marajó. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/outubro/abrace-o-marajo-conheca-o-plano-de-acoes-do-programa-ate-2023/19.10.2020VersoFINALPlanodeAcaoAbraceoMARAJO20202023.pdf>> Acesso em: 29 nov. 2021.

BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Lei nº 09. 985. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm > Acesso em: 26 mar. 2021.

BROWDER, John; GODFREY, Brian. **Cidades da Floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização da Amazônia Brasileira**. Tradução: Gisele Vieira Goldstein; colaboração: Joscilene Souza. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

CALEGARE, Marcelo; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Significado de morar e viver numa unidade de conservação. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; FREITAS, Camila; HIGUCHI,

Niro (Orgs). **Morar e Viver em Unidades de Conservação no Amazonas:** considerações socioambientais para os planos de manejo. Manaus: [s.n.], 2013.

CARDOSO, Odília; SOUZA, César Martins de. Memórias sociais nas narrativas dos mais velhos, na Comunidade São Tomé em Porto de Moz - PA. In: SILVA, Tabita Fernandes de *et al.* **Língua(gens) e Saber(es) na Amazônia:** traduzindo singular(idades). Curitiba: Appris, 2020.

CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. A ordem da missão e os jogos da ação: conflitos, estratégias e armadilhas na Amazônia do século XVII. **Revista Tempo**, Dossiê Missões na América Ibérica: dimensões políticas e religiosas vol. 19, n. 35, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da Sociedade.** Tradução: Guy Reynaud. Revisão técnica: Luís Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Albejamere Pereira de; SILVA, Suzy Cristina Pedroza da; PEREIRA, Henrique dos Santos; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; SANTIAGO, Josane Lima. A agricultura familiar: principal fonte de desenvolvimento econômico e cultural das comunidades da área focal do projeto PIATAM. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas:** a Prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COHEN, Simone; BOSTEIN, Regina; KLIGERMAN, Débora; MARCONDES, Willer. Habitação saudável e ambientes favoráveis à saúde como estratégia de promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva.** 12 (1), p. 191-198, 2007.

CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra; ARBAGE, Marcelo José Cunha; SCHWARTZ, Gustavo. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários. In: CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra; RANGEL - VASCONCELOS, Livia Gabrig Turbay; SCHWARTZ, Gustavo; OLIVEIRA, Francisco de Assis. **Nordeste paraense:** panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias. Belém/PA: EDUFRA, 2017.

CRULS, Gastão. **Hileia Amazônica.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

CRUZ, Tereza Almeida. Mulheres da floresta do Vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 336, set./dez. 2010.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia:** um paraíso perdido. Organização: Tenório Telles. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DASHEFSKY, H. Steven. **Dicionário de Ciência Ambiental.** 3. ed. Tradução: Eloísa Elena Torres. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, Genebaldo Freire. **Antropoceno**: iniciação à temática ambiental. 2. ed. São Paulo: Editora Gaia, 2016.

DIAS, Naia Maria Guerreiro. **Valéria, uma arqueologia ancestral**: protagonismo mítico matriarcal na Serra de Parintins, Amazonas. 2020. 234f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2020.

DUTRA, Gracy Kelly Monteiro; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Percepções ambientais de crianças que vivem em espaços degradados da Amazônia. **Ambiente e Sociedade**, São Paulo, n. 21, 2018.

EMPERAIRE, Laure. **A floresta em jogo**: o extrativismo na Amazônia Central. São Paulo: Unesp Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; BARBOSA, Marialva. História oral e memória na Amazônia: o fenômeno do Chupa - Chupa. **Revista Mídia e Cotidiano**. Artigo Seção Temática, n. 08, p. 45 - 58, mar. 2016.

FISCHER, Gustave. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura Cabocla - Ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS, Carlos Machado de; CARVALHO, Mauren Lopes de; XIMENES, Elis Francioli; ARRAES, Eduardo Fonseca; GOMES, José Orlando. Vulnerabilidade socioambiental redução de riscos de desastres e construção de resiliência – lições do terremoto no Haiti e das chuvas fortes na Região Serrana, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17 (6); 1577 – 1586, 2012.

FUNES, Eurípedes Antônio. **Comunidades Remanescentes dos Mocambos do Alto Trombetas**. Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas. Dezembro / 2000.

FUNES, Eurípedes. Oralidade e natureza na luta por terra e liberdade na Amazônia brasileira. In: RIOS, Kênia Sousa (Org.). **História oral e natureza**: resistência e cultura. São Paulo (SP): Letra e voz, 2019.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo sobre a vida religiosa de Itá; Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GIDDENS, Anthony. Risco. In: _____. **Mundo em descontrolado**: o que a globalização está fazendo de nós. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**: ciência do homem e filosofia da cultura. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

GROSGOUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo /sexismo epistêmico e os quatro genocídios / epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 39, n.1, jan./abr. 2016.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: MONTENEGRO, A. T. *et al.* **História Oral, Desigualdades e Diferenças**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila. Amazônia Indígena: conquista e desafios. **Estudos Avançados**, 19 (53), 2005.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; HIGUCHI, Niro (Editores). **A Floresta Amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental**. Manaus: [s.n.], 2012.

INDIOS DO BRASIL. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao> > Acesso em: 27 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Amazônia Legal. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia_legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 10 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Parintins. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html> >. Acesso em: 22 out. 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Rio Negro. Disponível em < <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/rio-negro> >. Acesso em: 29 nov. 2021.

JOHNSON, Allan G. Comunidade. **Dicionário de Sociologia: guia prática da linguagem sociológica**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KHAN JR, Peter H.; SEVERSON, Rachel L.; RUCKERT, Jolina H. The Human Relation with nature and technological nature. **A jourof the association for psychological Science**. Vol. 18, num. 1, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre a história**. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC - Rio, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie-Agnès Chauvel. Prefácio: Isaura Pereira Queiroz. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão... [*et al.*]. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental:** da articulação das ciências ao diálogo de saberes. Tradução: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios:** natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

LESSA, Sérgio. O trabalho em O Capital. In: _____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIRA, Sandro Haoxovell de; COSTA, Daniel Carneiro; FRAXE, Therezinha de J. P.; WITKOSKI, Antônio Carlos. Sustentabilidade e Territorialidade: dilemas, desafios e possibilidades de vida para as populações rurais amazônicas. In: WITKOSKI, Antônio Carlos; FRAXE, Therezinha de J. P.; CAVALCANTE, Kátia Viana (Org.). **Território e Territorialidades na Amazônia:** Formas de sociabilidades e participação política. Manaus: Editora Valer, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história da sociedade na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDES, Anderson Conceição; TRUCKENBROD, Werner; NOGUEIRA, Afonso César Rodrigues. Análise faciológica da Formação Alter do Chão (Cretáceo, Bacia do Amazonas), próximo à cidade de Óbidos, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Geociências**, 42 (1), 39 – 57, mar. 2012.

MERTEN, Gustavo H.; MINELLA, Jean P. Qualidade da água em bacias hidrográficas rurais: um desafio atual para a sobrevivência futura. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 03, n. 04, out./dez. 2002.

MIGUEIS, Roberto. **Geografia do Amazonas.** 22. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MONTEIRO, Mário Ipyranga. Plantas medicinais e suas virtudes. **Acta Amazônica**, 18 (1), p. 357 - 366, 1988.

MONTYSUMA, Marcos. Dos rios, dos povos e ambientes da Amazônia na História. **Proj. História**, São Paulo, (23), nov., 2001.

MONTYSUMA, Marcos. Entre o proibido e o permitido na Floresta Amazônica: uma historicidade da formação preservacionista entre seringueiros de Xapuri. In: BOSI, Antônio *et al.* (Orgs). **História, poder e práticas sociais.** Programa de Pós-Graduação em História/ nível mestrado. Marechal Cândido Rondon/ PR: Edunioeste, 2006.

MONTYSUMA, Marcos. Memória da terra - Memória da Floresta. In: BROCARDI, Daniele; DEBIASE, Rose Elke; ORBEN Tiago Arcaño (Orgs). **Terra e Memórias: vivências, conflitos e conquistas no(s) rural(is) do Brasil.** Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

MONTYSUMA, Marcos. Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização de cessão de relatos. In: MONTENEGRO, A. T. *et al.* **História Oral, Desigualdades e Diferenças**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

MORÁN, Emílio. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MORÁN, Emílio. **Adaptabilidade humana**: uma introdução à antropologia ecológica. Tradução: Carlos E. A. Coimbra, Marcelo Soares Brandão e Fábio Larsson. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2010.

MORÁN, Emílio. **Nós e a natureza**: uma introdução às relações homem - ambiente. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NEVES, Auricléa Oliveira das. **A Amazônia na visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII**: percurso e discurso. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2020.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na Selva**. Manaus: Editora Valer, 2000.

OLIVEIRA, Liliâne Costa de; PINTO, Marilina Conceição Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. **Estudos da Religião**, v. 31, n. 02, p. 101 - 125, maio - ago. 2017.

PACHECO, Agenor Sarraf. Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, p. 197 - 226, jun. 2012.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder**: crítica ao senso comum em educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PAUGAM, Serge. Afastar-se das prenoções. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A Pesquisa Sociológica**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PINTO, Renan Freitas. Em busca da História. In: **Amazônia**: viagem das ideias. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2012.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como experimento da igualdade. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, (14), fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, (14), fev. 1997.

PORTO - GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIMADAS. Disponível em: < <http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal> >
Acesso em: 05 mar. 2021.

REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. São Paulo: Companhia Nacional, 1960.

REIS, Arthur César Ferreira. **As origens de Parintins**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos NAEA**, v. 09, n. 01, jun. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Emmanoel Raimundo Costa. **Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas**. 2012. 276 f. Tese (Doutorado em Geografia), Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente / SP, 2012.

SANTOS, Sarah Luíza. Como se fala no Pará- a mistura mais evidente entre a língua portuguesa e línguas indígenas. 20 dez. 2017. Disponível em: < <https://pt.babel.com/pt/magazine/o-falar-paraense-a-mistura-entre-a-lingua-portuguesa-e-linguas-indigenas> > Acesso em: 12 dez. 2021.

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC / SP, 2010.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memória dos acontecimentos históricos**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; SOUSA, Marília de Jesus da Silva e; NASCIMENTO, Ana Claudeise Silva do; MORAES, Tabita dos Santos de (Org.). **Parteiras Tradicionais: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde**. Porto Alegre: Rede Unida, 2020 (Série Saúde & Amazônia, v. 11).

SCOTT, John (Org.). **Sociologia: conceitos - chave**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

SEEMANN, Jörn. Menino é azul e água do mar também: cartografia, cores, convenções e cultura. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 23 - 44, jan. / jun., 2020.

SILVA, Alice Rodrigues da. **Composição, estrutura horizontal e espacial de 16 ha de floresta densa de terra-firme no estado do Amazonas**. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Florestais e Ambientais), Curso de Pós Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

SLATER, Candace. **A festa do boto**: transformação e desencanto na imaginação amazônica. Tradução: Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

SOUSA, Valmiene Florindo Farias. **Eletrificação rural no Baixo Amazonas**: da concepção da política às mudanças nas condições de vida dos idosos impactados pelo Programa Luz para Todos. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas), Curso de Pós Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **A Geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins**: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. 2013. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia Física), Curso de Pós Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Editora Alfa - Ômega, 1990.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**, v. VIII, n. 01, abril 2020.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia, natureza, homem e tempo**: uma planificação ecológica. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2020.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia**: natureza, homem e tempo. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Ed. Civilização Brasileira, 1982.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 9.ed. Manaus: Editora Valer / Edições Governo do Estado, 2000.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e Sociedade. In: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. **Teoria Sociológica**. Tradução: Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofolia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: DEL PRIORE, Mary; GOMES, Flávia dos Santos (Orgs). **Os Senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **SOMANLU: Revista de Estudos Amazônicos**. Publicação do Programa de Pós Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Editora Valer, 2002.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Tradução: Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da Esperança**: cultura, democracia, socialismo. Tradução: Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, Florestas e Águas de Trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



“É remando entre as florestas que a vida pulsa, ressoa e grita na Amazônia... Essa vida precisa ser, urgentemente, ouvida e sentida como parte vital de cada um!”

Gracy Kelly Monteiro Dutra, julho de 2023.